

ALCIDES ALDROVANDI

A
Vila
e seus
Vilões

A
História
de um
Bairro

ALCIDES ALDROVANDI

A Vila e seus Vilões
A História de um Bairro

Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba
Piracicaba – SP
2009

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA

Rua do Rosário, 781 - 13.400 - 180

Telefone - (19) 3434-8811

E-mail - ihpg@ig.com.br

DIRETORIA (2008 – 2010)

Presidente – Pedro Caldari

Vice-presidente – Marly Therezinha Germano Perecin

1o. Secretário – Waldemar Romano

2o. Secretário – Toshio Icizuca

1o. Tesoureiro – Vitor Pires Vencovsky

2o. Tesoureiro – João Umberto Nassif

Orador – Gustavo Jacques Dias Alvim

Diretora de Acervo – Francisco de Assis Ferraz de Mello

SUPLENTES

Elias Salum

Noedi Monteiro

Renato Leme Ferrari

CONSELHO FISCAL

Antônio Altafin

Antônio Carlos Neder

Geraldo Claret de Mello Ayres

SUPLENTES

Flávio Rizollo

Timótheo Jardim

ALCIDES ALDROVANDI

A Vila e seus Vilões

A História de um Bairro



EQUILIBRIO
editora

Apoio :



PIRACICABA
Prefeitura do Município
Secretaria de Ação Cultural

A365v

Aldrovandi, Alcides

A Vila e seus vilões: a história de um bairro / Alcides Aldrovandi. – Piracicaba, SP: Instituto Histórico e Geográfico - IHGE, 2009. Equilíbrio Editora Sociedade LTDA.

205 p.

Publicado com apoio da Secretaria de Ação Cultural de Piracicaba.

ISBN: 978-85-61-237-14-1

1. Piracicaba - História. 2. Vila Rezende - História. I. Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. II. Título.

CDU: 981.612PI



Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba
Piracicaba – SP
2009

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Equilíbrio Editora Sociedade LTDA

DIREÇÃO
Carlos Terra
Gustavo Alvim

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA E CAPA
Marcel Yamauti

FICHA CATALOGRÁFICA
Rosângela Aparecida Lobo (CRB8 – 7500)

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Printfit Soluções

REIMPRESSÃO

O Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, em consonância com os seus objetivos estatutários, tomou a decisão de, sem prejuízo da edição de trabalhos inéditos, reimprimir alguns livros, publicados anteriormente por esta mesma entidade, e que se encontram esgotados. São obras valiosas de autores consagrados e renomados, que pesquisaram a história de Piracicaba com acuidade e competência, e cujos textos resultantes dessa dedicação tornaram-se fundamentais não só para os que querem simplesmente conhecer a história de Piracicaba, mas, também e sobretudo, para historiadores, professores, pesquisadores que encontram fontes para seus estudos e trabalhos acadêmicos.

São sete os livros ora publicados, com o apoio da Prefeitura Municipal de Piracicaba por meio da Secretaria de Ação Cultural, a saber:

História de Piracicaba em Quadrinhos, 1º e 2º volumes, de Leandro Guerrini (1970);

A Vila e seus Vilões, de Alcides Aldrovandi (1991);

Manual de História Piracicaba, de Guilherme Vitti (1966);

A Síntese Urbana, de Marly Therezinha Germano Perencin (1989);

Piracicaba no Século XIX, de Maria Celestina Teixeira Mendes Torres (2003);

História da Fundação de Piracicaba, de Mario Neme (1974).

Não se trata de uma segunda edição, mas, sim, de uma reimpressão, com uma revisão mínima, para pequenas e necessárias correções, sem qualquer alteração no seu conteúdo.

Há outros autores e respectivas obras, que, certamente, merecerão também essa atenção e reconhecimento. A Comissão de Publicações do IGHP está trabalhando no sentido de selecioná-las, para propor a republicação futuramente.

Dedicatória

ÀS TRÊS MULHERES DA MINHA VIDA

CHRISTINA
(Mãe)

DORIS
(Esposa)

DANIELA
(Neta)

O Autor

Apresentação IHGP

Este trabalho de Alcides Aldrovandi reúne parte considerável da história da Vila Rezende. Uma história repleta de histórias. Os vilões protagonistas - alguns amplamente conhecidos, outros anônimos - remontam a tempos passados, cuja resultante mais contundente é o indisfarçável saudosismo. O tempo transformou a Vila, deixou marcas profundas, alterou a paisagem, mudou os atores, mas não foi capaz de suprimir o encanto de suas tradições tão marcantes pela personalidade.

Não há como desconsiderar a forte influência da imigração italiana, que se manifesta em diversos níveis : religiosidade, hábitos domésticos, conduta, família e uma atraente extravagância. Assim é a Vila : fraterna, imponente, misteriosa, aconchegante. Esta *Cultura Rezendina* é marca registrada de Piracicaba, pois lá se constituiu boa parte das identidades da Noiva da Colina.

Esta cultura tão marcante foi também palco de mudanças econômicas importantes. Na Vila Rezende inicia-se o processo de industrialização e, com ele, alterações substanciais nos hábitos e costumes. Como consequência, também, devastação do ambiente natural. Na Vila Rezende, Piracicaba conhece modernas fábricas e suas relações de trabalho. Na Vila Rezende, Piracicaba se urbaniza ainda mais.

Em A Vila e seus Vilões, Alcides Aldrovandi nos fornece um inestimável testemunho do cotidiano rezendino - piracicabano, reiterando algo pelo qual vimos lutando incessantemente : a preservação da memória.

José Machado
Jefferson O. Goulart

Agradecimentos

Com o coração transbordando de alegria chegamos ao fim da jornada. Este é o momento de parar, meditar, olhar para trás, lembrando que isto foi possível, graças a você colaborador anônimo que nos atendeu, recebeu e com amor nos informou, cedeu documentos, fotografias e, mais do que isso, abriu seu coração à nossa curiosidade.

Que Deus os abençoe. Muito Obrigado.

O Autor

Apresentação

VILA, segundo Caldas Aulete, significa povoação de categoria inferior a uma cidade, mas superior a uma aldeia. VILAO, segundo o mesmo dicionário, é o habitante da Vila. Portanto o título deste trabalho é a VILA e seus HABITANTES.

Mas, diga-se de passagem, a Vila a que nos referimos é algo especial, importante, tradicional, do coração - VILA REZENDE. Um bairro de Piracicaba, o mais antigo e importante. Foi à margem direita do rio, a fundação da primeira povoação que posteriormente mudou-se para o outro lado por ordem de Antonio Corrêa Barbosa. A Vila é mais antiga que a própria cidade. A transferência do grupo dos primeiros habitantes da região, do lado direito para o lado esquerdo das margens do RIO PIRACICABA, foi registrada pelo conterrâneo e famoso pintor Alberto Thomazzi, em um maravilhoso quadro a óleo, hoje fazendo parte do acervo do Museu Prudente de Moraes. A Vila foi o berço de Piracicaba.

Queremos, escrevendo sobre a Vila Rezende, falar de seu passado, sem enumerar datas, mas sim lembrar de uma época, enquadrada entre 1920 e 1948. Escrever sobre pessoas, fatos e acontecimentos de uma maneira dinâmica, mostrando seus habitantes com suas atividades, posturas, pensamentos, atitudes, enfim o dia-a-dia de seus habitantes.

Naturalmente, necessitamos fazer várias pesquisas, conversar e voltar inúmeras vezes aos locais descritos e lembrados, mas a maior parte deste livro foi tirada de nossa memória, pois tudo permaneceu indelevelmente gravado, tal o amor e a gratidão que temos pelo local onde passamos os melhores anos de nossa vida - a infância e a mocidade.

Também é nosso propósito homenagear pessoas tão simples que conviveram conosco numa época tão gostosa e saudosa. Deixar relatos de fatos e acontecimentos que achamos serem dignos do conhecimento dos descendentes e amigos dos nossos protagonistas. A nossa pretensão é lembrar o passado de uma comunidade que engrandeceu Piracicaba.

Bem, seguindo o esquema proposto para este trabalho, passarei a relatar acontecimentos e descrever personagens, à medida que os mesmos forem aparecendo e participando.

CAPÍTULO I

Minha família, como grande maioria das famílias do bairro rezendino, era de origem italiana. Do lado paterno, meus avós e meu pai — os Aldrovandi vieram de Mantova, norte da Itália, mais precisamente do distrito de Ostilia, de um pequeno lugarejo às margens do Pó, chamado Serravaglia-Pó. Embarcaram em Gênova em um navio de nome Borgonha que, após cerca de um mês de viagem, deixa-os no porto de Santos, rumando para Descalvado, onde foram trabalhar na lavoura de café.

Em Descalvado, num trabalho desconhecido e local completamente diferente de sua origem, os Aldrovandi não se adaptaram muito bem. Desconhecendo certos parasitas próprios das zonas quentes, a família toda fôra atingida pelo conhecido “bicho de pé”, o que fazia meu avô se recriminar por ter trazido seus filhos para tal local. Talvez essa foi a razão, de anos depois, mudarem-se para Piracicaba.

Já da parte de minha mãe, os Madazio vieram da mesma Mantova diretos para Piracicaba. A família não estava totalmente constituída, pois minha mãe nasceu aqui. Moraram certo tempo numa casa situada na Rua Alferes José Caetano esquina da Rua Regente Feijó, ainda existente com algumas modificações.

Contar como se conheceram, não me é possível, pois nada me foi revelado. Sei apenas que meu pai trabalhava em várias profissões, lembrando as de padeiro e ferreiro. Foi ajudante, puxador de fole e marteleiro do Sr. Antônio Martins, em sua oficina localizada defronte ao Colégio Assumpção, Rua Gomes Carneiro. Sempre gostou de música, tocando contra-baixo na banda de então.

Após o casamento, residiram algum tempo na cidade, onde nasceu a primeira descendente que homenageando as avós se chamou Mariângela.

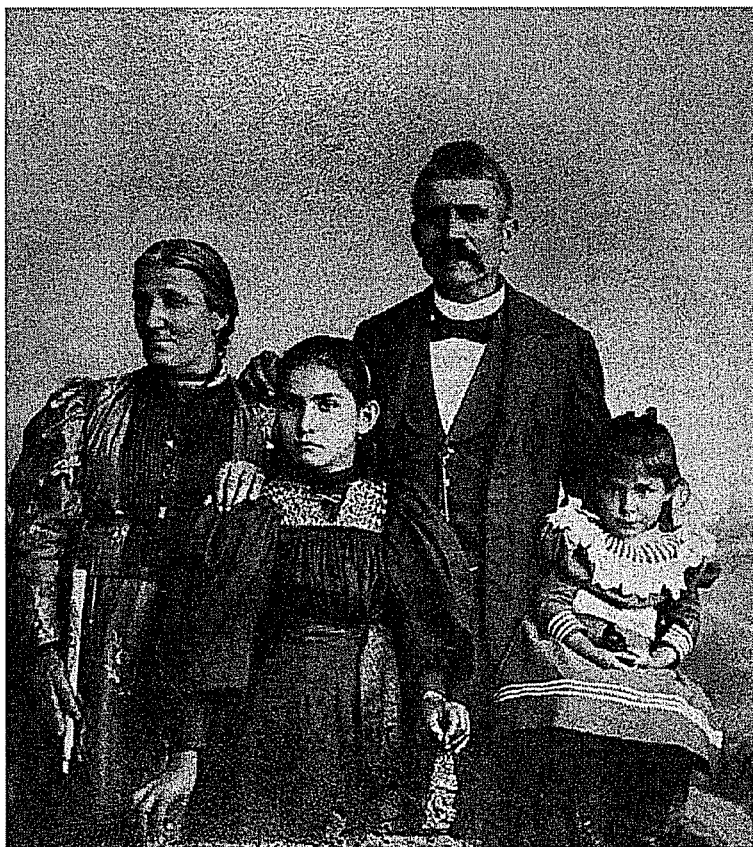


Domíngos Aldrovandi e Maria Aldrovandi

Entretanto, não demoraram muito na cidade, mudando-se para o sítio do Madazio na Estrada do Meio, a 3 km da Vila Rezende. O nome do local era Fazenda São João, mas sempre e por longo tempo só era chamado de sítio do Mandázio. Tomando conta do sítio e trabalhando com os empregados, Seu Umberto fez aumentar o rendi-

mento, melhorou a lavoura de cana, a principal da propriedade agrícola. O engenho também sofreu melhorias e a produção de aguardente e açúcar batido atingiu índices compensatórios.

Algum tempo depois, o casal, já com outros filhos e sempre na labuta, viu o esforço ser coroado, com a compra do sítio do sogro e pai.



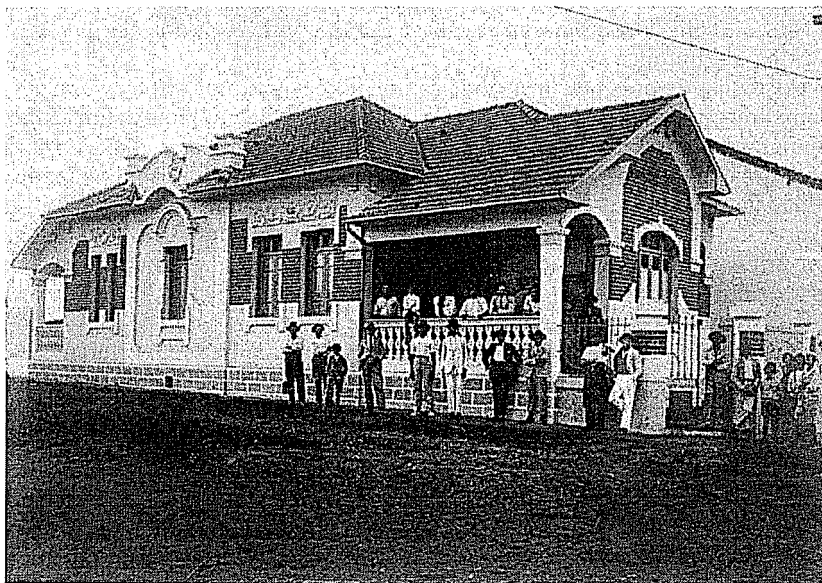
*José Madazio e Angela Madazio (avós maternos)
A jovem é Christina Madazio e a criança — Carmelina
(mãe do monsenhor Nardin) é neta.*

Apesar de morar na zona rural, dada a proximidade com a Vila Rezende, quase todos os dias, alguém da família, que era já numerosa, ia para a cidade. O contato com os armazéns, padarias, moinhos, lojas e outras casas comerciais, fez com que os laços de amizade se apertassem entre os vilarezendinos e os membros da família Aldrovan-di. As crianças estudaram na escola primária do bairro, fazendo o percurso de três quilômetros diariamente, ida e volta. O sítio do Madazio dependia tanto da Vila que seu Umberto resolveu construir uma casa no bairro, para se transferir com a família para lá. A casa ficava situada na Av. Dona Francisca esquina da Av. Dr. Morato; era uma construção arrojada para a época e a todos deslumbrava. Foi construída com todo capricho e, para avaliarem seus detalhes, havia sobre as janelas aplicações de gesso em múltiplos desenhos, iniciais do proprietário e da data de término da construção. O

jardim fronteiro não foi esquecido e em suas paredes do terraço da entrada, sobressaíam as paisagens do Mirante, pintadas por Miguel Dutra.

Não havia, naquela época, rede de esgoto na Vila Rezende. As casas tinham seus sanitários construídos no quintal, sem a mínima condição de higiene. Na nossa casa não foi esquecido este detalhe e nela havia privada com descarga e o esgoto era conduzido para uma fossa asséptica, cavada no fundo do quintal, com toda a segurança e normas higiênicas.

Estava a revolução do General Isidoro Dias Lopes em pleno andamento em 1924, quando a casa nova da Vila ficou pronta. A casa do sítio de Madazio estava literalmente cheia, pois, em razão da revolução, a maior parte de uma família paulistana, deixou a capital, procurando asilo em nossa propriedade. Tratava-se da família Amadeu, moradora da Moóca, que muito nos divertia com sua maneira cantada de falar. O seu Amadeu era o comprador, preferido pelo nosso pai, da produção toda do pomar. Nessa circunstância, a mudança não foi total. A família se dividiu, pois havia a obrigação de continuar hospedando os visitantes. E assim o casal e os dois filhos menores (Alcides e Elza) mudaram antes para a Vila. Foi uma situação e uma experiência nova para as duas crianças, pois acostumados no sítio, nos vimos embaraçados e acuados na cidade.



Casa construída por Umberto Aldrovandi (1924), onde morou quando mudou-se para a Vila, destruída por um incêndio em 1966. Situava-se na Av. D. Francisca, esquina Av. Dr. Morato.

Não tínhamos coragem de sair de casa, pois tudo e todos nós éramos desconhecidos. Eu, por ser mais velho, era acionado de quando em vez, para comprar coisa necessária para alimentação, limpeza, manutenção. Assim fazia rápidas saídas e aos poucos ia conhecendo os vizinhos e as casas comerciais: padaria do Célio Cardinalli, açougue do Bruzantin, farmácia do Carvalho, onde logo fizemos amizade com D. Guiomar e seus filhos José, Silvia, Manoel, Maria, Roberto, Hélio e Haide, armazém do Trombani, sapataria do Luiz Tordin, funilaria Perissinoto, bar e confeitaria do Ângelo e

Mauro, oficina do Oscar Martins e do Sr. Jordão Martins, bar do Papini e Gigeta, loja Bertini; esses foram nossos primeiros contatos, por estarem localizados perto de nossa moradia.

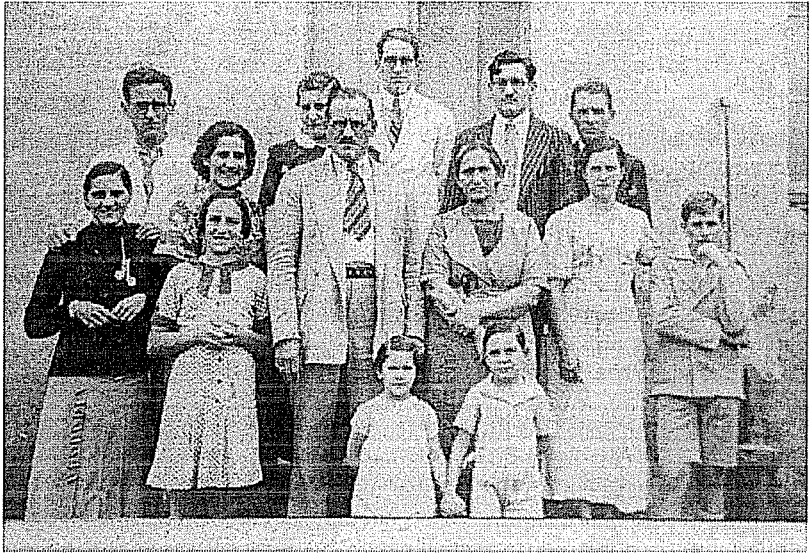
A revolução de Isidoro Dias Lopes terminou, os hóspedes paulistas voltaram para a capital. Os outros componentes da família vieram a ter conosco. Aí as coisas melhoraram, pois com os irmãos mais velhos, podíamos sair mais vezes e para mais longe, servindo eu de guia e informante. Isso me deixava um tanto orgulhoso, pois com cinco anos de idade sabia mais do que os outros e a eles passava minha experiência na cidade. Foi assim que conhecemos o armazém do Sr. Ricardo Mazzonetto, o açougue da família Zilio, a farmácia S. João do farmacêutico Manoel Ignácio da Motta Pacheco, a agência da família Giusti, a máquina de beneficiar arroz de João Beccari, a fábrica de colchões dos Bellini, a fábrica de cerveja Cavalinho do Sr. Caetano Carmignami, a sapataria e oficina de concertos de Totó Pescarin, o armazém, máquina de beneficiar arroz e moinho de fubá, do meu padrinho Ângelo Valler.

Logo quando chegamos do “sitio do Madazio” para a casa moderna da Vila, lembro-me de um acontecimento pitoresco. Como já foi dito havia até privada com descarga no banheiro da casa. Na primeira vez que fui usá-lo, pedi instruções à minha mãe e depois entrei no banheiro. Ao puxar a cordinha, a água da caixa precipitou-se rapidamente na bacia aos borbotões, espumando e elevando o nível. Levei um tremendo susto e com as calças nas mãos, abri a porta, saindo correndo aos gritos:

— Mãe, vai inundar a casa!

A existência de dois personagens, nas imediações da casa, nos apavoravam. Na Av. Dona Francisca, logo abaixo da casa do seu Camilo Alleoni, morava um senhor de cor, tipo grandalhão, de cara amarrada, sempre vestido de paletó e chapéu, trazendo no braço uma enorme bengala. Era o “André Loco” que, só de ver, metia medo. Do outro lado, na Av. Dr. Morato, numa casa recuada do alinhamento da rua e com muitas árvores frutíferas, um preto velho residia. Até aí tudo bem. Mas bastava alguém passar e gritar: — “Quer morder piranha?”, a paz vinha abaixo com uma série de improperios e nomes feios de baixo calão, de corar um anjo de pedra. Eram nossos dois pesadelos: “André Loco” e “Quer morder piranha”. Encontrar com “André Loco” era motivo de correrias, fuga e medo. Ouvir o palavreado do pobre preto velho nos escandalizava. Certo tempo depois, imaginem só, fiquei sabendo que quem importunava o preto velho eram minhas irmãs Quinha e Vivi que, protegidas pelas venezianas do banheiro, soltavam o grito de guerra.

Não permanecemos muito tempo na bela casa. Minha mãe não se acostumava, pois achava o quintal muito pequeno. Queria ter pelo menos mais espaço para ter suas galinhas, cabras e horta. Quase todo o quintal era ocupado para deixar o cavalo que puxava a charrete, o único meio de condução para ir ao sítio. Foi então que meu pai adquiriu do Sr. Victório Cenedese uma casa enorme, com quintal maior ainda, na Av. Conceição, próxima da Estação Barão de Rezende da Sorocabana. Com onze cômodos grandes, sala de jantar medindo 6x6, cerca de vinte janelas, quarto de despejo e garagem, porão aproveitável, rancho para caixa de lavar roupas, espaço para tudo que se desejasse fazer. O único senão era a privada no quintal com fossa asséptica. Mudamos para a “nova casa”, cerca de um ano e meio após ter saído do sítio. Esta casa ainda está lá na Av. Conceição, 217, quase intacta. Serviu de moradia para D. Clementina Rossim, irmã do Sr. Mário Dedini; foi agência do correio e atualmente é o restaurante “Casarão”. Não existe mais o quintal enorme, ocupado hoje por outras construções, e o que resta das árvores, frutíferas é apenas uma goiabeira que foi plantada por mim.



Família Aldrovandi

*Da esquerda para a direita: 1º plano – Zildea – Rodney (1º neto)
2º plano – Palmyra (Naná) – Elza – Umberto – Christina – Olívia (Vivi) – Alcides
3º plano – Jacques (genro) – Mariângela (Quinha) – Nair – Humberto (Nenê)
Domingos José – Ovídeo (genro)*

No casarão nasceram mais dois irmãos: Rodney e Zildéia.

A família Aldrovandi, além do casal Umberto e Christina, era constituída dos seguintes filhos: 1) Mariângela; 2)Olivia (Vivi), que foi casada com Ovídio Guaraldo; 3) Domingos José, casado com Nice Bittencourt da Gama Aldrovandi; 4) Palmyra (Naná), casada com Jacques Cotrim Dias; 5) Humberto, casado com Lúcia Sá Lobo Aldrovandi; 6) Nair, que foi casada com Olavo Ferreira; 7) Alcides, casado com Doris de Oliveira; 8) Elza, que foi casada com Antonio Marin; 9)Rodney; 10) Zildéia, casada com Benedito Marques.

CAPÍTULO II

Na nova moradia da Av. Conceição 19 (hoje 217), ficamos livres dos dois pesadelos. Mas tínhamos de tomar cuidado com a avenida mencionada. Nela passava, bem rente à calçada, a linha de bondes que, logo depois, fazia uma curva não muito fechada, e tinha seu ponto terminal atrás da Estação. Depois da linha dos bondes vinham a parte carroçável e outra linha férrea — da Sorocabana, a via de tráfego, tendo ao seu lado o desvio para carga e descarga e as manobras. Todo o cuidado era pouco. Na Av. Conceição, cerca de duzentos metros abaixo, defronte à casa e armazém dos Valler, tinha início a avenida de saída para várias cidades vizinhas. A linha da Sorocabana cruzava a avenida, tornando a passagem de nível muito perigosa, apesar da sinalização e do guarda-cancela. Muitos desastres aconteceram ali. Além disso, o Engenho Central da “Societé Sucrerie Brésiliennes” possuía meio de transporte próprio. Eram os trens do Engenho, cuja linha saía da Usina, percorria a Av. dos Bambus (hoje Av. Maurice Alaim), cruzava em nível a Av. Barão de Serra Negra, passava num viaduto sobre o leito da Sorocabana e seguindo mais ou menos o curso do mesmo, na altura da Trav. Juqueri, bifurcava-se, indo um ramal para Santa Rosa e Fazenda São José e outro dirigia-se na direção da Estação Barão de Rezende, continuando lado a lado da Sorocabana. Nesse segundo percurso, a linha do Engenho, a mais ou menos uns trezentos metros da Av. Conceição, cruzava a Av. 1º. de Agosto (via expressa de saída), tornando ainda mais perigoso tal trajeto. Imaginem tudo isso defronte nossa casa. Avenidas de terra batida, de tempos em tempos pedregulhadas, bondes e trens e levantando uma poeira imensa! Em compensação a Av. Santo Estevam, do outro lado da casa, era pouco utilizada, naquela época.

A respeito desses cruzamentos de avenidas com estradas de ferro todos devem se lembrar de um pavoroso desastre acontecido na Av. 1º. de Agosto, quando um caminhão, com cerca de doze tambores de gasolina, bateu com a máquina do trem do Engenho. O choque foi tremendo e os tambores começaram a explodir levantando uma faixa de fogo de grande altura, um a um até a último. Nossa casa distava cerca de cem metros do local; em face do calor das explosões, as portas e janelas da frente, ficaram com a pintura a óleo toda chamuscada. O pior foi a desdita do maquinista do trem, da família Capaldi, que, na ânsia de salvá-lo, sofreu queimaduras intensas, vindo a falecer meses depois.

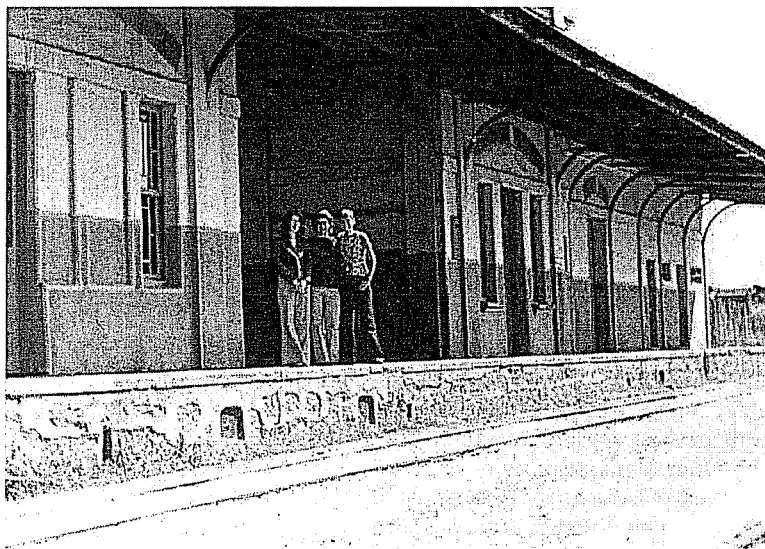
Atrás da Estação havia uma praça, se é que se podia assim chamá-la, com pequena área de terra nua e o restante com uma bonita plantação de barba-de-bode. A Av. Conceição era interrompida pela praça, o mesmo acontecendo com a Av. Lourenço Ducatti, fechada no seu último quarteirão. Havia mesmo uma enorme porteira que permanecia sempre fechada, tornando a metade da quadra, o nosso paraíso — um campinho de futebol.

Os vizinhos do lado da Estação eram os Cenedese. Possuíam propriedades em Porto João Alfredo (Artemis atualmente), cerâmica, olaria, porto de areia e lavouras. Lembro-me muito bem da casa, que possuía uma espécie de pórtico na frente, parecendo um templo grego. De seus componentes guardei na memória todos: o casal de velhos Victório Cenedese e Dona Joana Brino Cenedese, os filhos: Pedro (casado com Joana Rene Bussato); Rosa Ana (casada com Romano Bertini); Maria (casada com Rafael Magagnato); Elisa (casada com Humberto Casarim); Fioravante (casado com

Deolinda Macluf; Margarida (Guirita – solteira); Irene (casada com Acácio de Oliveira); João António (Toche); Amábile (Tica, casada com Mário Leme); João Batista (Genóca, casado com Emília Helena Dedini).



*Família de Victor Cenedese
(falta o caçula — João Batista)*



Estação Barão de Rezende

A estação Barão de Rezende, além da plataforma, possuía dois corpos. No da direita morava a família do chefe da Estação, no outro escritório, o telégrafo, os guichês, o armazém, enfim, a Estação propriamente dita. Entre os dois corpos, um pedaço

grande unindo-os e ligando a plataforma à saída da estação. Não me lembro quem era o chefe da estação quando mudamos, sei que tinha um filho da minha idade, pois fomos colegas no Jardim da Infância no Instituto Baronesa de Rezende. Chamava-se Epitácio. Depois houve mudança na chefia e ficamos conhecendo Seu José Martiniano Grillo e sua família — Dona Eudóxia, António José, Jocelina, Abigail (Bigu), Vilson, Lázaro e Rui. Os rapazes foram nossos companheiros no grupo escolar e nas brincadeiras.



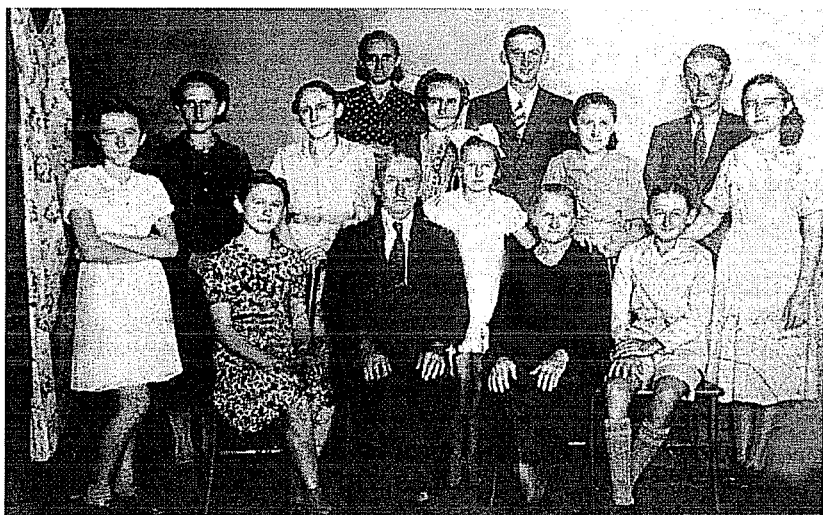
Família Grillo

Seu José Martiniano Grillo, casado com D. Eudoxia Azevedo Grilo, ingressou na Sorocabana em 1986 e se aposentou em 1946 no cargo de Chefe da Estação Barão de Rezende, onde iniciou em 1928. Na foto o casal e seus filhos: Antonio – José – Jocelina – Abigail – Vilson – Lázaro – Ruy. Duas sobrinhas e um vizinho Alcides Siviero.

Numa das esquinas da Av. Lourenço Ducatti, atrás das porteiras, ficava a oficina de carpinteiro e fábrica de lingüiça do Sr. João Siviero. Filomena (Mena), sua esposa, era mãe de treze filhos: 1) Angelina, casada com Oscar Martins; Teresa, casada com Sebastião Passini; 3) Ida, casada com Augusto Cardinali; 4) Marieta, casada com José Boni; 5) Irma, casada com João Pereira; 6) Ignês, casada com Augusto Stolf; 7) Olga, casada com Armando Bernardo; 8) Leonilda, casada com José de Toledo; 9) Yolanda, solteira; 10) Eline, casada com Manoel Brandão; 11) Pedro, solteiro; 12) Orlando, casado com Teresa Carleti; 13) Alcides, casado com Nair Carcagnolo. A casa era grande e o quintal enorme. Faziam plantação de pimenta que usavam na lingüiça e no cudi-guim. Tinham uma cabra interessante, pois gostava de comer as pimentas maduras no próprio pé. Dona Mena, ao ouvir os berros da Bitá, sabia quando ela estava saboreando as pimentas, e nos fazia correr para tirá-la da plantação. O animal comia as pimentas, berrava porque naturalmente ardia a goela, mas não parava de ingerir aquelas bagas vermelhas. Quando era dia de fazer lingüiça, a família toda entrava na dança, até os amiguinhos e colegas dos filhos não faziam exceção. Eu me divertia e gostava de moer a carne e ensacá-la. Dia de fazer lingüiça era para nós dia de festa.

Vizinho do Sr. João Siviero morava a família do Sr. Luiz Stolf, também numerosa. Sua esposa Dona Bernardina Cordenof Stolf com seus filhos Maria (Mariquinha), Tereza, Elvira, Adelina, Adahir, Augusto, Paulo, Ernesto, Henrique e Rubens, cuida-

vam da grande área do terreno, toda plantada com árvores frutíferas, verduras e fl ores. Os meninos da nossa idade também participavam das disputas de futebol com bola de meia, jogando no trecho da avenida interrompida. As casas desse dois vizinhos foram transformadas mais tarde, para abrigar uma indústria têxtil que se chamava Sul Seda.



Família João e Filomena Siviero

Do outro lado da avenida fechada, residia o Seu Alberto Bergamin, empregado da oficina Dedini e sua família composta de Dona Carmela Andia Bergamim— esposa e os filhos Francisco, Ana Maria e Elide. Acontecia nessa casa, de tempo em tempo, uma reunião muito interessante. Era um grupo de 10 a 15 pessoas, na maioria formando casais, todos muito competidos e silenciosos que se acomodavam pela sala. No centro da sala, onde havia uma pequena mesa, sentava-se na cadeira um senhor mais velho que os demais, que abrindo um livro, lia-o em voz alta, para todos escutarem. Fiquei curioso e, terminada a leitura que constou de duas partes e um pequeno intervalo para um café, fui conversar com o senhor da leitura. Ele me explicou que eram pessoas interessadas em conhecer romances famosos que, por não saberem ler muito bem, pediam para realizar essas reuniões, que se repetiam todas as semanas, em casa dos componentes do grupo. Uma prática interessante e feliz, que nunca soube ter acontecido em outras partes. Esse velho era José Bonsi.

Falamos agora dos vizinhos do outro lado, isto é, descendo em direção da Av. Rui Barbosa. Do lado de lá da Av. Santo Estevam começava o “império” da família Valler. Esses eu conhecia muito bem, pois era ali o local de batismo de Seu Ângelo e Dona Ana. Família sempre numerosa, como era praxe naquele tempo. Convivi muito com todos os membros da família e era carinhosamente chamado de Cidinho, por todos eles. Além do casal contavam-se: 1) Constante (casado com Ester Cortelazzi, célebre pelas peças que pregava); 2) José; 3) Valentim (o Neno, casado com Ahir Mazzonetto); 4) Alice (Alzira, casada com José Munhós); 5) Ulda (casada com Armando Amâncio); 6) Celeste; 7) Neyde (casada com Fued Abdalla).



D. Ana Valler – Seu Ângelo Valler com dois fi lhos do casal

A propriedade deles era grande, cerca de um quarteirão (lembrando que os quarteirões da vila eram bem maiores que os limitados pelo Alferes José Caetano) e nele existiam depósitos, garagens, moinhos de fubá, máquina de beneficiar arroz, armazém, duas moradias, pátio interno enorme, cocheira para cerca de vinte animais, um bananal imenso, local para pomar, um gramado bem grande, onde havia cabras, cabritos e até um bode, galinheiro, horta e etc...

Aos sábados, domingos e feriados, o pátio interno fi cava repleto de troles, carrinhos, carroças e outros veículos de tração animal. Daí a existência da grande cocheira, pois nela eram distribuídos os cavalos, burros, éguas e mulas, onde recebiam alimentação e cuidado, enquanto seus donos, todos moradores nas fazendas, sítios e chácaras da zona rural, faziam suas compras, negócios e passeios, calmamente e sem preocupações. Com esse interessante serviço prestado aos clientes, as dependências dos vários departamentos viviam cheias.

Uma atividade inusitada de Seu Ângelo era alugar o bode para cruzamento. O interessado levava a cabra, fi cando a mesma em companhia do macho até consumir o fato. Certa ocasião, estando eu no armazém, ouvi, sem querer, o seguinte diálogo entre um freguês e Seu Ângelo:

- Seu Ângelo, quanto custa para deixar uma cabra, para o bode cobrir?
- Um florim (1 mil réis) — responde Seu Ângelo.
- Deixa por oitocentos réis!
- Não. Per oitocentos reis, mi talhe le bale.

Os antigos tinham certas superstições. Por exemplo: ver mulher estranha à casa, como a primeira no ano novo, trazia azar o ano todo. Sendo do sexo masculino o primeiro a ser visto, fora os familiares, era um ano cheio de felicidades. Minha madrinha, Dona Ana assim pensava e quem pagava o pato era eu. Quatro ou cinco horas da manhã de todo dia 1º. de janeiro, era acordado por minha mãe, para ir rápido, dar “bom princípio” à minha madrinha. “Si non é vero, bene trovato”. Um fato hilariante que se passou na venda do Valler, passo a narrar. Entretanto tenho que advertir o leitor, ao ler, para falar com voz anasalada.

Valentim estava no balcão, quando entra um freguês, que, possuindo defeito no lábio (lábio leporino), falava, por assim dizer, pelo nariz:

- O senhor tem fá-fum?
- O que é fá-fum, indaga Valentim.
- Fá-fum é fá-fum!

O Valentim não consegue entender, quando entra o António Castellani que, pela mesma razão, falava pelo nariz. Pensou então que o António poderia se entender com o freguês e pede sua intervenção.

- O que é que o senhor quer? — pergunta o António.
- Eu quero um fá-fum!
- O que é um fá-fum?
- Fá-fum é fá-fum, diz o freguês.
- Fá-fum não tem — encerra o António.

O homem sai e Valentim indaga:

- O que é que ele queria?
- Ele queria um fá-fum!
- O que é fá-fum?
- Fá-fum — é fá-fum — oras. E se menda.

O próximo vizinho era a primitiva oficina de Mário e Armando Dedini, vindos da Itália por volta de 1910; trabalharam primeiro em Santa Bárbara D'Oeste, mas logo rumaram para Piracicaba, comprando de José Sbravatti uma oficina de conserto de carroças e charretes, que, progredindo, passou da fábrica dos citados veículos, mais ferraria, recuperação de engenhos, caldeiras, fundição, atingindo o grande complexo que hoje conhecemos. As oficinas situavam-se no local onde estão atualmente as lojas Dedini e também ali existia a primeira moradia de Seu Mário. Na época que estou abordando lá estavam várias forjas de ferreiros, carpintaria, oficinas de consertos, a modelação em madeira das peças que eram fundidas. A fundição era localizada na Av.



Oficinas Dedini – 1920

Da esq. para dir.: Virgínio Rizzoto – Guido Spessotti – Ângelo Rizzolo – Eugenio Daniotti – Ledemar Castellani – Dante Cardinalli – João Stockman – Armando Cesare Dedini – Ângelo Segá – António Baroni – Amador – João Daniotti – na festa da porta – Desidério Pescarim (irmão de Totó Pescarim)

Salaz (hoje Av. Mário Dedini), atrás da Av. Conceição. Lembro-me bem dos vários empregados; o Carlão (Carlos Mahn), o velho Amadeu Galani, Humberto Perozzi, Pedro Segatto, João Baptista Galvani (Imbica), Ledemar Casteleni, António Galvani, Virgínio Magagnato, Orlando Galvani, Ângelo Rizzolo, Alberto Bergamin e outros. Na parte da tarde, um grupo de meninos frequentava as oficinas, cada um próximo de

um empregado, como se fosse seu auxiliar ou colaborador. Eu ficava no barracão onde trabalhava o Pedro Segatto, ajudando no que era possível. Pegar ferramentas, pregos, parafusos, cola. Mais ou menos de meia em meia hora um moleque com uma garrafa na mão e uns trocados nos bolsos, saía à procura de um armazém, boteco ou bar, para comprar cachaça. Cada vez era um moleque e não podia ir ao mesmo local em que o anterior estivera e, na maioria das vezes, seguindo tal ritual, andava-se até perto da ponte. Isso era feito para, segundo os pinguços, não dar na vista o quanto bebiam. No dia de ferrar rodas, a dose dobrava para resfriar e era um entra e sai de meninos apressados o dia todo. O Carlão gostava do trabalho desinteressado dos garotos e vendo-os trabalhando, auxiliando um ao outro, nos fez uma surpresa. No dia de pagamento entregou, a cada um, um envelope com cinco mil réis. Assim passamos a ser empregados do Seu Mário, sem carteira assinada.

A sogra de Seu Mário, a Dona Mima Corrente, morava próximo à oficina e muitas vezes passava pelo pátio interno, andando vagorosamente, cabeça baixa, taciturna. Ao atingir a frente do barracão onde trabalhava o Pedro Segatto, este tomando um pedaço de madeira, o atirava a alguns metros na frente e dizia:

— Olha gente, isca pra já!

Invariavelmente, a velhinha se curvava e pegava o pedaço de madeira, provocando risos e risadas de todos. Dona Mima, cujo nome correto era Emília Sacheto Corrente, era casada com Seu Pedro Corrente. Seus filhos eram: Silvio (Chico), José (Bépe), Luiz (Jote), Domingos (Moreno), Maria (casada com Santo Balestiero, o Santoni), Ginebra (casado com João Fabri), Mariana (casada com Mário Dedini) e Terezinha (Taina).

Como já falei anteriormente, seguindo pela Av. Conceição, havia uma casa em que residia o Carlão, mas antes foi a moradia de Seu Mário e Dona Mariana, sua esposa, e também de Armando Cezare Dedini e família.

Guardo desta casa uma triste recordação. Dona Mariana estava muito doente acometida de febre tifóide. Era comum em Piracicaba apresentar epidemias. Uma tarde, ao escurecer, o movimento na casa estava fora do normal. Muitas pessoas e um entra e sai interminável. Como criança é curiosa, lá estava eu encostado na folha da porta, quieto e observando. Lá às tantas sai um senhor de cor muito bem vestido, com uma maleta de médico na mão. Era o Dr. André Ferreira dos Santos — O Dr. Preto. Ao passar pela porta ouvi o que dizia:

— Chamaram-me muito tarde.

No dia seguinte, dona Mariana faleceu e o menino curioso, relacionou o acontecimento às palavras que ouvira do Dr. Preto. Com surpresa, depois de muitos anos, já formado e trabalhando, fui visitar Dona Carolina Martins, a Carolina do Ignácio ou benzedeira como era de todos conhecida.

Após a conversa, o exame e a prescrição, dona Carolina dirige-se a mim:

— Arcides, você lembra da minha prima Marina, mulher do Seu Mário Dedini? Quem era um menino muito metido e curioso que estava xeretando na porta da casa, no dia antes da morte dela?

— Era eu — respondi meio vexado.

Do casamento de Seu Mário Dedini e Dona Mariana, nasceram os filhos: Nida (casada com Armando Ricciardi), Ada (que foi casada com Dr. Dovelio Ometto) e Armando (que foi casado com Norma Dresselt Dedini).

CAPÍTULO III

Minha vida de criança não poderia continuar só de brincadeiras, sem fazer alguma coisa. Fui então matriculado no jardim da infância do Instituto Baronesa de Rezende. Ficava relativamente longe de casa, mas tinha companhia para ir — minhas irmãs e vizinhos.

O referido Instituto era dirigido por freiras vindas da Áustria, tendo inúmeros cursos tais como: arte culinária, bordados, costura, pintura, música, jardim de infância e curso primário. Sua localização continua a mesma — esquina da Av. Barão de Serra Negra com Av. Dona Lídia. Era bem menor que as edificações de hoje e possuía muitos alunos. Se pouco aprendi, pelo menos esta nova ocupação aumentou muito minhas relações de amizade. Conheci outras pessoas e fiz novos amigos.

A diretora era uma freira mais idosa, de quem nunca soube seu nome, pois todos a chamavam de “MADRE”, mas lembro bem da irmã Maurícia, irmã Edmunda e do padre Gallo, que sempre nos visitava.

A irmã Maurícia era natural de Graz, cidade da Áustria, e voltou ao Brasil, com cerca de oitenta anos de idade, para rever seus ex-alunos. Estive com ela nessa ocasião, encontrando-a lúcida e sempre bonita.

Eram famosas as festas de fim de ano, quando se encenavam contos infantis; havia muito recitativo, cantos corais, números de piano, violino e outros instrumentos. Todos os familiares compareciam dando assim maior brilho à festa. Também um costume inédito era as meninas levarem suas bonecas para o encerramento do ano letivo. Havia sempre no final distribuição de doces e brinquedos.

Como aluno do Instituto, fiquei conhecendo a residência dos Barões de Rezende. Fomos em grupo visitá-la. Ficava nos terrenos que circundavam o Engenho Central. Conhecida como a “Casa da Baronesa”, naquela época nela residia Dona Lydia de Rezende. A filha da Baronesa nos mostrou a casa toda, explicando o significado dos inúmeros quadros a óleo e as pessoas retratadas. Móveis, louças, prataria, pequenas estatuetas, finíssimas toalhas com bordados, toalhas de renda, objetos de uso pessoal. Pensei que aquele privilégio de conhecer o conteúdo da “Casa da Baronesa” teria sido único e raro, que nunca mais haveria outra oportunidade. Entretanto, anos depois, quando visitava o Museu Imperial de Petrópolis, lá me deparei, muito bem guardadas, com as preciosidades, para minha alegria e satisfação.

Outro ponto histórico, que nos mostrou o Instituto, foi o monumento da Independência. Foi erguido pelo Barão de Rezende em suas terras, sobressaindo-se ainda na Av. Armando Cesare Dedini, no Jardim do Monumento. Naquele tempo, para se chegar até ele, havia de se percorrer um longo caminho através de campos de vegetação rala e transpor várias cercas de arame farpado. Posteriormente, então já no Grupo Escolar de Vila Rezende, muitas vezes, as festas de Sete de Setembro se realizavam a seus pés.

O Instituto Baronesa de Rezende era muito ligado à Igreja da Imaculada Conceição, por motivos “óbvios”. Em suas festas e reuniões, sempre estava presente o padre Gallo. Os alunos quase todas as semanas iam ao templo. Foi assim que conheci a Igreja da Vila. Edificada no local onde hoje se acha o salão de recepção da paróquia, era simples com uma só torre, no pico da qual havia um galo e os pontos cardeais, uma porta central abrindo para a Av. Dona Lydia e duas laterais, inúmeros vitrais coloridos.

dos. Seu interior compunha-se de uma só nave, que eu achava escura e triste. Todas as vezes que lá íamos com os colegas do Instituto, ali se encontravam as irmãs Maniero, Maria e Rosa, que cuidavam muito bem da igreja.



Festa de fim de ano – Instituto Baronesa de Rezende
Da esq. para dir.: 1º. Plano – 1) Epiácio 3) Alcides Aldrovandi; 5) Orlando Cavalari; 7) Lupércio de Oliveira; 8) Natálio Mainardi.
2º. Plano: 1) Esmeralda Cavallari; 2) Geni Fabretti; 6) Clélia Giovanetti;
7) Maria Oss; 8) Antonio Alleoni.
3º. Plano : 1) Irmã Ignes; 2) Eline Ferraz; 4) Celi Cardinalli; 5) Carlinda Barbosa; 6) Iolanda Tuffi; 8) Padre Jeronymo Gallo.
4º. Plano: 1) Ulda Valler; 2) Didi Custódio; 4) Madre Joana Batista Minks; 5) Heda Rehder; 6) Elza Beccari; 8) Irmã Maurícia.
5º. Plano: Orlando Martins; 2) Hélio Bertini; 3) Silvio D’Abronzo;
5) Mozart Bussato; 8) Homero Martins.
Alguns não foram identificados.

Do lado oposto à igreja localiza-se um enorme bosque, com árvores enormes, todo cheio de passeio pelo seu interior. Era murado em seus quatro lados e todos o conheciam por Jardim do Kok. Do lado da Av. Barão de Serra Negra, bem no meio, erguia-se uma casa, cujas janelas nunca foram vistas abertas. Dizia-se que nela morava um senhor tuberculoso. Depois, na esquina Av. Serra Negra — Av. Dona Maria Eliza, foi construída outra casa de estilo mais moderno, com terraço e saídas para as avenidas, onde residiu o Dr. Rodolfo, possuidor de uma companhia de aração de terras, filho do Dr. Braz da Nova Friburgo, de quem escreverei no momento oportuno. Este grande bosque — o “Jardim do Kok” hoje é a Praça Imaculada Conceição, local lindo, bem cuidado e agradável de se estar. Cuidava do bosque um velhinho cujo nome era Bombardelli.

Por percorrer quase todos os dias o caminho para o Instituto, fui tomando conhecimento de outros pontos da Vila. Assim, prosseguindo pela Av. Dona Lydia nos quarteirões depois do Jardim do Kok, havia uma área enorme. Construções somente nos extremos e em pequeno número, no centro um terreno enorme que ao lado da Av. Dona Francisca apresentava quatro fileiras de eucaliptos de cerca de vinte metros de altura, o restante parecia um campo. E de fato, neste local, foi localizado o campo de futebol do “Sucriérie” e, mais tarde, do Atlético, até os dias atuais. Certa ocasião, esta-

va debruçado sobre a grade de madeira que circundava o campo, quando foi segurado por uma gravata pelo braço de Sidney Petta, enquanto a mão livre me passava pimenta nos lábios. O Sidney era um garoto terrível e só fazia brincadeiras de mau gosto. Sua família residia perto do campo de futebol, na Av. Barão de Serra Negra, defronte à casa do “tuberlucoso”.

Fiquei somente um ano no Jardim de Infância do Instituto Baronesa de Rezende. Em 1928 passei para o 1º. Ano do Grupo de Vila Rezende.

CAPÍTULO IV

O Grupo Escolar de Vila Rezende ficava no fim da Av. Maria Elisa. A avenida terminava nas terras do Engenho Central e havia cerca de arame farpado fechando-a. O prédio ocupava a frente toda do quarteirão. Era e é bonito, pois ainda existe no seu estilo primitivo, sendo hoje ocupada por dependências da Copersucar. Diante dele, pois foi edificado recuado do alinhamento da avenida, lá estão ainda bonitas, exuberantes e majestosas, quatro palmeiras imperiais. Na frente de cada lado, estão duas salas de aulas amplas, bem iluminadas e arejadas. Unindo-se lateralmente duas escadas no meio, mais recuadas ainda, outras partes da escola. Ao todo eram quatro salas de aula de características iguais, o recreio dividido em dois pátios com partes cobertas e ladrilhadas, um feminino e outro masculino. Na frente, circundando as palmeiras, jardins bem cuidados, sempre floridos. Todas as dependências do prédio eram bem cuidadas e acolhedoras.

As aulas do Grupo da Vila eram ministradas em dois períodos. De manhã os meninos, à tarde as meninas. Os professores formavam dois grupos, um para cada período. Mas o diretor e os serventes eram os mesmos. Os professores da manhã eram: 1º ano D. Elza Wohlgeomuth; 2º ano Dona Ondina de Campos Toledo; 3º ano D. Rosa Nunes; 4º ano Seu Jarbas de Oliveira Joás. O diretor era o prof. Francisco Cotrim Dias. Dos serventes me lembro de seu Juca e de D. Adelaide Alves Fêo.

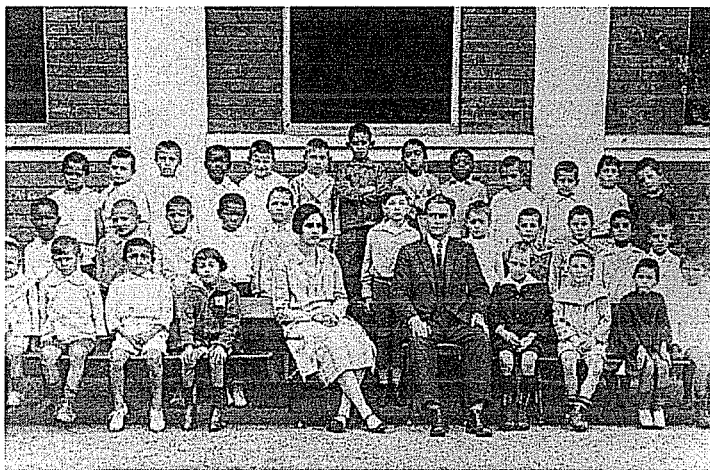
No primeiro dia de aula, ao entrar na sala da primeira classe, aconteceu uma agradável surpresa : a professora era minha conhecida — D. Elza. Quando morava no sítio do Madázio, na própria casa onde nasci, funcionava uma “Escola Mista Estadual” e a professora era D. Elza. Na hora de cantar os hinos patrióticos, ela mandava me chamar para cantar junto com seus alunos. Apesar de pequeno, isso muito me agradava; sabia de cor a letra e música das peças musicais. D. Elza, ainda sempre me trazia pequenos presentes, como cata-ventos, bolinhas de vidro, lápis de cor, etc. Era ótima pessoa e professora, tornando-se amiga da família. Tenho uma irmã chamada Elza, em homenagem a ela.

Como já sabia alguma coisa, a alfabetização foi rápida para mim e para os meus conhecidos do Jardim da Infância do Instituto Baronesa de Rezende, que também passaram para o Grupo. Invariavelmente, no recreio, trocava o meu lanche com o dos colegas que levavam pão feito em casa. Depois de saborear o lanche, sempre sobrava um tempinho para jogos e brincadeiras.

Muitas vezes, quando íamos chegando na escola, nossa atenção era desviada por uma gritaria, ameaças e choros. Nas primeiras vezes nos assustamos, mas depois já sabíamos o que acontecia. Era D. Carolina do Ignácio com uma comprida vara na mão, trazendo os filhos que não queriam ir à escola. A cena era gozada e os Martins, corando, não tinham outra alternativa senão entrar no Grupo. Depois de grandes todos agradeciam a mãe que tinham, que a ela deviam ter progredido na vida.

Era costume dos professores da época, quando um aluno do 3º. ou 4º. ano não sáísse bem na leitura de algum trecho do livro, mandar chamar um do 1º. ou 2º., para ler o mesmo. Certa ocasião, estando eu no 1º. ano, já no fim do período letivo, fui chamado pelo Prof. Cotrim, que estava substituindo o professor que faltara, para “dar quinquê”, assim se chamava, em um aluno. O diretor deu-me o livro já aberto na página em questão e mandou ler. Li algumas linhas e enrosquei em uma palavra.

- Na Amazônia...
- Leia — disse seu Cotrim.
- Na Amazônia...
- “abunda” a seringueira — leu o diretor.
- Na Amazônia abunda a seringueira — prossegui — pensando com meus botões — se ele leu, não é palavrão!



Grupo Escolar de Vila Rezende

Da esq. para dir. 1.º plano: 1) Adelino Febretti; 3) Romualdo Antonelli; 4) Mozart Busato; 5) Profª. Iracema Castanho; 6) Dir. Francisco Cotrim Dias; 8) Wolney Martins; 10) Antônio Schievano. 2.º plano: 1) Jorge Mariano; 2) José Mendes; 3) Domingos Os; 5) Orlando Martins; 6) Lagreca; 7) Reinaldo Orlandim; 8) José Retozzo; 9) João Augusto; 10) Augusto Gutierrez; 11) Mário Lazaretto. 3.º plano: 1) Euclides Lourenço; 3) Antônio Defendi; 5) Jaime Sampronha; 6) Armando Alessio; 7) Ângelo Retozzo; 8) Ignácio Nogueira; 9) Zico Preto (apelido); 10) Flávio Dintz; 11) Alcides Mendez; 12) Romeu Lazaretto; 13) Ari Fischer.

Foi no tempo do Grupo que perdi o medo do “público”. Nas diversas festas do ano letivo sempre era solicitado para recitar poesias, escolhidas pelos professores. Havia comumente na “Festa da Árvore”, no início da primavera, uma grande concentração de muitas escolas no Jardim da Ponte. Lá estava eu, com toda força nos pulmões a recitar poesia alusiva à data. Havia muita gente que declamava bem, principalmente entre as meninas, no nosso querido Grupo.

Entre as pessoas, alunos do Grupo Escolar de Vila Rezende, lembro-me dos seguintes daquele tempo: Adelino Fabreti, Arlindo Caseri, Abigail Grillo, Orlando Martins, Homero Martins, Domingos Martins, Orlando Zilio, Orlando Anastácio, Adolfo Anastácio, Reinaldo Orlandini, Atilio Zulin, Euclides de Jesus, Vilson Grillo, Newton Filippini, Sidney Petta, Alcides Perissinoto, Serafim Bacchin, Orlando Siviero, Hélio Carvalho, Moacyr Martins, Wolney Martins, Lupércio de Oliveira, Humberto Capellari, Lindolfo Capellari, Clever Mahn, Luiz Campassi, Antônio Digiacomo, Italo Mazonetto D’Stefano, Ivo Ducatti, Antônio Bergamin, Ernersto Stolf, Henrique Stolf, Guido Corrente, Orlando Bonsi, Vicente Mastrodi, Antônio Mastrodi, Nis Mauro, Antônio Badialli, Neis Bertini, Alcides Magagnato, Henrique Zanelli, Antônio Ducatti (Ferrinho), Armando Ducatti (Lolico), Mário Mantoni, Armando Mantoni, Nayrto Bergamin, Luiz Baroni. Muitos já nos deixaram, mas sempre serão lembrados com saudade, enquanto outros viverem.



*Grupo Escolar José Romão
(Antigo Grupo Escola de Vila Rezende)*

3º. Ano - 1934

Da esq. para a dir.:

1º. plano: Paulo Paiva - Adolfo Anastácio - João Gonzales - Moacyr Mauro - Guerino Trevisan - Paulo Negri - Antenor Fabretti - Mário Mantoní - José Copaldi

2º. plano: Fernando Guarda - Nico Oriani - Euclydes Rizzolo - Wlademir Martins - Alleoni - Benedito Crispim - Darcy Bellini - João Pizzolito.

3º. plano: Leo Guaraldo - Durval Salvador - Paulo Verissimo - Amantino de Campos (Missiê) - Tito Fonseca - Oswaldo Paulito - Gastão Cotrim Dias.

Diretor - Prof. Francisco Cotrim Dias

Professoras - D. Lina Cotrim Dias e D. Zayra

A Av. Maria Elisa no quarteirão que antecede o do grupo escolar, já naquela época, se apresentava com prédios de construção adiantada. Na esquina da Av. Américo Brasileiro está o sobrado onde residia o major Cláudio Barbosa, com seus filhos Carlos, Nair e Carlinda. O major era casado com a Prof^a. D. Carlinda Araujo Barbosa. Em 1929, com um fordinho do mesmo ano, aprendeu a dirigir com o Sebastião Pedro Moretti, tornando-se famosa e conhecida pelo "terror das avenidas". Vizinha, outra construção de fachada toda de tijolos à vista, onde residia Seu Ângelo Filippini, sua esposa D. Constância e os filhos Newton, Benito e Myllos.

No outro lado da avenida, casas muito bem construídas onde moravam os empregados graduados e dirigentes do Engenho Central. Numa delas residia o Sr. Hugo Cavallari, com família numerosa, cujas crianças conheci no Instituto Baronesa. Andamos mais um quarteirão em direção à Av. Rui Barbosa lá estava o já conhecido Jardim do Kok. Por ocasião do outono, os pés das manguinhas ficavam carregados e eram um desafio para os moleques. Sendo o muro alto, as árvores enormes e ainda sabendo da existência de um cachorro de raça e bravo, como guarda, muitos se arriscavam para colher algumas frutas que de sabor nada tinham, pelo contrário, eram azedas e intragáveis. Mas estavam em jogo a coragem e a vontade de vencer.



Major Cláudio Mendes Barbosa

Seu Cotrim aposentou-se e em seu lugar ficou outro diretor, que estava no grupo escolar do Paraíso — Seu Leontino Ferreira de Albuquerque, pessoa muito estimada e com um círculo invejável de amigos. Não foi propriamente meu diretor, mas sempre o chamei de “meu querido diretor” e o abraçava. Certa ocasião me respondeu que não se importava de eu chamá-lo de querido diretor, porque naquele tempo já era mesmo diretor no Paraíso.

Indo atender a um chamado na Vila Rezende, como médico que era, fiquei sabendo de uma estória interessante. Enquanto examinava o paciente, notei que uma menina de 8 a 10 anos, junto à mãe, me apontava e dizia:

— Mãe, é esse aí! Mãe é esse aí!

Depois de terminada a visita não me contive e perguntei à mãe da menina:

— O que sua filhinha estava dizendo a meu respeito?

— Sabe doutor, ela é aluna do Grupo da

Vila, onde Seu Leontino é o diretor. Outro dia por ocasião da festa das árvores, uma aluna plantou uma muda de jacarandá, no pátio das meninas. Contou o diretor aos presentes que naquele mesmo local havia um enorme jacarandá que fora plantado, numa festa, por um ex-aluno do grupo que agora era médico na cidade. O jacarandá estava velho e doente e Seu Leontino chamou o Prof. Phelipe Westin Vasconcellos, professor da Escola Agrícola para vê-lo. O prof. Phelipe examinou o enorme tronco e chegou à conclusão que a árvore oferecia perigo e devia ser cortada, plantando-se outra no lugar. O Seu Leontino ainda disse o nome do ex-aluno e atual médico — o Dr. Alcides Aldrovandi — o senhor. Era isso que a menina queria explicar.



*O sobrado do major — O pomar de D. Carlinda
onde a família morou de 1925 a 1950*

Fiquei intrigado com este caso. Como é que Seu Leontino sabia que o jacarandá fora plantado por mim? Nem eu sabia disso! Quando me encontrei com o Seu Leontino, logo lhe perguntei:

— Seu Leontino, como é que o senhor ficou sabendo que eu havia plantado um jacarandá no Grupo da vila, por ocasião de uma festa das árvores?

— Olha Alcides. Eu nunca tinha visto uma coisa assim. No Grupo da Vila havia um “diário”, onde todos os acontecimentos eram anotados com toda minúcia. Acho que foi o único diretor que teve essa idéia — Seu Cotrim.

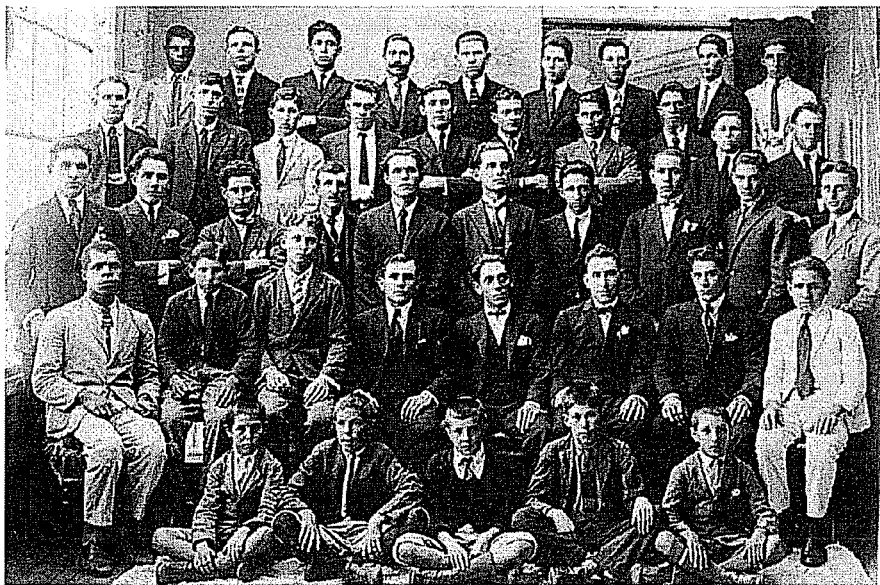
As aulas tinham início às 07h30 e os alunos levantavam cedo, conforme a distância em que residiam. Eu morava a dez quarteirões do grupo, quarteirões da Vila, bem entendido, e levantando-se às 7 horas dava tempo. Ia sempre fazendo o caminho mais curto. Entretanto, depois de quatro horas de aula, a volta fazia sempre variando de percurso, para ir palmo a palmo conhecendo o bairro. Assim descendo a Barão de Serra Negra e tomando a Rui Barbosa desde seu início, além de ver o bonde, descobri que existiam apenas três sobrados na avenida — a venda do Seu Ricardo Mazzone, o sobrado logo em frente à oficina do Oscar Martins. A casa e a farmácia de Manoel Ignácio da Motta Pacheco ocupavam um triângulo equilátero de regular tamanho e na sua frente, na Av. Rui Barbosa, ficava a padaria Sol da família Fécchio, famosa pelos seus pães. Na esquina da Av. Maria Elisa e Rui Barbosa ficava a agência do correio, chefiada pelo Dário Giusti, mas que suas irmãs tomavam conta. Na confluência da Av. João Theodoro com Rui Barbosa ficavam de um lado a fábrica de macarrão dos irmãos Bertozzi e de outro o Cartório de Paz e Registro Civil de Vila Rezende. Continuando a subir a Av. Rui Barbosa logo se via colocada no alto a bela casa do Sr. Luiz Mazzone e, no mesmo quarteirão, do outro lado, uma casa recuada do alinhamento com uma enorme e linda parreira de uva de seu irmão Domingos. O que ainda chamava a curiosidade de garoto era a Farmácia Carvalho na esquina da Av. Dr. Morato, a oficina de caldeireiro do Sr. Perissinotto, pai do Waldomiro e Américo, precursores da Codistil, o posto de gasolina dos irmãos Patermiani defronte a Av. Salaz (hoje Mário Dedini) e a caixa d'água para irrigar a poerenta via, com uma carroça adaptada, tendo na boléia o enigmático Dominginho.



*A família Claudio – Carlinda Barbosa
Carlinda e Luiz Satto Jr. – D. Carlinda – Alberico de Almeida Leme Jr e
Nair – Carlos Mendes Barbosa e Nice Ferraz de Arruda Barbosa. Netos*

Vindo pela Av. Dona Lydia, andava-se dois lados do Jardim do Kok, notando-se que, do lado da Igreja, existia um portão de ferro, mas todo tapado que dava acesso ao misterioso local. No outro quarteirão ficava o campo de futebol do Sucrerie. Se preferisse vir pela Av. Dona Francisca passava-se defronte o Instituto Baronesa de Rezende, já conhecido, percorria-se um quarteirão feito todo de casas iguais que creio ter sido construídas pelo Engenho Central, para seus empregados. Logo mais os eucaliptos eretos do campo de futebol, a fábrica de cerveja Cavalinho e a casa de moradia dos Carmignani, tal qual como eram. A fábrica de colchões dos Bellini, mais um correr de casas todas iguais e na esquina com Av. Dr. Morato, a bela casa do meu pai, onde moramos logo que chegamos à Vila, naquela ocasião residência do Dr. Paulo Elejaldes e posteriormente do Dr. Ziliah de Moraes Martins, ambos ilustres médicos que no bairro clinicaram.

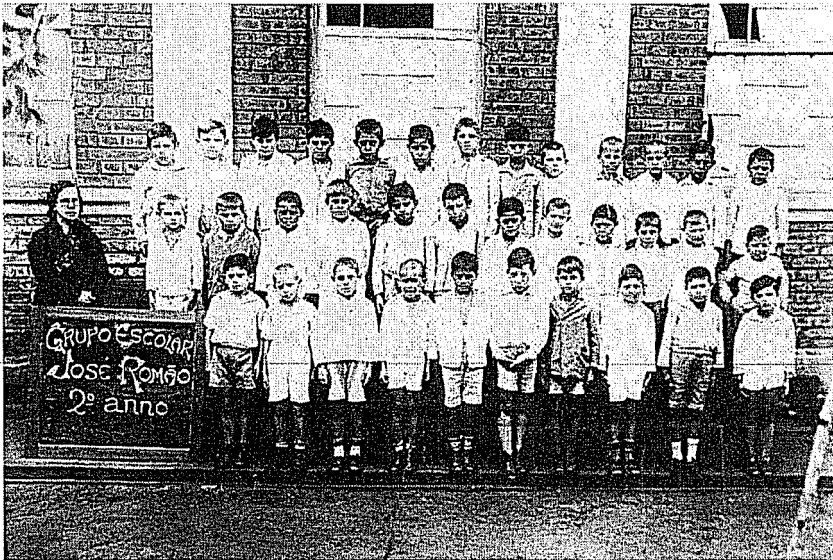
Estes eram os caminhos. Aventurar passar pela Av. Barão de Valença e outras ruas era entrar em capinzais, com algumas casas isoladas aqui e acolá, e enfrentar algum cachorro desconhecido.



Fotografia tirada em 1920 – Homenagem a Osório Germano, diretor do Grupo Escolar da Vila. Da esq. para a dir., sentados no chão: Francisco Matarazzo – Antônio Matarazzo – Ítalo Voltani – Raul Castelani – Emilio Bellini. Primeira fila sentados: Chico de Lacerda – Luiz Oriani – Chico Mazzonetto – Ângelo Rizzolo – Antônio Mauro – Vicente Cesta – Antônio Baroni – Antônio Lucafo; Segunda fila: Luis Bonsi Filho – José Cesta – João Baroni – Amadeu Voltani – João Corrente – Osório Germano – Sylvio Bortoletto – Orlando Busatto – José Paulilo – João Baptista do Amaral. Terceira fila: João Bassi – Hugo Fioravanti – Luiz Andia – Ângelo Bortoletto – Luiz Rizzolo – Dario Giusti – Vitório Bortoletto – Pedro Bortoletto – Virgínio Rizzolo – Emilio Tozim. Quarta fila: Antônio Rafael de Campos – Alberto Gobatto – Fioravante Bortoletto (Dante) – José Lourenço (Português) – Arthur Gobbo – Vitório Contiero – Domingos Caselatto (Mingo) – não identificado – Felício Tozzo.



Sr. Antônio Ferraz de Camargo (Antônio do Grupo - Servente)



Grupo Escolar "José Romão" (ex. da Vila Rezende)

1) - não identificado; 2) Luiz Antônio Gobatto; 3) Augusto Vóltani; 4) João Cordel; 5) Geraldo Cavallari; 6) Diniz; 7) Mário Paschoalini; 8) não identificado; 9) Ítalo Alleoni (Tiganin); 10) Belmiro Conceição; 11) Alcides Perissinoto; 12) Antônio Paulino; 13) Alcides Bonisi; 14) João Anjuleto; 15) Airton Guaraldo; 16) Franquelino Sampaio; 17) Antônio Turolla; 18) Vasco Magagnato; 19) Osvaldo Fabretti; 20) Acacio Salcedo; 21) Eduardo Schievanato; 22) Benedito Lourenço; 23) Osvaldo de Angeli; 24) Aldo Zulin; 25) Ângelo Tagliatti; 26) Eduardo Mantoni; 27) Sergio Rizzolo; 28) Antônio Salmeron; 29) Nelson Corder; 30) José Corder; 31) Antônio Vello; 32) Laerte Dejardin; 33) Lacir Rodrigues; 34) não identificado; 35) José Ribeiro Silva. Prof. D. Elza Wohlgenuth.



Oficina São Cristovam e Posto de Gasolina dos Irmãos Patermiani

O pó de Villa Rezende

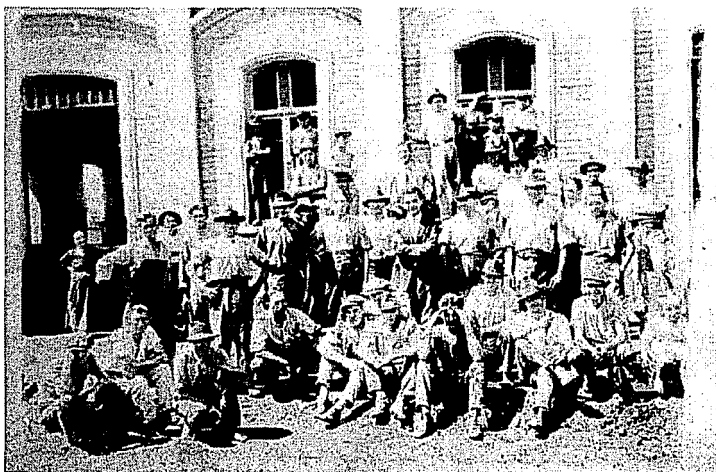
Pedem-nos mais uma vez solicitar do sr. prefeito municipal que mande irrigar a Avenida Ruy Barbosa, em Villa Rezende, pois é enorme a quantidade de pó que se levanta, quando por ella passa uma veículo qualquer. Via de muito trânsito, os moradores não podem mais subir ás janellas de suas casas, e os negociantes têm seus estabelecimentos invadidos pela infernal poeira.

É justo, justíssimo mesmo que o sr. prefeito municipal tome uma providência afim de livrar os habitantes da Avenida Ruy Barbosa do flagelo horrível e pestilento da poeira immunda, que tudo invade.

Um jornal da época (1923)

CAPÍTULO V

As oficinas Dedini prosseguiram em expansão. A fundição, metalúrgica, escritórios e residência de Seu Mário, já estavam na Av. Salaz que, posteriormente, viria se chamar Av. Mário Dedini, até a esquina da Av. Santo Estevam. Seguindo o progresso da Dedini, o bairro também progredia. Até um banco próprio, não filial, foi criado. Tratava-se do Banco Agrícola de Piracicaba que, infelizmente, não durou muito tempo, e veio a falir, por incúria do Diretor-Gerente. Tomando o dinheiro depositado no Banco, para especulação nas bolsas de valores de São Paulo, o perdeu. Foi uma repercussão negativa, deixando muitos depositantes em situação delicada. Imagine nos idos dos anos 20, perder vinte contos de réis! Banco? Nunca mais.



Fotografia dos empregados da Dedini – 1928

*Da esq. para a dir.: Na porta da oficina D. Amélia Dedini (mãe de Seu Mário Dedini) – João Baptista Galvani (Imbica) – Ângelo Rizzolo – Antonio Oss – Pedro Bassan – Américo Bortolazzo – Francisco Oss – João Stockmann – Carlos Mahn – Henrique Pensi – Virgínio Magagnato – Romeu Badialli – Oscar Stockmann – Leonardo Blumer (Dinho) – Antonio Mainardi (Tônico) – Pedro Segatto – Antônio Magagnatto – Orlando Galvani – Ovidio Galvani – Antônio Galvani – Leodomio Diniz – Maximiliano Bistaco – Jota Corrente – Ettore Borsatti
36 empregados. A criança à direita é o Clever Mahn.*

Voltando ao assunto inicial, os negócios do Sr. Mário Dedini iam de vento em popa. Tudo que fazia, dava lucros. Comprava uma caldeira velha, abandonada ao lado de uma usina, a consertava e vendia com enorme lucro. Seu Mário parecia o Rei Midas. Nessa ocasião, o meu irmão José, que era contador formado pela Escola de Contabilidade Moraes Barros, de Acácio do Canto, era o chefe do escritório da Dedini. O trabalho foi logo aumentando e um outro contador precisava ser admitido. Foi então que apareceu o Sr. Lázaro Pinto Sampaio, antes telegrafista da Estação Barão de Rezende, filho de dona Ana e irmão da Inês (Inezinha), que acompanhou Seu Mário por longos e longos anos. O primeiro contador (guarda-livros) de M. Dedini foi Sebastião de Oliveira, irmão do Tibúrcio de Oliveira, músico da banda. Depois dele veio o Fran-

cisco Germano (Chico Tuim) e, então, o José.

José não se demorou muito como empregado. Desde aqueles tempos queria ter seu próprio negócio. Então foi estudar farmácia, matriculando-se na Escola de Farmácia e Odontologia Washington Luiz, dirigida por Jorge Silveir, transferindo-se depois para a Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo, onde cursou os dois últimos anos. Formado, não esqueceu do seu berço e voltou para a Vila. Adquiriu a Farmácia Central, patrimônio da família Frota, localizada onde hoje se ergue o Edifício Brasil, primeiro “arranha-céu” de Piracicaba. Transferiu a dita farmácia para a Av. Rui Barbosa, esquina da Av. Salaz, defronte ao posto de gasolina dos irmãos Patermiani. Foi assim que a Farmácia Central foi parar num bairro.



Oficinas Dedini – 1932

Da esq. para a dir.: Dr. Ziliah de Moraes Martins – Sr. Mário Dedini – Sr. Lázaro Pinto Sampaio.

Para ajudá-lo na farmácia, contratou um prático excelente, que muita gente da Vila conheceu — Seu Cornélio Roberto Silveira, que ficou morando ao lado da farmácia, instalada onde havia sido o armazém e moradia de João Guaraldo. Seu Cornélio era casado com D. Ercília e possuía uma filha de meses de idade, chamada Noemi. Como eu vivia xeretando na farmácia, acabei conhecendo a família toda de Seu Cornélio e, balançando na cadeira, fazia a Noemi dormir.

A farmácia possuía móveis antigos e um balcão muito bonito com prateleira onde se achavam potes todos trabalhados e pintados de várias cores, que enfeitavam as boticas de antanho. Após o jantar, a farmácia era o centro de reuniões dos amigos das imediações: Constante Valler, Bino Patermiani, Duilho Giovanetti, Dr. Paulo Elejalde, Dr. Braz da Nova Friburgo, João Balestiero, José Patermiani, além dos fregueses que às vezes permaneciam nos laboratórios.



Oficinas Dedini – 1932/1933

Nesta fotografia foram reconhecidas as seguintes pessoas: Sr. João Rodrigues (João Padeiro), Sr. Mário Dedini, Sr. Carlos Mahn, Sr. Ledemar Castellani, Sr. Virgínio Magagnato, Sr. Alberto Bergamin, Sr. Severino Mainardi, Sr. Valeriano Zamboni, Sr. Amadeu Galvani, Sr. Antônio Oss, Sr. Ovídio Galvani, Sr. Armando Dedini (Armandinho), Sr. Antônio Borge, Sr. José Oss, Sr. Ermete Fabrette, Sr. Antônio Danelon, Sr. Manoel Coelho Prates, Sr. João Batista Galvani (Imbica), Sr. Rômulo Simioni, Sr. Pedro Segatto, Sr. Ângelo Rizzolo, Sr. Sílvio Gonçalves, Sr. Orlando Galvani, Sr. Antônio Galvani, Sr. Victor Decico, Sr. Leonardo Blumer (Dinho), Sr. Oscar Stockmann, Sr. Euclides Torres, Sr. Leonardo Dedini, Sr. Giacomino Oss, Sr. Ignácio Nogueira, Sr. Lázaro Pinto Sampaio, Sr. Antônio Mainardi (Tônico), Sr. Victor Bistaco, Sr. Antônio Magagnatto, Sr. Luiz Paulino, Sr. Maximiliano Bistaco, Euclides Ferruccio (Rizzolinho), Sr. Alberto Perozza, Sr. Francisco Oss, Sr. Ettore Borsatti (Chefe da Fundação), Sr. Natálio Mainardi (Nânico), Sr. Antônio Mondoni, Sr. José Stockmann (Chefe da Of. Mecânica), Cláudio Mahn (com 3 anos), Sr. Bortolo Secom, Sr... (apelido) Zé Fumaça, Sr. Santo Corrente, Sr. Augusto Corrente, Sr. Augusto Gutierrez.

Certa ocasião, o José ausentou-se uma semana da farmácia, para tomar parte em um congresso da Igreja Metodista em Juiz de Fora. Eu, estando de férias, fiquei ajudando na farmácia. O Constante Valler, conhecido pelas suas brincadeiras e peças, apareceu e, ao saber que o José não estava, logo me pediu seu endereço em Juiz de Fora. Dei-lhe como referência o Instituto Grambery, onde se realizava o congresso. Aí mesmo no balcão da farmácia, o Constante escreveu um telegrama e o “despachou” para as alterosas. Só ficamos sabendo do conteúdo do telegrama, com a volta do mano. Conta então José que estando na sessão de abertura do congresso, no salão nobre do Grambery, foi chamado em voz alta pelo secretário, que lhe estendeu o telegrama. Ficou apavorado, pois mal chegara e um telegrama o aguardava! Pensou em coisas graves e tremendo abriu a sobrecarta. Leu-o:

— José, “arrepêndidas d’aquí, choramos lágrimas de sangue”.

a) Biscotin

Aí relaxou e sorriu. Era mais uma do Constante. “Biscotin” era o apelido de um pedreiro, cujo nome era Armando Desuó, morador na Av. Dona Francisca. O telegrama do Biscotin foi profético, pois em Juiz de Fora nesse congresso o José encontrou a quem viria ser sua esposa: minha cunhada Nice Bittencourt da Gama Aldrovandi.

Numa tarde, o Constante vindo de sua casa, ao passar na casa do velho Giovanetti,

viu-o conversando com o tio, Aladino Giovanetti, que, além de alfaiate, era subdelegado do bairro. Chegando à farmácia disse:

— Vou pregar uma no Ladino.

Foi ao telefone e pediu a ligação para a venda do Giovanetti. Chamou o Aladino e quando o mesmo atendeu, assim falou:

— Ladino! Venha rápido. Aqui na ponte, esfaquearam um homem. E desligou.

Não levou muito tempo, apareceu o subdelegado apressado, puxando com dificuldade suas “paragatas”, descendo a Rui Barbosa. O próprio Constante grita:

— Ladino, onde vai com tanta pressa?

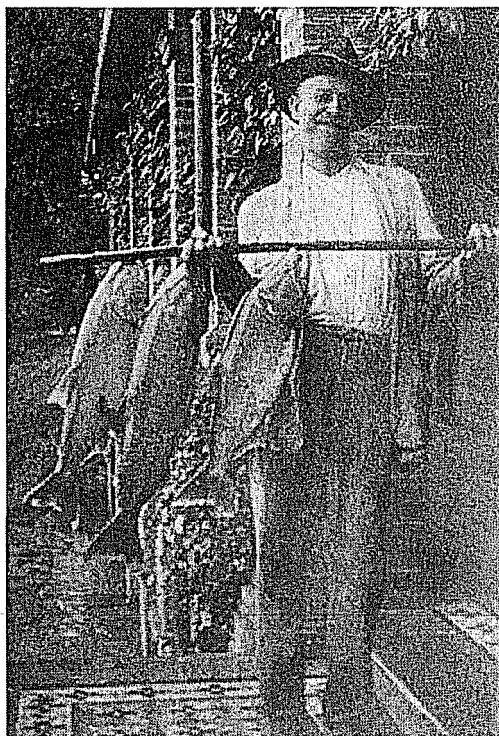
— Houve um crime lá na ponte — responde o Ladino, sem maiores atenções.



Salão de Barbeiro de Gustavo Paulilo

Alexandre Balestiero era o dono de uma oficina de carpintaria, localizada no começo da Av. Conceição, vizinho do salão de barbeiro do Gustavo Paulilo. A família de Gustavo Paulilo era formada pela esposa D. Luiza Tonon Paulilo e os filhos, Iolanda (que foi casada com Idálio Filleti), Elza, Maria de Lourdes e Osvaldo (que foi casado com Elza Bergamin). O Seu Alexandre, além do trabalho, gostava de pescar e como tocara contra-baixo e clarineta na banda, de quando em vez tocava a escala dos instrumentos, coincidindo às vezes tocar ao mesmo tempo que o Gustavo ensaiava as peças no seu clarinete, pois era membro da Banda União Operária. Era curioso ouvi-los, num concerto de contra-baixo e clarinete. Trabalhavam na oficina, além de Seu Alexandre os dois filhos — o João e o Tico. Seu Alexandre era casado com Dona Guilhermina Gosetto Balestiero e possuía uma família grande: João (Joanin), Luiz (Tico), Irene, Rosalina (casou-se com Vicente Di Giaimo — o carteiro), Antonieta, Ivone e Ana. De uma feita, Seu Alexandre comprou de uma empresa funerária todos os carros fúnebres de tração animal e os deixou num terreno que ficava além da via

carroçável da Av. Conceição, nas imediações da Caixa D'água. Os carros eram imponentes, feitos com madeira entalhada e grandes plumas sobre os cantos do teto. Eram brancos para os anjos e arcanjos, e pretos para os marmanjos. Quando em uso, os brancos eram tirados por cavalos brancos de penacho da mesma cor e os pretos, animais negros, pelos luzidios e enfeites combinando. Os arreios também acompanhavam as cores, tornando o conjunto majestoso. Abandonado no terreno em frente à oficina, os carros já estavam meio desmontados. Ao Constante não passou despercebida a novidade fúnebre. Numa noite convocou toda a molecada próxima à área de ação. Fez-nos carregar para os locais indicados, a parte superior dos carros com os penachos e tudo. Assim no dia seguinte, defronte às portas do Seu Badialli, Cornélio, João Guarda, Balestiero, Gustavo, Giovanetti, e na guarita do guarda-cancela da Sorocabana, amanheceram os carros fúnebres. Foi uma gritaria dos diabos, mas não descobriram os autores intelectuais da gozação.



*Seu Alexandre Balestiero
(exímio pescador)*

Quando da Revolução Constitucionalista, Seu Mário Dedini e seu Pedro Ometto, seu compadre, estavam no Rio de Janeiro, sem meio para voltarem e as famílias estavam preocupadas com a situação. Foi então que o Constante teve uma idéia feliz. Foi à Estação Barão de Rezende e junto com o telegrafista redigiu um telegrama para a família Dedini, que morava então, na esquina da Av. Salaz com Av. Santo Estevam, a dois quarteirões da Estação. No telegrama, assinado por Seu Mário, estava escrito que chegariam no dia seguinte à tarde. O próprio “portador” da Estação foi entregar o telegrama. Foi um alvoroço entre os familiares após a leitura da mensagem. Sorrisos,

gargalhadas, conversa em vozes altas, movimentações fora do comum, avisos aos vizinhos, preparo da casa para receber os ilustres viajantes.



*Alexandre Balestiero – D. Guilhermina
e os filhos João e Luiz*

O dia seguinte chegou e a expectativa aumentava a cada hora que se passava. Horas intermináveis iam se esgotando e nada acontecia. Enfim, chegou a noite e a todos, desiludidos e frustrados, só restou dormir.

As instalações da máquina de beneficiar o arroz eram amplas, na Casa Valler. Existia uma linha de transmissão suportada por colunas de madeira, de onde partiam, das polias, as correias que movimentavam os vários setores do benefício do arroz. Sob a linha, que ficava a uns quatro metros do piso tijolado, eram colocados sacos do cereal a ser beneficiado, ou já prontos à espera de freguês. Esses sacos eram macios e, após o almoço, convidavam a uma soneca reparadora. Assim faziam diariamente vários empregados, sendo que alguns dormiam profundamente, necessitando serem acordados na hora de reiniciar o trabalho.

Um que dormia a valer (não confundir à Valler), era o João Turola. Foi então que o Constante mandou buscar em sua casa um batom vermelho e com ele pintou todo o rosto do dorminhoco, fazendo inclusive uma cruz na testa. Parecia um palhaço e nem percebeu a brincadeira. Tomou um pedaço de corda, amarrando um pé do João, numa coluna ao lado.

Ao acordar, o João Turola espreguiçou, bocejou, levantou-se, deu alguns passos e levou aquele tombo. Todos riram à vontade e o João rindo também achou graça da brincadeira. Desamarrou a corda do tornozelo e foi trabalhar. O pessoal que chegava, vendo o Turola todo embonecado, ria e o mesmo dizia:

— Você também soube da brincadeira? Não precisa rir assim. A graça já passou!

— Vá ao espelho e veja sua cara. Duvido que você também não ria!

O João Turola foi ao banheiro e olhando-se no espelho, não riu não. Botou a boca no mundo, lavou a cara como pode e foi para casa.

Na Farmácia Central aconteciam também coisas curiosas e engraçadas. Uma ocasião apareceu um japonês (que eram raros na época), com um menino doente:

— Senhor, faz favor, menino febre, intestino tornera, barriga ronca!

— Ele comeu alguma coisa que poderia fazer mal? — pergunta o José.

— Não senhor, comeu nada...

— O senhor deu algum remédio?

— Sim deu...

— Que remédio foi?

— Saúde da Mulher, sim senhor!

Um empregado da Dedini, propriamente baterdor de ferro, foi à farmácia pedir um remédio para vermes, pois notara “bichinhos” nas fezes. Era o Nelo Zambello o nosso herói. José lhe deu um vidro de Panvermina. Eram cinco cápsulas gelatinosas contendo óleo de quenopódio (óleo de Santa Maria) e óleo de rícino. Disse como deveria tomá-las e o regime a observar.

Uma semana depois o Nelo voltou à farmácia:

— Puxa José, que remédio ruim! Antes de engolir mordei as cápsulas, pois pensei que fossem de vidro. Que horror, até respirar o fedor vinha no nariz.

— Mas eu expliquei que era apenas para engolir inteiras.

— Nem lembrei. Queria saber se já posso tomar um banho corpo inteiro.

— Você ainda não tomou banho, desde o dia que tomou o vermífugo?

— Não!!!

— Então é por isso que ninguém quer trabalhar com você malhando ferro, pois deve estar com um c.c. insuportável!!

Era freqüente o pessoal do sítio, pedir um vidro de “água d’aqui” significando “líquido de Dakim”, um desinfetante.

O Chico Corrente, certa vez, procurou o José da farmácia, pedindo que colocasse em seu peito um “tocomaco” (emplastro poroso), pois estava com uma dor bárbara. José obedeceu, nem notando que o peito era peludo demais. Passando uns dias, volta o Chico para retirar o emplastro Sabiá. Sentado num banquinho o paciente, o farmacêutico levantou uma ponta do emplastro e de um só golpe, retira-o rápido. O Chico como que puxado, levanta-se imediatamente e com o dedo em riste diz:

— Se não fosse curativo, você apanhava!

Do episódio só lhe restou um quadrado branco, no peito cabeludo...

CAPÍTULO VI

O primeiro médico a residir na Vila deve ter sido o Dr. Godofredo Bulhões de Carvalho, pois desde 1914 já se achava em Piracicaba, instalado com residência e consultório na Av. Rui Barbosa esquina da Trav. Dr. Eulálio. Era médico competente e caridoso, tendo tido uma grande clientela.

Certa ocasião meu irmão José, ao ajudar a carregar uma cartola numa caminhonete, por infelicidade prendeu um dedo sob a mesma, ferindo-o. Imediatamente seu pai o levou ao consultório do Dr. Bulhões. A ferida era mais ou menos grave, porque além de cortar houve esmagamento de parte do dedo. Vendo o ferimento, o médico empalideceu e voltando-se para o Seu Umberto, pediu que fosse ao armazém do Ricardo Mazzonetto, buscar uma garrafa de vinho e um copo. Meu pai foi rapidamente, pois a venda ficava quase em frente, e voltando-se para o doutor lhe estende a garrafa e o copo, certo de que o precioso líquido seria dado a beber ao paciente, a fim de “agüentar” cirurgia com anestesia local. Qual não foi, porém, o seu espanto, quando o Dr. Bulhões, de uma só vez, solve todo o vinho do copo.

O Dr. Bulhões e sua família mudaram-se depois da cidade. Mas a Vila não ficou sem um esculápio. O gaúcho Dr. Paulo Elejalde veio residir na Av. Dona Francisca n.º 26, na casa onde moramos quando mudamos do bairro Guamium para a cidade. Era inquilino de meu pai e tornaram-se grandes amigos, inclusive na política. O Dr. Paulo, além de bom profissional, era combativo, empreendedor, revolucionário. Destacou-se combatendo dentro do partido Democrático, a situação, o P.R.P. Sua irmã Englandina casou-se com o Dr. Mello Viana, vice-presidente da República na gestão de Washington Luiz Pereira de Souza.

Para demonstrar o caráter e sentido de justiça do Dr. Paulo Elejalde, vou relatar um fato ocorrido. Meu pai estava acamado com uma crise de úlcera gastro-duodenal de que era portador. Seu médico era o Dr. Paulo, que numa visita notou que seu paciente tinha piorado, depois de já ter apresentado melhora acentuada, dias antes. Sabendo que a doença do cliente tinha muito a ver com o sistema nervoso, pois era chamada de moléstia psicossomática, explorou profundamente este pormenor, descobrindo então que a causa dessa piora era o fato de um vizinho das terras de Seu Umberto ter invadido uma porção da propriedade, mudando arbitrariamente o rumo.

Meu pai acamado, nada podia fazer, mas o Dr. Elejalde assumiu o comando e de carabina empunhada, comandando um grupo de empregados, foi ao local do litígio, mandou chamar o invasor para negociar. O pilantra havia fugido e não compareceu. Então Dr. Paulo mandou retirar a cerca, fazer uma caieira e botou fogo. Assim acabou a questão e a úlcera do meu pai cicatrizou.

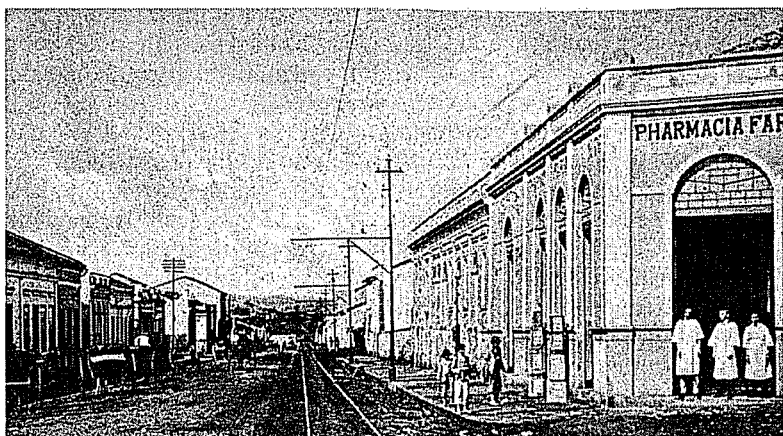
Não sei se é do conhecimento de todos que Piracicaba possuiu um sanatório para tuberculosos. Foi exatamente na Vila, onde hoje estão os bairros São Luiz, Jardim Monumento e parte da Nova Piracicaba. O solo era coberto por uma extensa mata, chamada de Mato do Barão. Não poderia ser chamada de virgem, pois as catadeiras de lenha e alguns caçadores viviam percorrendo suas entranhas. Foi no meio dessa última reserva florestal, encostada à cidade, que foi construído o Sanatório São Luiz, para tuberculosos. Em 1926 foi sua inauguração, sendo seu primeiro diretor clínico o Dr. Epaminondas de Moraes Martins.

O Dr. Paulo Elejalde não se demorou muito na cidade. Mudou-se para o Rio

de Janeiro. Para seu lugar na Vila veio o Dr. Ziliah de Moraes Martins, morando na mesma casa. Era filho do Dr. Epaminondas de Moraes Martins, diretor do Sanatório São Luiz.

O Dr. Ziliah foi médico dos empregados da Dedini, tendo feito boa clínica graças à sua simpatia e conhecimento da arte de curar. Entretanto, voltou após algum tempo para sua terra natal — Niterói, onde clinicou e foi professor do Colégio Universitário, recém-criado na capital da República. Encontrava-me quase que diariamente com o Dr. Ziliah, vez que naquela ocasião eu cursava o 2º. ano do Colégio, mas não fui seu aluno.

Na Vila Rezende havia também um outro consultório médico. O do Dr. Manoel Viana, que atendia os empregados do Engenho Central. Como podemos ver, já naquela época os Srs. Industriais da Agro-Indústria Piracicabana já encaravam o problema médico de seus operários e dependentes. O consultório médico do Engenho era localizado na Av. Rui Barbosa em frente à Farmácia São José. Além do atendimento ambulatorial, o Dr. Viana visitava periodicamente as fazendas da sociedade.



Trecho da Av. Rui Barbosa, a partir da Av. Dr. Morato

Outro facultativo, que também exerceu sua profissão na Vila, foi o Dr. Rosário Spotto Sobrinho, na década de 40. Além de consultório próprio, atendia os empregados na oficina Dedini. Seu consultório ficava na Av. Dr. Morato, esquina da Av. Dona Francisca.

Três farmácias compunham a rede de apoio aos consultórios médicos do bairro e logicamente de outros facultativos da cidade. A Farmácia São João, a Farmácia Carvalho e a Farmácia Central, todas localizadas na Av. Rui Barbosa. Todas elas possuíam um farmacêutico diplomado à sua testa, além de um prático muito experiente. Em seus laboratórios se manipulavam as diferentes drogas e aviavam-se as receitas. Os médicos formulavam e os farmacêuticos, com toda habilidade, cuidado e segurança faziam a composição dos medicamentos. Bem diferente do que se vê hoje. Farmácias proliferando em todo canto, o responsável farmacêutico apenas lhe dá o nome, ficando a distância e os pseudo práticos e auxiliares, embrulhando caixinhas e vidros.

Os farmacêuticos daquela época eram: Farmácia São João: — Cel. Ignácio da Motta Pacheco; Farmácia Carvalho: — João Batista Carvalho; Farmácia Central — Domingos José Aldrovandi.

Os práticos: Benedito Neves Martins, Dário Carvalho e Cornélio Roberto Silveira

ra, na mesma ordem.

Depois Seu Carvalho vendeu sua farmácia para o Seu Albérico Sampaio, que por longo tempo nela permaneceu.

Ainda havia, na Vila Rezende, uma pessoa que, não sendo formada em nada, também participava no combate às doenças à sua maneira. Todos a conheceram e até hoje é lembrada. Era Dona Carolina Sechetto Martins — a benzedeira, a Carolina do Ignácio como também era conhecida. Não estudou nada, mas era uma mulher inteligente, sábia e astuta. Sabia muito bem distinguir quando a criança estava enferma e dizia às mães: eu vou benzer, mas você vai levar esta criança ao médico. Ensinava a quem a procurasse, coisas simples de alimentação, cuidados, maneiras de vestir, prevenção de doenças contagiosas, higiene. Quando um médico atendia uma criança pobre, maltrapilha, mas limpa, cabelos penteados, unhas aparadas, chupeta presa no pescoço, já adivinhava quem mandara procurá-lo.

A Carolina também era procurada para resolver problemas que nada tinham com as enfermidades. Era conselheira para os casais que viviam mal, brigas entre sogras e noras ou genros, enfim para todos os entreviros da vida conjugal. Quantos casais uniu novamente, quantas amizades foram refeitas! Quantas crianças salvou das garras da morte! Entretanto nada ganhava fazendo essas coisas. Tinha que trabalhar para ajudar a cuidar da família numerosa que possuía, cujos membros todos conheci. Além do casal lá estavam Maria Aparecida (Cida), Maria de Lourdes (Lola), Maria Bernadete (Dete), Orlando, Homero (Melo), Osvaldo, Domingos, José Tarcísio (Paca) e Alcides Correa (adotivo).

Onde hoje se localiza o Hospital dos Plantadores de Cana, havia um lindo canavial plantado pela Dona Carolina, com mudas cedidas por Umberto Aldrovandi, como sempre me dizia. No outro lado da avenida estava a primeira casa que conheci da querida benzedeira. A Av. Barão de Serra Negra, um pouco acima da casa de Dona Carolina, era uma subida íngreme, acentuada, onde a Cida, Lola, Elza Aldrovandi, Ada Dedini e outras meninas brincavam de tobogam, que já naquele tempo não era novidade na Vila. Cada dia de brincadeira era uma roupa rasgada e inutilizada, e ainda um “péga” das respectivas mães. Depois mudou-se para a Av. Dr. Eulálio, (hoje Monsenhor Jerônimo Gallo).

Em vésperas de eleições, a casa de D. Carolina vivia cheia de políticos que iam lhe pedir apoio. Todos sabiam a penetração que possuía entre os moradores. A todos atendia com respeito e educação, mas a quem apoiava ninguém sabia.

Outro personagem na “área de saúde”, conhecido dos villarezendinos, era o Nhô Totico. Morava próximo ao curtume do Florindo Grisotto na estrada velha para São Pedro. Além de se dedicar à lida com animais, principalmente muares, exercia a profissão de curandeiro. Sua especialidade era tratamento de picadas de cobras. Era sempre visto montado em seu cavalo, percorrendo as avenidas da Vila.

Para terminar este capítulo em que abordamos um pouco da “saúde” do bairro, vamos falar de uma questão muito séria que existia naquela época. É a respeito dos infelizes portadores de lepra, uma doença que, num passado não muito distante, era repugnante, repulsiva e hedionda. Os portadores do mal de Hansen eram tratados com medo e repugnância. Viviam entocados, escondidos em suas casas, só saindo em suas montarias, para estender uma canequinha, para pedir um níquel de esmola. A moeda era atirada na caneca havendo medo em nela se tocar.

Diante das lendas e estórias que corriam por todos os cantos, quanto ao comportamento dos leprosos, que acreditavam que contaminando sete pessoas seriam curados, e os meios que empregavam para tal, principalmente as crianças, os menores,

tinham verdadeiro horror em encontrar ou encarar um deles. Diziam que compravam balas, as desembulhavam, chupavam um pouco, voltavam a embrulhá-las e as davam as crianças, ou agarravam uma pobre indefesa, faziam um corte a canivete no braço da vítima e esfregavam a ferida em suas lesões.

A saída da cidade, no tempo descrito, era feita por uma enorme avenida de nome 1º. de Agosto, há uns 80 a 160 metros da Av. Conceição e se afastando progressivamente dela. Percorridos cerca de 500 a 800 metros da avenida se dividia em três braços: à direita estrada para Rio Claro e Limeira, à esquerda estrada para São Pedro e a do meio, Estrada do Meio para o bairro Guamium, dos Godinhos e outros. Pouco antes da divisão, havia do lado direito da Avenida, dois Pau D'Alhos enormes, que projetavam uma sombra acolhedora e permanente. Entretanto, ninguém se aventurava servir-se da sombra. Era exatamente aí que se acomodavam os leprosos em grande número, a fim de pedir esmola pelo amor de Deus. Todos os ocupantes dos veículo que passavam, levantando nuvens de poeira amarelada, jogavam o seu óbulo, que muitas vezes não atingiam o seu destino, perdendo-se sob a areia solta no caminho. Quantas vezes, depois da retirada dos leprosos, crianças distraídas viam no chão moedas cintilarem, mas nenhuma delas tinha a ousadia de pegá-las, pois deviam ter tocado em algum deles, estavam contaminadas e só a eles pertenciam. Por maior que fosse seu valor, lá permaneciam a espera do seu único destino — voltar às mãos de um leproso.

Com a criação dos leprosários este problema foi solucionado, mas não para o benefício dos doentes.

CAPÍTULO VII



*André Campos – O famoso
“André Loco”*

Como todo bairro, Vila Rezende tinha seus tipos populares e característicos. Além dos que eram do local, ainda havia os que vinham de outros bairros ou da própria cidade.

Já falei dos dois primeiros que conheci quando da chegada da zona rural. O “André Loco”, preto de formação robusta, atlética, sempre vestindo um grosso paletó, o bengalão no braço e o chapéu que não tirava da cabeça. Andava por toda a Vila, cara fechada, olhar parado, sem conversar com ninguém. Pedia apenas uns níqueis e gostava mais dos grandes, talvez por desconhecer os valores. Impunha respeito aos grandes e medo aos menores. Entretanto, nunca, que eu saiba, foi preso por qualquer motivo. Morava na Av. Dona Francisca, quase na esquina da Rui Barbosa, não se sabe com quem, pois a casa, sempre fechada, não dava margem a saber dos moradores. Era filho de um casal escravo da Baronesa de Rezende — o cocheiro Rafael e Faustina.

O outro tipo, já mencionado, era um pobre preto velho, de cabelos brancos, que residia na Av. Dr. Morato com sua família. A casa parecia uma pequena chácara e, várias vezes, com meus irmãos, fui comprar mangas e outras frutas. Era inofensivo, sentado na sua cadeira à sombra das árvores e próximo ao portão. Era da rua que vinham os gritos — “Quer morder piranha?” — que o deixavam alucinado e o faziam dizer os mais repugnantes e impróprios nomes de baixo calão. Não importunado, nada acontecia.

Havia também uma mulher que aparecia com certa freqüência, lá pelo Paraguai (era um dos apelidos da Vila). Não era pelo vestir ou conversar que se distinguia. Pelo contrário, apresentava-se sempre impecavelmente vestida com um “tailleur” bege, meias pretas, camisa branca toda finamente bordada e gravata, sapatos bico fino de verniz, uma bolsa no braço, uma palheta na cabeça e sombrinha na mão. Falava com todos num linguajar corrido, com belas frases e figuras, gesticulando como para dar mais ênfase ao que dizia. Mas, e lá vem a pequena palavra que tudo muda, se alguém gritasse “Nina Mata”, o céu vinha abaixo, vociferava uma rajada dos palavrões mais horríveis e temíveis.

Outro personagem, que deixou sua marca no bairro rezendino, foi um vendedor de batatas. Morava além da Estação Barão de Rezende, dos lados da Serraria Moretti, na beira da linha da Sorocabana. Toda tarde, com uma enorme cesta no braço, coberta por um guardanapo, o velho Matheus Boni anunciava seu produto — “batata assada ao forno! Olha como está quentinha...” Voltava após vender todas as batatas. Durante o dia passava cuidando das batatas doces que plantava no próprio local. Usava forno de lenha para assá-las e eram mesmo gostosas. Sua família era constituída pela esposa Domingas Boni e os filhos: Ana (apelidada de Ana Batateira), Concheta, José (casado com Maria Siviero).

Uma ocasião, na semana santa, na procissão do encontro, na hora mesmo do reencontro de Jesus com Maria, o velho Boni, por ser surdo apregou sua mercadoria e levou um pega do padre.

Quem não se lembra do “Nicolau Bunda de Pau”? De quando em vez aparecia percorrendo a Av. Rui Barbosa, entrando em cada botequim ou venda, para tomar um gole de pinga. Depois da metade da avenida já estava bem alterado e, no término da mesma, mal se mantinha em pé. Não falava com ninguém, não reagia quando lhe chamavam pelo apelido. Era um bêbado pacato. Segundo consta foi casado com uma artista de teatro de revista, nascida no bairro de Corumbataí, hoje Santa Therezinha; chamava-se Lyson Gaster, nome artístico é lógico, de origem espanhola e muito conceituada com sua companhia de revista de variedades. Tive oportunidade de assistir a seu espetáculo no São José e no elenco se destacava, além de Lyson, o cômico Cinquini com seus trejeitos e versos. Lembro-me dos seguintes:

*D'água fria eu tenho medo,
Eu tenho medo, eu tenho medo, eu tenho medo,
Eu não danço por que suo
E quando suo eu cheiro azedo!*

*Outro dia eu tive um sonho,
Eu tive um sonho, tive um sonho impressionante.
Sonhei que estava sentado na tromba de um elefante.*

*Outro dia eu cheguei em casa,
Eu cheguei em casa, cheguei em casa, eu cheguei em casa
Tirei o sapato no cimento
E apanhei um resfriamento.*

A música eram trechos de operetas famosas. Do Nicolau Bunda de Pau sei ainda que era um excelente sapateiro e bebia para esquecer a artista que o abandonou.

Outro artista, que ficou famoso na Vila, também era ótimo sapateiro. Trabalhava com Antônio Pescarin, mais conhecido por Totó. A especialidade do Pescarin era fabricar botas que ficaram famosas e recebia pedidos de várias cidades. Suas botas percorreram o Brasil e atingiram outros países. A sapataria ficava ao lado do Bar e Restaurante Papini, na Av. Rui Barbosa. Conheci a família toda do Pescarin: Dona Assumpta, irmã do Agostinho Cardinalli, sua esposa, que vive ainda com boa saúde e seus filhos, Luiz e Paulo. Paulo foi padre (nota de Lino Vitti).

Mas voltemos ao nosso personagem. Trabalhava somente no período da manhã, enquanto estava sóbrio. Depois do almoço não conseguia ir trabalhar e permanecia nos bares “matando o bicho” e cantando seus próprios versos. Era o conhecido “Brunhone”. “Brunhone embriagone” como também era conhecido. Seus versos mais conhecidos:

*A mesa note in punto
Soltaram in balone.
In drio stava scritto
Brunhone embriagone.*

*Dio maquinista,
Jesú Cristo foguista
Tuti Santi in vagone
Brunhone copo di stacione.*

Mais um que todos os dias percorria as avenidas rezendinas e ficou conhecido de todos, especialmente das crianças, foi o “Vicente Sorveteiro”. Não havia na Vila nenhuma sorveteria. Era problemático, naqueles tempos, fazer sorvete e conservá-lo gelado. Era meio primitiva a maneira de fabricar o sorvete. Usava-se gelo e sal para manter a temperatura baixa e evitar que o gelo derretesse. Feito o sorvete, o mesmo era colocado em recipientes de cobre com tampa com dobradiça, que permaneciam dentro de uma caixa com gelo e sal. Havia a adaptação em carrinho com duas rodas e dois varais, empurrada pelo vendedor. O Vicente Sorveteiro era um desses vendedores que atravessavam a ponte, indo vender seu produto no bairro. Voltava sempre vazio e às vezes dava duas passadas, apregoando em voz alta a sua mercadoria. Era necessário ter uma fábrica de níqueis para satisfazer o gosto das crianças. Fiquem sabendo que o homem dos sorvetes ficou rico com o seu negócio, possuindo casas, terrenos, chácaras e conta bancária.

No Matadouro Municipal que ficava na estrada que conduzia a São Pedro, por sinal um próprio do município digno de ser visitado, pelas suas instalações, higiene e cuidados que eram dados à carne verde, existia um local às margens do ribeirão Guamirim chamado de Buchária. Aí eram limpos e tratados os miúdos do gado, vacum e suíno.

A carne verde era entregue em carros próprios, fechados e revestidos internamente por chapas inoxidáveis. Os vários tipos de carne ficavam penduradas por ganchos, presos em ferros redondos fixados no teto. Além do motorista, estava o entregador da carne, em uniforme branco, botas e luvas. Era o único que abria a porta traseira, entrava na carroceria e manuseava as porções de carne que, descarregadas, eram penduradas nos açougues da cidade.

Da Buchária saíam os miúdos, carregados em um carrinho comum, de tração animal, tendo na boléia o “Pedro Buchero”. Vindo do Matadouro percorria a Av. Conceição e toda a Rui Barbosa, passando em cada esquina. Não precisa gritar ou chamar a freguesia. Tinha compradores certos em cada cruzamento. Quem manuseava os miúdos era próprio bucheiro e aqui a higiene deixava muito a desejar. Pelo menos tudo era fresco e o gado abatido no mesmo dia.

Pedro Beraldo era o vendedor dos miúdos, sempre mal vestido e chamado de

Pedro Bucheiro. Ficou muito bem de vida, residiu na Rua Boa Morte em frente ao Colégio Piracicabano e depois mudou-se para São Paulo. Foi uma figura marcante ao cenário da Vila.



*Família Carmignani.
Falta o caçula, João (Babico)*

CAPÍTULO VIII

Conheci a família Carmiganani, quando ainda era bem criança. No princípio possuíam uma fábrica de cerveja — a cerveja Cavalinho e moravam na Av. Dona Francisca esquina da Av. Dr. Eulálio, podendo ainda serem vistos os prédios, pois lá, estão intactos, até hoje. Quando minha mãe ia fazer pão, quem ia comprar duzentos réis de fermento de cerveja, que entrava na composição da massa, era eu. Seu Caetano me atendia e brincava que queria provar o pão. O casal tinha numerosos filhos dos quais me recordo: Zelinda, Albertina, Olga, Lucila, Carlos, Alcides e João (Babico). A esposa do Seu Caetano era Dona Rosa Zílio, integrante de outra família tradicional da Vila — filha do Seu Isidoro Zílio.

A história que vou relatar em seguida, tomei conhecimento dela por ocasião das comemorações dos 80 anos de existência da Caninha Cavalinho. Foi no Lar do Velhinhos, com missa celebrada pelo padre Jorge, que, no final da cerimônia convidou a todos presentes para comparecerem daqui 80 anos, na comemoração de 160 anos, provocando risos de todos. Após a missa houve um almoço oferecido no salão de festas do Lar e eu me sentei à uma mesa com meu colega dos tempos do grupo — Antônio Bergamin.

Estávamos conversando, quando se aproxima de nós o filho do João Carmignani, o Ayrton e me diz:

— Dr. Alcides, ontem eu visitava a minha tia Zelinda, falamos da sua família, especialmente do seu pai Umberto,

— Qual foi a conversa? — indaguei.

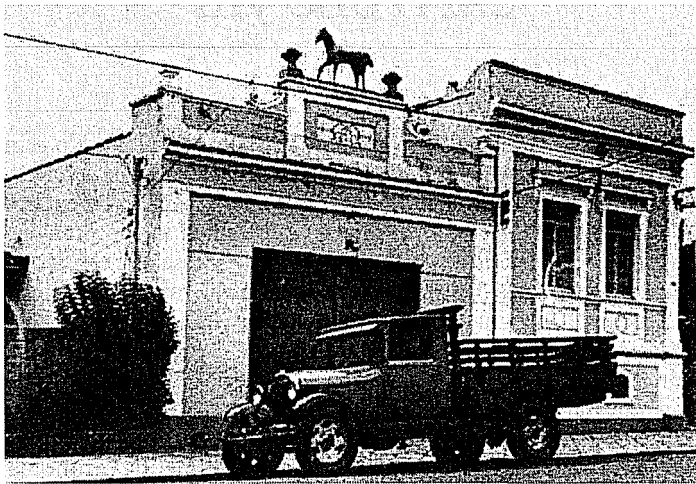
— Fui convidar minha tia para comparecer às festas programadas, mas ela disse que não viria, pois não tinha condições de sair em vista da idade. Então me contou como começou, há tanto tempo a Caninha Cavalinho. Foi assim.

Os chefes da família tinham falecido e a responsabilidade de prosseguir recaiu sobre as duas moças mais velhas — Zelinda e Albertina. Houve então uma reunião de todos os irmãos vivos, para estudarem a situação. Com a entrada na praça da Antártica e Brahma, a cerveja Cavalinho não tinha condições de concorrência e as vendas caíram muito. Um dos presentes teve a idéia e propôs aos outros.

Por que não engarrifar pinga para vendê-la desse modo? A idéia foi aceita, uma vez que tinham as garrafas, as máquinas para engarrifar e tudo! Foi quando alguém lembrou: — “e a pinga, onde vamos arranjar se não temos dinheiro para comprá-la?” Após um silêncio prolongado alguém falou: vamos conversar com Fillipini, quem sabe nos indica uma saída.

Seu Ângelo Fillipini era coletor federal da 2ª. Coletoria Federal de Rendas de Piracicaba, localizada na Av. Rui Barbosa, ao lado da casa onde morou o Dr. Bulhões e posteriormente o Seu Martins, dentista. Sua coletoria era uma das primeiras do Estado, em arrecadações de impostos federais.

A conversa com Seu Fillipini deu certo. Ele sugeriu que falassem com Seu Umberto Aldrovandi, fabricante de aguardente no sítio da Estrada do Meio — Fazenda São João ou sítio do Madazio. Exposto o problema, seu Umberto se prontificou a fornecer a pinga necessária, para posterior pagamento após a venda da mesma engarrafada. E foi assim que surgiu a Caninha Cavalinho.



*Fábrica de Cerveja CAVALINHO
Residência da Família Carmignani
Transporte da época 1929*

Contava esta história para minha irmã Elza e ela me relatou que agora compreendia, porque quando faltava dinheiro para saldar algum débito, o papai lhe dizia:

— Fale com as moças do Carmignani que elas antecipam o pagamento das duplicatas a vencer.

E sempre deu certo — explicou.

Outra família da antiga Vila que se dedicou também a engarrafar a aguardente, tendo sido antes fábrica de refrigerantes, foi a D'Abronzo. Seu Paschoal e Dona Rosa formavam o casal com os filhos: Mariquinha, Luiza, Ana, Suzana, Humberto. Residiam na Av. Barão de Serra Negra acima do início da Av. Rui Barbosa, naquela subida brava, onde funcionava uma escola infantil. Aos poucos foram galgando os degraus intermináveis de uma ascensão no mundo dos negócios. Pelo Brasil todo e alguns países da América do Sul, percorriam os caminhões da Tatuquinho, levando o nome de Piracicaba e Vila Rezende.

As instalações de engarrafamento na Av. Rui Barbosa, esquina da Dona Maria Elisa, era coisa digna de ser vista. Existia aparelhagem notável na qual entrava a garrafa suja, com outros rótulos; no decorrer do processo era lavada, esterilizada, enchida, colocada a tampinha, rótulos, selos, etc... saindo do outro lado pronta para entrar no engradado e carregada para transporte. Tratava-se de uma máquina especial importada da Argentina. Essa máquina, instalada em prédio próprio, tem a capacidade de produzir 45.000 garrafas por hora.

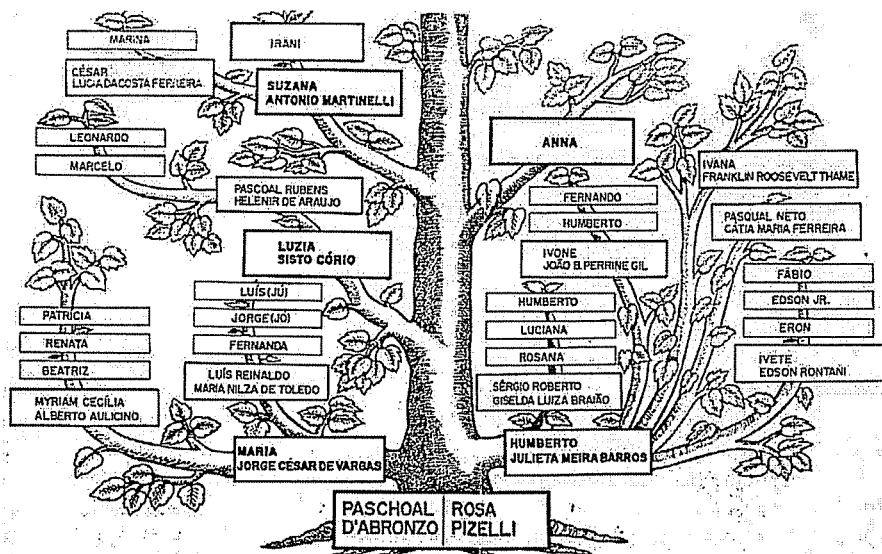
O filho de Seu Paschoal — Humberto D'Abronzo (casado com Julieta Meira Barros), bem como seu genro — Jorge Cesar Vargas (casado com Maria), muito contribuíram para o crescimento e progresso da Tatuquinho.

Sua filha Luiza (que foi casada com Sisto Cório) é professora de acordeon e difunde as composições de seu tio Nicola Pizelli, feitas para aquele instrumento.

Ana, além de ter sido diretora-secretária da Indústria, muito trabalhou pelo esporte amador na cidade, principalmente pelo bola-ao-cesto.

A família D'Abronzo muito contribuiu para o progresso da Vila e depois da cidade, construindo casas e edifícios que até hoje embelezam nossa urbe. Os filhos se dedicaram ao ensino de música (Mariquinha e Luiza), ao ensino público (Suzana), ao esporte (Aninha e Humberto).

Seu Paschoal e Dona Rosa foram homenageados pelo poder público, com nomes em avenidas da Vila.



Árvore genealógica da Família D'Abronzo
(Desenho: Edson Rontani)

Também outras famílias se destacaram, em outros empreendimentos, associando seu nome ao progresso do distrito. Um exemplo é a família Perissinotto, cujos membros eram: Augusto Perissinotto e sua esposa Dona Maria Fornazzari Perissinotto, que tiveram os seguintes filhos: Elvira (casada com Cílio Bortoletto); Josefina (casada com Fortunato Magagnato); Corina (casada com Jaime Sampronha); Nely (casada com Antônio Lazaretto); Waldomiro (casado com Antônia Caldari); Américo (casado com Luiza); e Alcides. Começaram numa oficina de folheiro, na Av. Rui Barbosa, esquina da Av. Dr. Morato, onde eu levava painéis, baldes e outros trens de cozinha, para consertar. Seu Augusto e seus filhos Waldomiro, Américo e Alcides foram os primeiros da Vila a começarem a trabalhar com cobre, fazendo os primeiros alambiques para destilação, principalmente de aguardente. Progredindo no ramo, abriram uma oficina maior e melhor aparelhada no primeiro quarteirão da Av. Eulálio (hoje, Mons. Jerônimo Gallo). Nesse local foi lançada a semente do que viria a ser esse colosso, a Codistil. Posteriormente, com a expansão irrefreável da Codistil, a oficina mudou-se para a Av. Dona Francisca onde permaneceu muitos anos, com seu enormes barracões, dedicando-se à construção de destilarias que se espalharam pelo Brasil afora. Foi nessa ocasião que começou a aparecer uma pessoa que, pela inteligência, trabalho e dedicação, viria a ser um novo capitão da indústria, em atividade até nossos dias — Nino Gobbin.



*Construtora de destilarias Dedini-Codistil
(Av. D. Francisca esq. Av. Mons. Jerônimo Gallo)*

Jordão Martins era de origem suíça. Possuía uma oficina onde fabricava e consertava máquinas agrícolas, na Av. Rui Barbosa um pouco acima do bar do Papini. A família era, como sempre, numerosa: Oscar, Alboneia, Abigail, Zilda, Paulo, Nair, Eunice, Durval, Mirtes (afilhada de meu pai), Wolney, Moacir e Loredana.

A residência era bem grande, com uma ampla sala na frente, onde todos os domingos de manhã íamos, meus irmãos e eu, assistir à Escola Dominical, hábito das igrejas evangélicas. Após a abertura com cânticos e leitura da Bíblia, havia a separação entre adultos e crianças. As crianças iam para a sala de jantar, tendo aulas sobre religião e cânticos de hinos. Lembro muito bem que o quintal era em grande parte tomado por inúmeras parreiras de uvas.

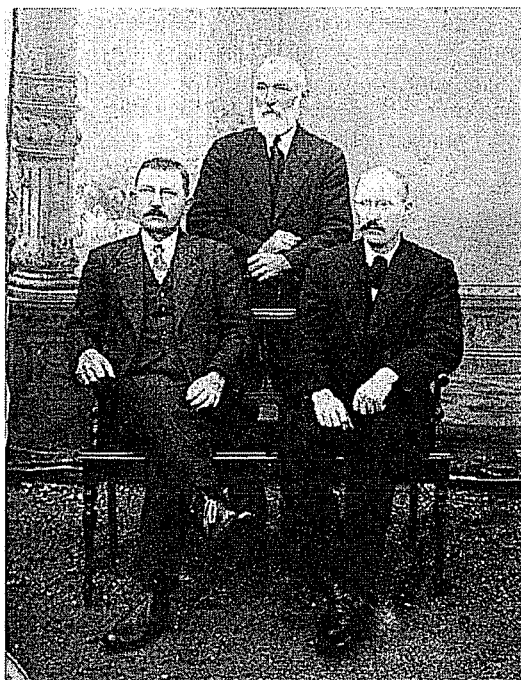


*Família do casal Jordão – Filomena Martins
Sentados: Oscar – Alboneia – Abigail – Zilda
Em pé: Loredana – Moacyr – Wolney – Durval – Myrtes – Eunice – Nair – Paulo*



*João Martins e Umberto Aldrovandi
"Exímios caçadores"*

Estava sempre na casa dos Martins um menino de cor cujo nome não me recordo, mas seu apelido era Cibita. Muito educado e pensativo, a todos conhecia. Vim a descobrir seu nome depois — Silvio dos Santos.



Os três Mazzonettos

Jordão Martins era primo de Antônio Martins, do qual meu pai, na mocidade, foi ajudante de ferreiro. Eles, além de compadres, eram amigos e sempre faziam caçadas juntos. Eram ótimos atiradores e o produto da caça era sempre grande, levando-os, de uma feita, a retratarem-se, para mostrar que diziam a verdade, em vista da má fama desse pessoal.

Descendo um quarteirão pela Av. Rui Barbosa vamos encontrar as residências de três irmãos, cujas famílias muito fizeram pela Vila e lá residiram por longo tempo. Estou me referindo aos Mazzonetto, também de origem italiana. Eram muito estimados e conhecidos no bairro. Domingos Mazzonetto, Luiz Mazzonetto e Ricardo Mazzonetto. Quando os conheci já eram viúvos e sempre este fato me era lembrado pelo seguinte: os italianos e seus descendentes têm muitas crenças e tipos de “simpatia”. Entre eles havia uma crença que para se cozinhar uma galinha mais ou menos velha e amolecê-la, era só colocar na panela usada, três grãos de milho, cada um representando um viúvo. Toda vez que isso ocorria em casa, minha mãe não tinha dúvida, lá iam três grãos de milho — os três Mazzonettos!

Também não sei se eram associados ou não, nas atividades que exerciam, mas possuíam fazendas, depósitos de pinga e armazéns.

O Seu Domingos, casado com Dona Florinda Bergamin, morava do lado direito da Av. Rui Barbosa, numa casa bem recuada do alinhamento, e na frente da mesma e dos lados, lindas parreiras de uvas as rodeavam. Possuíam muitos filhos, os quais enumero: Angelina, Maria (casada com Vicente de Stefano, tendo os filhos Ítalo, Gerson, Cláudio e Wilson); Isa (casada com Vicente de Cillo), Rosa (casada com Miguel de Cillo), Luiza (casada com Augusto Schmidt); Vicentina (casada com Reinaldo Delfini); Joana (casada com Vicente de Cillo em segundas núpcias); Antônio (casado com Luiza Trevisan); Francisco (casado com Aurora Pineze) e Ângelo Mazzonetto, falecido na Itália.

Fratelli Mazzonetto

Fra i pionieri della nostra emigrazione dobbiamo contare anche i fratelli Mazzonetto, stabiliti in Piracicaba sino dall'anno 1887, con la seconda leva di immigranti. Essi sono: Domenico, Riccardo e Luigi; e quando, nel 1887, accompagnarono il padre, sig. Angelo, nel viaggio al Brasile contavano, allora, rispettivamente, 10, 15 e 9 anni di età. Furono assunti come coloni in una "fazenda"; ma, dopo tre anni, i fratelli Mazzonetto, col padre, vollero lavorare per conto proprio e, con la tenacia che distingue la razza italiana, fondarono a Piracicaba — e propriamente in Villa Rezende, avenida Ruy Barbosa, 86 — una gran-



MAZZONETTO DOMENICO

de Casa Commerciale che ancora posseggono, e che, con la maggior armonia, dirigono e fanno prosperare ottimamente. I fratelli Domenico, Riccardo e Luigi sono anche proprietari della fazenda "Santa Maria", nello stesso municipio. Malgrado la loro lunga resi-

Nascido em 20/06/1812

Nascido em 04/10/1878



MAZZONETTO RICCARDO



MAZZONETTO LUIGI

denza all'estero, ricordano con nostalgia la terra nativa e sono buoni italiani.

Xerox da publicação "Cinquant'anni di Lavoro degui Italiani in Brasile"

Vol. II - 1937

Defronte à casa do Seu Domingos, ficava um sobrado no qual residia Seu Ricardo com os filhos Paulino – (casado com Yole Toscanelli); Mário (casado com Lula Gatti); Antônio, solteiro; Justina (afilhada de meu pai) e casada com Eloy Costa e Judite (casada com Dante Cardinalli). E na parte ao nível da rua ficava o armazém. Naquela época dirigido pelo Dante Cardinalli. Seu Ricardo foi casado com D. Marieta Pilon.

Eu conhecia bem a venda do Seu Ricardo, porque vinha todas as semanas fazer compras, que transportava em um carrinho feito especialmente para isso.

Seu Ricardo era uma pessoa agradável, amigo de todos e muito estimado. Era chamado de Capitão Ricardo, porque pertencia à Guarda Nacional, reminiscência do Império, naquele posto. Seu Umberto Aldrovandi além de compadre era colega do Seu Ricardo, pois era Tenente da mesma Corporação, tendo sido mais tarde promovido a Capitão. Em toda Piracicaba existiam muito cidadãos componentes da Guarda Nacional, lembrando-me do Capitão Aldo Benatti, Capitão Serafim Franco de Nascimento (meu tio) e havia até um Coronel, cujo nome me foge. A farda era belíssima – casemira azul, com bordados, galões e frisos em vermelho e amarelo, boné tipo francês, talabarte de couro trabalhado, espada de aço com bainha de prata.



Família de Seu Ricardo Mazzone – 1915
Da dir. para a esq.: Mário – Justina – D. Marieta Pilon – Judith – Paulino –
Seu Ricardo – Antônio (Ninim)

O terceiro, Seu Luiz Mazzone, casado com Dona Angelina de Cillo, morava um pouco abaixo do armazém, em uma bela casa construída em terreno alto, com um terraço na frente. Seus filhos eram: Rosa (casada com Alfredo Lobo); Antônio (casado com Irene Bacchi); Judith (casada com Conrado Helbig); Olga (casada com Armando Dezone). Bem em frente da casa do Seu Luiz, ficava o depósito de aguardente, instalado com seus tonéis enormes em um prédio, que, segundo consta, foi feito para cinema. Não sei se chegou a ser cinema, mas se foi inaugurado como tal e teve vida efêmera. O piso da grande construção era feito de fato com inclinação, usado como nos cinemas.



*Membros da Família de Seu Luiz Mazzoneto
Da dir. para a esq.: Judith – Rosa – Antônio – Seu Luiz*

A Olga, filha de Seu Luiz, foi minha colega de classe em todo o decorrer do ginásio, no Colégio Piracicabano. Sempre foi muito meiga e bonita. Havia muitos pretendentes para namorá-la, principalmente entre os estudantes da escola Agrícola — os agricultores. O bonde passava na Av. Rui Barbosa e, portanto, diante de sua casa; no período da tarde, não faltava passageiro que não fizesse a viagem, só para vê-la no terraço. Certa ocasião, tomei o bonde em minha casa para ir ao centro, sentado na extremidade do banco que dava para a avenida. Não percebi que diante da casa, Olga estava no terraço e eu a saudei abanando a mão. Qual não foi meu espanto, quando vejo o Junqueira, todo feliz, retribuir o aceno que recebi. A alegria do rapaz, entretanto, não durou muito, quando me viu no mesmo banco, ficando sem graça. No dia seguinte, ao nos encontrarmos no bonde, na hora de ir para o Colégio, Olga e eu demos muitas risadas, lembrando o ocorrido na véspera.



*Membros da Família de Seu Luiz Mazzoneto
Da dir. para a esq.: Olga – Ahyr (neta) – Seu Luiz
(Aos fundos o prédio do Depósito)*

CAPÍTULO IX

Naquela época era de praxe, quando um casal de namorados saía a passeio, ser acompanhado por alguém da família da moça, principalmente um menino ou menina. Esse ato era chamado de “segurar a vela” ou bancar o “elefante”. Em casa, esse papel sempre sobrava pra mim.

Minha irmã Vivi, seu nome era Olivia, mas não lhe agradava, namorava o Ovídio Guaraldo, que dirigia, junto com um sócio, a Cooperativa de Consumo dos Empregados do Engenho Central, na esquina da Av. Barão de Serra Negra com a Av. dos Bambus.

Foi acompanhando Vivi e Ovídio que conheci muito bem o decantado Mirante. As águas do Piracicaba eram abundantes, o rio era lindo, e ao despencarem no salto formavam ondas sinuosas e uma garoa fina se levantava, molhando as margens. O barulho que tal queda produzia era tanto, que não se podia conversar em sua proximidade, sendo as vozes abafadas. Após o salto das águas, as mesmas se precipitavam rio abaixo em grandes corredeiras ondulantes, que logo depois, em frente ao Engenho Central, como que cansadas, se espriavam morosamente, dando a impressão que dormiam.

Acima da ponte cerca de um quilômetro, havia a captação de água para o Engenho Central, conduzida por um canal que acompanhava o rio em toda sua extensão, inclusive no Mirante. Era o “Rego do Engenho” assim chamado por todos. No início, em face de um molhe de pedras que alargava a embocadura tornando maior o desvio d’água que se represava, o local era ideal para nadar. Todos se lembravam da expressão — “nadar na boca do rego”.

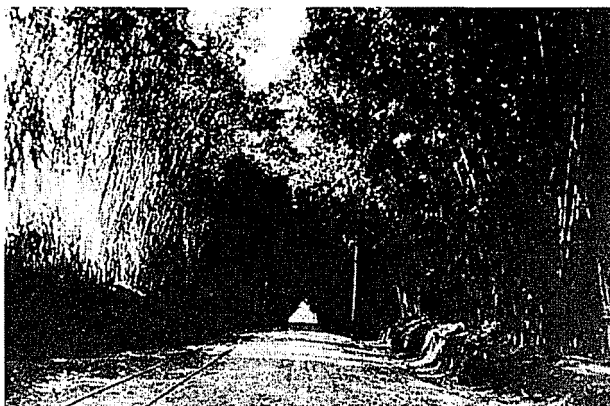


20-PIRACICABA - SALTO DE PIRACICABA E MIRANTE

Salto de Piracicaba e Mirante

O excesso de águas conduzidas ao Engenho era devolvido ao rio na divisa do Mirante com as terras do mesmo, por um canal cimentado com inclinação absurda, dando uma velocidade incrível às águas que se desprendiam formando uma queda livre de exuberante beleza.

Apesar de possuir caminho de terra, apenas uma edificação simples com vários patamares ligados por escadas, de onde se apreciava a queda d'água, o logradouro era muito visitado nos feriados e domingos. Famílias inteiras se reuniam em piqueniques ao redor das mesas de pedra espalhadas por todos os lugares e o vozerio enchia os ares puros e perfumados. Quantas pessoas se encontravam no Mirante, quantas amizades aí se fizeram, quantos reencontros aconteceram. O local era ideal para os namorados e inúmeros casais, de mãos dadas, desfilavam entre os canteiros floridos e bem cuidados.



*Avenida dos Bambus
(hoje Av. Maurice Allain)*

Como “segura vela”, muitas vezes acompanhei a Vivi e o Ovídio, e a Naná e o Jacques em passeios pelo Mirante. Espalhados pelas ruas, sempre estavam os pipoqueiros, sorveteiros, vendedores de amendoim, de doces, de pastéis, brinquedos infantis, de recordações... O acompanhante sempre lucrava alguma coisa. Quanto menos intensa era a marcação, maior a renda.

Além do Mirante, outro local que conheci na própria Vila foi uma sociedade que era da colônia italiana. Ficava exatamente no local onde hoje está a sede social do Atlético. Havia um prédio de frente para a Av. Barão de Serra Negra e nos fundos uma magnífica quadra de tênis. O chão da quadra era de saibro muito bem batido, a ponto de não haver poeira. Jogavam dois senhores, vestidos a caráter e a assistência, que era numerosa, parecia entender do jogo, pois aplaudia nas ocasiões certas. Nunca mais esqueci cenas que presenciei de um esporte tão diferente e espetacular pelas suas jogadas mirabolantes. Não entendi nada do jogo. Era a primeira vez que assistia e o que mais me intrigava era o marcador.

Namorar na Vila, como também em outro qualquer bairro da cidade, era perigoso. Existiam bandos de moleques e até marmanjos que não admitiam tal procedimento. Ir namorar nas ruas e praças não ficava sem punição. Quantos moços, que se arriscavam a falar com suas namoradas, foram obrigados a abandoná-las, saírem em corrida desabalada, sendo às vezes salvos pelo bonde, ou ao chegar à ponte. A ponte era território neutro. Aí terminava a perseguição.



Vista do interior do Mirante

Como falei, isso não acontecia somente na Vila. Certa ocasião, o Santo Corrente, muito conhecido dos vilarezendinos, foi encontrar com a namorada no Largo Bom Jesus, Bairro Alto ou Cidade Alta para os pernósticos. Estava o Santo na esquina de uma padaria, quando aparecem dois moradores do local e um deles fala:

— Olha Miguel, nós precisamos dar uma surra num tal de Santo Corrente, que tem vindo namorar em nosso território.

— É só encontrar o trouxa que o pau vai comer!

O Santo Corrente, atlético de corpo, força de um leão, ouviu a conversa e entrou em cena:

— Você pesou para dizer isso? — interpela o último a falar.

— Não, responde sério.

— Então pese essa — diz o Santo, ao mesmo tempo que acerta um soco na cara do adversário.

O rapaz caiu e se estendeu na calçada, e o outro, pernas para que te quero, sumiu na poeira!

Nessas alturas o Santo achou melhor abandonar a arena, antes que os reforços, na certa, aparecessem.

Até os namorados que frequentavam as casas de suas amadas, eram importunados pelos engraçadinhos. Quando a Vivi e o Ovídio ficavam namorando no terraço de nossa casa na Av. Conceição, havia um grupo de moleques que passava repetidas

vezes na calçada, cantarolando uma música, cuja letra era: “Eu vi, eu vi, Ovídio com a Vivi”. O comandante do bloco era Nino Perozzi — “o purguinha”, que trabalhava na Cooperativa com o próprio Ovídio. Um meu colega do ginásio, o Nizar, certa ocasião, pretendeu namorar a Ulda Valler. Sabendo do perigo que corria, ia montado em um belo cavalo, se preparava com desculpa de tirar alguma dúvida sobre lições escolares, para quem sabe, com um pouco de sorte, ter um encontro inesperado com ela. Quando de manhã eu chegava ao ginásio, todos me perguntavam com o linguajar típico da região, “como vai a Urda”? Isso me valeu ganhar um apelido, que me seguiu o curso todo — “Urda ou Urdica”.

Um fato que frequentemente ocorria, quando um casamento ia ser realizado, era a maneira como se agia. Viajantes especializados apareciam nas casas das noivas, com catálogos, amostras de tecidos necessários para ser feito o enxoval. Era acertado o pagamento e escolhidas peças de linho finíssimo, cambraias e tergal. Quando chegava a encomenda pelo transporte ferroviário, uma caixa enorme e pesada, a impressão que se tinha, era que iam abrir uma loja. Peças e mais peças de tecidos maravilhosos, que a todos encantavam, principalmente às noivas. Depois apareciam as costureiras cuidadosas que faziam todas as roupas. Nada era comprado feito, inclusive os belos e custosos vestidos.

As recepções aos convidados eram feitas sempre nas casas das noivas e os pais tudo faziam para a festa se tornar inesquecível. Bons tempos aqueles.

O atraso da noiva, deixando o pobre noivo esperando na igreja, já era comum. Quase sempre a culpada era a costureira do vestido de noiva, que atrasava a entrega. Como podem ver esse hábito é bem antigo.

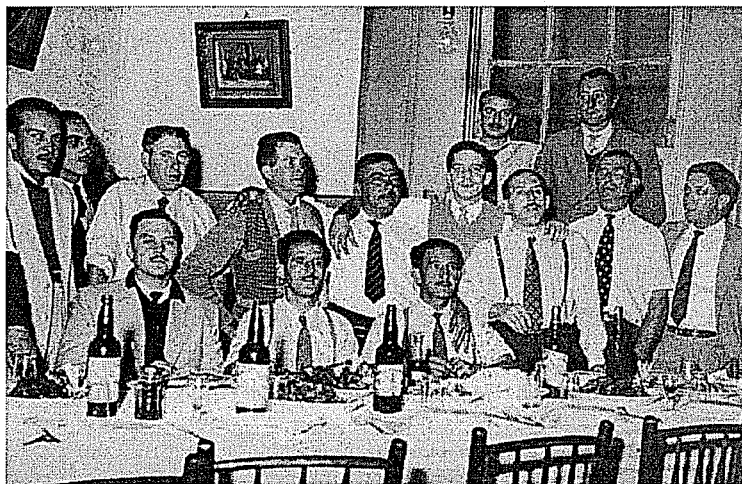
Da recepção do casamento de minha irmã Vivi, lembro-me de uma figura muito querida e conhecida das festas da Vila. Era garçom nas horas livres, que apesar de ter sofrido um acidente e perder o antebraço esquerdo, agia de tal maneira, como se fosse normal — Dante Viccino, era o seu nome.

CAPÍTULO X

Vocês estão pensando que me esqueci do Papini? Não senhores, sem Papini a Vila não existiria. Devem ter percebido que para localizar alguma coisa, eu sempre usava como referência o Bar do Papini. O Bar ou Restaurante Papini era mesmo o centro da Vila. Todos sabiam onde ficava e para indicar algo a alguém, o famoso Papini era lembrado.

O Sr. Ernesto Papini casou-se com dona Luiza Zilio. Mas falando ou escrevendo dessa maneira, ninguém a conhece. É preciso dizer “Gigeta” e não há quem a desconheça. O Papini ficou famoso pela comida que apresentava e quem fazia essa magia era a Gigeta. Seus pastéis então nem se fala, vinha gente da cidade e outros bairros comprá-los.

As festas dadas no Papini, como sejam jantares, almoços, batizados, casamentos, despedidas de solteiro, aniversários de pessoas e entidades, homenagens a este ou aquele cidadão, vitória na política, derrota na eleição, nomeação, viagem para o exterior e etc... ficaram famosas. Foi arranjada até uma palavra para designá-las – Papinada!



Grupo de frequentadores das noitadas do Papini

Da esq. Para a dir.: Em pé – Divaldo Fogaça, Joanin Bouchardet, Pedro Sansigolo, Eugenio Vaz dos Santos (Bodinho), Gíve Guerrini, Oswaldo Cardoso, Pedro Marangoni (Lulu), Orlando Meneguel, Marcelo Fillet, Oswaldo Abelha. Sentados – (não identificado), Demétrio Marangoni, Any시오 Godoy.

Todos comiam a valer os pratos de Gigeta e quem trabalhava no duro era a própria família. Seu Ernesto Papini tinha um irmão chamado Alfredo (casado com Silvia Zilio, irmã da Gigeta), que trabalhava com ele e as filhas. Zaira, Yolanda, Ainda, Arminda, Justina e Tereza, sempre davam uma mãozinha. Creio que só depois que as filhas foram casando ou arrumando emprego, seu Ernesto precisou de garçons e empregados.

Além de bar, confeitaria, restaurante, o Papini tinha no quintal duas canchas de

bocce, o jogo preferido pelos italianos. Havia jogo de dia e à noite, com campeonatos, apostas e muita bebida.

Outra excentricidade do Papini era, já naqueles tempos, apresentar, quase que diariamente, música ao vivo. Eram todos amadores e profundos conhecedores da arte musical. Tocavam por diletantismo; era um grupo homogêneo e se complementavam fazendo ainda mais lindas as melodias. Pertencentes a este “collegia música”, podemos citar Ernesto Papini (violão e bandolim), Umberto Aldrovandi (violão e bandolim), Erotides de Campos (flauta), António Vitório Cobra (Cobrinha), Moacyr Martins (bandolim), Rui Ramos (viola), Lulu Marangoni (violão), Castelo, Benigno Lagreca, Eugenio Vaz dos Santos (Bodinho), Demétrio Marangoni, Anysio Godoy, Lulu Woltzenlogel, Pepe Artigosa e outros.



Papinada

Wolney Martins, Celeste Negri, João Carmignani, José Stockmann, Ernesto Papini, Bene Gianetti, Marino Fonseca e Gigeta. (Os demais não conseguimos identificar)

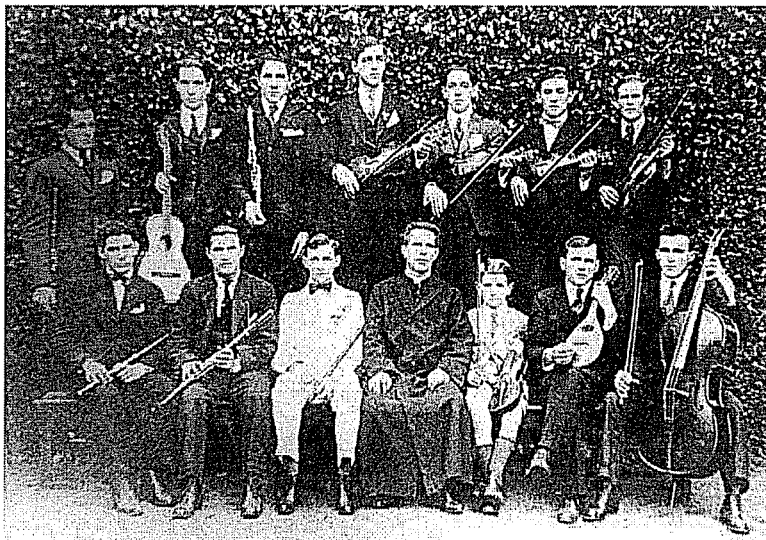
Um fato curioso aconteceu por ocasião da guerra da Abissínia em 1934. Passo a narrar: os italianos ou seus descendentes, que freqüentavam o bar, resolveram ajudar a Itália, já que estava só fazendo a guerra e ainda a Sociedade das Nações aplicou sanções a ela. A ajuda constava em dar um dólar a pátria-mãe. O Papini, por razões de fôro íntimo, não quis aderir. Então seus fregueses resolveram aplicar sanções ao Papini, não comparecendo em seu estabelecimento. Mas tudo foi um mal entendido e as coisas voltaram aos seus devidos eixos, para alegria de todos, e as tertúlias continuaram.

Na década de 20, o rádio estava engatinhando e algumas famílias possuíam o famoso gramofone. Era um aparelho primitivo que tocava discos por meio de mecanismo impulsionado por corda, como o relógio. A agulha deslizava sobre o disco e a música nela gravada era transmitida por uma enorme corneta de pavilhão largo, com ruídos impertinentes. Em casa existia um gramofone. Quando as agulhas ficavam imprestáveis, espinhos de limoeiro as substituíam, deixando, entretanto, o som mais

baixo. Os discos apresentavam antes do início da música, o nome e os executantes. Lembro-me de um que dizia assim: Vinte e Quatro de maio, dobrado, executado pela Banda do 16º Regimento da Infantaria, para a Casa Edson, Rio de Janeiro.

Depois apareceram as célebres vitrolas, mais modernas e práticas, portáteis e com som bem melhorado.

Pela razão de existirem tão precários aparelhos para transmitir música, todas as casas possuíam instrumentos musicais. Eram comuns o violão, cavaquinho, viola, bandolim, flauta, clarineta e em algumas casas mais abonadas — o piano. Como em casa havia muitas moças, meu pai teve que adquirir um piano. Era muito caro na época, tendo custado cinco contos de réis, alemão, marca Persina, famoso mundialmente. As manas estudaram piano, primeiramente no Instituto Baronesa de Rezende e depois com professores da cidade. Um fato, que permaneceu em minha memória, deu-se assim: a Naná comprou uma música nova na “A Musical” e no mesmo dia pôs-se a estudá-la, conseguindo no final da tarde, tocá-la corretamente. Foi então que chegou a notícia de que o trem do Engenho pegou e matou um menino, nosso amigo e companheiro. O triste acontecimento ficou ligado à música referida. Sempre que a ouvia, vinha imediatamente a cena do desastre em minha mente. “Suspiros de Lágrimas” de Belmacio Pousa Godinho era o seu nome.



A primeira orquestra da Vila Rezende – 1920

Da esq. para a dir. Sentados: Antônio Baroni, Vítório Voltani, Narciso Daniotti, Pe. Julião Caravello, Eugenio Romanelli, Angelo Rizzolo, (não identificado).

Em pé: José Bruzantin, Vicente Mauro, José Cesta, (não identificado), Antônio Mauro, Luiz Rizzolo, Luiz Vicino.

Houve na Vila uma orquestra formada pelos meninos e rapazes da época. Vamos contar como aconteceu esse milagre. Anterior ao famoso Padre Gallo, a Igreja da Imaculada Conceição teve um pároco de nacionalidade italiana — Padre Julião Caravello. Era um músico nato, além de italiano. Tocava vários instrumentos e conseguiu reunir um grupo razoável de rapazes que sabia rudimentos de música e manejo de instrumentos musicais.

Assim, reunindo violino, violoncelo, bandolim, viola, flauta, violão, clarineta, em

face do seu talento e vontade de seus músicos, a pequena orquestra ficou famosa e permaneceu bom tempo em atividades.

O que acontecia muito na Vila, que traduzia a parte romântica, amorosa, nostálgica da alma piracicabana, eram as serenatas. Quem participava das serenatas? Todos, dos bairros e da cidade. Era uma união espiritual, para enlevar os corações apaixonados, despertar o amor e selar uma paixão.

Música, a linguagem universal, não tem pátria, não tem raça, não tem cor. Não precisa ser traduzida. A todos fala direto ao coração. Música — expressão humana que mais nos aproxima de Deus.

As casas onde existiam muitas moças em idade de namorar eram os alvos prediletos dos seresteiros. As serenatas ocorriam mais frequentemente nas noites dos sábados e não havia oposição aos moços do bairro.

Após ouvir as melodiosas músicas que na madrugada, no silêncio, na penumbra, mais bonitas pareciam, as casas se abriam e havia como que uma confraternização entre todos, com bolo, café e tudo.

Os seresteiros partiam, iam tocar em outras plagas. Os habitantes voltavam para as camas, mas o sono longe vinha, pois os sons milagrosos das músicas nos ouvidos permaneciam e os corações palpitavam de saudade!

Depois apareceu o rádio que tomou conta de tudo. Era difícil encontrar uma casa que não possuísse um rádio. Com a facilidade de ouvir música das mais variadas, de maneira tão fácil, foi por água abaixo o aprendizado de música e os instrumentos musicais ficaram guardados ou a servir de mera decoração.

A Vila sempre foi muito ligada à música, além de tocada no Papini a Banda União Operária sempre estava presente. Uma coisa curiosa, que não saberia explicar, é o fato de os presidentes da banda serem sempre pessoas da Vila. Então me contaram que Seu Mário Dedini era o patrono ou o protetor da Banda. Isso explica tudo. A Corporação Musical União Operária, foi fundada em 1º de maio de 1906.

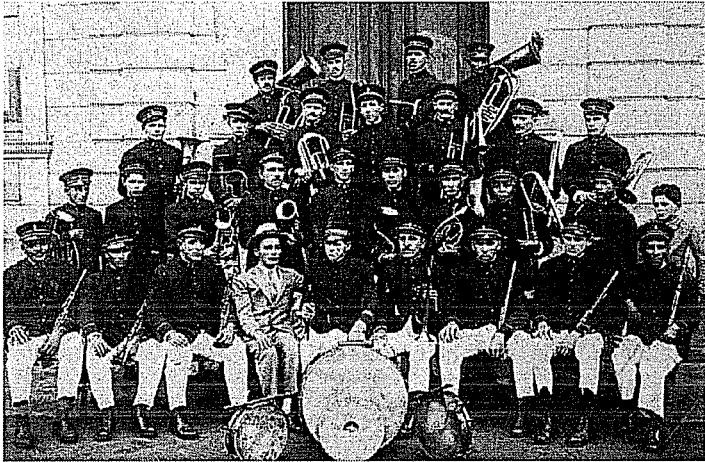
Meu pai foi presidente da “União Operária” por muitos anos. Era praxe, todo dia 1º de Maio, a Banda fazer alvorada, indo tocar diante das casas das autoridades. Naturalmente, o primeiro a ser saudado era o seu presidente. Acontecia que meu irmão Humberto aniversariava no dia 1º de maio e aos primeiros acordes da Banda, diante de casa, era ele que saía em primeiro lugar, para aplaudi-la. E ainda dizia que a homenagem era para ele.

Outros presidentes da “União Operária” foram João Coletto, Antônio Nardin, Mário Coletto, Roberto Caldari. Após a alvorada havia um almoço de confraternização, no Papini, é lógico.

Um caso que corria como sendo verdadeiro, a respeito da Banda, era o seguinte: o músico que tocava o “par-de-latas” era surdo e se guiava pelo tocador do bumbo. Quando o bumbo batia o “par-de-latas” também o fazia. Um dia os dois se desentenderam. Foi então que o bumbo se vingou — fazia que tocava só no gesto e o pobre tocador de pratos ia na conversa e mandava brasa.

Outro acontecimento, que ocorria todo dia de São João e que entrou no calendário folclórico de divertimentos dos vilarezendinos, foi a “Procissão de Maria Boi”. Maria Boi era uma negra de meia idade, solteirona, de corpo avantajado, moradora na Bimboca, na Av. Dona Santina; havia em sua sala de visitas uma imagem do santo, entranhado no altar, sempre cercado de flores. Todo dia de São João, ela promovia a procissão até o rio, para lavar o santo. Os marmanjos, que compareciam em maior número, já vinham embalados com a cachaça e outras bebidas. No trajeto de ida corria tudo às mil maravilhas. Muita fé e devoção, cantos religiosos e até uma certa serieda-

de. A pinga corria solta, mais nada acontecia. Chegando ao rio, o cortejo parava numa pequena enseada e com muito cuidado os mais experientes procediam à lavagem do santo.



Banda União Operária

Pessoas identificadas: Tiburcio de Oliveira, Benedito Glicerio Teixeira (presidente), João Peterman, Martinho Ficher, Valentim Ficher, Emilio Bressan, Pedro Bertinato, José Provensano, Augusto Xavier Antunes (Mimi), Mário Pazzini, Guilherme Rontani, Benedito Conceição, Francisco Sabino, Oswaldo Peterman (menino), Adão Stipp, Mário Diluero.

A volta era completamente diferente. A desordem imperava, ninguém se entendia, e tudo ia num crescendo, que ao chegar próximo a moradia de Maria Boi, o vulcão explodia numa orgia de pancadaria. E aí acontecia o desfecho que todos esperavam — a quebra da imagem do santo. Maria Boi entrava em verdadeiro transe, desmaiava, acordava, gemia, gritava. Seus gestos desesperados contaminavam a multidão que se contorcia em ondas humanas. Os movimentos, a princípio acelerados, iam aos poucos amainando e, de tão lentos, paravam. Aí então aparecia o vilão da estória, que, mascarado de herói, salvava a situação. A todos propunha um óbulo que ele mesmo recolhia com seu chapéu, para reembolsar as perdas da madrinha de São João Batista. Tudo serenado, acabadas as últimas garrafas da branquinha, a turba se dissolvía, pensando já, no próximo ano.

CAPÍTULO XI

O futebol era o esporte mais praticado na Vila, pelas crianças nos “rachas” de ruas, pelos adultos em campos apropriados.

O primeiro quadro de futebol que conheci foi o do Esporte Clube Ipiranga. Seu campo ficava onde hoje se espria a Vila Areão. Todo cercado com bambu, o campo era gramado e bem cuidado. Nada de arquibancadas e instalações, dois humildes cômodos do mesmo material serviam de vestiários. Três vezes por semana, realizavam-se os treinos, assistidos por toda molecada do bairro. Os jogadores eram na maioria empregados de oficinas, casas comerciais, do Engenho Central ou donos de pequenas indústrias e comerciários. Os mais famosos foram: Franco (goleiro), Almfadão (zagueiro), José Valler (meio campo), Rude Rehder, Zé Polenta, Miro (atacantes).

Eu não me sentia muito à vontade, por ocasião dos treinos. É que os que iam jogar e levavam muito dinheiro me faziam de “caixa”; ficava com os bolsos cheios de pacotes de notas, preocupado todo o tempo em não perdê-los, para devolvê-los intactos a seus respectivos donos.

Havia campeonato da cidade do qual o Ipiranga participava.

A bem da verdade, o primeiro clube de futebol da Vila foi a Associação Atlética Sucrérie, fundada em 1914, cujo campo era no centro do bairro, justamente onde hoje é o campo do Atlético. Certa ocasião, o clube não andava bem de finanças e houve atraso no pagamento dos aluguéis para o Kok, dono do imóvel. O proprietário indicado, chegando um tanto irritado e sob efeito de algumas doses de whisky, brigou com todos e os expulsou das instalações do Sucrérie.

Foi então fundado o Ipiranga, que durou até a pendência com o Dr. Kok ser solucionada, quando voltou novamente o Sucrérie a contar com os jogadores do Ipiranga, acrescido de outros elementos: Franco, Almfadão, Joel Fogaça, Oriente Fécchio, Berrinho, Rocha, Carioca, Zé Polenta, Coringa, Miro, Valler, Rude e outros.



Associação Atlética Sucrérie – 1933

*Da esq. para a dir.: Berro, Valler, Lauro, Luiz Dias, Rude, José, Rocha, Miro
Abaixados: José, Franco, Almfadão*



Associação Atlética Sucrérie – 1939

Da esq. para a dir.: Em pé – Mário Teles, Jeová Blumer, Angelo Degaspari, Joaquin Buchardet, Miro, Agostinho Batoni, Francisco Gutierrez, Augusto Gutierrez, Genóca, Pedro Brocatto, Areas, Pedro Fidelis (Pedrinho), José Mondoni (zelador), Romeu Pinazza, Pedro Rocha, Constante Valler, Ítalo Schievano, Humberto Gobatto.

Abaixados: Nino Perossi, Tite, Luiz Paulino, Pipoca, Joel Fogaça, Dema, Antonio Gonzales (pai do Rabeca), Nenzo, Zi, Tito Ducatti, Oscarzinho, Julio Rocha, Rabeca, Nelson Fogaça, Coringa, João Bacchin, Victor Decico.

Fotografia tirada em frente da sede na Av. Manoel Conceição, 14

As instalações do Sucrérie eram melhores, o campo do tamanho oficial e havia uma pequena arquibancada. O elemento feminino já começava a freqüentar as partidas de futebol.

Por ocasião da segunda guerra, o nome “Sucrérie”, por ser francês, foi modificado para “Sucrere”, obedecendo determinação do governo.

No final de um campeonato citadino ficaram para a partida decisiva dois adversários renitentes — XV e Sucrérie. O pessoal da Vila tinha certeza da vitória e preparou uma grande festa, com comes e bebes para a comemoração, logo após o jogo. Realizado o jogo no campo do XV, o Sucrérie perde e a festa virou uma pancadaria com muitos casos de embriaguez, indo noite a dentro, acabando ao clarear do dia. Mais ou menos às sete horas da manhã de segunda-feira, um grupo de meninos dirigia-se para as aulas do Grupo Escolar de Vila Rezende, quando na esquina da Av. Barão de Serra Negra com Av. Maria Elisa, cruza com um senhor com cara de rêsaca e um violão em pedaços numa das mãos. A molecada riu e se divertiu com o espetáculo, quando o homem investe sobre um deles e acaba de quebrar o que restava do violão, em sua cabeça. Foi assim que o Alexandre Petto me deu uma surra...

O Sucrérie também teve seus dias, suas glórias, seus bons e maus momentos e se acabou. Foi então fundado o Atlético Piracicabano que tanta alegria deu aos vilarendinos e mesmo aos piracicabanos. Com Coringa, Luiz Romio (Cugálo), Sidinei Magagnato (Pinheiras), Ayrton Bergamo, Paulo Barella, Gentil Perossi, José Tarcísio Martins (Paca), Armando Dedini, Valter Stolf, Wilson Stolf, João Carmignani (Babico), Neo Biscotin, muito se salientou o esquadrão da Vila. Posteriormente outras grandes figuras apareceram como João Cenedese (Genóca), Tito Ducatti, José D’Abronzo (Pepino). Devemos lembrar também do Luzitano e do River Plate.



João Zilio – Presidente do Sucrerie, 1942

Houve em Piracicaba, em certa ocasião, uma febre de patinação e só na cidade eram quatro: Meu Rinque, Nosso Rinque, Piracicaba Rinque, São José Rinque. A Vila não ficou atrás e também teve seu rinque — Vila Rinque. Foi instalado num barracão construído para tal, com todos os quesitos de comodidade, segurança, num ambiente de alegria e descontração. Sua localização era na Av. Dona Maria Elisa, no meio do quarteirão que a ligava à Av. Rui Barbosa. Como estava no auge da patinação, vivia cheio nas tardes e noites. Só de apreciar os tombos dos principiantes, o povo se divertiu a valer. Entorses, luxações, fraturas, escoriações, ferimentos diversos, deram muito dinheiro aos médicos daquela época.

Todos os rinqes faziam promoções, festas, novidades para atrair os frequentadores. O Vila Rinque não ficou atrás e lançou um novo esporte — “Patim-bol”. Isso mesmo, jogar futebol sobre patins. As partidas eram acirradas, provocando tantas contusões e fraturas nos atletas, que a decisão foi parar, para o bem de todos.



Clube Atlético Piracicabano (12/9/1948)

Da esq. para a dir.: Sentados –Maraca, Gentil, Tite Gobbo, Darcy, Gildão, Neo Desuó, Antenor Fabretti, Vasco Magagnato, Carnera, Coringa, Inhama, Paussú, Pinhegas, Duroval, Sebastião Barella. Em pé: Miro Alleoni, Eucluydes F. Rizzolo (Diretor)



Luzitano Futebol Clube

Da dir. para e esq.:

*Sentados: Pedro Siviero (Pierin), José Seghesi, Natálio Alessio (Nanico)
Ajoelhados: Juca Malagueta, Carlos Carmignani (Carlito), Oscar Barbosa.
Em pé: Domingos Ducatti, José Atizano, Raul Castellani, Sebastião Ferreira (Sebastiãozinho), Euclides Oliveira Cesar, Hermes Atiziano, Emilio Bellini*



River Plate

*Fundado em 1º. De Maio de 1942, por Armando Pizelli, Euclides Rizzolo (Rizzolinho) e Mário Mantoni
20/2/1944*

*Em pé: Jonas Braião, Vasco Magagnatto, Edna Braião (madrinha), Armando Pizelli, Maria das Dores Augusto (Cotinha-madrinha), Tico Franzoni, Miguel Zamboni, Miro Alleoni, Antenor Fabretti, Eugenio Mantoni (Brinquinho)
De côcoras: Alcides Bonsi (Bonsinho), Mário Mantoni, Ovidio Gonçalves, Darcy Bellini, Eduardo Mantoni (Inhana)
Deitados: Neno Vollani, Italo Coletto.*

Outro esporte, que na Vila possuía muitos adeptos, era o jogo de bocce. No Papini, onde existiam duas quadras, aconteciam muitos campeonatos. O jogo de origem italiana apresentava uns termos e denominações engraçadas, misturando as duas línguas. O princípio do jogo era: quem tivesse mais bolas próximas ao balim (bola pequena), contava os pontos, valendo dois pontos cada bola. Ouvia-se falar: “vá a ponto”, “veja se encosta no balim”. Às vezes isso acontecia, bola e balim se tocando, aí o autor da façanha dizia: olha lá gente, “focinho de porco”, “atira de bota”, mande uma bola bem “espertinha”, jogue a “manha-cam”, dê uma “carambola”, jogue com “efeito” e assim por diante.

Havia verdadeiros campeões neste jogo, com execução de jogadas incríveis, cantadas antes de fazê-las. No Papini os campeões eram: Ricardo Mazzonetto, Luiz Mazzonetto, Domingos Mazzonetto, Vicente D’Stefano, João Braião, Orlando Martins, Wolney Martins, Jose Pinazza (Zé Polenta), João Beccari, José Bertini, Silvio Zilio, Titim Betoni, Bonsi (Vinagre), Alfredo Pelissari, Santo Braião, Francisco Mazzonetto, João Mazzonetto, Domingos Torres, Jordão Bôscolo, Joane Ferrazzo, Domingos José Aldrovandi, Paulo Martins e outros mais.

Como a condução da Vila eram os bondes, muitas pessoas aprenderam a descer do bonde andando. O máximo de velocidade, em linguagem de bonde elétrico, era 9 pontos, correspondendo talvez a uns trinta quilômetros por hora. Não eram só os homens que saltavam do bonde em movimento. Havia um grupo de moças que o fazia com perfeição, tanto de frente como de costas. Lembro-me da Janete (a francesinha), Carlinda Barbosa, Ada Dedini, Elza Aldrovandi, Neidona dos nossos carnavais e Inês Pinto Sampaio.



*Corporação Musical União Operária
em festividade no Clube Atlético Piracicabano*

Nossa casa, na Av. Conceição, 217, era o penúltimo ponto de parada do bonde. Logo após a esquina da Av. Santo Estevam, a linha fazia uma curva mais ou menos aberta e chegava ao fim, atrás da Estação Barão de Rezende. Todos os empregados eram conhecidos e amigos, entre eles o Justo Dal Pogetto (Botóchio), Octávio Troiano (Chabeco), Misael, Pedro Perin, Ricardo Schroeder (Alemão), Bacchin, Bento de Oliveira, Armando Voltani, Pedro Orsini, Luiz Angeloci, Silvano Soares, Angelo Bar-

bieri e Jacob Barella.

Quando voltava da cidade, para o bonde não parar no ponto, eu tinha uma maneira de puxar a campainha — tipo uma senha que os motorneiros conheciam e ao ouvi-la, olhavam para trás, me reconheciam e diminuía a velocidade, saltando então diante da casa. Somente o Alemão não entrava na jogada que, ao me ver, punha o bonde nos nove pontos, olhava para trás esperando talvez uma queda minha. Um dia, assim procedendo, teve a infelicidade de descarrilhar o bonde na curva e quem deu boas gargalhadas fui eu.

O Sr. João Martins era um dentista que morava com sua família na mesma casa onde morou o Dr. Bulhões. Sua filha caçula, menina ainda, apelidada de Cininha, quando tomava o bonde estava sempre de luvas. Certa vez, um passageiro curioso lhe pergunta porque andava de luvas. A menina respondeu que seu pai assim queria, para não tocar nos balustres do bonde, onde todos punham a mão, ficando pois protegida de contrair alguma doença. Foi então que o curioso lhe falou — porque você não usa couro no assento, para também proteger essa parte?

Ainda a respeito dos bondes, havia uma brincadeira que os moleques aprontavam. Ao sair da ponte, o bonde tinha que vencer uma subida dura na Barão de Serra Negra, até entrar na Rui Barbosa. Então os meninos das proximidades desse trecho passavam sabão nos trilhos, para ver o bonde escorregar. E escorregava mesmo, só vencendo o desafio, com o mecanismo de soltar areia sobre os trilhos que o bonde possuía.

CAPÍTULO XII

Como as linhas férreas do Engenho Central e da Sorocabana corriam paralelas, houve uma decisão inteligente, no tempo em que o Dr. Kok era o diretor da Sucrerie, unindo as duas. A junção se deu um pouco acima da Estação Barão de Rezende e no tempo da safra da cana, durante a noite, os trens do Engenho corriam pelas linhas da Sorocabana trazendo um movimento incrível ao trecho localizado na estação da Vila.

A Sorocabana, depois da Estação Barão de Rezende, estendia seus trilhos até o local chamado Chave, logo adiante do Matadouro Municipal. A Chave recebeu depois outra denominação — Montana. Aí a linha férrea se bifurcava, indo uma parte até o Porto João Alfredo (Artemis), após atravessar uma linda ponte, sobre o rio Corumbataí. O outro segmento seguia para São Pedro, passando por Costa Pinto, Recreio, Paraíso e Charqueada.

Os meninos que moravam nas proximidades da Estação Barão de Rezende, quando tinham folga, viviam por lá. Eram apenas dois horários de trens para São Pedro e João Alfredo, durante o dia, e raramente a composição parava na Vila. Quando o trem passava direto, havia o espetáculo da troca de licença, o que me fascinava. Então pensava: quando eu crescer vou ser chefe da Estação. Mal podia imaginar que, depois de formado, quando trabalhei um período como médico na Sorocabana, iria ter a oportunidade de trocar licença. Deu-se assim. Havia um tipo de condução usada pelo engenheiro, chamado trole de linha. Às vezes coincidia haver um chamado médico ao longo da linha e o trole estar livre. Então íamos de trole, cujo condutor era o Sr. Pedro Meneguini. Logo depois de algumas viagens com o trole, que passava reto nas estações, pedi ao Sr. Pedro a licença para trocar. Seu Pedro a princípio não queria dar, mas convenci-o que sabia fazê-lo. Acertada a primeira vez, o trocador de licença passou a ser eu, para admiração e alegria do Seu Pedro Meneguini.

O transporte ferroviário era mais usado que o rodoviário naquela ocasião. Certa mercadoria era até de surpreender. Por exemplo, o transporte de suínos era feito por vagões. Chegados à estação, os porcos eram desembarcados e depois iam tocados pela estrada até o matadouro. Era até bonito ver aquela quantidade de porcos sendo conduzidos por três ou quatro pessoas até os chiqueiros, onde aguardavam ser abatidos. Eram porcos gordos e grandes e de quando em vez acontecia o “estouro da porcada”, saindo vários em desembestada carreira pelos pastos e invariavelmente protegiam-se no mato do Barão, onde hoje se localiza parte da Vila Nhô Quim.

Mas os porcos que escapavam do Matadouro não tinham melhor fim. Caçadores improvisados e amadores penetravam no mato, armados de espingardas, para abatê-los. Certa feita foram dois amigos à caça dos porcos. O Pedro Segatto como guia e o Chico Corrente como matador, empunhando sua espingarda. Penetraram no mato, cautelosamente, para não fazer barulho e não espantar a caça. Eis quando o Pedro Segatto encontra um porco e o apontando diz ao Chico:

— Atira!!!

Chico aponta a espingarda e puxa o gatilho, mas nada acontece. Só então percebeu que tinha perdido o cano da arma, que se enroscou num cipó um pouco atrás.

O transporte da cana das carregadeiras ao Engenho era feito em vagões próprios para tal fim e cada máquina puxava cerca de dez unidades. Era uma composição enor-

me e a velocidade pequena. Então os moleques iam à luta procurando tirar dos vagões o máximo de canas.

Quando uma composição parava no desvio da Sorocabana, aguardando outra passar, dava-se um verdadeiro assalto, subindo alguns mais corajosos nos vagões para atirar ao chão, feixes inteiros. Era uma empresa arriscada, pois os guardas munidos de cacetes procuravam atingir os malandros.

O produto conseguido, tirado dos vagões, era levado para a frente da casa do Tico Balestiero que havia feito uma engenhoca de madeira escolhida, onde se moía, no dia seguinte, produzindo uma garapa deliciosa. Num sábado à tarde, quando estávamos moendo a cana “retirada” na sexta-feira à noite, apareceu na casa do Tico, o Carlos Mahn, mais conhecido como Carlão, chefe de oficina do Seu Mário Dedini. Propôs uma aposta — se conseguisse beber trinta copos normais de garapa, nada pagaria, caso contrário pagaria os que bebeu. Como não tínhamos nada a perder, só fazer força para virar o engenho, pois os “burros” éramos nós, fechou-se a aposta. Carlão sentou-se na cadeira atrás de uma mesa, com os braços sobre a mesma e em cada mão um copo. O Tico com uma jarra cheia de garapa ia enchendo os copos que alternadamente o Carlão levava à boca e bebia. Num quadro negro uma pessoa marcava os copos ingeridos e os moedores, movendo a moenda, molhavam as camisas. O tempo foi passando, a cana se acabando, e o Carlão firme levantando e abaixando os copos. Finalmente, o homem da marcação anunciou trinta copos. O Carlão ganhou a aposta e nós levamos uma canseira e tanto. O Carlos Mahn era casado com D. Albina e tinha dois filhos: Clever e Claudio.

Certas noites, até o último bonde que chegava à estação às 22:30, ficávamos conversando com o guarda noturno da mesma. Contava muitas histórias e fazia mágicas interessantes. Tantas fez que mereceu um apelido — “Benedito engole faca”. Todos o conheciam, uma pessoa muito amável e educada. Seu Benedito foi durante muito tempo cobrador do Jornal de Piracicaba e ficou conhecido pela sua maneira de fazer cobrança com lisuras e pedidos de desculpas. Era mesmo um bom mágico e o Dr. Edmar Kiehl, segundo consta, aprendeu muito com ele.

O Engenho Central possuía alguns alqueires de terra, onde hoje se localizam jardins, o prédio dos escritórios da Dedini (prédio Geny), Fortrac, Agência Ford e vias de saída da cidade. Parte dessas terras eram plantadas com eucaliptos enormes, dando um pouco de verde a essa região, ocupada por uma chácara com muitas variedades de árvores frutíferas. Era chamada de “Chácara do Engenho”. Nela residia o chacareiro e sua família e na própria moradia podia-se comprar frutas da ocasião. Às vezes, ao chegar na residência do chacareiro, não se encontrava ninguém e, ao tocar nas frutas da sala, ouvia-se imediatamente um papagaio gritar:

— “Estão roubando frutas!”

Depois foi instalada em terras da chácara uma fábrica de bebidas. Todos estão lembrados do Whisky Park Lane e Conhac Napoleon, entre outras.

A “Société Sucrerie Brésiliennes” possuía vários dirigentes, mas o que de fato se integrou na sociedade Piracicabana e mais precisamente com os moradores da Vila, foi o Dr. Holger Jensen Kok. O Dr. Kok, como todos o chamavam, gostava de vestir-se com ternos de linho branco, passados pela Naé, muito amável e comunicativo. Sua esposa chamava-se Dona Corina e teve seus filhos nascidos em Piracicaba, como o Dr. Einar Kok que foi Secretário da Indústria e Comércio de São Paulo, no Governo Montouro.

Gostava muito de comer peru. Nós, os moleques daquela época, criávamos os perus e íamos vendê-los ao Dr. Kok. Pagava cinco mil réis e invariavelmente pergun-

tava:

— Peru ou Perá? (peru ou perua).

Era querido na cidade e particularmente na Vila, onde o estádio do Atlético Piracicabano leva o seu nome. Há, no Bairro São Luiz, uma Avenida com seu nome também.

CAPÍTULO XIII

Uma tarde, os moradores da Vila foram despertados de sua apatia, frente ao calor que reinava, por barulho de inúmeros rojões que espocavam. Logo veio a notícia do porquê da alegria — a sorte grande saíra para três vilarezinhos. Seiscentos mil contos de réis, uma fortuna. O Jacob Maule comprou uma loja na cidade situada na esquina da Rua Governador (Rua do Comércio) com a XV de Novembro. Era uma casa de ferragens — “As Duas Âncoras”. Comprou casas, automóveis e tanta coisa, que logo os duzentos mil contos de réis se acabaram.

Seu Antônio Petta empregou bem o dinheiro e teve uma boa vida até o fim.

O terceiro ganhador, Dr. Ernesto Marques, era um engenheiro do Engenho Central, casado e tinha uma filha chamada Terezinha. Ficou logo nosso conhecido, porque comprou a casa do Seu Vitório Cenedese nosso vizinho, mudando-se para ela. Logo em seguida, adquiriu um automóvel último tipo e necessitou fazer uma garagem no quintal.

Foi quando conheci duas pessoas muito especiais — o Coqueto, pedreiro e seu servente, o Antoninho Breveglieri. Nas horas de folga, pulava a cerca divisória dos quintais e lá ficava acompanhando o trabalho dos dois senhores.

O Coqueto morava com um filho na Av. Dr. Eulálio, ao lado do “Sucrerie”. Era italiano e conversava em dialeto de sua região da Itália. Quase não se entendia o que falava. O Antoninho ficava imitando o patrão e eu me divertia a valer, enquanto ia aprendendo alguma coisa da profissão e do palavreado. Era comum, quando alguma coisa não dava certo, o Coqueto falar:

— Varda Che tiro fora uma bestemia. Io hó roto La pipa, e solo há restato La camucha. Porca pipa!

Ou então assim:

— Ostia picola e La grande manja il frate, cola barbucha cosita grande, que vim fina a La canucha.

Deu para entender? Era todo dia a mesma coisa, motivo porque ainda me lembro.

A garagem ficou pronta e o Coqueto com o Antoninho foram embora. Mas daí por diante, sempre que cruzava com o Breviglieri, ouvia a expressão — Ostia picola? E dávamos boas risadas.

O Antônio Breviglieri não seguiu a profissão de pedreiro. Tornou-se um industrial, casou-se com uma das moças dos Bellini — a Anunciata, da fábrica de colchões. Veio a falecer em Araras.

Bem. Seu Ernesto Marques tinha a casa, a garagem e o automóvel. Lá estava o carro na garagem e todo dia de manhã seu proprietário não conseguia fazê-lo funcionar. Tentava tantas vezes que acordava os vizinhos, principalmente meus irmãos José e Humberto. Todo dia um deles precisava socorrer o Dr. Ernesto e tinham sorte pois o carro pegava, para desconsolo do francês.

Depois, o Dr. Ernesto comprou uma fazenda no Município de Rio das Pedras, mudou-se para lá e nunca mais deu notícia.

Um outro personagem, que aparecia de quando em vez na crônica da Vila Rezende, era o Dr. Braz da Nova Friburgo. Era esse mesmo seu nome, pois fora criado do Império. Nasceu em berço de ouro, num palácio do Rio de Janeiro, que foi depois chamado “Palácio do Catete”, residência dos Presidentes da República.

O Dr. Braz e seus irmãos estudaram em Paris, tendo ele se formado em direito. Mas nunca exerceu a profissão e quando podia vinha visitar seu filho Rodolfo, possuidor de uma companhia de aração de terras, que morava na casa de esquina do Jardim do Kok. Seu grande prazer era bancar o veterinário, profissão que não existia em Piracicaba.

Depois de tomar vários aperitivos, aparecia sempre na Farmácia Central, com fórmulas que fazia para tratar seus “clientes”. Quando eu estava por lá, me convidava para acompanhá-lo na visita aos animais. Vi muitos mamíferos curados pelas mãos do improvisado veterinário.

Uma figura que também todos devem recordar, por ter sido muito popular e participar de muitas ocorrências, é a do Dário Giusti. Baixinho, gordinho, de rosto corado como um pimentão, bulindo com todos, era uma atração.

O Dário era o agente do correio da Vila Rezende. A agência era instalada na casa de seu pai, mas duas irmãs é que tomavam conta. Todos os dias, os alunos do Grupo, que desciam a Av. Rui Barbosa e viravam pela Av. Dona Maria Elisa, dobravam a esquina onde a agência estava localizada. Enquanto as irmãs davam conta do correio, o Dário trabalhava de seleiro.

Um dia o Dário casou-se com a Gilda. O casamento religioso foi, à tarde, na Igreja Imaculada Conceição e o civil na própria casa onde iam morar. A casa possuía dois bons salões na frente, com portas de aço e atrás a residência. Ao chegarem os noivos, depois do religioso, soltaram fogos, muitos vivas foram dados, e o padrinho do noivo — Pedrinho Cenedese, colocou no pescoço do mesmo uma chupeta. Uma vermelhidão imensa tomou conta do rosto do Dário, confundindo com a cor berrante da chupeta que permaneceu, a festa toda, dependurada no pescoço taurino do pombinho.

Após a viagem de núpcias, o Dário, voltando, tratou de remover a agência do correio para um dos salões de sua casa, para isso preparada. Houve um mal entendido na família que não queria, principalmente as moças, a transferência. Mas o Dário levou a melhor e a agência saiu. Quem naquele momento passasse por lá ouviria o velho Giusti falar:

— Mama mia! O Dário me porta via il correio!

A nova agência postal ficava na Av. Rui Barbosa, do lado da linha da Sorocabana, bem em frente ao cruzamento com a Av. Dona Francisca. Ao lado, no outro salão, a selaria do Dário. Quando o primeiro filho nasceu, lá estava eu dando mamadeira e fazendo dormir o Julinho. Depois da revolução de 30, nasceu o Getúlio e, finalmente, a esperada menina Ieda que, depois de moça, casou-se com o grande Pepino. Ainda tiveram outra menina, Hélia Rita, para encerrar.

Não poderíamos esquecer da Revolução Constitucionalista de 1932 e seus reflexos na Vila Rezende. Piracicaba enviou para a frente de combate dois batalhões de voluntários, tendo a tropa piracicabana se destacado nos campos de batalha. É só lembrar a Coluna Maldita que, no setor norte, ficou famosa por levar de vencida as piores missões que lhe eram destinadas.

Jacques Cotrim Dias era noivo de minha irmã Palmyra, mais conhecida por Naná. Numa noite, estando os dois na sala, aparece para visitá-los um moço bem mais jovem de 17 anos. Vários familiares apareceram na sala e o mocinho a todos declara com voz firme e penetrante:

— Pessoal... vou fugir de madrugada para São Paulo e me alistar como voluntário. Quero combater por São Paulo.

— Você não está preparado, apenas começou fazer o Tiro de Guerra. Não pode ir sem conhecimento de seus pais, inclusive consentimento — responde o Jacques.



*Major Cláudio Mendes Barbosa
Na Revolução de 1932*



*Nair Barbosa
Enfermeira na Revolução de 1932*

- É por isso que vou fugir.
- Pensa bem, afinal uma revolução é coisa séria — intercede Naná.
- Não, já decidi. Tem que ser agora.

E ninguém conseguiu demover aquele jovem de sua determinação. Era muito amigo do Jacques e de todos de casa. Muitos se recordam dele — Chinim era seu apelido e o nome Natal Meira Barros — tio de Samuel Pfromm Neto.

O Chinim cumpriu o que declarou naquele momento. Uma semana depois chegou a notícia de sua morte em combate. Tornou-se um herói de nossa revolução;

morreu pela liberdade.

Muitos filhos da Vila Rezende participaram do maior movimento cívico de nossa Pátria — a Revolução Constitucionalista de 1932. Vários pagaram com a própria vida a defesa do seu ideal. Seguiram para a luta: Alexandre Petta, Algenor Martins, Pedro Siviero, Benevenuto Candido Cassanatto, Miguel Pampolini, Sylvio C. Campassi, Borga, Major Claudio Barbosa e Nair Barbosa (Cruz Vermelha).

Alexandre Petta também morreu em combate.

Um fato dos idos de 32 digno de nota foi a atuação das Oficinas Dedini, comandadas pelo grande Mário Dedini, em face do movimento cívico.

As oficinas de Seu Mário Dedini sofreram algumas modificações em sua estrutura e programação. Passaram a trabalhar na indústria bélica, para suprir de peças de reposição e munição as tropas em combate. O que mais se salientou, nessa contribuição ao esforço de guerra, foi a fabricação de granadas. Eram fabricadas granadas de ferro fundido, tipo ofensiva, que como se pareciam com um abacaxi, assim eram chamadas. O invólucro, todo modelado com pequenos quadrados, a cúpula arredondada e a outra extremidade cilíndrica, de fato, lembravam um abacaxi. Nunca se soube quantas foram produzidas, mas é verdade que nenhum tostão foi recebido, pois seu Mário fez doação.

CAPÍTULO XIV

Quando seu Mário Dedini mudou-se para a Vila Rezende, vindo de Santa Bárbara, seu irmão Armando o acompanhou, trazendo inclusive sua família. Armando César Dedini era casado com dona Stella Biondo Dedini, sendo que os dois primeiros filhos nasceram em Santa Bárbara. Aliás, propriamente na cidade de Santa Bárbara (ainda não era D'Oeste) nasceu Helena; Leopoldo nasceu na Usina Ester, pois Seu Armando esposa e filha estavam na Usina, onde se faziam reparos. A princípio, moravam na mesma casa os dois irmãos, Mário e Armando, ao lado da primitiva oficina, onde hoje se localizam as Lojas Dedini, na Av. Conceição.

O casal Armando e Stella teve ainda mais três filhas — Ermelinda, Iracema e Edna. O Leopoldo, que conheci, era um menino muito vivo, esperto e brincalhão. Tinha um companheiro inseparável, filho de um empregado da oficina, chamado Armando Alessi. O Armando, amigo do Leopoldo, por ter o rosto muito vermelho e os cabelos de fogo, tinha o apelido de Porco Russo.

Nessa mesma época, minha irmã Mariângela, mais conhecida pelo apelido — Quinha, era muito divertida e brincalhona. Certas noites vestia a farda de meu pai, da Guarda Nacional e com espada e tudo, saía a assustar e amedrontar as pessoas. Chegava a entrar na casa do Leopoldo e ir ao seu quarto, acordando-o. Como o Leopoldo tinha medo de soldado, punha-se a chamar a mãe, enquanto a Quinha dava gargalhadas. Outro lugar a que ia na sua ronda era o bar do Ângelo Mauro, casado com Dona Elvira; tinha os filhos: Nis e Leontina. Um grupo de amigos costumava jogar carteadado proibido, num quarto dos fundos. Era só anunciar polícia que o bando correndo pulava a cerca, que os separava da linha da Sorocabana, e punha o pé no mundo.

Com a perda de seu pai, tão prematuramente, Leopoldo recebeu todo o encargo da família. Jovem ainda, teve que se dedicar ao trabalho, estudando nas horas que podia. Tendo como exemplos o próprio pai e seu tio Mário, foi fácil encontrar o caminho a seguir. Seu tio Mário logo percebeu que possuía ao seu lado uma cabeça privilegiada e se incumbiu de orientá-lo. Assim Leopoldo foi, pouco a pouco, galgando os degraus do sucesso, chegando a um grande empresário, como o tio.

Filhos da Vila Rezende, de muitas famílias, tiveram sucesso e colheram seus frutos, a custa do trabalho e dedicação. Vamos escrever sobre vários deles.

O Célio Cardinali, que aniversariava no dia 29 de fevereiro e por isso só contava a idade de 4 em 4 anos, possuía uma padaria no início da Av. Conceição, defronte à Caixa D'água.

Dentre seus filhos conheci bem o Augustinho. Primeiramente foi carpinteiro, tendo trabalhado no madeiramento da casa que meu pai fez construir na esquina da Av. Dona Francisca e Av. Dr. Morato, onde moramos quando viemos do sítio. Na fotografia da casa pronta e dos que participaram da construção lá está ele, mas o próprio Augustinho não conseguiu se identificar.

Depois o carpinteiro mudou de profissão, passando a ser marceneiro, tendo trabalhado muitos anos na oficina de João Nardin, atrás do Mercado Municipal. Nessa ocasião, já era casado com Dona Ida Siviero, filha do Sr. João Siviero, morador da Vila em uma avenida sem saída atrás da Estação Barão de Rezende. Conheci o Gustinho como era chamado, nesse tempo.

Tempos depois, o Gustinho e sua família moraram bem no centro da cidade,

numa casa do lado do Banco Comercial, onde era a sede do Centro Acadêmico Luiz de Queiroz. Além do trabalho de marceneiro, juntamente com a esposa, zelava pelas instalações do A encarnado.

Mas Gustinho e sua família não paravam. Voltaram para a Vila na mesma casa do velho pai, então falecido, e instalaram um bem moderno bar e restaurante, inaugurando naquela época a refeição industrial. Foi o pioneiro do restaurante industrial. Faziam parte de sua família além da esposa Dona Ida, os filhos: Djalma Célio Cardinalli (casado com Ivete Guaraldo); Irandir (Didi, casado com Matia Eudacir); Ednéia (casada com Dylnei Consolmagno); Nadir (casada com Petrocelli), Benito Valdier (casado com Carolina Augusta); Augusto Junior (casado com Elza Maria Modesto).



Luiz Paulino e Leopoldo Dedini



*O Batizado do Roberto
D. Otilia Dedini carrega o filho de
Leopoldo Dedini*

Alguns anos depois, já vitorioso, resolveu mudar de ramo e local. Abriu uma casa de presentes finos, que se tornou uma das maiores de Piracicaba — “Casa Cardinalli”, até hoje contando com o favoritismo e a admiração dos piracicabanos. Mais um vilão que venceu.

José Paterniani, sócio de seu irmão Benevenuto (Bino), num bem instalado posto de gasolina, com oficina mecânica anexa para outros serviços, foi um habitante do bairro rezendino, que teve o orgulho e alegria de ver seu filho Ernesto formar-se na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz.

Entretanto, essa formatura não foi um fim, mas, sim, o começo de uma brilhante carreira universitária. Ernesto Paterniani foi aos poucos galgando todos os degraus da difícil e espinhosa Universidade. Tornou-se um cientista, na área da genética, de fama internacional. Mais um aluno do Grupo Escolar de Vila Rezende, ex-pupilo do Prof. Jarbas de Oliveira Jóas, a alcançar, pelo esforço e dedicação, a glória em sua carreira.

José Paterniani era casado com D. Almerinda De Vita e, além do Ernesto, tinha outro filho — Atílio.

Se existe uma profissão que deve ser admirada, se existe um profissional que deve ser respeitado, amado e mesmo idolatrado por nós todos, é sem dúvida o professor primário. Primário, aqui, não tem sentido pejorativo, pelo contrário, é a principal peça de toda uma cadeia que começa na infância. Quem educa a criança, quem molda

seus sentimentos, quem mostra o caminho estreito e reto para seguir, é o professor do grupo escolar, é o professor primário. O primeiro a pegar uma massa disforme e modelá-la. É quem coloca a criança no bom caminho, ao qual nunca mais se desviará, como disse Salomão.

No dia em que os poderes públicos derem maior atenção à escola primária, melhores condições de trabalho ao professor, na certa mudará a mentalidade dos habitantes deste país.

Relembrando os meninos e meninas da Vila, vamos verificar, com satisfação, que um grande número se formou professor e se dedicou ao magistério. Podemos nomeá-los:

Família Cláudio Barbosa (Major) – Nair, Carlos e Carlinda; Família Atualpa Vaz de Melo – Juraçy; Família João Alleoni – Lourdes e Mercedes; Família Valler – Ulda e Neyde; Família Carmignani – Lucila; Família Busatto – Joana e Mozart; Família Filippini – Newton; Família D’Abronzo – Aninha e Susana; Família Aldrovandi – Nair; Família Grillo – Jocelina, Abigail, Vilson, Lázaro e Rui; Família Fioravante – Elidia, Alice, Afonso, João Fioravante Junior (prof. secundário).

Como professores do 2º. grau citamos Maria Bernadette Martins (prof. de Francês), Humberto Aldrovandi Jr. (prof. de Filosofia), Jacob Bergamim (prof. universitário), Armando Bergamim (prof. universitário).

Outros filhos da Vila, que também conquistaram seu galardão, foram os que se dedicaram a uma profissão árdua, difícil, que exige enorme dedicação e vontade, penosa, sacrificada, às vezes injusta, sempre triste, incompreendida e criticada. Apesar de tudo, um sacerdócio, milagrosa, gratificante, esperançosa, humanitária, recompensadora pela alegria de quem nasce; recuperam saúde e vencem a morte. Uma profissão que dá ao seu profissional o maior número de oportunidades de fazer o bem, de aproximar de Deus. A medicina é essa profissão. Às vezes cura, mas consola sempre.

Formaram-se em medicina os seguintes vilarezendinos: Francisco Bergamim, Alcides Aldrovandi, Benito Felippini, Cláudio Mahn, Eurotides Vendemiatti, Ítalo Mazzonetto D’Stefano, Wilson Mazzonetto D’Stefano, Atahualpa Vaz de Melo Ferracci, Eliana Amancio, Luiz Campassi Filho, Olivio Nazareno Alleoni, Rui Barbosa de Godoy, Rodolfo Gandim Filho, Valdir Cesar Braiotti, Weber Reynolds Caselatto, Hélio Antonio Fabri, Noedy Groppo Stolf, Airdo Groppo, Amauri Groppo, Fernando Dall’Ara.

Certa ocasião, eu e mais um amigo fomos fazer uma visita ao Ítalo. A família toda estava presente. Seu Vicente, pai do Ítalo, muito alegre e expansivo falando da festa de formatura do filho, que se daria dentro de uns quatro anos. Seria uma festa inesquecível e já havia guardado uma garrafa do melhor vinho italiano, para comemorar. Para provar o que dizia, ausentou-se um pouco e voltou trazendo a garrafa que a todos mostrava com orgulho:

– Este vinho só vamos tomar no dia da formatura do Ítalo e pronto.

– Pai, vamos tomar agora – disse o Gerson.

– Pela Madona Santa, não diga uma heresia desta! Só na festa do Ítalo e pronto. E retirou-se para guardar a garrafa. Enquanto Seu Vicente não voltava, os filhos nos contaram que já tinham bebido o vinho, que foi substituído por água colorida.

Como comerciantes e industriais se projetaram: Constante Valler, José Valler, Valentim Valler, Duvílio Giovanetti, Antonio Breviglieri, Waldomyro Perissinoto (o precursor da incomparável Codistil), Américo Perissinoto (pioneiro da Destilaria Morlet), Luiz Pescarim, João Carmignani, Humberto D’Abronzo, Armando Dedini, Walter Dedini, Walter Stolf, Hermendino Santim, Mário Mantoni, Leopoldo Dedini.

Alguns se empenharam na agro-indústria açucareira, tornando-se usineiros. São eles: Ângelo Filippini, Mylos Filippini, Lázaro Pinto Sampaio, Antônio Mazzone, Valentim Valler, João Andia.

Entre dirigentes de empresas e administradores salientaram-se: Lázaro Pinto Sampaio, Tarcísio Mascarim, Pedro Caldari, Roberto Carvalho (Coba), Rene Trombani, Lourenço Ducatti, Leopoldo Dedini.

Um filho da Vila que também se projetou foi Domingos José Aldrovandi, um dos primeiros contadores da Dedini, vindo após o Francisco Germano (Chico Tuim). Depois, como farmacêutico, abriu a Farmácia Central na Av. Rui Barbosa. Foi industrial, montando uma fábrica de papelão no sítio do Kalembay e, como lavrador e produtor de cana, um líder da classe, fundando a Associação dos Fornecedores de Cana de Piracicaba, a Cooperativa dos Plantadores de Cana do Estado de São Paulo. Foi presidente das duas entidades, também presidente da Associação Brasileira de Fornecedores de Cana e representante dos canavieiros a IAA. Foi Vereador e Deputado Estadual, por duas legislaturas.

Finalmente, foi o pioneiro na luta para construir e fazer funcionar um grande hospital situado na Vila — “Hospital dos Plantadores de Cana — Domingos José Aldrovandi”.

CAPÍTULO XV

Muitas famílias vilarezendinas ficaram conhecidas, e são sempre lembradas com simpatia, pela maneira de ser e de se comportarem seus integrantes. Pessoas simples, educadas, atuantes, que participavam da vida comunitária evidenciando sempre seu coração imenso de bondade. Prestativas, humanas, caridosas, não mediam esforços para atender quem necessitava de auxílio, ajuda, carinho ou consolo. E assim aos poucos, a amizade, entre elas, foi a tônica que dominava, fazendo da Vila um bairro em que todos se conheciam, tornaram-se parentes, compadres, afilhados, padrinhos, amigos nos jogos, participantes de rodas de conversas, companheiros de caçadas, pescarias, natação, passeios. Todos amigos sinceros, a ponto de torná-la uma grande família.

Tomando por ponto de referência a Serraria dos Moretti, que ficava depois da primeira curva da linha do trem além da Estação Barão de Rezende, existia uma área toda gramada e cheia de trilhas de terra, feitas pelo passar constante de pessoas e que às levavam às casas aí existentes. Mais ou menos no centro do gramado, havia um tanque grande de lavar roupa e uma única torneira que servia a todas as casas. A casa grande dos Moretti, de um lado, e outras menores como que delimitava uma praça, onde moravam os Negri (com quem eu tinha mais contato, formado pelo casal Carlos e Clementina e os filhos Paulo, Celeste, Maria e Luiza), Oriani, Baroni, Boni, Angeli, Victor, Voltani e outros mais. O barracão enorme da serraria, seu pátio com toras de madeira, completavam o lado do restante.

Logo abaixo desse conjunto, em direção da estação, havia uma casa isolada, cercada de “barba-de-bode” por todos os lados. Abaixo dela passava um trilho, que ligava o leito da Sorocabana à continuação da Av. Conceição, onde havia uma fábrica de sabão do Armando Voltani. Pois bem, nessa casa morava o Seu João Augusto, ajudante de chefe de trem, Dona Antônia Macharelli Augusto, sua esposa e os filhos Esmeralda, Antônio, Maria das Dores e José. Dona Antônia, como era conhecida, trabalhava na casa de Dona Ana Valler, além de cuidar de sua própria casa e de sua família. Sempre alegre e resoluta não esmorecia diante de suas tarefas inúmeras que executava. Era uma excelente companhia para as pessoas enfermas e acamadas, as quais atendia com carinho e afeto nunca vistos.

Todos filhos do casal se encarrilharam na vida. O Antônio foi telegrafista da Sorocabana; o José, bancário do Banco do Brasil; a Esmeralda casou-se com o Euthymio Mendes de Almeida, contador do Engenho Central; e a Maria das Dores, que todos conheciam por “Cotinha”, foi a musa inspiradora do maior conhecedor, entre nós, da Música Popular Brasileira e seus autores — Manoel Lopes Alarcon.

Conta-se que numa noite de luar, Dona Antônia foi acordada por uivos lacinantes de cachorro. Abriu a janela e deparou-se com um enorme cachorro todo preto. Ao vê-lo assim falou:

— Puxa, Dominginho!

E o cachorrão desapareceu. Surgiu daí a lenda que o molhador da Av. Rui Barbosa era um lobisomem.

Por algum tempo, na casa onde morou o Dr. Ernesto Marques (o que ganhou na loteria), nosso vizinho, residiu um casal. Era Seu Antônio Zagaia e sua esposa Maria. Ele trabalhava na conserva da linha da Sorocabana e sua mulher tomava conta da casa. Eram uma espécie de caseiros. Para aumentar um pouco o orçamento da casa, Dona

Maria resolveu fazer pastéis aos domingos e feriados e seu Antônio saía a vendê-los. A coisa deu certo e não havia pastel que chegasse. Então um companheiro de trabalho de Seu Antônio, chamado Pio, resolveu entrar no negócio. Pensando em aumentar o lucro teve uma idéia — colocar meia azeitona em cada pastel!

Santo Balestiero (Santoni), casado com Dona Maria Corrente, tinha uma venda na Av. Conceição esquina da Av. Barão de Valença. Seu armazém era muito procurado, porque sua sobrinha Angelina, moça gaúcha de rara beleza, sempre estava lá, ajudando no atendimento. Os que mais freqüentavam o local eram os moços empregados da Dedini, mas quem se casou com ela foi o Duilio Giovanetti que tinha uma venda do outro lado da avenida.



Membros da família Balestiero

Da esq. para a dir.: Santo Balestiero, Maria Corrente Balestiero, Albino Afonso Balestiero, Antônia Balestiero Ribeiro, Benevenuto Balestiero

Dos velhos Corrente, que moravam no último quarteirão da Av. Barão de Valença, conheci a Dona Mima, Seu Pedro e seus filhos, José (Bepe), Silvio (Chico), Luiz (Jota), Domingos (Moreno), Maria, Mariana, Ginebra e Terezinha. Seu José morava perto de nossa casa, na Av. Salaz (hoje Mário Dedini) e esquina da Av. Santo Estêvam. Tinha numerosa família e convivi com muitos deles por terem idades do nosso grupo. Lembro-me de João, Rosa, Euclides, Guido, Emilio, Santo, Esmeralda, José e Augusto.

Entre os filhos do Seu José Corrente, Santo era o mais conhecido e apreciado pelo seu bom coração e físico respeitável, sempre defendendo os mais fracos, não permitindo injustiças, abuso da força e humilhações. Talvez por essas qualidades, que muitos invejam, era às vezes levado a praticar certos atos instigados e orientados por maus amigos que o deixavam em maus lençóis. É o caso, por exemplo, que passo a relatar. Santo veio a saber e, com toda certeza, que um amigo estava sendo traído pela esposa. Isso naquele tempo era uma tragédia grega. Queria avisar ao amigo, mas não tinha coragem de fazê-lo. Ficou obcecado com esse problema e aos mais experientes perguntava como poderia agir de maneira discreta e menos chocante. Um “amigo da onça”, quando questionado, aventou a hipótese do uso da carta anônima, sem entrar em muitos detalhes, já de caso pensado. Santo aprovou a idéia e escreveu uma carta

ao amigo traído, relatando o que vinha acontecendo. Só que ao terminá-la escreveu: anônimo, Santo Corrente.

João Guarda morava na última casa da Av. Rui Barbosa. Depois da casa passavam os trilhos da Sorocabana. Ele, seleiro de profissão, era muito amigo das crianças já grandinhas, que lhe levavam as “bolas de capotão”, para consertar. Nunca nos cobrou por esse serviço. Possuía família numerosa: esposa, Amélia Spaziani Guarda, filhos: Rosário (Foguinho), Fernando, Adria, Ermelinda Benvinda, Pedro Durval, João Antônio, Itacir Luiz, Alfredo, Leonice, Walter Penido e Elídia. Era uma família e tanto. Seu João usava mandar cortar o cabelo dos meninos, bem, cortar não, raspar, máquina número um. Uma família nova mudou-se para a casa vizinha, que estava vaga. Ainda as duas famílias não se conheciam. Numa tarde, seu João voltava para casa e notou um menino de cabeça pelada fazendo uma brincadeira perigosa — atirando pedras para o outro lado da avenida. Não teve dúvida. Tirou a cinta e deu várias cintadas no menino. Qual não foi seu espanto, quando o menino chorando lhe diz:

– Vou contar pô meu pai. Eu não sou seu filho..

A família Castellani morava inicialmente na esquina da Av. Rui Barbosa com a Av. Salaz (hoje Mário Dedini), do lado oposto à Farmácia Central. Não conheci o chefe da família. A mãe era Dona Emma, já bem avançada em idade, e os filhos: Inês, ótima pessoa acompanhante de enfermos acamados; Raul (casou-se com a filha de Raymundo Fiorim); Ledemar (casou-se com a Rosa Corrente); Antônio (casou-se com Luiza Barion, irmã do Jacob) e Jorge que na época era sapateiro, cuja oficina era no cômodo da frente da casa. Tempos depois, fiquei sabendo que o nome do velho Castellani era Guilherme.

O Raul era gago e trabalhava no Engenho Central. Para cortar caminho, quando ia para o serviço, usava uma pinguela sobre o “Rego do Engenho”. Um dia, ao chegar para entrar na pinguela, outra pessoa chega no lado posto. Diante da indecisão do Raul o mesmo fala:

– Fa..fa..ça o fa..fa..fa..vor,pa..pas..se...

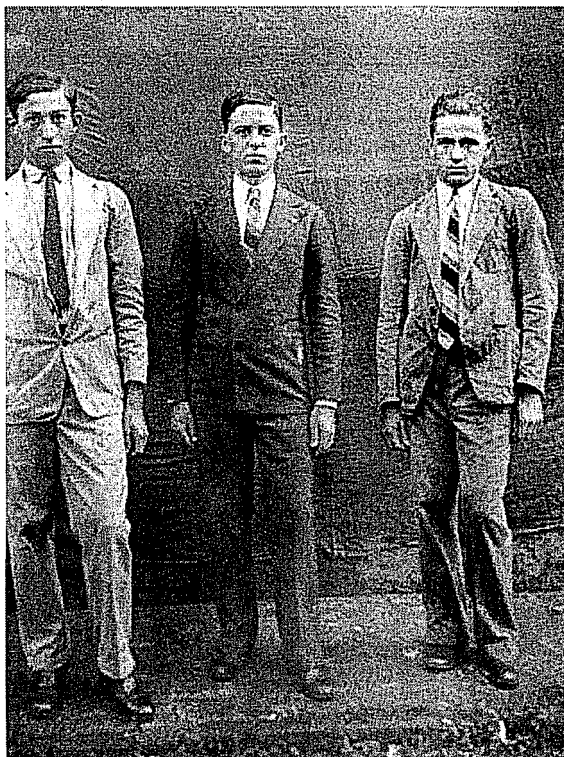
O Raul ficou impassível (que tal o trocadilho?) e fez gestos para o outro atravessar o tronco.

Depois contando o ocorrido, se justificava:

– Se eu fa..fa..fa..lasse, ele i ia pen..sar, que eu es..ta..ta..va ca..ca..ço..ço..an..do!

Um menino daquela época, que merecia ser lembrado, é o Antônio Badialli. Começou a trabalhar enquanto outros de sua idade brincavam. Foi aprendiz de barbeiro do Gustavo Paulilo e do Vicente. Estudava à noite e formou-se contador. Aos poucos se projetou pelo seu valor; tendo começado nos escritórios da Dedini, depois foi chefe de escritório de várias usinas.

Nas esquinas da Av. Rui Barbosa com Av. Dr. Moratto, ao lado direito de quem sobe, existiam duas vendas. A de baixo era do João Trombani, cujo filho Rogério casou-se com a Zaira Papini. Desse casamento nasceu o René, moço simpático, estudioso e que como contador alcançou sucesso junto às usinas da região.



*Três amigos aos 17 anos
Jorge Castellani, Humberto D'Abronzio
Luiz Beccari*

Do lado de cima a venda de João Braião, inicialmente localizada na saída para São Pedro, Rio Claro e Limeira. A primeira venda situava-se um pouco acima do local onde os leprosos ficavam pedindo esmolas. Seu João Braião era casado com D. Luiza Spolidório, tendo ambos vivido muitos anos. Ele 96 e ela 90. Tiveram os seguintes filhos: Odila Braião era parteira no bairro e muita gente nasceu em suas mãos. Foi casada com José Fabretti (lavrador); Carolina Braião, casada com Bruno Atizano, mudou-se para São Paulo; Maria Braião, mais conhecida por Mariquinha, foi casada em primeiras núpcias com Leonel Boni. Na segunda vez casou-se com José Gomes, o popular Vica, barbeiro, jogador de baralho, muito estimado na Vila. A Mariquinha, durante 56 anos fez jogo do bicho; Helena Braião, casada com José Simionatto (sitante e comerciante); Santo Braião (Tinha), casado com Irene Viliotti, trabalhou com o pai no armazém e foi sócio da Hima Aristide Braião (Bilo) casado com Lúcia Fillet e sócio da Hima; Jonas Braião, solteiro e também sócio da Hima; Denis Braião, casado com Edith e além de ser sócio da Hima tem sua casa de aparelhos e acessórios para usinas.

Seu João Braião era um dos campeões de bocce no Papini.

Havia na Av. Rui Barbosa, nas proximidades do Papini, duas oficinas. Uma de ferreiros e a outra de armeiros. Os ferreiros eram os irmãos Blumer todos de aparência atléticas e muito trabalhadores.

A outra oficina era raridade naquela época—consertador de armas, vejam só. Mas pensando bem, os possuidores de armas eram muitos pois quem não caçava pelos campos além da Vila Rezende? Não precisava ir muito longe para encontrar caça, principalmente aves.

Os armeiros eram os componentes da família Oss: Francisco, Antônio, José, Jacob e Domingos.

Os meios de transporte no bairro eram os mais primitivos. Primeiramente carrinhos de tração animal, havendo dois profissionais de respeito.

Como os carros eram mais transportar bebidas, pois havia duas grandes indústrias engarrafadoras, a Cavalinho e a Tátuzinho, que tomavam conta do mercado, o Atilio Betoni e o Nicola Pizelli eram desse ramo.

Atilio Betoni morava em frente ao bar do Papini, homem truculento, trabalhador e amigo de todos. Tinha uma filha — a Mariquinha, que se casou com Osvaldo Libório (Negadinha), e um filho — o Tintim.

O Nicola era irmão de dona Rosa Pizelli D’Abronzo e, além de trabalhar, ficou famoso tocador de acordeon. Foi casado com Maria Regina Gois Pizinelli e seus filhos eram Armando, Guiomar (casada com Oriente Melotto) e o Antônio.

Ainda no mesmo ramo de transporte havia o Arlindo Oriani, que morava na Av. Barão de Serra Negra, logo acima da linha do Engenho Central.

Depois surgiu outro meio de transporte — o automóvel. Havia uma caminhonete, conhecida de todos, que andava pelas avenidas do bairro. Era Seu Amadeu Voltani com seu calhambeque. Morava na Av. Barão de Serra Negra, próximo da esquina Dona Maria Elisa. De manhã, principalmente no frio, o fordo custava pegar. Era necessário então usar uma manivela, que engatava no motor, e com ajuda da força humana o fazia pegar. O filho do Seu Amadeu ficava na direção e dava a partida enquanto o velho virava a manivela. Às vezes cansava e então dizia para o filho:

– “Alora ti, chimbeca!”

E ainda havia o João Turolla com sua caminhonete.

Romano Bertine casou-se com Rosa Ana Cenedese. Do matrimônio nasceram os filhos, Hélio, Clausner (Neis), Maria de Lourdes e Gemma. Pessoa muito benquista e relacionada, possuía uma loja de tecidos, aliás a única da Vila, na Av. Rui Barbosa um pouco abaixo do Papini.

Além da loja, tinha uma alfaiataria, onde seu irmão José o ajudava. O Hélio foi meu colega no Instituto Baronesa de Rezende e o Neis (assim que era conhecido) colega no Grupo Escolar.

Na confluência da Av. Dona Francisca com a Av. Rui Barbosa, numa casa que parecia a ponta de um ferro de passar roupa, localizava-se a sapataria do Seu Luiz Tordin. Além de vender sapatos, o proprietário também os consertava. Casado e com filhos, residia no mesmo local. Sua esposa era Antonietta Ferrari Tordin (Toni) e os filhos Noemia, Êsio, Luiz Victor, Reinaldo, Renato, Tereza e Gema.

Do lado da Av. Rui Barbosa abriam-se três portas e outra ficava truncando o bico do ferro, bem na esquina. Frequentemente, ao cair da noite, era comum grupos de crianças se reunirem para contar casos, sentados nas soleiras das portas. Quando, no melhor da festa, no auge das conversas, recebiam no traseiro um jato de água fria, obra dos moradores que com baldes cheios nos espantavam. O difícil era explicar em casa, porque estávamos com as calças molhadas.

Do lado oposto do Papini, na Av. Rui Barbosa, existia um salão de barbeiro. Lembro-me de muitas vezes ter ido até lá, levar ferro elétrico de passar roupa ou um guarda-chuva quebrado, para consertá-los. Sempre me atendia um senhor baixo e gor-

do, meio careca, de voz macia. Era seu Alberto Pinto Fonseca, que além de barbeiro, acumulava o ofício de consertar pequenos aparelhos e objetos caseiros. Também fazia o então já falado jogo-do-bicho.

Era casado com Dona Maria e tinha os filhos: Ivone, Judith, Dalva, Alberto (Bertico), Antônio (Tuna), Arlete, Diva, Laura. Todos o conheciam por Berto Barbeiro.

Todos se recordam que já foi citado, como subdelegado da Vila, o Sr. Aladino Giovanetti. Ser subdelegado era um “bico”, pois sua profissão era alfaiate. Ladino, como era mais conhecido, residia na Av. Rui Barbosa logo abaixo da loja Bertini e sua alfaiataria ocupava o salão de frente. Sua mulher era costureira. Tinha quatro filhos: Clotilde, Armanda, Clélia e Líbera Elias.

Como subdelegado nada recebia como remuneração. Enfrentava, isso sim, pessoas enfurecidas, armadas e uma porção de problemas para resolver. Quando havia fuga de casais para se casarem, muitos se refugiavam na casa do Seu Aladino, à espera dos pais para concordarem com o casório. Tinha um auxiliar, o soldado Cavalcanti.

Todos perceberam que, até aqui, só falei de famílias moradoras na principal avenida da Vila. De fato a Rui Barbosa foi a Avenida mestra do bairro e tudo se criou ao seu redor.

Uma família que sempre residiu na Av. Dona Francisca, ao lado do campo do Sucrêrie e se beneficiava da sombra dos eucaliptos era a dos Caselato. Família numerosa, como acontecia naqueles tempos, apenas uma dúzia de filhos.



Luiz Tordin

José Caselato (Suzim) e Dona Jacomina Sampronha Caselato (Chéia) formavam o casal. Os filhos eram: Domingos, Ângelo (Pinha), Aristides, Luis (Ico), Antônio (Pitico) e Herculano (Neco). As filhas eram: Helena (Náe), Luisa (Ica), Aurora, Judith, Josefina (Tica) e Amália.

A Náe era uma verdadeira artista, ao passar um casaco e calças de linho. Usava-se roupa feita de “linho 120” e para passar era um problema. Pois a Náe ficou famosa por essa atividade.

O Néco (quem o conhecia pelo nome?) foi coroinha do Padre Gallo. Num aniversário do padre, foi servido um almoço com muitos participantes. O Néco, sempre

solicito e amável, ao ajudar o Padre Gallo sentar-se no lugar de honra, puxou demais a cadeira e o padre sentou no chão. Se o Néco era conhecido na Vila, imaginem depois dessa façanha!

Do lado oposto ao Jardim do Kok, mais precisamente na esquina da Av. Barão de Serra Negra e Av. Dona Lídia, havia uma casa térrea, muito grande. Era moradia dos Mauro, família tradicional da Vila Rezende. As moças eram muito alegres, comunicativas, amigas das minhas irmãs. Sempre realizavam passeios juntas, principalmente a Antonieta e a Quinha.

Seu Sebastião Mauro possuía um sítio e trabalhava na lavoura; casou-se com Dona Francisca Speniolli e tiveram os seguintes filhos: Vicente, Ângelo, Antônio, Egydio, Maria, Joana, Antonieta, Otília e Amélia.

Atualmente, no lugar da antiga casa, há um edifício, ainda em construção que recebeu o nome de Condomínio Francisca Speniolli Mauro homenagem dos filhos à sua querida mãe.

Nos tempos a que estou me referindo, era comum encontrar vários artífices. É o caso do Sr. João Busato. Possuía uma sapataria na Av. Rui Barbosa esquina da Av. Dona Lídia. Sua sapataria compreendia loja de sapatos, oficina de consertos e o mais importante — fabricava sapatos. Era o verdadeiro sapateiro que fazia sob medida o calçado.

Seu João Busato foi casado com D. Mariantonia Renna Busato (Antonieta) e o casal tinha os seguintes filhos: Joana Renna Busato (casada com Pedro Cenedese); Clotilde Busato (casada com Paulo Arruda); Antonieta (Anita), casada com José Santo Alleoni que tiveram três filhos: Maria Ruth (eng. agrônomo), José Rossini (lavrador); Olívio Nazareno (médico); Orlando Busato (casado com Dolores Morales Estevam); Afonso Busato (casado com Alice Gonçalves Salvador); Mozart Busato (solteiro); José Busato (adotivo).

Do outro lado da Av. Rui Barbosa, de frente à casa dos Busato, abaixo da alfaiataria do Aladino Giovanetti, existiam duas casas recuadas do alinhamento. Em uma delas morava Seu Ricieri Caldari, sua esposa Catharia Furlan Caldari e a sua mãe Dona Carolina. Seu Ricieri trabalhou inicialmente na estação de captação de águas, situada na margem esquerda do Rio Piracicaba, um pouco acima da desembocadura do Itapeva. Depois passou a trabalhar com o Perissinoto e posteriormente na Codistil, onde se destacou pelo seu conhecimento no ramo de destilaria, permanecendo como chefe de departamento.

O casal teve dois filhos: Rubens José e Pedro Caldari. O Pedro é atualmente um dos executivos da Codistil, onde goza de grande prestígio.

CAPÍTULO XVI

Dada a proximidade de nossa residência com as “Oficinas Dedini, fui sempre muito ligado a elas. Acompanhei seu desenvolvimento, com novas e modernas instalações. Tinha acesso às mesmas, pois naquela época não havia seguranças, portões estreitos de entrada com guardas uniformizados e armados, necessidade de identificação e tanta burocracia. Todos se conheciam, não havia espionagem industrial, desempregos e outros males de hoje.

A fundição, instalada na Av. Salaz, era um prédio grande e alto. No fundo ficava o forno e a parte restante era a parte reservada para a feitura das caixas com peças para fundir. Os moldes eu já conhecia e sabia como eram feitos, pois anteriormente era “assistente” do Pedro Segatto, um mestre na moldagem.

Aprendemos, eu e meus amigos como fazer as caixas e usar os moldes. As caixas eram duas partes. Uma abaixo do nível do chão, onde era colocado o molde e a outra sobreposta à primeira, onde ficava a outra metade do modelo. Usa-se uma terra especial para a confecção das caixas. Uma terra de cor cinza e muito fina. Terminada a moldagem, a caixa era separada retirando-se a parte superior e em seguida o molde de madeira. Recolocada a parte superior, já com um orifício e canal ligado ao vazio da moldagem, estava tudo pronto para a fundição.

Terminadas todas as caixas, era marcado o dia da fundição. Dia de muito trabalho perigo e beleza. Havia mesmo um grupo de pessoas estranhas ao serviço que comparecia para ver os cadinhos cheios de ferro derretido, tirado do forno e levados para encher as caixas uma a uma, explodindo um sem número de estrelas, simulando uma festa pirotécnica.

O ferro fundindo enchia o vazio deixado pelos moldes nas caixas, modelando as diversas peças pretendidas. Depois de alguns dias, após o esfriamento, as caixas eram abertas e as peças fundidas retiradas, para serem enviadas para usinagem e acabamento.

Nessa ocasião, conheci um senhor de origem italiana, que era chefe da fundição—Seu António Danelon. Muito simples e atencioso explicava todas as dúvidas que tínhamos sobre seu trabalho. Seu Danelon, depois de dar certo tempo, abriu oficina e fundição próprias, tendo vencido na vida com seu ofício.

De tanto ver e acompanhar os trabalhos da fundição da Dedini, resolvemos, um grupo de amigos e eu, ter a nossa própria fundição. Foi assim que, no fundo do quintal de nossa casa, fizemos um pequeno rancho, fabricávamos as caixas e com a terra de fundição “cedida” pela Dedini, começamos nossa brincadeira. Só que o material para fundir, não era ferro, mas, sim, chumbo fornecido pelo meu cunhado Jacques Cotrim Dias. É que o Jacques tinha uma casa de material elétrico e fotografias, na cidade, e os filmes vinham envoltos em uma película de chumbo muito limpo e sem misturas.

Tomavam parte na brincadeira, aliás muito séria e educativa, o Ângelo Turola, o Guido Corrente, o Valentim Valler, o Luiz Campassi (Vi), o Orlando Siviero e eu. Nossos moldes eram soldadinhos de chumbo, chumbadas para pesca, um crucifixo, uma pequena barra de ferro com a palavra Paris em relevo. E assim fizemos um exército de soldadinhos e chumbadas para dar e vender.

Mais nossa vida não era só brincar. Além de fazer lições, tínhamos outras obrigações. Uma delas era levar o cavalo que puxava a charrete conduzindo meu pai para o

sítio. Ao entardecer, lá ia eu puxando o animal até a porteira do pasto do Seu André Guaraldo, localizado onde é hoje o Bairro São Luiz (Bimboca). A porteira ficava do lado da Santa Cruz aí existente, sendo que um dos seus batentes era encostado à mesma. A Santa Cruz ficava no local da atual Igreja São Luiz e diziam que nela estava sepultado um menino vendedor de leite, assassinado por algum malfeitor. Dava medo aproximar da Capelinha; era só tirar o freio do cavalo, fechar a porteira e sair correndo. Certa vez, havia chovido pouco antes de eu levar o cavalo. Quando tirava o freio do animal uma voz vinda do interior da Capelinha perguntou:

— Já parou de chover?



*Na fundição, em pé, à direita, Orlando Galvani,
Ettore Borsatti (chefe da fundição),
Leopoldo Dedini (o menino maior)*

A voz não recebeu resposta alguma e nunca fiquei sabendo quem perguntou!

Depois meu pai comprou um automóvel, marca inglesa—Rugby. Dava muitos socos, pois creio que ainda não tinham inventado os amortecedores. Logo trocou por um Ford 29, bem superior ao primeiro e mais macio. As idas para o sítio passaram a ser feitas de automóvel e era uma atração para nós. Todos queriam ir ao sítio. Por ser o caçula dos homens, eu tinha mais oportunidade de ir.

Meu pai era uma pessoa muito boa, nunca nos bateu, pois sua palavra nos bastava. Tinha o hábito de pensar em voz alta e, às vezes, fazendo gestos com as mãos. Era divertido vê-lo, assim proceder. Certa feita, íamos para o sítio, meu pai dirigindo o fordeco e eu ao seu lado. Lá às tantas ele falou:

— Também, o que fez o Isidoro Lopes na Revolução?

— É mesmo, não fez nada —respondi.

— Cale a boca, que não estou falando com você.

CAPÍTULO XVII

Voltemos a recapitular outros moradores da antiga Vila. A Av. Barão de Valença chegava então até a Av. Conceição. Tempos depois, por lei municipal, votada pela Câmara de Vereadores, o penúltimo quarteirão da mesma foi fechado e o terreno dado para expansão das Oficinas Dedini.

Nesse pedaço de avenida, que desapareceu da planta do bairro, moravam várias famílias. Uma delas era o seu Emílio Campassi, cuja família, como sempre numerosa. Sua esposa era Dona Maria Gobbo Campassi e os filhos: Adelina (funcionária do Centro de Saúde), Olívia, Luiz (Vi), Aristides, Luiza, Angelina, Maria Aparecida e Benedita de Lourdes. Seu Emílio trabalhava no serviço de Águas, que era da competência da The Southern Brasil Electric Co. (Empresa Elétrica). Seu filho, Luiz Campassi, foi meu colega no Grupo da Vila Rezende e companheiro de jogo, tendo vencido na vida como industrial ligado à indústria agro-açucareira.

Vizinha dos Campassi ficava a casa de Seu Ângelo Galvani, que trabalhava na Dedini. Sua esposa chamava-se Dona Olga e os filhos eram: Ant3nio, Ovídio, Orlando e Josefa.

Depois vinha a resid3ncia do seu Const3ncio Acorsi, guarda do Engenho Central. Dona Rosa, sua esposa, era costureira e tinham uma filha chamada Adelina. A especialidade de Dona Rosa era fazer calças masculinas.

Na esquina com a Av. Salaz residia Seu Jos3 Stockmann, chefe geral das Oficinas Dedini. Sua esposa chamava-se Maria Botezelli Stockann e tinha dois filhos: Jos3 e Maria Eunice (Tuta).

Uma família com qual tive um bom relacionamento foi a dos Passini. Seu Nazareno Passini trabalhava como pedreiro no Engenho Central. Depois de ter morado na Av. Dona Lídia e Am3rico Brasiliense, permaneceu na Trav. Maria Maniero. Sua esposa era Dona Etelvina Couto Passini e tinham os seguintes filhos: Elza, Dalva, Mirtes, Milton, Vlado e Nilza.

O Milton Passini fez o curso da Escola SENAI, formando-se na primeira turma. Como pr3mio de sua capacidade e dedicaç3o, ap3s o concurso, tornou-se professor de Desenho T3cnico da mesma escola, onde se aposentou.

A Elza Passini casou-se com Geraldo Vieira da Silva. Creio que ningu3m conhece esse personagem. Mas se eu o chamar de Coringa, tudo se esclarece. Certa ocasi3o, o Coringa e sua esposa estiveram em meu consult3rio. A consulente era Dona Elza. Segundo sua hist3ria, estava casada h3 quatorze anos e nunca ficara gr3vida. Ap3s a anamnese e exame cl3nico, cheguei à conclus3o de que estava gr3vida. Anunciei a boa nova ao casal, quando o Seu Geraldo falou seriamente:

— Dr. Alcides, agora n3o 3 hora de brincar!

Foi dif3cil convenc3-lo e s3o acreditei mesmo, com o resultado do exame de laborat3rio. Tamb3m, depois de tanta espera, havia motivos de sobra para duvidar.

O Valdir era mec3nico de autom3veis e durante muito tempo fui fregu3s dele. Quando possuía um Chevrolet 54, n3o saía da sua oficina. O motor morria a cada parada. Regulado o carburador, melhorava uns dias e novamente o defeito aparecia. Quando chegava na oficina dizia:

— Valdir, este carro est3 morrendo.

— Mas est3 morrendo na m3o de m3dico— respondia sorrindo.

Resumindo a estória, precisei trocar o carburador.

O prédio do Grupo Escolar da Vila Rezende, já descrito no início deste livro, foi construído pelo Engenho Central, quando era seu superintendente o Dr. Holger Jansen Kok, mais conhecido simplesmente por Dr. Kok.

Outros prédios foram construídos pelo Engenho na mesma Av. Dona Maria Elisa. No quarteirão que antecede o do Grupo, havia casas imponentes onde residiam o Major Cláudio Barbosa e Seu Ângelo Filippini. De frente a essas, três casas no mesmo estilo, tijolo à vista, com varandas na frente, completavam o conjunto.

Na casa que mais se destacava, residia o chefe geral da usina do Engenho Central — Sr. Hugo Cavallari. Era pessoa muito conhecida no bairro e possuía grande círculo de amigos. Casado com Dona Maria Biagioni Cavallari, seus filhos eram: Maria, Orlando, Esmeralda, Agenor Rosário, Osvaldo, Geraldo, Itália e Lourdes. Na mesma Av. Dona Maria Elisa, esquina da Av. Barão de Serra Negra, havia uma casa grande, com muitas janelas abrindo para o Jardim do Kok. Era a residência da família Bonilha. A casa ainda existe com algumas modificações.

O Sr. Brotero Bonilha era piracicabano, nascido na fazenda Monte Branco. Formou-se professor pela antiga Escola Complementar, sendo um apaixonado pela profissão que abraçou e a ela dedicou toda sua vida. Lecionou em vários municípios do Estado de São Paulo, voltando depois para sua terra natal, onde foi Diretor das Escolas Reunidas de Recreio. Em 1912, foi criada na Vila Rezende a segunda Escola de Classes Reunidas, que não tendo prédio para sua instalação, funcionou em parte da casa do Prof. Brotero, gentilmente cedida ao Estado.

Somente depois da construção do prédio do Grupo Escolar da Vila Rezende, a Escola de Classes Reunidas foi transferida para a nova acomodação, onde o Prof. Brotero ainda lecionou por mais quinze anos.

O prof. Brotero Bonilha era casado com Dona Maria Cavalheiro Bonilha. Tinha família numerosa: Miécio, Nivaldo, Maria de Lourdes, Francisco, Paulo Domingos, Maria Aparecida, Rubens, Maria Helena e Gilberto são seus filhos.

Vamos voltar novamente à Av. Rui Barbosa. No quarteirão do Papini havia, do lado esquerdo, uma série de casas iguais. Numa delas, mais precisamente a que leva o número 529, morava uma família de nome bem brasileiro — Oliveira Diniz. Seu chefe chamava-se Manoel de Oliveira Diniz — Seu Maneco, como era mais conhecido.

Seu Manoel de Oliveira Diniz, com sua carroça de tração animal, fazia o intercâmbio entre a cidade e os agrupamentos humanos da zona rural. Levava um pouco de tudo, como seja, tecidos, calçados, louças, material de cozinha, perfumarias, sabão, sabonete, vassoura, linha, tesouras, material agrícola. Trocava tudo que levava por produtos dos sítios e fazendas. Voltava carregado com arroz, milho, feijão, hortaliças, batata, mandioca, alho, frangos, leitões. Era um negociante honesto nas suas transações e deixava amigos por toda parte.

Sua família seguiu seu exemplo e todos se encaminharam na vida, sendo pessoas simples, amigos sinceros e estimados. Sua esposa se chamava Florinda Rezende Oliveira Diniz e seus filhos, que até hoje residem na Vila Rezende e amam esse torrão são: Pulcina, Rolando (Rolo), Leodônio (Leo), Noêmia, Flávio, Geny, Irineu e Álvaro.

Em conversa com um grande amigo meu — Lino Vitti, ele me declarou que Seu Maneco foi pessoa de sua infância. Certa ocasião ganhou dele um carrinho de quatro rodas, alegrando a todos os meninos da família, no Bairro de Santana.

Na esquina da Av. Rui Barbosa com a Av. Dr. Eulálio (hoje Monsenhor Jerônimo Gallo), do lado do rio, ainda existe um açougue, cujo prédio pouco se modi-

ficou. Na Vila antiga era o açougue do Zílio, do velho Isídoro e sua esposa Justina. A fachada para a Av. Rui Barbosa apresentava duas portas bem altas, feitas de grades de ferro, que terminavam em arco romano. Entre a curvatura dos dois arcos, uma pintura a óleo de uma cabeça de boi, se destacava.

A família toda se dedicava ao gado vacum. Criava, engordava, matava e vendia. Isso é, os homens. Quem não se recorda do Vitório (pai do Silvio e do Orlando), do Miguel (ligado aos filmes de cinema), do José, do João e do Emílio (sempre de relho na mão!)

Da ala feminina faziam parte a Rosa (a que se casou com Seu Caetano Carmignani), a Luiza (a Sigeta que se casou com Ernesto Papini), a Ana (casada com o Tibúrcio, músico da banda), Antónia (casada com Vicente Naval), Teresa (casada com Miguel Pampolini) e Sílvia (casada com o Alfredo Papini).

Os filhos e netos dos Zílio, citados, ainda continuam a trabalhar no mesmo ramo, sustentando a tradição da família.

Continuando a falar de carne verde, nos vem ao pensamento um outro habitante da Vila, que fazia o mesmo. Seu açougue era ao lado da sapataria Tordin, na mesma avenida.

Este cidadão a memória fixou melhor, porque era raro o dia em que não o via. Nossa família comprava carne dele e quem ia buscá-la era eu, como sempre.

Seu José Bruzantin é o personagem sobre quem escrevo. Era casado com Dona Teresa e tinha três filhas: Dirce (casada com Sr. João Carmignani), Hilda (casada com Sr. Rodolfo Gandim) e Maria da Glória.

Do açougue do Bruzantin, olhando para o outro lado da Av. Rui Barbosa, um pouco mais acima, morava o Sr. Giovanni Baptista Magagnato (Seu João), com sua esposa Edvirges Roveroto Magagnato. Eram seus filhos: António, Fortunato, Manoel Urbano, que poucos conheceram com esses nomes, mas eram o Alcides, Virgílio e Luiza. Seu João foi um dos pioneiros que começaram com seu Mário Dedini, onde sempre trabalhou, mesmo com idade avançada. Seus filhos eram hábeis carpinteiros e também começaram nas Oficinas Dedini. O Alcides sentou-se na mesma carteira do Grupo Escolar de Vila Rezende, ao meu lado. Trabalhou nos escritórios da Dedini.

Quando Seu João Magagnato já estava com certa idade, ficou como guarda noturno do escritório da Dedini, porque ele sempre queria estar em atividade. Era, digamos assim, uma maneira de Seu Mário continuar a prestigiá-lo e estar sempre em contato com o pioneiro daqueles tempos.

Certa vez, quando o Lázaro Pinto Sampaio voltava para sua casa, ao passar na frente do escritório, notou que a porta estava entreaberta. Abriu a porta e entrou, deparando com um revólver sobre o balcão e ninguém presente. Tomou a arma e saiu, pois sabia que pertencia ao guarda. No dia seguinte, Seu João entrava e saía do escritório, preocupado, o que notava pelo aspecto, mas não conversava com ninguém.

O Lázaro notou que Seu João tinha algo para lhe dizer, mas faltava-lhe coragem. Depois de certo tempo o chamou e abrindo a gaveta da mesa, mostrou o revólver. Seu João, espantado e também mais aliviado, perguntou como o revólver tinha ido para ali.

— Eu é que lhe pergunto, como um guarda deixa a sua arma sobre o balcão e desaparece?

— Ah! Per bacco! Agora entendo. O senhor pegou a arma quando eu fui correndo ao banheiro com dor de barriga. Quando voltei para o escritório, não encontrei mais o revólver e fiquei numa dúvida terrível. Com a porta fechada, eu sozinho, como isso poderia ter acontecido?

— Esse é um mistério que o senhor, Seu João, vai ter que descobrir sozinho — respondeu o Lázaro.

Já foi registrado que depois da primeira curva da linha da Sorocabana, além da Estação Barão de Rezende, havia uma serraria de madeira. Era a Serraria Moretti.

Seu Pedro Moretti, casado com Dona Malvina Selb Moretti, morava logo depois da serraria, numa casa grande, para abrigar toda a família. Eram dez filhos a saber: Virgínia, Sebastião Pedro, Alcibiades, Inês, Luiza, Lourdes, Giselda, Próspero, Maria Domingas e mais um, cujo apelido era Bide. Todos trabalhavam em função da serraria. Os Morettis davam muitas festas na ocasião. Eram almoços, jantares homenageando amigos e parentes.

Dentre os filhos do Seu Pedro Moretti, o que mais se destacou, por ter permanecido na Vila, foi Seu Sebastião Pedro Moretti. A princípio, trabalhou na serraria da família, em seguida passou a ser empregado do Engenho Central como ajudante do laboratório de química e depois como responsável da pesagem da cana.

Seu Sebastião Pedro Moretti casou-se com Dona Lídia Savastano Moretti e a família se completava com os seguintes filhos: Jocelina, José, Branca, Teresa, Maria Domingas, Mercedes, Maria Ignês e Mário Wilson.

Outra família a destacar no bairro rezendino é a Mascarim.

O casal tronco, formado por Ângelo Mascarim e Dona Elvira Guarda Mascarim, abriu uma copa formosa formada pelos filhos: Antônio Luiz, Terezinha Nely, Loise, Maria Aparecida, Maria Assumpta, Maria Clara, Guido Leandro, Fernando Roberto e Tarcísio Ângelo.

Um fato interessante foi a união das famílias Moretti e Mascarim, pelo enlace de Maria Ignês com Tarcísio Ângelo.

Tarcísio Ângelo Mascarim é um exemplo a ser seguido pelos jovens, pois sua vida constou sempre de muito trabalho, dedicação e esforço, levando-o ao lugar, sem sombra de dúvida, merecido que hoje ocupa — Diretor das Empresas do Grupo Dedini.

CAPÍTULO XVIII

Vamos agora encarar outro aspecto da vida rezendina. O bairro crescia, seus habitantes aumentavam. A Vila se tornava o bairro mais importante da cidade. O poder público disso se apercebeu e então foi instalado, precisamente no dia 8 de maio de 1918, o Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais de Piracicaba – 2º Subdistrito. Vila Rezende tornava-se um distrito de Piracicaba.

O primeiro local ocupado pelo Cartório foi um prédio na Av. Rui Barbosa (Antiga Av. Areão), nas proximidades da Av. Dr. Eulálio, do lado direito. Havia uma casa de esquina, onde morou o Sr. João Martins, prático de dentista, e sua esposa Dona Zulmira Martins, cirurgiã dentista. Pegada a essa casa, outra bem parecida (gêmea), foi o local escolhido. O oficial maior era o Sr. Joaquim Moreira Coelho Filho, que ficou muito conhecido e estimado por todos, como Nhô Nhô Coelho.

O primeiro Juiz de Paz chamou-se Joaquim Pinto de Almeida. Era proprietário de uma fazenda na qual havia uma represa formada pelo Ribeirão Guamiun, onde atualmente se localiza a Estação Experimental de Cana, com entrada pela rodovia de Rio Claro, logo após a Escola SENAI II. A fazenda do Sr. Joaquinzinho Pinto, como era conhecido, fazia divisa com as terras do Sr. Umberto separados justamente pelo “tanque”, como era chamada a represa. Lembro-me bem de que a dita fazenda possuía um engenho, girado por uma roda d’água, razão naturalmente da construção da represa. Além de cana, eram famosas as diversas frutas e a casa da fazenda, feita com tijolos à vista, arcos e assobradada, destacando-se na paisagem verde.

O Seu Nhô Nhô Coelho mudou-se para a cidade e o Cartório passou para o Sr. Lino D’Alkmim e, pouco tempo depois para o Sr. Jonas Leme de Camargo. Seu Jonas transferiu a sede do Cartório para a sua residência na Av. Barão de Serra Negra, logo acima da linha dos trens do Engenho Central.

Quando da falta dos oficiais José Lino D’Alkmim e Jonas Leme de Camargo, havia um senhor que os substituíra, como oficial interino — Seu João Xavier Junior. Tenho uma certidão do meu nascimento com sua assinatura, constando a data de 30 de dezembro de 1936, com os claros preenchidos com letras manuais e caligráfica impecável, como era uso.

Seu Jonas, muito amigo de nossa família, sempre dizia que iria fazer meu casamento. Mudou-se para São Paulo, mas mesmo assim cumpriu a promessa, pois continuou na Capital, no Cartório da Bela Vista, onde me casei.

Após Seu Jonas Leme de Camargo que deixou um largo círculo de amigos na Vila e na cidade, dadas suas qualidades de homem probo, amigo incondicional e prestativo, o Cartório ganhou um novo oficial — Seu Mário Telles.

Sob a direção de Seu Mário Telles, o Cartório voltou para a Av. Rui Barbosa, esquina da Av. João Teodoro, onde permaneceu longo tempo. Seu Mário Telles não deixou os vilarezendinos com saudade de Seu Jonas, pois o substituiu plenamente com suas qualidades e ainda atingiu, com seu trabalho, dedicação e combatividade, outros segmentos da sociedade tal como os da assistência social e esportiva. Participou de inúmeros diretórios de clubes esportivos, especialmente do Atlético, associações de classe, benemerências e culturais.

Atualmente, o Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais de Piracicaba – 2º Distrito, se localiza na Av. Rui Barbosa, nº 82. Sua oficial é a Sra. Branca Aparecida

Telles Cervellini, pessoa de fino trato, ilibada moralmente e de competência a toda prova. Filha de Mário Telles, isso diz tudo.

Os Juizes de Paz passaram a ser eleitos em votação direta, pelo povo, nas ocasiões das eleições municipais. Mais ou menos desde 1928, os senhores Umberto Aldrovandi, Holger Jensen Kok, Ricardo Mazzonetto, Atílio Coli e Antônio de Cillo foram os escolhidos. Entretanto, quem mais exerceu a função foi Seu Umberto.

Eu me lembro que, nos sábados, o papai passava o dia todo no Cartório, pois neste dia da semana era que se concentravam os casamentos. Raro haver casamento durante a semana e fora do Cartório.

Terminada a tarefa, ao chegar em casa, nós perguntávamos ao Capitão quantos tinha “enforcado” e como eram os casais. Sempre tecia comentários sobre os nubentes e os fatos ocorridos. Dizia sempre que a parte mais difícil do ato civil era o momento da assinatura do livro. Quanto tempo se levava para os noivos e os padrinhos “escreverem” os seus nomes! Não sei explicar a razão, porque retive na memória o nome de um casal que, depois de muitos anos, vim conhecer e ser amigo da família. Ao perguntar qual teria sido o casal de noivos mais bonitos casados naquele sábado, Seu Umberto respondeu: Giordano Bóscolo e Ernesta Maria. O Jordão Bóscolo foi muito conhecido na Vila, tendo trabalhado nos escritórios da Codistil, tratando principalmente dos acidentes de trabalho junto à Companhia Ipiranga. A Sra. Ernesta Maria teve gêmeas idênticas (univitelíneas), que encantavam a todos pela beleza — Gleide e Aglaé.

Certa ocasião, ao visitar um paciente enfermo em sua residência, fui surpreendido ao ouvir do mesmo a seguinte pergunta:

— Doutor, o senhor sabe quem fez meu casamento?

— Não — respondi.

— Foi seu pai. O Capitão Umberto Aldrovandi — retrucou.

O nome dessa pessoa, certamente muito conhecida do pessoal da Vila, é Seu Américo Zampieri.

Após o casamento, é lógico, que os convidados se dirigissem à recepção. Nos tempos da Vila, na maioria das vezes, as festas se realizavam na casa dos pais das noivas. Eram verdadeiros acontecimentos sociais, aos quais todos compareciam impecavelmente trajados, exibindo jóias e beleza. Um casamento que marcou época na Vila, foi o da filha de Seu Domingos Mazzonetto — Isa Mazzonetto. O noivo era Seu Vicente de Cillo, da família que deu nome ao local onde viveram.



*Luiza (Isa) Mazzonetto
(filha de Domingos Mazzonetto)*

Havia senhoras que se dedicavam a preparar as recepções após o casamento, na própria Vila Rezende. Uma delas, de quem me recordo, era Dona Regina Zampieri, a mãe do Seu Américo referido há pouco. Era uma doceira de mão cheia, como se dizia.

Para casamentos de pessoas mais simples e cujas casas não comportavam uma recepção, havia outra alternativa, aliás, muito usada. Para que servia o já famoso Papini, com a comida feita pela Gigeta? Era uma boa escolha que por muito tempo permaneceu a única. Entretanto, com o passar dos anos, outros locais foram aparecendo que preenchiam as condições para tal. O bar e restaurante do Augustinho Cardinali com Dona Ida na direção da cozinha e o Bar do Grisotto receberam muitos casamentos.



*Casamento do Dr. Vicente de Cillo com Luiza Mazzonetto
Recepção em casa do Seu Domingos Mazzonetto em Vila Rezende*

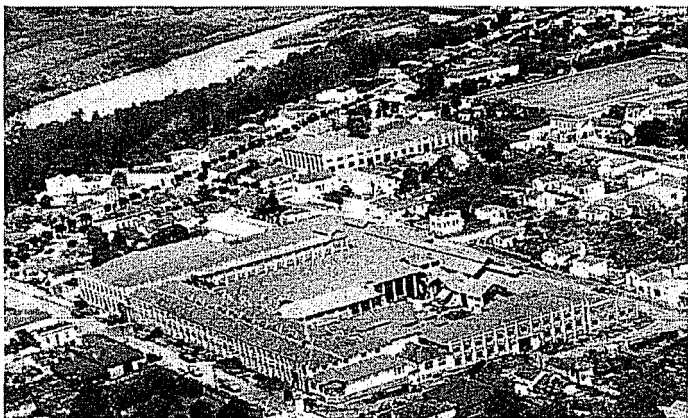
CAPÍTULO XIX

Entre o rio e a linha da Sorocabana, nas proximidades do Matadouro Municipal, havia uns barracões e uma residência. Na casa morava Seu Floriano Grisotto e sua família. No restante da construção instalava-se um curtume. Curtume vem a ser uma fábrica onde se faz o curtimento do couro de animais, deixando pronto para o uso em inúmeras atividades. Todo o couro retirado dos animais abatidos no matadouro era encaminhado para o curtume. O único inconveniente de tal indústria era o mau cheiro que espalhava. A matéria-prima vinha do matadouro.

Seu Floriano era casado com Dona Luiza Bottene Grisotto. O casal tinha os seguintes filhos: Irene, Maria, Sybilla, Delta, Nelly e Oswaldo. Apesar de não morarem propriamente no bairro rezendino, o relacionamento era como se ali estivessem.

Tenho a lembrança bem nítida de que houve uma festa na casa dos Grisotto. Foi armada uma paliçada e a iluminação com eletricidade encantou a todos, já que não havia na casa corrente elétrica. Meu cunhado Jacques Cotrim Dias, ajudado por mim, instalou uma série de baterias, espalhou as lâmpadas próprias adequadamente e a festa foi iluminada, sem os inconvenientes dos lampiões a querosene.

Já nos referimos a uma pessoa da família que agora vamos abordar. Estou me lembrando do Dário Giusti. Sua família foi uma das pioneiras da Vila e permaneceu longo tempo no bairro, como se diz, criou raízes.



Vila Rezende – Vista aérea 1938. Nesta fotografia podemos salientar o tamanho que já apresentavam as Oficinas Dedini (um quarteirão quadrado). Na Av. Salaz (hoje Mário Dedini), 3 casas onde moravam respectivamente: Eugenio Badialli (primeira); Ângelo Rizzolo (segunda); Vitório Zílio (terceira). Esq. Av. Salaz c/ Barão de Valença casa onde residiu Ledemar Castellani. Bem no centro e alto da foto, a Capelinha S. Luiz.

Seu Pelegrino Giusti nasceu em Piza, cidade da Itália, vindo para o Brasil em 1866, ainda muito moço. Em Piracicaba radicou-se na Vila Rezende. Naquela ocasião a Ituana estendia seus trilhos nessas plagas e Seu Pelegrino foi o administrador do assentamento dos mesmos.

Comprou um terreno no bairro do Guamium, onde instalou a primeira fábrica de cal de Piracicaba. Aliás a família Giusti sempre foi muito ligada às caieiras.

Em 1885, casou-se com Gelsumina Giusti, filha de Felício Giusti e Rosalina

Giusti, moradores de Limeira, que apesar do mesmo sobrenome, não eram parentes. Depois de casado, abriu uma venda no bairro Areão, nas proximidades das figueiras. Sempre progredindo, Seu Pelegrino, logo depois, comprou do Barão de Rezende, um enorme terreno entre as avenidas Rui Barbosa (antiga Av. Areão), Maria Eliza, Manoel Conceição e Dona Lydia. Mandou construir, por Victório Cenedese, cinco casas na Av. Rui Barbosa e uma na Av. Maria Elisa. Foram as primeiras casas construídas em alinhamento, exigência da Prefeitura.



*Membros da Família Grizotto
Quando crianças: Irene, Maria, Sybilla e Oswaldo*

Na esquina das Avs. Rui Barbosa e Maria Elisa se localizava a agência do Correio, como já relatado.

O casal Giusti teve muitos filhos. Ei-los: Leonora, Dário Casimiro, Olindo, Carlos, Ângelo, Maria Magdalena, Paulo, Ana, Elvira, Atílio e Aristides.

Ainda a respeito da família Giusti, um fato que muito me ligou a ela. O Aristides Giusti, que era contador da Usina Tamandupá, casou-se com Olga Pianelli. A primeira gravidez acabou em parto normal. Na segunda, o pré-natal foi feito por mim e, após o quinto mês, conclui que a gravidez era gemelar. O tempo foi passando e o dia do parto se aproximando. Várias noites, o Aristides foi me buscar, mas examinando a gestante não era ainda hora. Rebate falso, como se dizia.

Numa noite, o Aristides bateu em casa pelo mesmo motivo. Saí despreocupado pensando que ia acontecer o de sempre — rebate falso. Mas não era. Dessa vez era pra valer. Estava em trabalho de parto e o primeiro já estava nascendo. Pedi ao Aristides que voltasse à minha casa para apanhar o material de que precisava. Sorte que morávamos perto. A família da parturiente, todos nervosos, estava reunida na casa ao lado, da mãe de Olga. Para me ajudar apenas uma tia, dona Abigail.

Nasceu o primeiro feto, uma menina. Minutos depois o segundo, um menino. Todos apareceram para ver os gêmeos e eu cuidando dos mesmos. Lá pelas tantas, Dona Olga reclama de fortes contrações. Peço a todos que se retirem. Ao examiná-la, que surpresa! Vinha nascendo um terceiro feto, que logo apareceu — um menino. Alegria e espanto de todos.

O parto de trigêmeos acontece um em nove mil partos. Não é todo parteiro que tem o privilégio de atender um. Eu, graças ao casal Aristides e Olga, tive esse privilégio.

A Av. Mário Dedini, como todos sabem, foi primeiramente denominada Av. Salaz. No seu primeiro quarteirão, a partir da Av. Rui Barbosa, moravam três famílias: a família Badialli, a família Rizzolo e a família Zílio. Do Victório Zílio já escrevemos, mas quero aproveitar esse momento, apenas para dizer que seu filho Orlando, tão prematuramente chamado a outro mundo, foi meu colega de Grupo e muito meu amigo. Tinha um apelido que nunca entendi — “Manasa”.

O tronco original da Família Rizzolo foi o casal Ferruccio Rizzolo e Amália Busatto Rizzolo. D. Amália foi professora particular de meninos, na Vila. Um de seus alunos era Seu Angelo Filippini.

Ângelo Rizzolo, que foi chefe da carpintaria das oficinas Dedini, muito cedo despontou na Vila. Ainda muito jovem já trabalhava, sendo um daqueles pioneiros dos quais seu Mário Dedini muito se ufanava e prestigiava. Aparece ainda menino numa foto de empregado em 1920.



Família Rizzolo

Da esq. para a dir.: Ângelo Rizzolo, Virgínio Rizzolo, Ferruccio Rizzolo (pai), Amália Busatto Rizzolo (mãe), Luiz Rizzolo.

Também lhe restava tempo de se empenhar em outras atividades, mesmo quando jovem. Pertenceu ao primeiro conjunto orquestral da Vila, fundado e dirigido pelo padre Caravello, anterior ao Padre Gallo, na paróquia. Tocava bandolim.

Quando mais avançado em anos, com o mesmo entusiasmo que lhe era peculiar, abraçou a causa de erguer uma igreja no local da capela São Luiz. Para isso não mediu esforços.

Seu Ângelo Rizzolo casou-se com Dona Rosa Carnio. Desse enlace tiveram os seguintes filhos: Euclides (Rizzolino), Sérgio, António, Flávio e Angelina. A não ser o Flávio que seguiu a carreira de bancário, todos os moços trabalharam na Dedini.

O Euclides, seguindo o exemplo do pai, começou cedo a trabalhar, permanecendo a maior parte do tempo no serviço ao escritório da Dedini tendo como companheiros o António Badiali e o Lourenço Ducatti (Tito). Quando o Rizzolino começou, o contador era o Domingos José Aldrovandi e depois o Lázaro Pinto Sampaio. Depois de 15 anos de Dedini, foi levado para ser chefe do Escritório da Copersucar.

Quando morávamos na Fazenda São João, na Estrada do Meio, na casa próxima ao pomar, residia um casal: Florindo Santin e Luíza Sarto Santin. Eram colonos de meu pai, e tinham a lavoura de cana, além de cereais. O casal Santin tinha um filho — Hermenegildo e cinco filhas: Adelina, Teresa, Emília, Ana e Maria.

Seu Hermenegildo Santin não seguiu o trabalho de seu pai. Mudou-se para a Vila e casou-se com Dona Julieta Sansam Santin. Desse casamento nasceram muitos filhos como era comum naqueles tempos. Vamos nomeá-los: José, Francisco, Mário Antônio, Roselis Regina, Wilson Florindo, Sérgio, Valdir e Roselena.

A família Santin começou com uma oficina pequena, na Trav. Maria Maniero. Logo progrediu, mudando-se então para a Av. Dona Lydia, 139, onde ainda se pode ver o barracão construído na ocasião, para abrigá-la. Não parou aí muito tempo e hoje ocupa um grande terreno na Rodovia Piracicaba - São Pedro km 1, com instalações modernas, sendo uma das grandes metalúrgicas da região.

Seu Marino Mantoni trabalhou duro, na Vila. Sua profissão era carroceiro. Isso mesmo, fazia transporte com uma carroça de tração animal. Depois melhorou de vida e abriu uma venda.

Seu Marino casou-se com uma moça da família Caselato — a Luíza. Tiveram muitos filhos, como sempre acontecia no passado: Mário, Eduardo, Armando (Caipira), Antônia, Ercília, Valentina e Lúcia.



Escritório das Oficinas Dedini – 1942

Da esq. para a dir.: Tito Ducatti, Antônio Badialli, Eglydio Mauro, Euclides Rizzolo (Rizzolino).

Mas não ficou somente nisso. Casou-se em segundas núpcias, com Dona Mocica. Não sei seu nome, mas todos devem se lembrar dela. Do segundo casamento nasceram dois filhos: Antônio e João.

De todos os filhos de Seu Marino, quem mais se projetou, foi Seu Mário Mantoni, no setor de metalurgia. Aos poucos, foi progredindo com a ajuda dos familiares e, hoje detêm em suas mãos o comando de uma grande metalúrgica.

Além disso, Seu Mário Mantoni também se dedicou à política do seu setor, tendo

sido presidente do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo. Mais um filho da Vila que honra a sua origem.

Os Corrente formavam grandes famílias, todas residindo na Vila. Já falamos do tronco de origem deles, os velhos Pedro Corrente e sua esposa Dona Emília Sacheto Corrente. Esse casal pôs no mundo oito filhos.

Um dele, por morar nas proximidades de nossa casa da Av. Conceição e ter filhos nas mesmas idades que nós, se tornou mais conhecido e íntimo. Trata-se de Seu José Corrente, o Bépe como era chamado. Sua casa era na Av. Salaz (depois Mário Dedini), na esquina da Av. Santo Estevam. Possuía fazenda, onde inicialmente seus filhos trabalharam, mas depois todos se encaminharam em outras atividades, na própria Vila.

Seu Bépe era casado com Dona Amélia Grande Corrente e seus filhos, para não deixar de seguir a regra, eram dez: João (Joanim), Augusto (Gustinho), Pedro (Piero), Santo (já citado várias vezes), Euclides (Cride), Guido, Maria, Rosa (que se casou com Ledemar Castelani), Emília e Esmeralda (Lada que se casou com Seu Atilio Cesta).

Como as idades dos Corrente e dos Aldrovandi corriam paralelas, havia amigos para todos. As moças e os jovens, com anos de vida mais ou menos iguais, tiveram amizades duradouras.

Meu amigo era o Guido. Contemporâneo do Grupo e companheiro de brincadeiras, como tirar cana dos trens do engenho, fazer garapa do produto conseguido, na casa do Tico Balestiero, contar histórias sentados nas portas da sapataria do Tordin, etc.

A origem dos Stolf remonta a uma aldeia chamada Fornace, naquela época sob a jurisdição da Áustria. Saíram da Europa pelo Porto de Gênova, chegando a Santos, onde resolveram fixar residência em Piracicaba.

A família era assim constituída: Fidelis (Fedele) Stolf e Luiza Stolf, os pais: Francisco, José, Fortunato, Clementina, Luiz, Gisela e João, os filhos. Primeiramente foram trabalhar na Usina Monte Alegre, depois mudaram-se para o bairro Algodoal, onde foram fornecedores de cana do Engenho Central. Compraram a Fazenda da Glória e, após terem ganho um bom dinheiro com café e cana, os irmãos que trabalhavam juntos decidiram repartir os bens e cada um trabalhar por conta própria. Dois deles permaneceram na Vila Rezende: Luis Stolf que abriu uma venda ou armazém em Água Santa e depois mudou-se atrás da Estação Barão de Rezende, cuja família já foi mencionada; e José Stolf que foi casado com Dona Maria Leonardelli e tiveram quatro filhos: Fidelis, Luiza, Carolina e Alcides. José Stolf estabeleceu-se com uma loja de tecidos.

O mais velho filho do Seu José, o Fidelis, casou-se com Dona Matilde Viliotti e abriu na Av. Rui Barbosa 104, um armazém, com o nome de Empório Rezende, permanecendo sempre à frente de seus negócios.

Seu Fidelis Stolf e sua esposa, eu os conheci, pois muitas vezes, quando aluno do Grupo da Vila, eu descia a Av. Barão de Serra Negra e tomava a Av. Rui Barbosa para ir para a casa, passando em frente de seu Empório. Ficava então intrigado: por que um era venda e outro empório?

Durante os longos anos de trabalho no comércio, o lema de Seu Fidelis sempre foi — trabalho, justiça e honradez. Isso o tornou muito estimado e respeitado por todos os que o conheceram.

Do casamento de Seu Fidelis com Dona Matilde, nasceram os seguintes filhos: Dirce, Dalva, Walter José, Wilson Pedro, Valdir Antônio, Diva Teresa, Wolney Luiz, Pedro e Sérgio Roberto. O casal não mediu esforços e nem sacrifícios para dar a todos os filhos uma sólida educação e formação cristã. Hoje, entre eles, encontram-se um sa-

cerdote estigmatino, uma irmã missionária, engenheiro, industrial, odontólogo, tecnólogo de alimentos, professores secundários e assistente social, todos trabalhando.

Após muitos anos de comércio, sempre no mesmo local, Seu Fidelis passou o Empório Rezende a seu irmão Alides e entrou no ramo de metalurgia. Abriu uma metalúrgica com o nome de Oficina São José, a convite de alguns amigos que eram mecânicos da Dedini. Ele entrou com o capital e os outros com a mão-de-obra.

O empreendimento foi um sucesso e logo tiveram que mudar a oficina para um barracão mais amplo. Passou a direção da mesma para seu filho Walter, que com seu tino administrativo e competência, juntamente com seus sócios, progrediu e chegando à Metalúrgica Santin, que hoje desponta como uma das melhores de Piracicaba.



*Família Fidelis – Matilde Stolf
Bodas de ouro*

A família Cesta sempre se dedicou à lavoura. Residia no bairro Areão, mas logo se mudou para a Fazenda Santa Rosa, uma das muitas que formavam o patrimônio do Engenho Central.

O tronco inicial da família Cesta era formado pelo Seu Jerônimo Cesta e sua esposa Dona Maria Incoronata Torniziello Cesta.

Seu Jerônimo Cesta foi lavrador inicialmente, depois feitor de turma na fazenda Santa Rosa, e logo designado Administrador da referida propriedade. Sua esposa, sempre ao seu lado, o auxiliava em tudo, tendo sido um caso impressionante de longevidade. Morreu aos cem anos de idade. Moravam na casa da Fazenda, uma construção sólida, com varanda na frente e que possuía nada menos do que vinte e oito cômodos.

Os filhos do casal foram os seguintes: Francisco Antônio, Atílio, Rosa, Antonieta, Olívio, Olívia e Florinda.

Francisco Antônio Cesta Neto substituiu o pai na administração da Fazenda Santa Rosa, chegando a ser administrador geral de todas as fazendas do Engenho. Atílio Costa foi o contador e também administrador da Fazenda Santa Rosa, tendo se casado com uma moça da Vila da família Corrente — Esmeralda. A Rosa casou-se com Cândido Vinhoto. Antonietta foi freira, tendo permanecido longo tempo no Colégio

Assumpção. Olívio era contador, indo trabalhar em São Paulo. Olívia casou-se com um moço da Vila, muito nosso conhecido — Moacyr Martins (Lico). E finalmente a Florinda casou-se com o Déscio Croci, indo residir em Bauru.

Seu Jerônimo Cesta, quando administrador da Fazenda Santa Rosa, recebeu, enviado pelo Dr. Kok, um professor da cidade para dar aulas aos adultos. Organizou a classe e inclusive ele era um dos alunos. Foi alfabetizado assim.

No curso seguinte, para alfabetização de adultos, não houve a necessidade da vinda de um professor. Seu Jerônimo Cesta o substituiu. Assim o administrador da Santa Rosa foi o pioneiro nesta função tão nobre.

Quando mudou-se para o Areão em 1920, lá continuou como professor de adultos e trabalhou para a criação de uma escola, cuja primeira professora foi D. Ondina de Campos Toledo.

Em toda fazenda para onde ia, Seu Jerônimo trabalhava para levar uma escola. Na Fazenda Pinhal, a professora se chamava D. Amélia e morava na casa da própria fazenda (1931).

Luiz Pinto e sua família trabalhavam a terra na Fazenda Pitangas em Rio Claro. Por volta de 1934, mudou-se para a Vila Rezende, indo residir na Av. Bimboca (hoje Dona Santana).

A esposa de Seu Luiz Pinto chamava-se Júlia Soave e foram seus filhos os seguintes: Antônio, João, Emílio, Osvaldo, Valdemar, Luiz e Ana Ivone.

Ao lado da moradia dos Pinto, havia uma pensão onde residiam muitos moços quase todos empregados do Engenho Central. A dona da pensão era muito conhecida na Vila, por ser anã. Seu nome era Albertina e o apelido não podia ser outro — Nânica.

Na pensão da Albertina morava um senhor de cor, muito retraído que, entretanto, ficou amigo do Antônio, um dos filhos do Seu Luiz Pinto. Alfredo Bonilha era seu nome e por este talvez ninguém se lembre dele, mas pelo apelido, como sempre, tudo se esclarece — Sinduca. A particularidade de Sinduca, de cor preta, era falar mais com gestos do que com palavras, e discorrer corretamente em italiano, espantando a todos.

A família Pinto, depois, mudou-se para a Chácara da Baronesa, onde, sob as ordens de Seu Mário Witier, plantava cana. Segundo informação do Toninho Pinto, a casa da Baronesa possuía vinte e cinco cômodos e parte das paredes era de barro, sendo que as madeiras todas, lavradas a enxó.

Antônio Pinto passou, mais tarde, a ser empregado do Engenho Central, inicialmente trabalhando na conversão da linha férrea e depois como eletricitista sob a direção do Seu Leonardo Capelari, a quem substituiu na chefia, até a sua aposentadoria.

CAPÍTULO XX

Abordaremos neste capítulo uma instituição, a quem a Vila ficou devendo sua expansão e progresso. Trata-se do Engenho Central, que seria, até o final de 1920, a maior e mais importante indústria da região.

O Engenho Central foi fundado em 1881, pelo Barão de Rezende, mas entrou oficialmente em funcionamento em 1883. Foi instalado para explorar a fabricação do açúcar. Além da parte industrial propriamente dita, o Engenho Central cuidou também da organização e produção de sua matéria-prima, o plantio da cana-de-açúcar em suas inúmeras fazendas e o transporte da mesma até sua usina.



*Casa da Administração da Fazenda Santa Rosa do Engenho Central.
(Possuía 38 cômodos – foi demolida)*

No princípio de sua atuação passou por inúmeras crises, que obrigaram-na fazer uma série de reestruturações, participando de quatro sociedades consecutivas: Empresa do Engenho Central (1881), Niagara Paulista (1891) Societé de Sucrerie de Piracicaba (1899) e, finalmente, Societé de Sucrerie Brésiliennes (1907).

Conheci o Engenho Central, suas fazendas, suas linhas férreas, suas construções na área civil em plena pujança de seus dias, abrindo frentes de trabalho para milhares de operários, como uma das maiores indústrias da região.

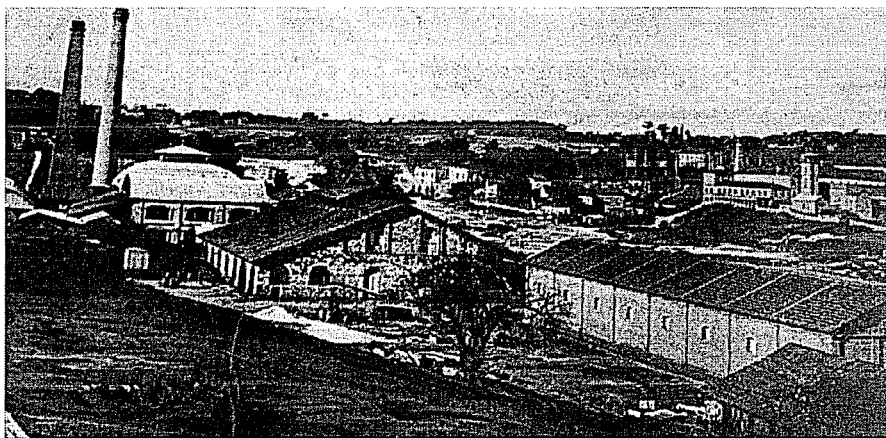
A Societé de Sucrerie Brésiliennes não se restringia apenas a Piracicaba. Suas usinas, além do Engenho Central, se instalaram em Raffard e Porto Feliz no Estado de São Paulo; no Estado do Rio de Janeiro, em Campos, eram três — Cupim, Paraíso e Santa Cruz; em Minas — Usina Fronteira.

As fazendas que possuía em Piracicaba, todas bem cuidadas e administradas para a produção de cana, a cada ano exigiam mais, pois seus derivados, o açúcar e o álcool,

sempre cresciam em sacas e litros, ano a ano. Eram as seguintes: Fazenda Santa Rosa, Fazenda São José, Fazenda Água Santa, Fazenda Pinhal, Fazenda Primavera, Fazenda Zanelli, Fazenda Areão, Fazenda Santa Cruz, Fazenda Jibóia, Fazenda Santa Lídia, Fazenda São Luiz, Fazenda Caiapiá e Chácara São Pedro (Nova Piracicaba).

As propriedades agrícolas, todas, possuíam colônias com casas para os trabalhadores na lavoura e casa para a administração e seus administradores. Eram interligadas por estradas de ferro ou de rodagem, tendo para isso uma estrutura em linhas, oito locomotivas, um sem número de vagões e de veículos a gasolina.

As unidades da Societé de Sucrerie Brésiliennes eram dirigidas e administradas por gerentes, a maior parte de origem francesa, pois sua sede era em Paris. O primeiro gerente da unidade de Vila Rezende foi o Dr. Holger Jensen Kok, o popular Dr. Kok, já citado inúmeras vezes neste trabalho.



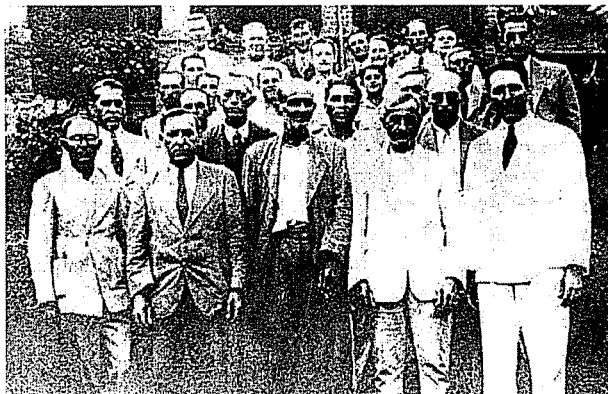
Vista da Usina Piracicaba do Engenho Central

Foi designado diretor o Dr. Daniel Rinn, com quem o “Engenho” teve um grande progresso. Era amante das caçadas e pescarias, apresentando uma lesão num dos braços, produzida pela pata de um leão, quando em caçada pela África. Eram seus filhos: Alaim, André e Odila.

Substituiu o Dr. Rinn, o Dr. Jeans Balbaux. Houve também um gerente substituto, Dr. Gumim, até a nomeação do efetivo Dr. Roberto de Varinei e finalmente o Dr. Marc Mourrois.

A organização administrativa era muito bem distribuída, cada qual com sua responsabilidade. Por exemplo, na parte do plantio de cana-de-açúcar havia uma espécie de agrônomo — Dr. Ernesto Marques e o gerente da lavoura. O primeiro gerente da lavoura foi Seu Atahualpa Vaz de Mello, o segundo, Dr. Pierre Pabilon, o terceiro, Rizzardo Miotto e o quarto e último, o Sr. Francisco Antônio Cesta Neto. O laboratório químico, muito bem equipado, era dirigida pelo Dr. Alex Clement que foi muito amigo das moças do Valler e das minhas irmãs.

Na parte mecânica da usina propriamente dita dava-se o mesmo; o Dr. Marcel Neuvil era o engenheiro mecânico e havia um chefe para cada secção. Foram chefes da mecânica os senhores: Hugo Cavallari, Lourenço Prado (o Pradinho), chefe da eletricidade: Seu Leonardo Capellari e depois Antônio Pinto; chefe da locomoção: José Manoel Felix (Zé Boava), Américo Zampieri, Augusto Costa e Copoli.



*Festa de despedida do Dr. Rinn – Engenho Central
Da esq. para a dir.: (de frente para trás)*

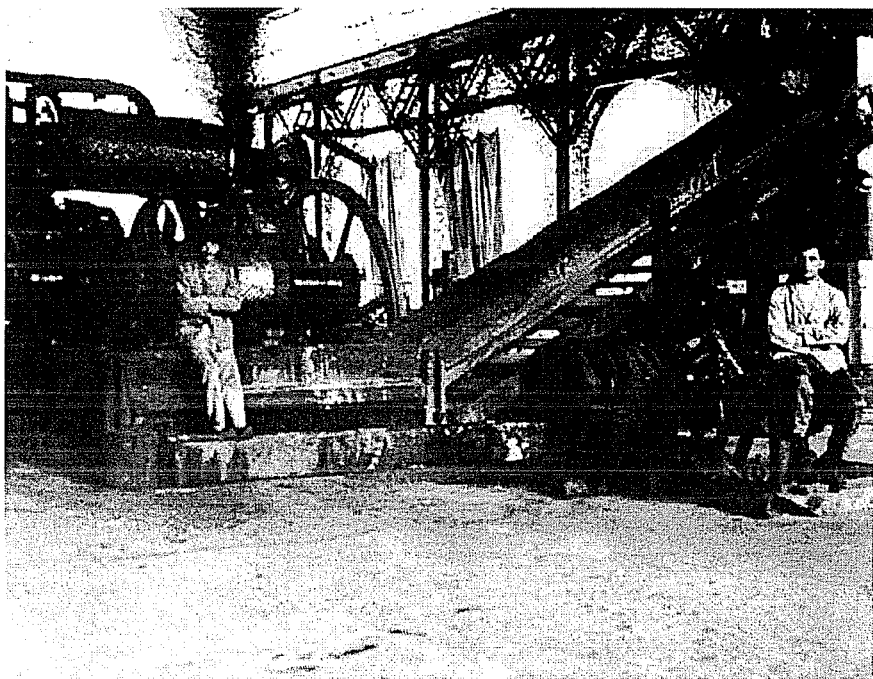
1. Manoel Lourenço (mestre de obras); 2. Leonardo Capellari (chefe de eletricidade); 3. José Manoel Felix (chefe de páteo); 4. Abílio Renzi (chefe de engenho); 5. Oscarlino de Assis (chefe de escritório); 6. Olegário Pereira (chefe almoxarifado); 7. Hugo Cavallari (chefe oficina); 8. Hildebrando Ivo de Barros (chefe pintura); 9. João Bacchini (chefe de engenho); 10. Luiz Chieus (adm. Faz. Zanelli); 11. Henrique Antonio Gallani (aux. escritório); 12. Libero Borghesi (chefe garagens); 13. Lourenço Prado (contra-mestre oficinas); 14. Alípio Laerte Desjardins (mensageiro); 15. Maurício Desjardins (chefe laboratório); 16. Euthymio Mendes de Almeida (caixa); 17. João Barbosa de Godoy (ad. Faz. São Luiz); 18. Rizzardo Miotto (ad. geral); 19. Jeronymo Cesta (ad. Faz. S.Rosa); 20. Benjamin Zem (ad. Faz. Pinhal); 21. Oscar Bressan (contra-mestre carp.); 22. Euclydes de Oliveira Cesar (cocheiro); 23. João Baptista do Amaral (apontador); 24. Augusto Costa (chefe locomoção); 25. Sebastião Pedro Moretti (encarregado transporte).

O Engenho possuía olaria própria, carpintaria, serralheira, turmas de conservação das linhas e departamentos de construção civil, sendo o mestre de obras Seu Manoel Lourenço.

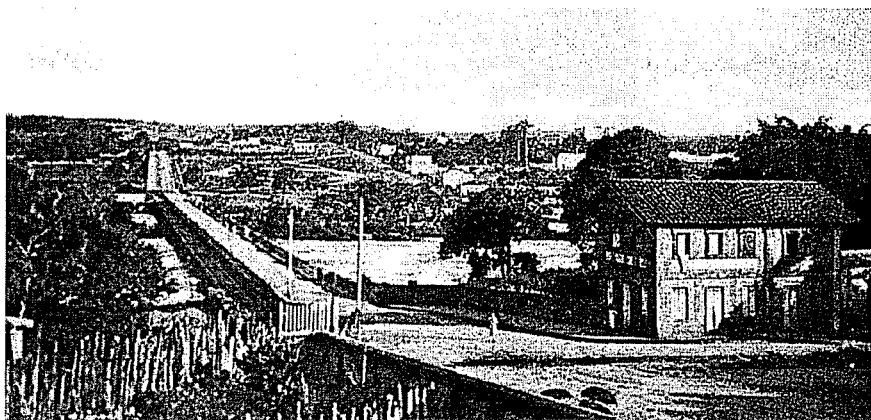
A gerência do Engenho Central não descuidava da saúde de seus empregados. Possuía ambulatório médico com atendimento ao longo da jornada de trabalho. O primeiro médico foi o Dr. Manoel Viana que, além de atender no consultório situado primeiramente na Av. Rui Barbosa em frente à Farmácia São João, também fazia visitas nas fazendas. Depois o consultório foi mudado para o prédio próprio ao lado da linha férrea, nas proximidades da ponte do Rio Piracicaba. Aí o Dr. Tito Gomes de Moraes também integrava a equipe na área de pediatria. Enfermeiros também atuavam na área de saúde. Todos devem se lembrar do José Tozelo, Maria Bernardino e Antônio Santos Godoy, que não mediam esforços para desempenhar suas tarefas e eram muito queridos pelos empregados.

O escritório do Engenho, lembrando que, naquela época, não existia centro de computação de dados, máquinas próprias para contabilidade, xerox, telex, faxes, computadores, deveria ser enorme e com grande número de empregados. Lembro-me dos contadores que aí trabalhavam: Caetano Ripolli, Oscar Assis, Natalin Bertinato, Euthymio Mendes, Ignácio de Oliveira Gusmão, João Batista do Amaral (João Apontador) e Nelson de Andrade Fogaça. Quase todos aposentaram-se no cargo.

O Engenho Central, a Usina Piracicaba da Societé Sucrérie Brésiliennes, era um dos maiores produtores de açúcar e álcool do Estado de São Paulo. Pelo que vimos de sua organização e estrutura, a dimensão do seu patrimônio, os ramos de suas atividades, dá para perceber o número espetacular de seus empregados diretos, somados aos empregados indiretos gerados.

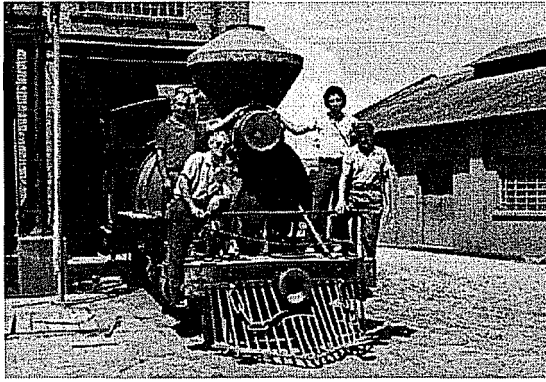


Moendas do Engenho Central



Vista da "Ponte Nova" – Início da Av. Barão de Serra Negra e prédio da Cooperativa dos Empregados do Engenho Central.

Pelo complexo usina e lavoura, podemos aquilatar o universo imenso de famílias que dependiam do Engenho Central. Eram poucas as famílias rezendinas que não tinham algum membro nos quadros de assalariados do Engenho. Daí a importância do Engenho no progresso e expansão do bairro.



Locomotiva do Engenho Central



O Dr. Rinn e seus cães de caça

Todo o complexo industrial e agrícola do Engenho vivia em constante aprimoramento. Novas técnicas, novas medidas, novos métodos eram aplicados, no intuito de melhora da safra, do melhor aproveitamento da matéria-prima na produção de açúcar e álcool, quer em quantidade como em qualidade. O Engenho não era estático, era dinâmico e isso só trazia aos seus empregados uma certa euforia, pois eles também estavam progredindo.

Mas tudo se acabou, deixando em todos apenas a saudade de uma vida toda dada ao Engenho Central. Uma saudade imorredoura que, por pouco, não teria o testemunho frio das paredes de prédios abandonados, de casas desabitadas, de caminhos desaparecidos, de terras sem cultivo.

Graças à visão de homens previdentes, patriotas indiscutíveis, amantes da história, da tradição, da memória, salvou-se um patrimônio intocável, monumento indiscutível de nosso passado.

Um povo que não guarda seu patrimônio, sua memória, não tem história nem tradição. Por isso, com orgulho de um vilarezindino, com o coração exuberante de alegria, quero parabenizar o Dr. José Machado, Prefeito de Piracicaba, os Srs. Vereadores de nossa Câmara, pelo acerto do ato de tombamento do Engenho Central.

Do Engenho ninguém poderá sentir a perda inominável e inoportuna do Teatro Estêvão, da Igreja da Vila Rezende, da Casa da Baronesa, do Casarão da Fazenda Santa Rosa e da Estação Barão de Rezende.



*Plantio de uma árvore comemorativa (Dia da Árvore)
Funcionários do escritório do Engenho Central
Da esq. para a dir.: Nelson de Andrade Fogaça, Ignácio de Oliveira Gusmão,
Francisco Cesta, João Baptista do Amaral, Euthymio Mendes de Almeida,
Oscarlino de Assis, Domingos Peccini (jardineiro), Caetano Ripolli, Natalim Bertinatto.*



*Festividade no Clube Recreativo dos Empregados
do Engenho Central
Da esq. para a dir.: João Angioleto Neto (Perigo), Alípio Laerte Desjardim,
Natalim Bertinatto, Antonio José Ambrosano (Tuta), João Gervastocky, Ítalo Schievano, Vlademir Pissinato,
Paul Baudon (Gerente Geral), Euthymio Mendes de Almeida, Renato Galhardo, Sebastião Pedro Moretti.*

CAPÍTULO XXI

Nossa memória, porém, não pára e não cansa de nos avisar que outras famílias tradicionais existem, merecem e devem ser lembradas. Continuemos pois.

Seu João Bacchin trabalhou cinqüenta anos no Engenho Central. Era cozedor e depois passou a chefe de fabricação de açúcar. Pela sua constância e trabalho, ganhou um relógio que seu filho Serafim até hoje ostenta com orgulho. Foi um dos fundadores do Sucrerie, clube esportivo que com seu futebol tanto encantou a Vila. Juntamente com Ângelo Filippini, Ângelo Bacchi e seu irmão Domingos, também atuou como jogador do quadro principal. Seu João Bacchin casou-se com Dona Maria Boreli e tiveram os seguintes filhos: Serafim, Raul, Rosa, Eugênio, Armando e Rude.

Serafim Bacchin foi meu colega no Grupo Escolar de Vila Rezende e naquela condição me deu uma surra. Mas isso não impediu que a amizade continuasse até os dias de hoje. Começou a trabalhar nas Oficinas Dedini na fundição, depois transferiu-se para a Romi e Cicope em São Paulo. Voltou à Dedini chegando a chefe da mecânica, onde se aposentou.

Raul Bacchin também iniciou sua vida profissional na Dedini, chegando a chefe da modelagem quando se aposentou. Trabalhou com Pedro Segatto, o primeiro modelador.

A Rosa casou-se com Oswaldo de Paula, um dos sapateiros da Vila, mas que na Codistil se aposentou.

Eugenio Bacchin, sempre foi barbeiro, isto é, teve ofício de barbeiro, podendo ser encontrado em seu salão na Av. Barão de Serra Negra até hoje.

Armando e Rude seguiram o mesmo ofício, chegando ambos a chefe de Seção de Tornos da Dedini.

Eram vários os Fabretti. A irmandade trabalhava em inúmeros setores das atividades humanas. O Seu Ermete Fabretti era um construtor que deixou nome. Trabalhava para as Oficinas Dedini, onde dirigia todas as construções de expansão da indústria. Gostava de guiar carros novos, razão porque sempre trocava de condução.

O Lino Fabretti também foi construtor, mas trabalhava por conta própria. Era autônomo. No Grupo Escolar da Vila Rezende, sentava na mesma carteira com um menino chamado Adelino Fabretti. Seu pai se chamava Antonio Fabretti que, naquela época, tocava um instrumento esquisito e complicado — o saxofone. Seu Armando, com sua carroça, era o puxador de areia para as construções da Dedini.

Na família havia um outro músico — o Júlio Fabretti que tocava clarineta nas horas vagas. Trabalhava como encanador.

As moças da família, Adelina, Eletra e Rosa casaram-se e deixaram a Vila. Mas a Emília ficou sempre no bairro, como zeladora da Casa Paroquial no tempo do Padre Gallo.

Lembro-me dos filhos do Ermete que são: Luiz — modelador de fundição; Ézio — agrimensur da casa da lavoura; Geni — colega no Instituto Baronesa de Rezende; e Doracy.

Luiz Bonsi, sempre trabalhou no Engenho Central. Casou-se com Dona Otília Ducatti (tia do Tito) e morava no começo da Av. Rui Barbosa, no nº 79.

Os filhos do casal eram cinco: Orlando que foi meu colega no Grupo Escolar, trabalhou de torneiro mecânico na Dedini e se aposentou como encarregado da seção; Aurora que trabalhou muitos anos na Casa Bonilha e era conhecida de todos pela maneira de tratar seus fregueses; Leonor que foi casada com Armando Pizelli; Alcides que começou a trabalhar na Dedini, depois passou para a Mausa, onde se aposentou; e José Bonisi Neto, que trabalha na fundição da Dedini.

Fato curioso é que o Seu José Bonisi, o avô, era o velhinho que lia romances para auditórios reunidos nas casas de amigos.

A família Zulin me é conhecida antes de mudar para a Vila. Éramos vizinhos no bairro do Guamium, na Estrada do Meio. O pomar da nossa propriedade era muito bem tratado e selecionado. As frutas que produzia eram de primeira qualidade. Isso atraía, é lógico, as crianças das imediações. As crianças dos Zulin não faziam exceção; também “freqüentavam” o pomar. Isso deixava meu pai raivoso e, ao escurecer, fazia uma ronda, para surpreender os faltosos. Segundo o Atílio, houve ocasião em que ele e os irmãos estavam no alto da laranjeira, quando Seu Umberto aparecia. Ficavam quietos e, protegidos pela noite, não eram vistos. Então meu pai dava algum tiro de garrucha para o ar e se retirava. Com o caminho livre os moleques se retiravam.

Seu Júlio Zulin era um sanfoneiro que, com Seu Umberto Volpato, animava os bailes da roça. Casou-se com Dona Maria Grella e tiveram dez filhos que, até hoje, estão todos vivos apesar da idade de alguns deles. Como vários trabalharam na Dedini, o Dr. Cláudio Mahn se admira e diz — puxa, nessa família, não morre ninguém!

Vejamos os filhos: Humberto trabalhou sempre como carroceiro fazendo transportes; Ana; Antônio, motorista de praça; Teresa; Adelina casou-se com Américo Bortolazzo; Atílio, meu companheiro de carteira no Grupo, sempre trabalhou com transporte de caminhão, inclusive na Dedini como encarregado e depois chefe de sucata, onde se aposentou; Iolanda casou-se com Luiz Barela; Margarida casou-se com Afonso Copoli; Aldo, motorista de caminhão, hoje é dono de uma transportadora; e Odila, casada com José Pereira, empregado da Dedini.

Seu Virgílio Bortolazzo, sempre foi lavrador. Casou-se com Dona Lavínia Scana- vacca. Seus filhos, todos nascidos na Vila, foram: Maria, Alinda (que aparece na foto do Instituto Baronesa de Rezende), Inêz, Anísio, Mauro e Américo.

O Américo foi o que mais permaneceu no bairro, tendo trabalhado 35 anos na Dedini. Foi casado com Adelina Zulin. Mais um casamento entre os moradores da Vila, tornando-se assim mais um laço de famílias.

A Água Santa de então era toda dividida em propriedades agrícolas onde os próprios donos cultivavam a terra. Era um minifúndio. Havia uma variedade enorme de culturas, desde as básicas para a alimentação, até pomares com frutas de alta qualidade.

Lá vamos encontrar a origem de mais uma família que se radicou na Vila. Estou me referindo aos Bergamin. Seu Frederico e Dona Josepha Zanuzzi Bergamin formavam o casal tronco. Eram proprietários do sítio na Água Santa. Mais ou menos nos idos de 1925, mudaram para o bairro querido.

Essa família contrariando a regra, não era muito numerosa. Somente quatro filhos. A Elza que foi casada com Oswaldo Paulilo, a Maria de Lourdes, o Antônio e o Nyrto.

O Antonio Bergamin eu conheci no Grupo Escolar, onde estudamos juntos. Pri-

meiramente foi empregado da Boyes, depois mudou-se para Santa Bárbara (ainda não era D'Oeste), mas voltou para a Dedini onde começou como soldador e acabou sendo o chefe da calderaria. O Antônio sempre foi um atleta e como tal jogou em Santa Bárbara, bem como no nosso querido Atlético no tempo do Tito Ducatti. Passados muitos anos, nos encontrávamos todas às quintas-feiras, num gostoso jogo de truco, na Chácara Canadá, de propriedade de meu tio Leonídio. Seu companheiro nas trucas era o concunhado José Tricânico, pois as esposas são irmãs e primas de não sei qual o grau de quem escreve.

O Nyrto Bergamin, também contemporâneo do grupo, trabalhou somente 36 anos, na fundição da Dedini, onde se aposentou merecidamente.

A Vila sempre possuiu grande número de sapateiros, em relação à sua população. É que antigamente os sapatos eram fabricados a mão, como um verdadeiro artesanato. E a Vila os possuía, e bons.

Para dar idéia vamos nomeá-los: Albino Orlandin, Chico Puvi (o apelido, é lógico), Francisco Matarazzo, Antônio Pescarim (especialista em botas), Luiz Tordin, João Busato, João Fernandes, Jorge Castellani, Luiz Rizzolo (fábrica de polainas) e Leandro Everaldo.

Mas havia também um outro sapateiro que apenas trabalhou 40 anos, sempre na Vila. Conhecido mais por Juca, seu nome é João Baptista Santin. Filho de outro ramo da família Santin, já nossa conhecida.

A origem dessa família começou com Seu Antônio Santin e sua esposa Ana Castellazo Santin. Seu Antônio trabalhou muito tempo de frangeiro, isto é, comercializava frangos e galinhas. Em seus últimos anos, trabalhou como guarda na Metalúrgica H. Santin. O casal, mais uma vez a filharada era grande, teve os seguintes filhos: Lurdes, Marino, João Batista (o sapateiro), Alcides, Ayrton, Mário, Cecília e Ernesto.

No primeiro quarteirão da Av. Selaz (hoje Av. Mário Dedini), do lado esquerdo, em certa época, moravam as seguintes famílias: na esquina, Dona Stela Biondo Dedini e seus filhos; Eugênio Badialli, João Turola (foi empregado do Valler e depois adquiriu um camionete Ford e fazia transportes); Mário dos Santos (filho do português Manoel dos Santos, meu assíduo cliente), que picava ponta de cana para as padarias; Vitório Zilio e João Pissolito.

Atravessando a Av. Barão de Valença, numa casa de esquina, onde morou o José Stockmann, residia uma italiana chamada Rachela. Um dia uma das filhas de Dona Rachela se casou. A casa ficou cheia de convidados da vizinhança, inclusive o Leopoldo Dedini, moleque irrequieto. Havia uma escada no interior da casa, para descer à sala de baixo, caminho inevitável da noiva para receber os convidados. Pois vejam só o que o Leopoldo aprontou. Munido de uma corda, a colocou em forma de laçada, aos pés da escada. Escondido atrás da mesma, com a ponta da corda nas mãos, quando percebeu que a noiva estava no centro do laço, puxa com força a dita corda e derruba a noiva. O que aconteceu depois, vocês podem avaliar!

Depois deste fato inusitado, voltemos ao nosso assunto. Das famílias citadas no início, ainda não falamos dos Badialli. Pois bem, vamos a eles.

O casal era formado pelo Seu Eugênio Badialli e Dona Maria Biscalchim Badialli. A esposa era filha do Biscalchim que morava no "sítio do Madázio", na Estrada do Meio. Seu Eugênio foi fornecedor de cana do Engenho Central, lavoura desenvolvida em terras arrendadas. Enquanto deu, assim agiu. Depois passou a trabalhar no pró-

prio Engenho, como encarregado das moendas.



*Fábrica de Polainas (perneiras) de Luiz Rizzolo – 1928
Da esq. Para a dir: João Guarda, Rolando Oliveira Diniz (Rolo), Augusto Betoní (c/ a garrafa), Américo Zampieri (c/ cabeça raspada)*

Os filhos eram Antônia (foi casada com o João Batista Galvani – o Imbica); Romeu; Antonio (trabalhou como barbeiro e no escritório do Dedini, depois formou-se contador); Emília (casou-se com Salvador Crócomo); Alzira (não se casou, ficando como companheira dos pais já velhinhos); Ângelo (gêmeo do Ernesto, torneiro mecânico, trabalhou com o Martin Petta); Ernesto (mecânico na Dedini); José; Teresa (trabalhou em São Paulo numa firma impressora de livros da Igreja Adventista (hoje mora em companhia da Alzira no Areão).

Os homens da família Badialli mudaram para Sertãozinho, onde abriram uma firma de metalurgia — “Irmãos Badialli Cia. Ltda.,” que teve grande sucesso. Hoje quase todos os aposentados residem lá, menos o Ângelo que voltou para a Vila, não resistindo ao seu enorme fascínio.

Seu João Truffi um construtor, pedreiro. Trabalhou muitos anos para o Engenho Central, onde participou de muitas construções inclusive do Grupo da Vila Rezende e do Monumento da Independência, hoje no Jardim Monumento.

Casou-se com Dona Carolina Fabretti (filha de Luiz Fabretti) e tiveram os seguintes filhos: Gino Truffi (proprietário da linha de ônibus para Campinas – AVA); Neto Truffi, padeiro que trabalhou junto com seu Ignácio Martins, na padaria de dona Catarina Colognesi; Olga, que foi muitos anos empregada da família Kok; Iolanda, que trabalhou na fábrica de tecidos; Clínio, trabalhou na AVA; Aldo; Zilda que se casou com Batista Pence. A Olga e a Iolanda aparecem na fotografia de fim de ano do Instituto Baronesa de Rezende, onde fomos colegas do jardim de infância.

Quando pensei em escrever sobre a família Ducatti, fiquei preocupado. Pois sabia que não seria muito fácil, dado o grande número de seus membros, da importância dos mesmos, espalhados e trabalhando em várias atividades.



Família João Ducatti

*Da esq. Para dir.: Sentados: João Ducatti, Rosa Piatto Ducatti.
Em pé: Clorinda Ducatti, Irene Ducatti, Elza Ducatti, Lourdes Ducatti, Armand
do Ducatti (Lolico), Antônio Ducatti (Ferrinho), Lourenço Ducatti (Tito)*

Uma tarde apareceram em meu consultório duas senhoras. Uma em busca de um documento e a outra acompanhante. Ao ver a identidade da primeira, seu sobrenome era Ducatti. Contei-lhe da minha dificuldade e o desejo de escrever sobre a Vila de antigamente. Fiquei sabendo que seu sogro tinha sido meu companheiro no Grupo Escolar — um Ducatti. A senhora se prontificou a colher as informações necessárias.

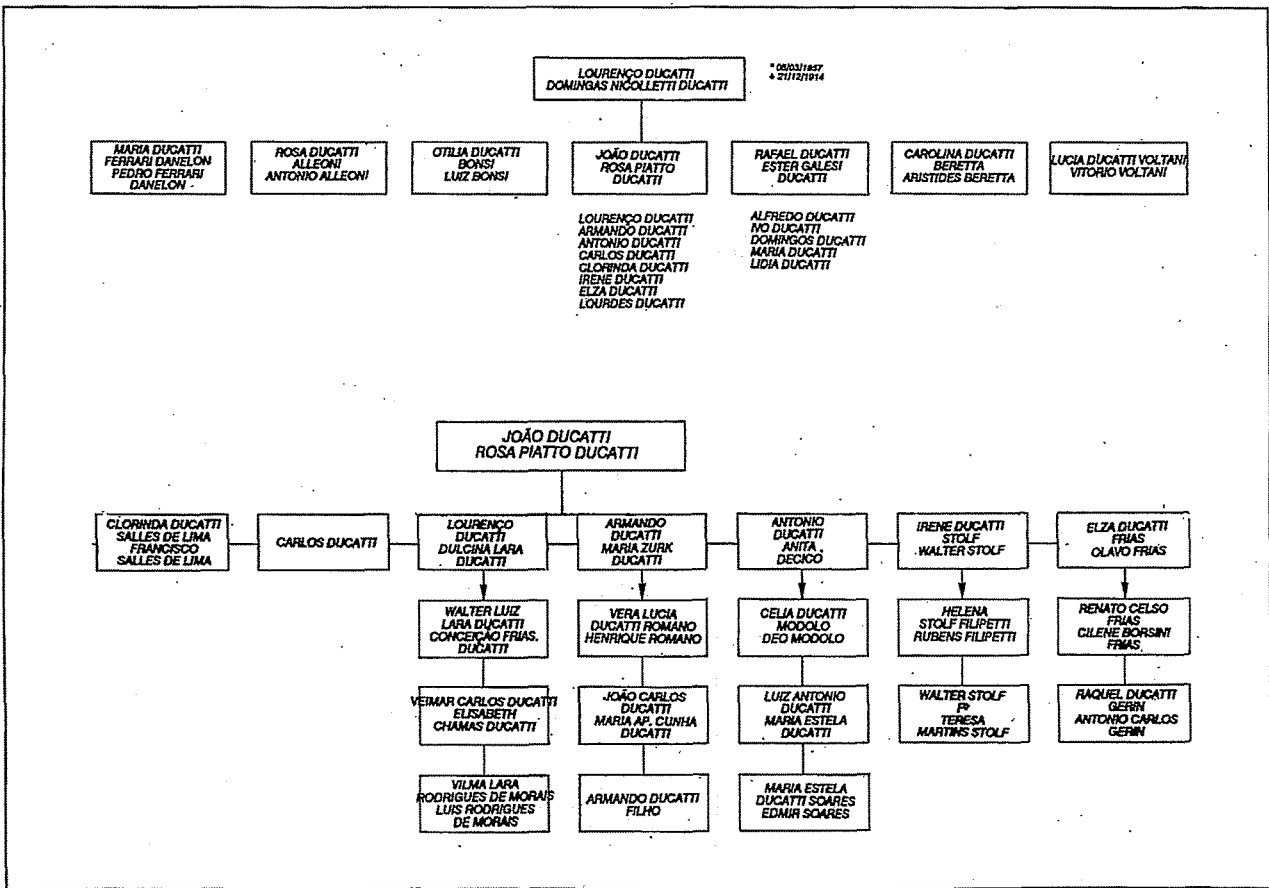
Dias depois, recebi um “canudo” feito com três folhas de papel, contendo, em cada uma, as partes da árvore genealógica da família Ducatti. Um trabalho muito bem feito que me deixou perplexo pela rapidez, competência e amizade do autor. Bem diz o ditado — “Quem puxa aos seus não degenera”. Vou transcrevê-la na íntegra, nas páginas do livro, para que os prezados leitores avaliem a preciosidade. Obrigada Ducatti amigo.

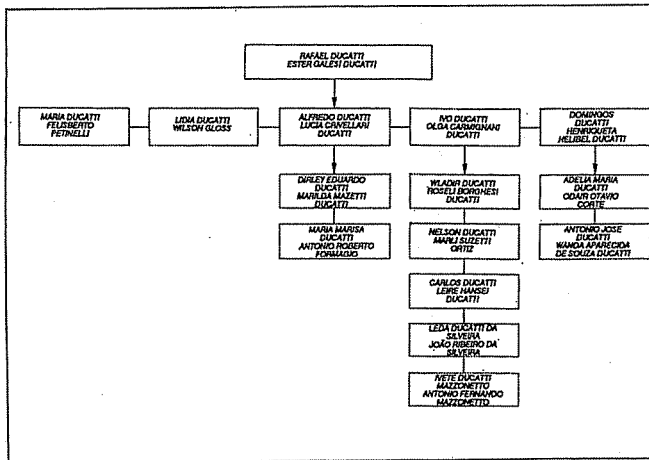
O tronco inicial da família Ducatti é formado do casal Seu Lourenço Ducatti e Dona Domingas Nicoletti Ducatti. Tiveram sete filhos, sendo dois do sexo masculino (João e Rafael) e cinco dos sexo feminino (Maria, Rosa, Otília, Carolina e Lúcia) o que poderá ser confirmado pelos mapas.

Seu Lourenço Ducatti foi quem preparou a área toda para a construção da primeira avenida da Vila — a Av. Areão, que depois veio a se chamar Av. Rui Barbosa. Participou das solenidades de lançamento da pedra fundamental da primeira igreja da Vila Rezende e dez anos depois de sua inauguração. Era muito amigo do Barão de Rezende e tomou parte em todas as realizações para expansão e melhoria do bairro.

Os filhos do seu Lourenço, João Ducatti e Rafael Ducatti, construíram uma olaria nas terras onde fica o bairro Nho Quim, fornecendo tijolos para toda a região. Eram donos de grandes áreas de terra e também se dedicavam à agricultura, com plantações variadas.

Pelos mapas aqui incluídos, os leitores poderão ver com maior clareza a descendência dos dois filhos de Seu Lourenço.





Árvore genealógica da Família Ducatti (cont.)

Temos a destacar entre os netos: Lourenço Neto (Tito), Armando (Lolico), António (Ferrilho), Ivo, Domingos e Alfredo, integrantes de uma poderosa equipe de Pingue-Pongue chamada Flor do Bosque, que se destacou sobremaneira na cidade e região, conquistando inúmeros títulos, nesse esporte. Também no futebol eles foram astros, brilhando no Sucrie e Atlético.

Na vida profissional, Ivo, Alfredo e Domingos ingressaram no magistério, no que se destacaram. Lourenço, Armando e António se dedicaram à indústria metalúrgica, como colaboradores incansáveis das Oficinas Dedini.

CAPÍTULO XXII



Casa do Mutirão

A fotografia estampada acima conta uma verdadeira história de solidariedade humana. Não sei precisar a data do acontecimento, mas deve ter sido nos anos 30.

No local da casa da foto havia um barraco em petição de miséria. Nele morava um casal e seus três filhos. O marido estava muito doente, impossibilitado de trabalhar. A esposa lavava roupa de ganho e fazia o que lhe era possível. Praticamente viviam da ajuda prestada pelos vizinhos e demais conhecidos do bairro — Vila Fátima (nas proximidades do Cemitério atual da Vila).

Um certo dia, o marido faleceu. O barraco, todo trincado, com enormes rachaduras nas paredes, parte descoberta, sem condições de abrigar ninguém, logo depois da perda do homem veio abaixo, tornando-se um monte de entulho. Felizmente, ninguém ficou ferido, mas o que restou da família ficou sem teto.

Os empregados das Oficinas Dedini, de então, ficaram sabendo do ocorrido. Alguém teve uma idéia — fazer um mutirão e construir uma casa nova. Entretanto, havia um pequeno senão, que na realidade era enorme. E o material para a obra? Tijolos, cal areia, saibro, cimento, telhas, etc? Eram muitos os voluntários e a vontade de resolver o problema muito grande. Então, a tarefa de arranjar o material necessário foi dividida, ficando cada um de conseguiu-lo e levá-lo para o local. Todos se entregaram à missão assumida e em pouco tempo o material estava reunido, doado pelos habitantes da Vila.

Escolheram um final de semana prolongado, desses em que, nos tempos atuais, todo mundo vai passear atulhando as praias e serras e fazendo acontecer mortes nas estradas, para levantarem a casinha. Já estavam com a planta da casa rascunhada, não havia burocracia, pois o local era fora do perímetro urbano e puseram mão à obra.

Isso demonstra claramente o que escrevi no começo — os habitantes da Vila formavam uma grande família e os seus corações não tinham tamanho.

A fotografia mostra a casa no dia em que ela foi entregue e quase todos que nela trabalharam. Veja se você se identifica alguém. Um eu já vou mostrar: a pessoa que está na janela é o Santo Corrente.

CAPÍTULO XXIII

Nos diversos contatos que fiz com pessoas que moravam na Vila, dos tempos que descrevo, várias me recomendaram falar com Seu Américo Zampieri. Bem, chegou o dia e lá fui a sua residência. Um senhor muito simpático, com uma memória fabulosa, apesar de seus 88 anos e oito meses de idade.

Quando seus pais mudaram-se para a Vila, Seu Américo tinha onze anos e a casa ficava na então Av. Areão, nº 25. Hoje a casa ainda existe na Av. Rui Barbosa, nº 246. Seu pai chamava-se Domingos Zampieri, sempre foi carroceiro e tinha um botequim onde vendia frutas, verduras e pinga. Sua mãe eu conheci: era uma senhora de cabelos brancos, que sempre ia conduzindo um carrinho tirado por um bonito cavalo. Dona Regina ia aos sítios da periferia comprar ovos, frangos, frutas para seu bar, como seria chamado agora. Além do serviço do bar, Dona Regina era doceira e cozinheira, fazendo os comestíveis de casamentos, almoços e jantares.

Seu Américo começou a trabalhar desde criança. Ia comprar pinga no sítio de meu pai, na Estrada do Meio. Contou-me que Seu Umberto lhe entregava os selos num envelope e mandava guardá-los com cuidado. Quando moço foi servir o exército em Campo Grande. Trabalhou, depois de cumprir o serviço militar, na fábrica de polainas dos Irmãos Rizzolo — Luiz e Vergínio. A partir de 1929, ingressou no Engenho Central, onde foi breguista, foguista, maquinista e finalmente chefe de locomoção.

Seu Américo tinha uma irmã chamada Olga, que se casou com Seu Rogério Brustantin.

Entre algumas curiosidades que me contou enumero as seguintes: as duas mais antigas padarias da Vila eram de Seu Célio Cardinali, que só vendia pão no balcão, não tinha entregadores com carrinho, e a Padaria do Sol. O primeiro proprietário da Padaria do Sol foi Seu Luiz Cabaggioni, depois Seu Natali Maniero, que trouxe a varíola para a Vila. Seu Luiz Fecchio foi forneiro do Seu Maniero e acabou ficando com a padaria.

Luiz Fecchio era casado com Dona Antonina (Tonina) e tiveram os filhos: Octávio, Oriente e Pérciles. Hoje a padaria é moderna bem instalada e pertence aos filhos do Pérciles.

Eu escrevi, num capítulo do livro, que na Vila nunca teve cinema. Pois bem. Seu Américo afirmou que existiu na Av. Rui Barbosa, onde depois foi o depósito de pinga dos Mazzonetto, um cinema. Só funcionava aos sábados, domingos e feriados. Um quinteto, formado por músicos da Banda Carlos Gomes, percorria a avenida antes das sessões e durante a projeção tocava músicas de fundo. Depois, como o lucro diminuiu, o quinteto foi substituído por um gramofone. Um detalhe interessante desse cinema é que, nos intervalos das partes do filme, havia necessidade de molhar a tela de projeção, e os assistentes saíam para tomar alguma coisa no bar vizinho.

Quando mudamos para a Vila e fomos morar na casa nova, construída por meu pai, logo conhecemos uma família vizinha que apesar de tantos anos passados, continua residindo no mesmo local, na Av. Dona Francisca nº 76 — a família Desuó.

Seu Armando Desuó nasceu em Rovigo — Itália, em 5 de abril de 1901. Veio ao Brasil várias vezes, mas retornou à sua pátria de origem outras tantas. Finalmente, com 12 anos, veio e ficou, morando em São Pedro. Mudou-se para a Vila e se casou

com Dona Luiza Guarda (sobrinha do João Guarda).

Para não fugir à regra, o casal teve muitos filhos, que vou nomear: Flávia Odila, que se casou com Ernesto Santilo, operário da Dedini; Irineu, casado com Maria Favarim Desuó, mora atualmente em Araras, onde tem uma metalúrgica; Claudino Desuó, aposentado da Codistil, que se casou com Otilia Favarim Desuó, irmã da Maria Favarim, para ficar com a mesma sogra do irmão Irineu; José Leandro Desuó, que foi torneiro mecânico da Codistil, já aposentado; José Leandro, casou-se com Dirce Capeti; Susana Antonieta Desuó, casada com Antônio Melanez; Antônio Mário, falecido na infância; Ada Terezinha Desuó Tranquelini, que foi casada com Arthur Tranquelini (a Ada trabalhou 24 anos no Hospital dos Plantadores de Cana e quem a empregou fui eu, a pedido de seu pai. Fui padrinho do noivo em seu casamento. A Ada deixou o trabalho no hospital, para fazer companhia à sua mãe que estava velhinha); Armando Desuó Filho, casado com Maria Inês Camargo Desuó, soldador aposentado da Codistil; Vanderley Desuó, advogado militante de nossa comarca, casado com a Prof. Sueli Elisabete Storel Desuó; e, finalmente, Sonia Desuó Mardegan, casada com Dirceu José Mardegan que tem um açougue em Santa Therezinha (Sônia trabalha na Cavalinho há 28 anos).

Com tantos filhos, a colheita de netos atinge 29 e bisnetos 17. Que bela família!

Vejam bem. Seu Armando Desuó sempre trabalhou de pedreiro; em certa ocasião foi bicheiro, isto é, fazia o jogo-de-bicho. Com sua esposa Dona Luiza, criou e educou todos os filhos. Como devem ter trabalhado!



Armando Desuó

A família Petta morava na Av. Barão de Serra Negra, em frente ao Jardim do Kok. O casal era formado pelo Seu Antônio Petta e Dona Lúcia Di Marchi Petta. Seus filhos eram: Martin, José, Armindo, Aristides, Alexandre, Sidney, Maria, Isolina, Palmyra e Eline (que foi casada com Carlos Calil).

Seu Antônio trabalhava no Engenho Central. Já nos referimos a ele em páginas atrás, contando que ganhara um prêmio da loteria de duzentos mil contos de réis.

Alexandre Petta foi combatente na Revolução Constitucionalista em 1932, vindo

a falecer na frente de combate. Foi um herói da Vila Rezende. A maioria dos outros filhos de Seu Antônio deixou Piracicaba, com exceção do Martin, que, após trabalhar muitos anos na Dedini, montou sua própria oficina. Quando estava terminando o barracão novo, para ampliar a oficina, que ficava na saída da Vila, cruzamento com estrada para Limeira, um furacão derrubou a construção. Nesse acidente perderam as vidas, Seu Martin, Seu João Coletto (o construtor) e um empregado. Este fato abalou e encheu de tristeza os moradores do bairro.

O Sidney, o mais moço dos homens, certa ocasião encontrei-me com ele em Copacabana (trabalhava na Polícia Federal).

A quem a Vila muito deve, por ter sido uma pessoa que mudou as casas e prédios, em suas estruturas e fachadas, embelezando-as, é o Seu João Coletto. Ele veio da Itália em 1913, onde já trabalhava em construções. Casou-se com Dona Itália Sesso, sempre morou na Vila e aí nasceram seus filhos.

O primeiro filho chamava-se Ítalo, que se iniciou na profissão do pai, mas depois foi trabalhar na Codistil, onde se aposentou. Mário seguiu a arte do pai e continuou seu trabalho, depois que o trágico acidente o levou. Olga casou-se com Ireño Ferro. Magali casou-se com José Arantes de Carvalho, de todos conhecido por Zezinho da Farmácia. Julieta casou-se com Roberto Longati; João Coletto Filho trabalhou na Dedini, onde se aposentou. Ana foi casada com Elpídio Gava, do Cartório do 1º Ofício. Finalmente, a Amália que ficou solteira.

Seu João Coletto era pessoa muito conhecida e querida dos vila-rezendinos. Construiu para quase todos e de todos se tornou amigo. A primeira casa em que moramos, quando mudamos do Guamiun, foi ele quem construiu, uma das mais belas do bairro. Na fotografia da casa, estampada em outro lugar, ele aparece ao lado de meu pai.

Era um ardoroso defensor do Atlético não só no futebol, como no seu crescimento. Foi quem começou a construção da Sede Social, onde era a Sociedade Italiana, na Av. Barão de Serra Negra.

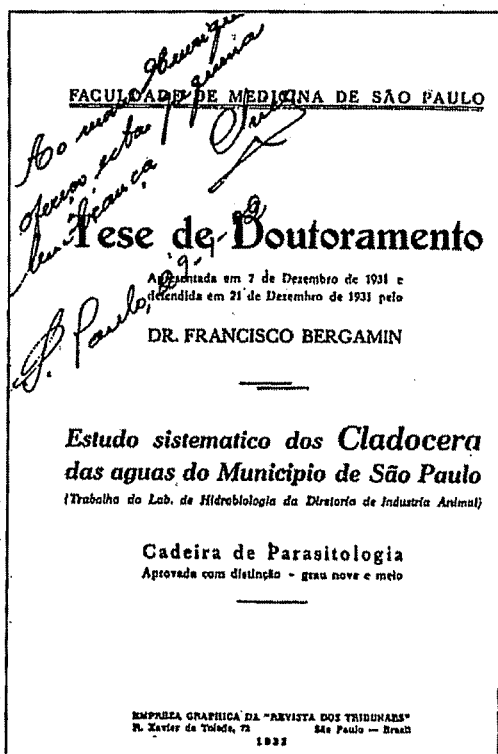
Outra instituição pela qual Seu João Coletto molhava a camisa era a Banda União Operária. Fazia tudo pela Banda e a socorria sempre. Graças à sua luta e esforços ela possui hoje uma sede bem instalada na Rua Santo Antônio no centro da cidade.

Na Vila Rezende, havia outra família Bergamin. Creio que eram primos. Residia esta na Av. Dona Lídia esquina da Av. João Theodoro, em uma casa grande e bonita. O casal era composto de Seu Ângelo Bergamin e Dona Maria Darós Bergamin. Possuía um engenho de pinga na estrada de Limeira, existindo no caminho o Porto Bergamin, onde paravam os ônibus.

Seus descendentes foram: Antônio que continuou tocando a propriedade agrícola; José, contador e escrivão de Cartório; Henrique, que foi escrivão na 2ª Coletoria de Rendas Federais, cujo coletor era o Seu Ângelo Filipini, na Av. Rui Barbosa (o Henrique gostava muito de pescar, frequentando muito o rio Piracicaba que, naquela época, era muito piscoso); Jacob, que se formou na Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, passando depois a ser professor da mesma; Armando seguiu a carreira do irmão Jacob, também professor da ESALQ (o Armando era caçador e companheiro nas caçadas de Domingos José Aldrovandi e Paulo Martins); Francisco, médico em São Paulo, foi o primeiro ecologista do Rio Piracicaba (fazia hidrobiologia, estudando as águas do nosso rio; possuía uma embarcação apropriada para tal ocupação; defendeu tese de doutoramento — ver xerox); Ricardo foi secretário da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (quando fez o exame de seleção, na referida

escola nos encontramos); e a única mulher, Mercedes, que foi casada com Antônio Nani, morando atualmente em Campinas.

No último quarteirão da Av. Rui Barbosa existe uma travessa chamada Juqueri. É apenas uma quadra. Antigamente terminava na linha Sorocabana e logo após havia a entrada para um pátio de uma casa bem construída do Engenho Central. Sempre morou nessa casa algum empregado graduado da “Sucrerie”. Pois bem, antes da casa ser ocupada pelo Seu Atahualpa Vaz de Mello, nela residiu o Sr. Maurice Dejardins que trabalhou na “Sucrerie” em Campos, Lorena (onde havia outra usina) e em Rafard. Depois foi para o Mato Grosso onde foi empregado da Estrada de Ferro Noroeste. Em 1932, veio com sua família para a Vila, sendo no Engenho o responsável da destilaria e expedição do álcool.



Tese de doutoramento do Dr. Francisco Bergamin, pressuposto primeiro médico nascido em Vila Rezende.

A esposa do Seu Maurice era Dona Emília Carnevalli Dejardins e os filhos do casal são os seguintes: Ivo que foi gerente da Sanbra em São Paulo; Vallee contador e colega de Grupo; Mário que trabalhou na Usina Santa Helena; Alipio Laerte, técnico de laboratório do Engenho Central; Odette professora aposentada; Ary, aposentado como electricista.

A família, a que vamos referir em seguida, vem mais uma vez provar o que escrevi sobre o entrelaçamento dos vila-rezendinos. É a família Atisano.

A origem dos Atisano é a cidade de Capivari. O casal inicial era formado pelo seu Carmo Atisano e Dona Maria Luiza D´Abronzo Atisano. Dona Maria Luiza era irmã do Seu Paschoal D´Abronzo. Seu Carmo sempre trabalhou no Engenho Central onde se aposentou. Maria Regina Pizelli era filha do casal, que se casou com Seu Nicola Pizelli, irmão de Dona Rosa Pizelli D´Abronzo, por sua vez, casada com Seu Paschoal D´Abronzo. Viram bem? Outro membro da família era Bruno Atisano que tinha um bar na Av. Rui Barbosa. Em seguida, vêm a Rosa Atisano que foi casada com Seu Alcides Di Ângeli, José Atisano que trabalhava na carpintaria do Dedini, Hermes Atisano que foi empregado da “Fabrica de Tecidos Boyes” e mais duas meninas — Virgínia e Leonor.

A família Schievano deixou muitos descendentes. O começo se deu com o casamento de Seu Felício Schievano e Teodora Schievano. Tiveram oito filhos, quatro homens e quatro mulheres. Os nomes dos filhos eram: José, Adolfo, Guerino, Antônio, Josefina, Lucia, Amábile e Maria.

Seu Felício faleceu em 1927 com 92 anos e sua esposa Teodora em 1930 com 86 anos de idade. Tiveram 62 netos.

O pai de Seu Ítalo Schievano foi o Adolfo e sua mãe Dona Rosa Cillos Schievano. Seu Adolfo trabalhava como carroceiro, fazendo transportes entre Piracicaba e Rio Claro, percorrendo estradas de terra, com poeira e lama, conforme o tempo. Podemos imaginar como era difícil esse trabalho.

Seu Ítalo Schievano só teve um patrão, durante toda sua vida de trabalho. Quarenta e um anos de Engenho Central, primeiro como encarregado das caldeiras e depois como chefe da fabricação de açúcar e álcool, onde se aposentou. Casou-se com Dona Natalina Schievano, tendo tido os seguintes filhos: Ayrton (aposentado do Engenho Central); Lourdes (casada com Antônio Leme); Paulo (Aposentado do Engenho Central); Antônio Carlos, possui uma loja de tecidos na Av. Rui Barbosa e Natalina (casada com Ademir Berto — bancário).

Dona Natalina Anastácio Schievano era da família Anastácio, que residia em frente à bomba de gasolina dos Valler, depois da Av. 1º de Agosto e da linha do trem do Engenho. Quando menina, trabalhou em casa de minha mãe, Dona Cristina Madazio Aldrovandi. Seus irmãos são: Carlos, Orlando (meu colega de Grupo da Vila e alfaiate), Adolfo (mais conhecido por Adolfinho — mecânico de automóveis, ex-jogador do XV), Bruneta, Hermes e Iri.

Moravam na esquina da Av. Dona Francisca com a Av. Dr. Morato, onde hoje é um prédio da Codistil. Fizeram logo amizade com minhas irmãs, quando viemos do sítio. Estou me referindo às moças, filhas de Seu Luiz Gâmbaro, do seu primeiro casamento. Eram três: Maria, Olivia e Zulmira. Dona Maria Gâmbaro casou-se com Seu Pedro Sbravati, tendo tido dois filhos: Antônio e Jacira (casou-se com Euclides Rizollo). Seu Luiz Gâmbaro sempre trabalhou na lavoura, tomando conta de fazendas.

Já citamos alguma coisa da família Cardinalli. Agora vamos dar outros detalhes.

Seu Célio Cardinalli era casado com Dona Maria Colognesi Cardinalli. Residia e tinha sua padaria no começo da Av. Conceição, vizinho do Seu Alexandre Balestiero. Lembro-me muito bem de dois cartazes que pendurava na prateleira da padaria. Um mostrava um armário bem arrumado com os pãezinhos, toalhinhas de papel colorido cobrindo-os e um letreiro — “Eu vendi a dinheiro”. O outro, buracos na madeira, vidro quebrado, pedaços de pão comido e uns ratos passando, com o letreiro — “Eu

vendi fiado”. Coisas que crianças guardam com facilidade. Outra particularidade da Padaria Cardinalli era que só fazia um tipo de pão e não tinha entregadores com carrinhos. Só vendia no balcão.

Os filhos do casal eram: Angelina (casada com António Groppo); Teresa (casada com Humberto Sesso); Assumpta (que foi casada com António Pescarim, está viva com 92 anos de idade); Rosa que foi irmã Tarcísia, trabalhando em vários locais, inclusive no Lar Escola dos Órfãos; Dante que foi empregado da Dedini, depois tomou conta do armazém do Seu Ricardo Mazzonetto e casou-se com Judite, filha deste; Augusto, mais conhecido por Augustinho, casado com Dona Ida Siviero e já mencionado em outro local.

Um fato ocorrido em 1958, que julgo interessante, vou relatar. Naquele ano, o Dr. Plínio Alves de Moraes e eu fomos para um Congresso de Hospitais em Belo Horizonte, viajando de ônibus que saía de São Paulo. Todos sabem que o Dr. Plínio sempre gostou de brigas de galo e se formou na capital mineira. Fomos visitar amigos do Dr. Plínio, seus companheiros das brigas de galo, inclusive um que possuía uma bem montada rinha e num pátio inúmeros viveiros próprios para abrigar as aves. Este senhor deu um presente ao Dr. Plínio — um casal de aves japonesas. Aí surgiu um problema. Como transportá-las, se era proibido levar animais no ônibus? Como voltaríamos à noite a solução encontrada foi colocar cada ave em uma sacola de pano-couro previamente perfurada por inúmeros ilhós. Ao embarcar no ônibus, as sacolas nos foram dadas por um amigo e colocadas na frente de nossos pés.



Membros da família Cardinalli
Da esq. para a dir. : Dante, Célio, Rosa (Irmã Tarcísia), Augusto

A viagem começou bem. Do meu lugar, eu via o motorista sentado ao lado do motor e na parte posterior do mesmo uma tabuleta — “É proibido transportar animais. Multa Cr\$ 200,00”. Tudo transcorria a contento, quando o ônibus tem um problema e para no acostamento ao lado de umas casas. A demora foi grande, o dia começou a amanhecer e os primeiros raios de sol surgiram no horizonte. Aí aconteceu o espera-

do. O galo cantou! O Dr. Plínio jogou sua capa sobre a sacola e com os pés pressionou. O galo canta abafado. Duas senhoras portuguesas em nossa frente conversavam:

— Você ouviu um galo cantar?

— Ouvi, mas canta tão fraquinho, que acho que é bem novinho! É um filhote de galo.

O motorista, mexendo no motor, olha para trás perguntando:

— Tem galo por aí? Parece que ouvi cantar!

— Deve ser dessas casas à beira da estrada — responde umas das portuguesas.

Finalmente, o ônibus consertado parte e com o barulho do motor, nada mais se ouviu do canto do galo. Chegamos a São Paulo, outro problema. Não havia ônibus para Piracicaba, pois nesse mesmo dia a cidade prestava uma homenagem ao De Sordi e ao Mazolla, campeões mundiais de futebol. Cansados, com muito sono, resolvemos alugar um táxi. O próprio moço da bilheteria do Expresso Piracicabano, que então tinha ponto na Av. Ipiranga, se prontificou a nos arranjar um motorista. Logo ele chegou com seu carro e foi dizendo:

— Eu posso fazer a viagem, mas tenho que ir devagar, porque o motor foi retificado e está na fase de amaciamento.

Não gostamos muito da cara do motorista. Cabelos compridos, uma enorme cicatriz na face direita. Mas combinamos a corrida e partimos, eu sentado na frente e o Plínio e seus galináceos atrás. Plínio logo dormiu deitado no banco e eu desconfiado, comecei a conversar com o motorista. Depois de dez minutos de prosa o homem me diz:

— Eu conheço Piracicaba. A minha mulher é de família piracicabana.

— De que família? — indago curioso.

— O pai dela já é falecido e a mãe é Cardinalli.

— Como se chama? — pergunto ansioso.

— Cely Cardinalli Sesso.

— Ela é filha da Teresa?

— É sim!

Fui invadido por uma euforia. Imaginem só uma pessoa da Vila, colega minha no Jardim da Infância do Instituto Baronesa de Rezende, neta do seu Célio!

Aí a conversa não mais parou e a desconfiança e a primeira impressão, deram lugar ao sentimento oposto.

Seu Sebastião — era esse seu nome — ficou meu amigo e sempre que ia a São Paulo eu ou alguém da família, o seu táxi era o chamado.

Todos estão lembrados que a Av. Conceição era interrompida quando chegava à Estação Barão Rezende. A continuação da mesma dava-se depois da Trav. Salaz, que ligava à Av. Salaz (hoje Av. Mário Dedini). Na trav. Salaz existia uma fábrica de sabão do Armando Voltani, logo abaixo a casa de Francisco de Ângelis, o Chico Possreiro.

Nas proximidades morava uma senhora de cor que tinha sido escrava; Maria da Silva era seu nome e trabalhava de parteira. Tinha uma filha Aparecida (Cida), que subia nos vagões de cana do engenho e derrubava feixes inteiros. Fazia garapa e vendia.

Descendo mais a Av. Conceição havia uma chácara muito boa. Era de Seu Antônio Paulino, casado com dona Évarista, que todos chamavam de Varista. Inclusive a chácara ficou com o nome de “Chácara da Varista”. Os filhos do casal eram: Luiz (casado com Aldeizilda Trevisan, primeira cliente que operei em Piracicaba no dia 31.10.45, moravam na casa que pegou fogo); Antônio (trabalhou na Mausá); e Maria.

CAPÍTULO XXIV

Iremos agora voltar a um passado bem remoto. Vamos lembrar de fatos acontecidos, ainda no final do império, que se relacionam com a Vila Rezende. Penso que poucas pessoas conhecem o porquê de certos nomes dados às avenidas do bairro e mesmo do seu próprio nome. Então vejamos.

O Dr. Estevam Ribeiro de Souza Rezende nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 19 de agosto de 1840. Filho de Marqueses de Valença que lhe deram uma primorosa educação. Formou-se na Academia de Direito de São Paulo, em 10 de dezembro de 1863. Seu padrinho de batismo foi D. Pedro II.

Casou-se em Piracicaba, em 16 de outubro de 1865, com a distinta piracicabana Anna Cândida da Conceição, filha dos Barões de Serra Negra.

O Marquês de Valença, anteriormente (1855), já havia comprado uma faixa de terra que corresponde, nos dias de hoje, ao Mirante e Engenho Central. Em 1856, faleceu em São Paulo o Marquês de Valença e Estevam Ribeiro de Souza Rezende recebeu como herança a Fazenda São Pedro, que se estendia do Mirante e muito além do Engenho Central.

No ano de 1868, Estevam Ribeiro de Souza Rezende é nomeado delegado de polícia de Piracicaba. Depois sucedem-se vários eventos importantes: 1871 – lançamento da pedra fundamental do Teatro Santo Estêvão; 1875 – no dia 15 de maio inauguração da “Ponte Nova”, planejada e construída pelo Dr. Estevam com a colaboração do Dr. João Theodoro Xavier; 1877 – inauguração da primeira linha férrea de Piracicaba, ramal da Ituana, em 12 de Fevereiro; 15 de julho de 1877 – visita do Conde D’Eu e real comitiva; 1878 – a Família Imperial visita a cidade viajando pela Ituana; em 1878 – Dr. Estevam funda a Companhia de Navegações a vapor entre os rios Piracicaba e Tietê; 1881 – Dr. Estevam funda a “Empresa do Engenho Central”, que entra oficialmente em funcionamento em 1883; 1886 – Dr. Estevam vende a Cia. de Navegação à Ituana; 1887 – o Dr. Estevam Ribeiro de Souza Rezende recebe o título de “Barão de Rezende”.

Mesmo depois, o Barão de Rezende, essa personalidade, ativa e empreendedora, continua na luta pelo progresso. Torna-se proprietário exclusivo do Engenho Central, em 1888. Em 1890, contesta a demolição do Teatro Santo Estêvão, prontificando-se a reformá-lo, permanecendo em atividade cerca de 60 anos mais. Em 1891, desfazendo-se a primitiva sociedade do Engenho Central, funda nova companhia, a “Niágara Paulista”.

Em 1895, o terreno junto ao salto, onde o Barão de Rezende construía um “belvedere”, é desapropriado pela Prefeitura, o que o Barão recebeu sem reclamar. Sua resposta foi: “Piracicaba não pode ter um egoísta nem exigente nesse ponto; que fiquem as coisas como estão”. Há muito já havia entregue ao público esse belo recanto.

O Barão de Rezende, em 1898, torna-se Provedor da Santa Casa de Misericórdia.

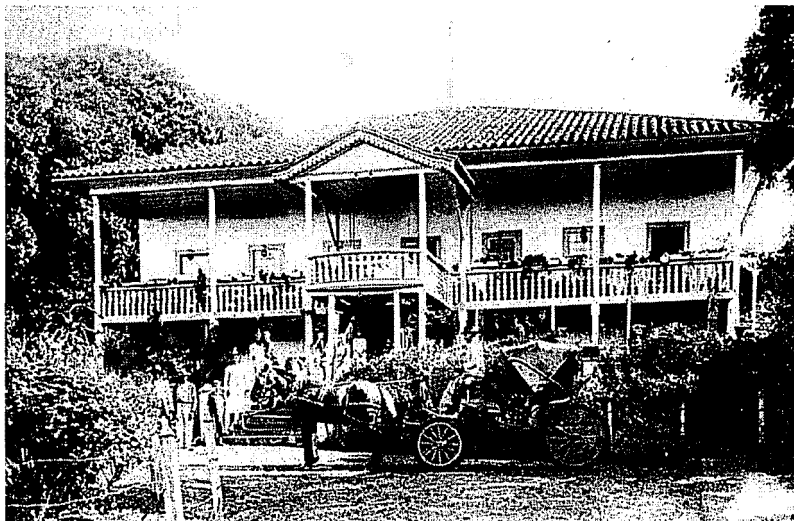
Os dois filhos varões do Barão de Rezende morreram prematuramente. Foram Estevam e Luiz. Mas ficaram para mitigar seus sofrimentos dos últimos dias de sua vida, a esposa — a Baronesa e duas filhas queridas — Dona Francisca esposa do ilustre facultativo, Dr. Américo Brasiliense Filho, e Dona Lydia que nunca se casou, para permanecer em companhia de seus amados pais.

Os últimos anos de vida do Barão de Rezende foram de sofrimento e dor, por

causa de uma pertinaz enfermidade.

Entretanto, sua dileta filha Dona Lydia de Rezende continuou suas obras de benemerências e benfeitorias públicas. Assim, em 1901, querendo honrar a memória de seu amado irmão, Dr. Luiz de Rezende, construiu o magnífico Sanatório São Luiz, o primeiro do gênero no Brasil, para tratamento de tuberculose, verdadeiro flagelo naqueles tempos.

Após construir o belo Sanatório, Dona Lydia de Rezende, em 1904, lança a pedra fundamental da Igreja da Imaculada Conceição de Vila Rezende que por volta de 1908 foi concluída.



*Casa da Baronesa
Vista de frente. Trole por ela usada com o Cocheiro Faustino na boléia*



*Estevam Ribeiro de Souza Rezende
Barão de Rezende*



*Anna Candida de Conceição
Baronesa de Rezende*

Em 12 de Agosto de 1909, contando 69 anos de idade, faleceu em Piracicaba, em sua chácara denominada São Pedro, o ilustre Barão de Rezende. Seus restos mortais estão sepultados no Cemitério Municipal, hoje “Cemitério da Saudade”, travessa D, sepultura nº 1087.

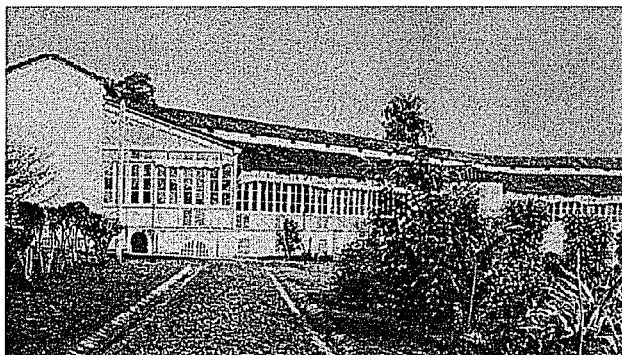
Prosseguindo em seu trabalho de dotar a Vila que homenageava o nome e título nobiliárquico do seu querido pai, Dona Lydia fez construir o Instituto Baronesa de Rezende, que foi inaugurado em 1922. Essa instituição que veio preencher uma lacuna no ensino, principalmente das crianças e moços da Vila Rezende. Foi assim denominada como preito à sua estimada e inesquecível mãe.

Anos depois, sempre prestigiando a terra que tanto amou, Dona Lydia de Souza Rezende ofereceu uma coroa de ouro à imagem venerável da Imaculada Conceição.

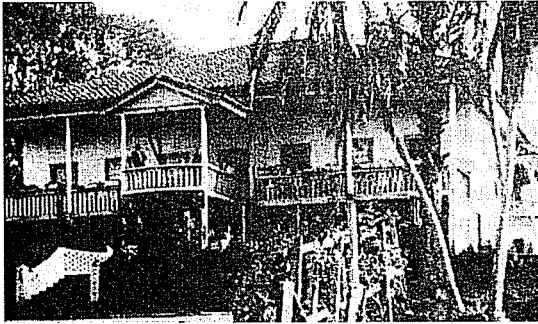
Incansável, Dona Lydia fez construir em terras de sua propriedade, hoje ocupadas pelo bairro Jardim Monumento, um marco comemorativo do centenário da Independência do Brasil. A inauguração do monumento deu-se no dia 7 de Setembro de 1922, com grandiosas festividades. O Monumento, que muitos piracicabanos desconhecem, não é somente dos vila-rezendinos. Quando aluno do Grupo Escolar de Vila Rezende, muitas comemorações de 7 de Setembro eram realizadas a seus pés. Tínhamos que percorrer campos com mato ralo e ultrapassar muitas cercas de arame farpado. Hoje, com a cidade chegando até ele, pode-se admirá-lo facilmente.



D. Lydia de Souza Rezende



Sanatório São Luiz



*Casa da Baronesa
Vista de frente e lateral esquerda*



*D. Lydia de Rezende e Mário Areas Vitier (Mário da Baronesa)
Numa rua de São Paulo*



*Mário Areas Vitier, Dr. Américo Brasiliense Jr., D. Francisca Rezen-
de, Baronesa D. Anna Cândida da Conceição (sentada)*

Devemos destacar que Dona Lydia de Souza Rezende, a grande dama que tanto fez pela sua Vila Rezende, teve uma pessoa de mérito irrefutável que a acompanhou na administração das propriedades deixadas pelo Barão. Estou me referindo a Mário Arêas Witier, que ficou conhecido carinhosamente por “Mário da Baronesa”.

Mário Arêas Witier foi criado e educado pela Baronesa e Dona Lydia. Pessoa de fino trato, amigo bondoso e de todos querido, por muitos anos administrou as fazendas, imóveis e negócios dos herdeiros do Barão de Rezende. Era formado em agronomia.

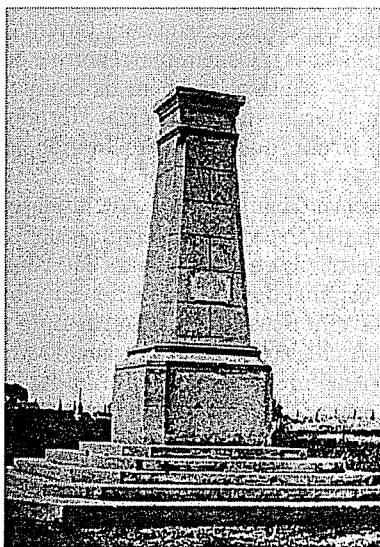
Pena que não pudemos entrevistá-lo, pois faleceu há pouco, depois de pertinaz enfermidade. Na certa teria muito coisa interessante para nos relatar.

Também é do nosso conhecimento que a Baronesa teve, por certo tempo, um administrador da Chácara São Pedro, o Sr. Luiz Chieus, sogro do nosso tão conhecido Atilio Zulin.

Um outro colaborador de Dona Lydia foi o Sr. Joaquim Paes, o cobrador dos aluguéis do grande número de imóveis que possuía. Joaquim Paes era muito conhecido de todos, pois posteriormente foi o administrador do Cemitério da Saudade.

Uma data muito triste para os vilarezzendinos, foi 24 de junho de 1933, quando a grande dama — Dona Lydia Souza de Rezende, expirou.

Deixou seu nome indelevelmente escrito na história piracicabana.



Monumento comemorativo do Centenário da Independência. Hoje no Jardim Monumento

Para elucidar a origem do Sr. Mário Arêas Vitier, passamos a relatar algo mais. Em 1918, a Baronesa de Rezende, já viúva e enferma, soube da existência de uma sua parente, D. Vitalina Arêas Vitier, também viúva, que morava em Portugal com seu filho Mário. Mandou buscá-la para ser sua dama de companhia. D. Vitalina conviveu mais de 30 anos, juntamente com seu filho, com a família do Barão.

CAPÍTULO XXV

A família Groppo sempre residiu no mesmo local, ou seja, no terceiro quarteirão da Av. Dr. Morato. Portanto, perto de nossa primeira casa na Vila e uma das primeiras a fazer amizade conosco.

Seu Antônio Groppo trabalhava no Matadouro Municipal, onde fazia as funções de magarefe, isto é, abatedor de gado. Foi casado em segundas núpcias com Dona Angelina Cardinali Groppo, filha do seu Célio Cardinali, dono de uma das padarias mais antigas do bairro.

Do casal Antônio — Angelina Groppo nasceram os seguintes filhos: Helena, que se casou com José Manoel Peroso, encarregado da fabricação do Engenho central; Luiz, marceneiro de profissão, depois atuando no comércio e se casou com Virgínia; Diva que foi casada com Raul Stoff, cujo filho Noedyr ocupa um lugar de destaque na medicina nacional, como cirurgião cardíaco, pertencendo à equipe do Prof. Zerbini. Onorinda (Laura) casada com Rufino dos Santos; Airdo, casado com Leonice Aparecida Corrente (filha de Augusto Corrente), trabalhou de torneiro mecânico em várias oficinas, inclusive no Engenho Central (Tem um filho médico, o Airdo (Radiologista), e um agrônomo, o Gerson); Leonilda, casada com Orlando Zanin, comerciante no ramo de móveis na Av. Rui Barbosa; Osmar, marceneiro e que tem também um filho médico, cirurgião cardíaco — Amauri (também da equipe do Dr. Zerbini); Edna, casada com Pedro Trevisan; Maria Eunice, falecida; Hermógenes Ediel, marceneiro; Maria Eunice, casada com Carmo Altafini; e Hidelbrando, já falecido.

Uma família, nossa conhecida antes mesmo de mudarmos para a Vila Rezende, era a dos Ravelli. De origem italiana, além de se radicar no Brasil, também tem outros parentes na Suécia e Inglaterra. Os que vieram para São Paulo se instalaram em Piracicaba e Franca. O tronco original dos piracicabanos é formado por Seu José Ravelli e Dona Teresa Pelissari Ravelli. Seus filhos, como sempre numerosos, são: Ricieri, Marino, Orlando, Ângelo, Alcides (nasceu na Estrada do Meio e assim se chama por minha causa), Assumpta, Amábil, Angelina e Romilda. Todos os Ravelli se dedicaram ao cultivo da terra, especialmente formando lavouras de cana na região rural conhecida por Bairro do Guamiú, nome do ribeirão que o atravessa antes de desaguuar no Piracicaba. Primeiramente, como empregados, depois como arrendatários e, finalmente, como proprietários das terras progrediram e, após alguns anos, passaram a residir na Vila, dedicando-se a outras atividades.

Seu Marino Ravelli casou-se com dona Bruna Ida Ravelli (filha de Seu Archavio Nadalini e Teresa Grella); possuía sua propriedade agrícola nas proximidades da estrada velha para São Pedro, num local chamado Kalembray, sendo fornecedor de cana para o Engenho Central. Seus filhos formavam uma família numerosa e, além de ajudarem o pai na administração da terra, agiam em outros campos. Vamos citá-los: Alcebíades, Archimedes, Helena Terezinha, Maria Euclédia, Adda, José, Jonas, Leonice e Célia Catarina.

Outra família que, inicialmente se dedicou à lavoura e, depois, muitos filhos enveredaram para outras profissões, é a dos Cazzonatto. Seu João Cazzonatto e Dona Itália Pelissari Cazzonatto eram os pais de: Moacyr Cazzonatto, que trabalhou 38 anos

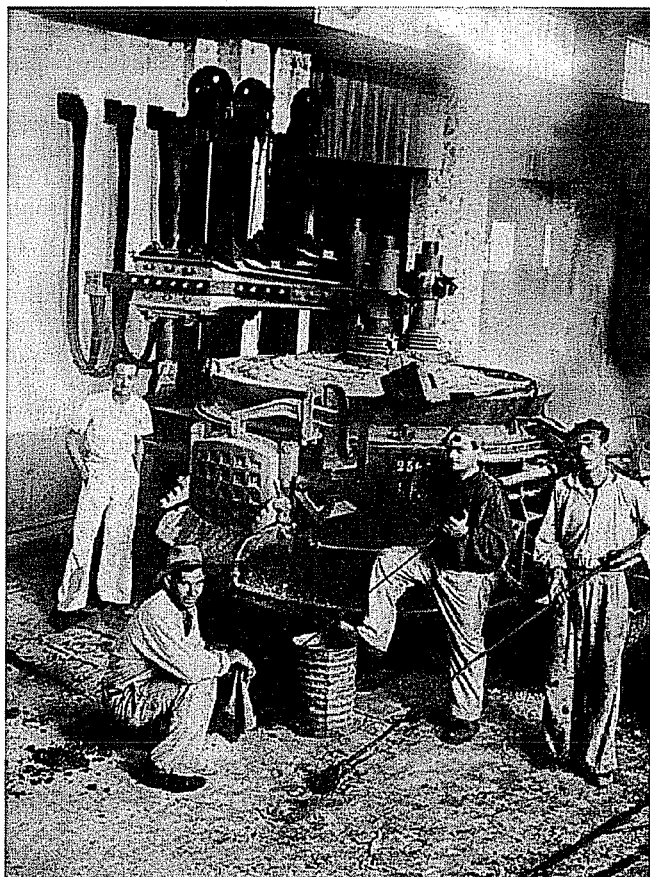
na Dedini e foi casado com Ilídia Cazzonato; Inês Cazzonato; Aurélio Cazzonato, lavrador; Jerónimo Cazzonato, empregado da Dedini; Tarcísio Cazzonato, também empregado da Dedini; Rosa Cazzonato que como irmã franciscana chama-se Irmã Cristina; Lourdes Cazzonato, casada com José Rocha; Maria Adieta Cazzonato; Antônio Cazzonato.

Os Altafini da Vila eram duas famílias, a do seu Ângelo Cruz Altafini, que se casou com Dona Elisa Romani Altafini, e a de Seu José Altafini, que se casou com Dona Maria (Mariota) Altafini.

O casal Ângelo — Elisa Altafini teve dois filhos: Carmo (ajustador mecânico), que se casou com Maria Eunice Groppo; Romilda, que se casou com José Furlan.

O segundo casal, José — Maria Altafini, tiveram cinco descendentes: José Altafini Filho, o famoso Mazola, campeão mundial de futebol em 1958 na Suécia; Maria Aparecida; Maria Ignês, Otílio, Luiz.

Mais uma razão para os vilarezendinos se orgulharem, ter tido um filho que ajudou a seleção de futebol do Brasil, a ser campeã mundial em 1958.



Primeiro forno de aço da Dedini
Da esq. para dir.: Dr. Lauro de Moraes Martins,
Sebastião Degaspari, Rômulo Simioni, Moacyr Cazzonato.

Do outro lado da linha da Sorocabana, em frente ao pátio dos Moretti, havia uma casa do Engenho Central onde morava seu Vicente Baroni e sua família. A moradia ficava entre duas linhas férreas — a da Sorocabana e a do Engenho Central. Além da linha do Engenho, havia um bosque de árvores plantadas em alinhamento, no local onde se instalaram as oficinas da Motocana. Era por nós chamado de Bosque dos “Morroporti”.

Seu Vicente Baroni era o guarda do Engenho encarregado de olhar as plantações indicadas e mais os eucaliptos. Sua esposa era Dona Carolina Oriani Baroni.

Os filhos do casal eram quatro. O mais velho era o Luiz Osveni Baroni, que foi meu colega de grupo escolar e de brincadeiras. Foi empregado do Engenho Central e casou-se com Dona Amélia Natali Baroni, cuja avó era muito conhecida na Vila, como Dona Amélia “Curandeira”.

Os três restantes se chamavam respectivamente: Angelo (empregado da Dedini); Aisme Baroni (também empregado da Dedini); e Iraides, que se casou com Silvano.

Os Sampronha também eram muito conhecidos dos habitantes do bairro. Moravam na Bimboca e se dedicavam ao plantio de cana para o Engenho Central nas terras de Mário Areias Witier, mais conhecido por Mário da Baronesa.

O casal era constituído pelo Seu Luiz Sampronha e Dona Ângela Sampronha.

Os filhos eram: Fernando Sampronha, empregado do Engenho Central; Reinaldo Sampronha, empregado da Dedini; Iolanda Sampronha, que se casou com Ricieri Anibal; Catarina Sampronha, casada com Hortêncio Breviglieri, que plantava cana para o Mário da Baronesa e irmão de António Breviglieri; Ignês Sampronha que se casou com Alfredo Custódio; Júlia Sampronha, que foi casada com Eugênio Natali, irmão da Amélia, que se casou com o Luiz Osveni Baroni; José Sampronha, que ainda trabalha na Dedini e é grande animador de bailes e forró.

Voltando à continuação da Av. Conceição, depois de sua interrupção pelo “Largo da Estação Barão de Rezende”, ficava uma bela casa de esquina com a Trav. Salaz, com boa porção de terreno ao seu lado. Era mesmo uma chácara. Nela moravam Seu Victor António Decico e sua família.

Um filho do Seu Victor, que morava na Fazenda Santa Lydia, de nome António, mudou-se para a Vila, indo morar em uma parte da chácara de seu pai. Seu António Decico era casado com Dona Carmelina Turk Decico, e foi empregado do Engenho Central, até aposentar-se.

Sua família sempre morou na Vila e, mais ou menos, no mesmo local. Eis os seus filhos: Victor António Decico Neto, foi torneiro-mecânico na Dedini galgando cargos até ser chefe da seção, quando se aposentou; Máximo Decico, também empregado da Dedini, onde se aposentou; Isolina (Nita Decico), casada com António Ducatti, que trabalhou na Dedini, General Motors (São Bernardo) e depois teve oficina própria; Julieta Decico, casada com Izaco Scatolin (mecânico da Dedini); Domingos Decico, casado com Leda Romero e aposentado do Dedini; José Decico, que foi aluno do SENAI (primeira turma), voltando ao mesmo como instrutor de ajustagem, onde se aposentou; depois montou uma indústria de aquecedores solares para residência que obteve grande êxito; Afonso Decico, engenheiro agrônomo e sócio do José na indústria referida; Eunice Decico, casada com Jaime Grizoto.

Quando médico do SENAI reencontrei o José Decico como aluno e depois como colega — ambos empregados.

Nas imediações da residência do Decico, morava uma pequena família que desejo

homenagear. Homenageá-la pelo seu chefe que, dando provas de coragem e desprendimento, veio a falecer por não abandonar seu posto de maquinista, tentando salvar a locomotiva do Engenho Central em um acidente já relatado. Nossa homenagem a Vicente Capaldi, um dos heróis anônimos da Vila.

Seu Vicente Canaldi foi casado com Dona Carmela e deixou os filhos: Fortuno Capaldi (empregado do Dedini); José Capaldi (pedreiro); Sílvio Capaldi (fundidor na Dedini); Rita Capaldi.

O Seu Lívio Ferraciú trabalhava de conferente da Estrada de Ferro Sorocabana, em Capivari. Depois, mudou-se para a Vila Rezende onde comprou do Seu João Barbosa um armazém, situado na Av. Rui Barbosa, 446. Seu irmão Glauco também empregado da Sorocabana, veio posteriormente trabalhar com ele.

Ainda não me referi a uma prática muito usada pelos armazéns ou vendas, de então. Existia para cada freguês uma caderneta na qual eram anotadas as mercadorias compradas e os respectivos valores. De mês em mês ou tempos maiores de seis meses ou até um ano, para os que moravam nos sítios de dependiam das safras, as cadernetas eram somadas, página por página, e a conta liquidada. Não havia aumento algum, pois a inflação não era conhecida. Bons tempos aqueles!

Voltando à família do Seu Lívio Ferraciú, ele veio a se casar com Juracy Vaz de Mello, filha única do Seu Atahualpa Vaz de Mello, gerente geral da lavoura do Engenho Central, morador na casa que ficava no final da Trav. Juqueri, juntamente com sua esposa Dona Maria Eugênia Neves de Mello. Eram muito faladas as festas de São João, que Seu Atahualpa promovia em sua casa até com braseiros para os devotos passarem descalços.

Do consórcio de Seu Lívio com Dona Juracy nasceram os seguintes filhos: Maria Eugênia que foi casada com Seu Reinardo Alleoni; Atahualpa, formado médico e casado com Dona Maria Geny Sartori Ferracciú; Branca, professora, casada com Paulo Ferreira; João Otávio, casado com Dona Brigitte Stênico Ferracciú, industrial, dono da MEFSA; Luiz Antônio, casado com Dona Ana Maria Alves Ferracciú e também industrial companheiro de seu irmão.

Os Ferraciú prometem ir longe, pois até agora são catorze netos e dois bisnetos, do casal Lívio — Juracy.



Família Maniero — 12-3-1934 da esq. Para a dir. em pé — Antônio, The-reza, Pedro; sentados — Rosa, Angelo (Nono), Maria

Todos devem estar lembrados do local onde ficava o consultório médico do Dr. Viana. Isso mesmo, na Av. Rui Barbosa, em frente à Farmácia São João. Atrás da sala do consultório havia uma casinha toda florida, onde moravam os dois velhinhos que formavam o tronco dos Maniero, Ângelo Maniero e Páschoa Maniero. Tinham o mesmo sobrenome, mas não eram parentes. Seu Ângelo Maniero trabalhava como condutor daqueles carros de tração animal comuns naquela época, bonitos, atraentes e macios. Elegantes e vistosos, chamavam a atenção dos transeuntes que admiravam seus passageiros. Além do carro, Seu Ângelo possuía várias mudas de cavalos, animais imponentes, docéis e jeitosos.

Eram seus filhos: Antônio Maniero, que possuía um curtume nas imediações da Av. Carlos Botelho e depois mudou-se para Tupy; Pedro Maniero, dono de uma fábrica de almofadas para automóveis em São Paulo, depois Campinas; Teresa Maniero Romani, casada com Seu Palmiro Romani; e duas filhas que não se casaram, pois muito religiosas só tinham tempo de se voltarem para as coisas de Deus, se entregando alegres e felizes ao trabalho da Igreja Imaculada Conceição e ensino das Santas Escrituras — Maria e Rosa.

Apesar de existirem na Vila Muitas pequenas chácaras e quitandas, percorriam suas avenidas, todos os dias úteis, cerca de seis verdureiras.

Dona Conceição Ferreira, residente na Av. Rui Barbosa, vizinha da sapataria do velho Busato, era uma delas. Abastecia-se em vários locais. Ia à chácara dos Kalembray, onde o Isaltino cuidava de tudo, ou então, amanhecia no pátio do Mercado Municipal, comprando os legumes, frutas e verduras dos sitiantes da zona rural, que só vendiam para revendedores. Cada verdureira tinha sua freguesia certa e era difícil voltar para casa com algo nas cestas enormes que carregavam.



Maria Maniero: uma vida dedicada a Deus.

Dona Tereza dos Santos tinha uma filha que a ajudava na distribuição da mercadoria. As fontes dos produtos eram as mesmas, ou então comprava nas chácaras da periferia. Carmem era o seu nome. A Carmem tinha um irmão do qual a grande maioria deve se lembrar. Trabalhava no Valler de guarda-livros. Como se dizia na época, trajava-se impecavelmente, era elegante e exímio saltador do bonde andando a nove pontos, de frente ou de costas. Era o José Maria dos Santos — o filho da verdureira!

Havia outra que trabalhava no mesmo ramo. Era conhecida por Dona Virgínia — a portuguesa. Morava numa casa dos Ducatti.

Também da mesma nacionalidade era Dona Rosa, que faleceu há pouco tempo. Morava na Trav. Maria Maniero e tinha banca no Mercado.

E, finalmente, dona Maria do Carmo, cujo marido era conserveiro da linha da Sorocabana e morava ao lado de Dona Hermínia — a frangueira, nas proximidades do açougue de Seu Izidoro Zílio!

Quem me deu as informações descritas acima foi a Dona Conceição Ferreira, que passou a chamar-se Oliveira com o casamento. É uma pessoa com mais de oitenta anos, mas com uma memória invejável. Perguntei se ela sabia do segredo do Izaltino, o empregado dos Kalembay. Nas segundas e quintas-feiras, o Isaltino, que era de cor, passava pelas avenidas da Vila com um belo ramalhete de flores nas mãos e muito bem vestido. Onde ia e para quem eram as flores ninguém sabia. Não adiantava perguntar-lhe, pois nada dizia. Mistério... Nem Dona Conceição desvendou a história.

Fomos colegas e amigos no Grupo Escolar de Vila Rezende. Sempre que nos encontrávamos a alegria era mútua. Recordações, tempos vividos, saudade. Estou me referindo ao Reinaldo Orlandin. Ele morava com toda sua família em uma casa grande, na esquina da Av. Dona Francisca com Barão de Serra Negra, que ainda está lá, resistindo aos tempos.

Seu pai chamava-se Albino Orlandin, sapateiro dos bons, que trabalhava na própria residência. Sua mãe, Antônia Jacques Orlandin, de origem francesa, irmã de Dona Filomena Jacques Martins, esposa do Seu Jordão Martins.

O Reinaldo há pouco nos deixou, mas onde estiver um ex-amigo ou ex-colega, sempre será lembrado com carinho. Foi casado com Zuleika Camargo Barros Orlandin, sempre trabalhou na Dedini, onde era o chefe geral da Fundação, aposentando-se neste cargo.

Entre suas irmãs, a Iracema casou-se com o Péricles da Padaria do Sol. A Nilza foi casada com o Seu Gustavo Stolf, morando sempre na cidade, na Rua Santa Cruz. A Lourdes casou-se com outro rezendino, Victor Antônio Decico Neto, empregado da Dedini, onde se aposentou como chefe de seção. Edith Orlandin casou-se com Walter Negreiros. E a última das irmãs Oralda, casou-se com Cyrilo Ballestero, instrutor de ajustagem aposentado do SENAI e grande amigo meu.

Os irmãos do Reinaldo, todos trabalharam na Dedini: Raul Orlandin, Luiz Orlandin e Antônio Osires Orlandin.

Na Av. Dona Francisca, do lado oposto aos eucaliptos do campo da Sucrérie, residia a família Mainardi. Seu Domingos Mainardi foi primeiramente lavrador, depois empregou-se nas oficinas Dedini, vindo a se aposentar. Mas não parou de trabalhar, pois tinha uma habilidade incrível de trabalhar com couro curtido. Fazia correias, cordas, relhos, enfim todo aviamento necessário. Sua esposa era Dona Albina Bissi Mainardi.

O casal de velhos tinha cinco filhos, a saber: João Mainardi, que se casou com Dona Emília Gioconda Bassan Mainardi, toda vida foi motorista de caminhões, antes próprios, depois da fábrica de tecidos e finalmente da Dedini; António Mainardi, casado com dona Amélia Mantelatto Mainardi, de quem todos devem se lembrar, pois era o motorista particular de Seu Mário Dedini; Hermenegildo Mainardi, que trabalhava na fábrica de tecidos; Severino Minardi (Sillo), empregado da Dedini e se casou com Dona Rosa Dall'Ara Mainardi; Iná Mainardi, que se casou com Vitório Pavani, indo residir em São Paulo; Idalina, casada com Carlos Pepinazzi; finalmente, Carmela Mainardi, que se casou com Domingos Furlan.

Lembro-me de um coleguinha no Instituto Baronesa de Rezende, que todos chamavam de Natalin, mas seu nome correto era Natálio Mainardi, filho de João Mainardi, irmão de Maria Helena.

Entre as famílias que não eram de origem italiana residentes na Vila, destacava-se a dos Stockmann que pelo sobrenome se identifica a nacionalidade. Eram dois irmãos que sempre trabalharam nas Oficinas Dedini — João Stockmann e José Stockmann. O João Stockmann foi casado com Dona Concheta Occhiuse Stockmann, tendo os filhos Francisco de Assis Stockmann, Henrique Stockmann e Fernando Stockmann.

José Stockmann, chefe geral das Oficinas Dedini, casou-se com Maria Botezelli Stockmann; e seus filhos eram: José Stockmann Filho e Maria Eunice Stockmann. Os irmãos Stockmann foram dois empregados importantes do complexo Dedini e muito contribuíram pela expansão e progresso do mesmo.

Já foi dito que na Vila havia um certo número de sapateiros. Entretanto, não eram remédios, mas sim verdadeiros artistas e artesãos. Fabricavam sapatos.

Um deles foi Seu Francisco Matarazzo cuja oficina ficava na Av. Rui Barbosa, de frente do Correio.

Sua esposa era Dona Olivia Giraldi Matarazzo e, como sempre, a família era grande. Vamos relacionar os filhos: Irineu Matarazzo, advogado e gerente de Recursos Humanos da Dedini, casado com Dona Dulce Ergobi Matarazzo; Roseli Maria Matarazzo, formada em Letras; Sônia Maria Matarazzo, contadora; Graoli Terezinha Matarazzo, professora; António Carlos Matarazzo, eletricitista da Dedini, casado com Sônia Maria Salvador Matarazzo, Maria Madalena Matarazzo, professora, casada com Francisco Guollo; Constância Matarazzo, professora de Matemática, casada com José Waldir Regno.

Da família Matarazzo temos ainda a lembrar que dona Madalena Matarazzo, mãe do Seu Francisco, era uma benzedeira de fama.

Eram dois irmãos, Alexandre D'Abronzo e Sylvio D'Abronzo. O Sylvio foi meu colega no jardim de infância do Instituto Baronesa de Rezende. Possuíam um armazém na Av. Barão de Serra Negra, esquina da Trav. Maria Maniero. Eram muito bem vistos pelo povo da Vila, dado serem comunicativos e sempre alegres. O Sylvio depois se separou da sociedade para, com o Alexandre (Xandico), abrir uma fábrica de refrigerantes. Eram sobrinhos do Seu Paschoal D'Abronzo. Filhos do Seu Francisco D'Abronzo tinham outros irmãos — Ada, Ida e José.

Desde os tempos da Fazenda São João, na Estrada do Meio, eu já conhecia a família Gobbo. Seu Eugênio Gobbo e sua esposa Dona Ângela Cazzonato Gobbo moravam numa casa nas proximidades do tanque do Seu Joaquinzinho Pinto, uma represa

do ribeirão do Guamium. O tanque era enorme e rico em peixes e jacarés.

Um dos filhos do Seu Eugênio mudou-se para a Vila e me recordo dele e sua família. Era Seu Natal Gobbo, mais conhecido por Nim. Trabalhou como carroceiro na Dedini e depois comprou a venda do Santo Balestiero (Santoni), que ficava na esquina da Av. Conceição com Av. Barão de Valença. A venda ficava a dois quarteirões do nosso “casarão” e sempre íamos comprar lá.

Seu Natal era casado com Dona Josefina Foltran (Dona Pina). O casal cuidava da venda, ajudado pelos filhos, ainda menores. A família era, como hábito naquele tempo numerosa. Eram dez filhos, como segue: Nair Gobbo, que se casou com Luiz Gonzaga Medeiros, chefe geral da MAUSA, já aposentado; Elza, casada com Pachcoal Racosta, motorista de praça; Terezinha, casada com Carigui Gomes Fernando Viana (Cutira), que trabalhou na fundição da Dedini e depois comprou o armazém do Duilio Giovanetti; o casal tocava a venda, pois a Terezinha aprendeu tudo com o pai; Ana Gobbo, solteira; José Natálio Gobbo, casado com Odair Pafinatto Bobbo, com 40 anos de trabalho na Codistil, onde é o chefe do Departamento Mecânico; Francisco Archimedes Gobbo, casado com Carmem Cruz Gobbo, é dono da Escola Megatec de Desenho Mecânico pois é engenheiro; Dorival Gobbo sócio com o irmão Francisco de uma empresa de limpeza com jato de areia (Bercat), casado com Cleide Pettan; Antônio Gobbo, morador em São Paulo onde trabalha como desenhista; Sueli Gobbo, casada com Leonardo Prezotto, funileiro; e, finalmente, Maria Elisabete, casada com Primo Breviglieri, vendedor da MEFSA.

Seu Antônio Gobatto e sua esposa Dona Maria Gonçalves Gobatto mudaram para a Vila em 1925. Seu Antônio se empregou no Engenho Central, onde trabalhou como cozedor 44 anos.

A família não era muito grande, pois era constituída de cinco filhos. Começamos pelas mulheres: Menaide Gobatto Miotto, que se casou com Aldo Miotto, contador da Fazenda São José do Engenho Central; Cinira Gobatto Dias, casada com Luiz Dias, caldeireiro do Engenho Central; Inês Gobatto Bressan, cujo marido, Raul Bressan, tinha uma oficina mecânica de autos e depois empregou-se na Dedini; José Paulo Gobatto, casado com Ruth Gobatto, instrutor de ajustagem da Escola SENAI em São Paulo; Luiz Antônio Gobatto, casado com Lourdes Degaspari Gobatto, começou a trabalhar na carpintaria da Dedini, depois passou para modelagem sob as ordens de Pedro Segatto e, finalmente, chegou a chefe da modelagem, onde se aposentou.

CAPITULO XXVI

Seu Mário Dedini era uma pessoa boníssima. No início de sua vida, em Vila Rezendê, trabalhava junto com seus primeiros empregados e com seu irmão Armando. Moravam ele e Seu Armando em uma casa pequena e desconfortável ao lado da primitiva Oficina na Av. Conceição. Entretanto, à medida que progredia, todos eram lembrados. O lucro que obtinha de sua oficina e negócios, além de ser usado para ampliar e construir continuamente seus barracões, dava mais conforto e segurança para o trabalho, bem como para ajudar isoladamente um trabalhador, ou então a coletividade.

Mesmo depois de suas oficinas terem atingido um nível razoável em trabalhos executados e atividades diversas, projetando-se entre as melhores de Piracicaba e, logo, após do Estado, inclusive saindo de suas fronteiras para esse imenso Brasil, Seu Mário Dedini não mudou. Continuava visitando seus amigos trabalhadores, vendo suas necessidades, tomando parte de seus problemas mais íntimos e familiares. Participava intensamente de todos os acontecimentos das oficinas e de seus empregados. Queria ver o progresso de todos, facilitando meios par tal. Era um patrão que, talvez lembrando de seu passado, não esquecia os que dele dependiam para o sustento de seus familiares.

Foi, no meu entender, o primeiro capitão de indústria a instituir o sistema de livre escolha, pelo paciente, do médico de sua preferência. O empregado tirava uma ficha de consulta médica no escritório da empresa e se dirigia ao médico da sua escolha. Todos os facultativos atendiam empregados da Dedini em seus consultórios, como clientes particulares, e era só entregar no final do mês as fichas no escritório para receber o total do seu trabalho. Seu Mário conhecia o quanto vale o relacionamento médico-paciente, direto, sem intermediações, como pregava há séculos, Hypócrates, o Pai da Medicina.

Desse relacionamento diário, íntimo e cordial de patrão e seus comandados, podemos relatar alguns fatos interessantes que chegaram ao nosso conhecimento, já que crescemos, como todos sabem, junto aos Dedini e seus empregados. Certo dia, notando a falta de um operário, Seu Mário perguntou ao chefe da seção o que estava acontecendo com o mesmo. O chefe respondeu que tal empregado havia se separado da esposa e necessitou faltar para arrumar a casa para a nova mulher, com que ia viver. Surpreso com o caso, Seu Mário mandou o chefe, quando voltasse ao trabalho quem assim procedia, encaminhá-lo ao escritório. Assim foi feito..

No escritório, o faltoso ouviu mais ou menos isso: se você quiser continuar meu empregado, volte à sua mulher legítima, senão está despedido. E assim aconteceu.

De outra feita, um engenheiro estrangeiro, que lá trabalhava, pergunta a um pobre trabalhador:

— Por que você faltou três dias?

— É porque a minha mulher deu à luz e precisei ficar cuidando dela — responde o pobre coitado.

— Mulher de operário não dá à luz, a mulher de você deu cria — replica o engenheiro.

O empregado assim humilhado ficou acabrunhado e triste, a tal ponto que dava para perceber. Foi então argüido pelo seu chefe de seção, o que se passava. Soube da resposta e assim que se encontra com Seu Mário lhe conta o ocorrido. O engenheiro

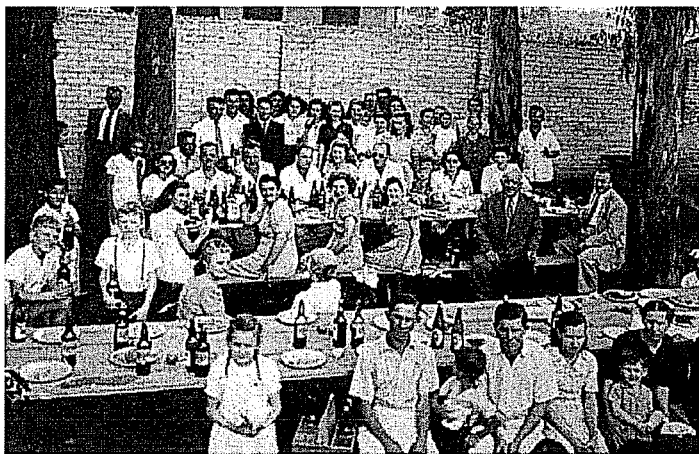
foi chamado e depois, de ser advertido, recebeu a conta.

Outro caso de um ponto de vista diferente, foi o que se segue. Num intervalo para o almoço, um grupo de empregados, após o repasto, discutia qual era o lucro de Seu Mário, depois da reforma de uma caldeira. Um deles, para melhor explicar, toma uma chapa de ferro, coloca-a no chão e com um giz na mão passa a escrever números e a falar em voz alta. Seu Mário que passava ouviu do que tratavam, parou e deixou chegar ao fim o cálculo, falando então:

— Seus vagabundos, eu pago “vocês” para trabalhar, não para saber meu lucro.

Todos que começaram o trabalho com Seu Mário, e com ele permaneceram sempre fiéis e amigos, eram chamados de “pioneiros”. Cada cinco anos havia a festa dos pioneiros, realizada em sua casa, num ambiente alegre e cordial, onde durante um almoço especial eram homenageados, conforme o tempo de serviço de cada um. Todos recebiam das mãos do Seu Mário um relógio de ouro, uma medalha do mesmo metal, que ele mesmo fazia questão de colocar na lapela e um cheque de certa importância, relativa aos anos de trabalho que completavam.

O empregado mais antigo de Seu Mário, na primeira festa do pioneiro, foi o Seu Ângelo Rizzolo, com o tempo de 37 anos de serviço. Era de se esperar tal acontecimento, pois Seu Ângelo aparece ainda menino, na primeira fotografia da oficina em 1920, lembram-se? Portanto, o evento aconteceu em 1957 e as fotos estampadas neste capítulo mostram com clareza.



Oficina Dedini: Festa de Fim de Ano

Outros acontecimentos, que não podemos esquecer, eram as festas de fim-de-ano. Todos os empregados participavam, com suas respectivas famílias, no interior de um barracão das oficinas, especialmente preparado. Chops, cervejas, refrigerantes e comestíveis não faltavam, além dos presentes para todas as crianças. O que mais me divertia nessas ocasiões eram as diferentes atitudes tomadas por aqueles que ultrapassavam os limites de tolerância ao álcool. Uns falavam ininterruptamente, outros choravam, ainda outros permaneciam mudos e inertes. Entre esses três estágios havia uma gama de inúmeros intermediários indescritíveis.

Nessas festas de confraternização, estavam sempre presentes Seu Mário e seus familiares. Participavam das alegrias dos empregados, tornando tudo uma só família.



Festa de Fim de Ano: Seu Mário Dedini dá o exemplo



Festa dos Pioneiros das Oficinas Dedini

CAPÍTULO XXVII

Ainda restam muitas famílias para serem registradas neste trabalho. É uma espécie de corrente sem fim. Quando termino uma entrevista, o próprio entrevistado pergunta: “já falou com tal família”? Uma história puxa a outra...

Quando fui à casa de Dona Conceição — a verdureira, encontrei lá uma sua nora chamada Luzia, que trabalhou em nossa casa. Perguntei a ela se sua família era da Vila; explicou-me que morava na Vila Progresso, mas um seu tio era vila-rezendino.

Trata-se de Seu Antônio Parizotto, casado com dona Letícia, que inicialmente foi frangueiro (vendedor de frangos, não goleiro vagabundo) e depois trabalhou no Engenho Central.

Eram filhos do casal: Maria Irene, casada com Pedro Braidotti; Antônia, casada com Augusto Gutierrez; Iolanda; Mercedes, casada com Antônio Salmeron; José, casado com Elza Scarpari; e Beatriz.

Como prova do que foi escrito atrás, vejamos a família Braidotti. Seu Pedro Braidotti casou-se com dona Maria Irene Parizotto Braidotti. Ele era filho do Seu Francisco Braidotti e de Dona Paulina de Jesus. Ela filha de Seu Antônio Parizotto e de Dona Letícia Bonfiglio.

Seu Pedro possuía uma fábrica de vassouras chamada Pajé, estabelecida na Trav. Maria Maniero nº 43, onde funcionou até 1960. Seu Pedro nasceu em 13 de abril de 1919 e passou a morar na Vila desde 1928.

São seus irmãos: Vergílio, Ermínia, João Domingos, Augusto, Angelina, Rosa, Orlando, José e Jorge.

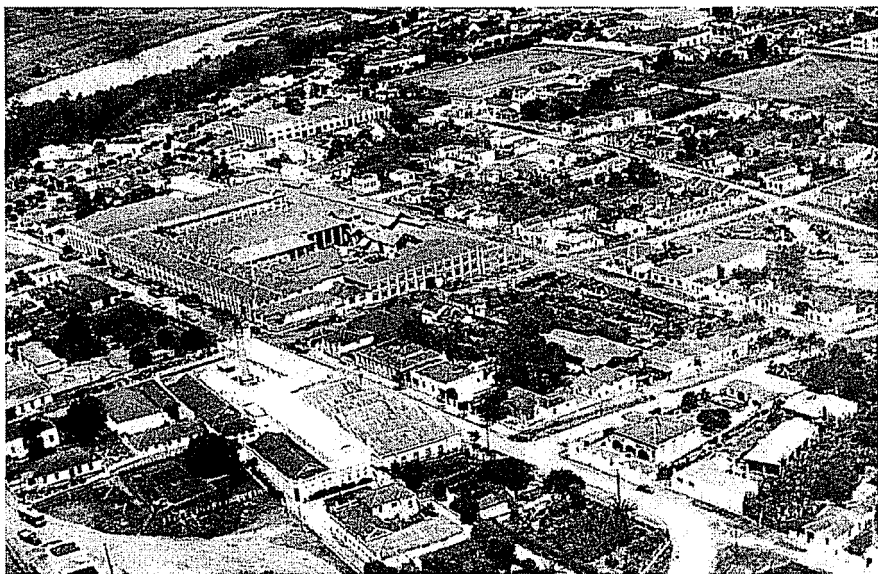
O casal Pedro — Maria Braidotti, teve três filhos: Vanderlei Braidotti, casado com Marilene Belote Braidotti; Roberto Braidotti, casado com Marta Rodrigues Braidotti, Vladimir Cesar Braidotti, casado com Tânia Fischer Braidotti. O Vladimir é médico e clínico na cidade.

Uma coincidência interessante: seu Pedro Braidotti era comprador de laranjas de Seu Umberto Aldrovandi — meu pai.

Quem passou pelos bancos escolares do Grupo Escolar da Vila Rezende, depois denominado “José Romão”, não pode ter esquecido uma pessoa muito querida das crianças, amiga e conselheira. Estou me lembrando de Dona Adelaide Rocha Alves Fêo, a servente da nossa escola primária.

Seu Joaquim Alves Fêo era o chefe de uma família numerosa e conhecida por todos da Vila. Sempre foi professor municipal em vários pontos do Estado de São Paulo. Casou-se com Dona Adelaide e tiveram os filhos que passo a revelar: José de Almeida Fêo, professor ginásial em Taubaté, que teve uma aluna famosa como cantora e apresentadora de televisão — Hebe Camargo; Antônio Alves Fêo, cirurgião dentista, tendo trabalhado em Tietê e Porto Feliz; Joaquim Alves Fêo Filho, que trabalhou muito tempo no Mercado Municipal de São Paulo, comercializando frutas; Paulo Fêo, o único vivo, com a idade impressionante de 91 anos, era conhecedor profundo do plantio de cana-de-açúcar e de eucalipto, tendo trabalhado no Engenho Central e na Fazenda da Rhodia em Campinas; Mauro Alves Fêo, falecido na infância; Hélio Alves Fêo, contador e procurador da família Kok em Piracicaba, onde possuía muitos

bens, principalmente na Vila Rezende; Maria Alves Fêo, contadora; Anita Alves Fêo, contadora; João Batista Alves Fêo, que trabalhou no Cosipa em Cubatão; Leonina Alves Fêo, professora; Armando Alves Fêo, que trabalhou na Fábrica Boyes.



Vista aérea da Vila Rezende.

*Nesta foto aérea podemos verificar como a Vila cresceu e progrediu. As Oficinas Dedi-
ni já tomavam uma área enorme, avançando até a casa do Sen Eugenio Badialli, o úl-
timo baluarte que se bateu contra a fúria esmagadora das edificações.*

*Eram quase dois quarteirões dos da Vila, (no centro da fotografia). A Codistil aparece como um outro gigante,
logo atrás. A Sul Seda fechava um retângulo nas avenidas Salaz, Lourenço Ducatti, Largo da Estação e S.
Estevam. No canto esquerdo, embaixo, a Est. Barão de Rezende. Um pouco além, o bonde fazenda a última
curva do seu traçado. Atrás do bonde, a casa de Vitório Cenedese e logo depois o casarão dos Aldrovandi. No
alto da foto, lá no fundo, o campo do Atlético. A Av. Rui Barbosa toda arborizada em toda sua extensão.*

Seu Paulo Alves Fêo foi casado com Dona Rosa Cherubin Fêo, tendo três filhos: Jandira Alves Fêo Saliba, casada com o Dr. João Saliba, médico em Botucatu, residindo atualmente na Fazenda Viegas em Rio das Pedras; Rodolpho Alves Fêo, industrial, e quando jovem defendeu as cores do XV de Novembro; Paulo Sérgio Alves Fêo, catedrático de Ortodontia na Universidade Federal de Goiânia.

Outra família respeitável da Vila foi, sem dúvida, a dos Fioravante. João Libório Fioravante (Joanim) trabalhou na Fábrica de Tecidos, chegando a ser o mestre geral, correspondendo a gerente em nossos dias. Seu tempo de serviço, pasmem, 60 anos. Era amigo e compadre de Seu Francisco D´Abronzo.

Seu João, casado com dona Mariantina Arzola Fioravante, morou primeiramente na Av. Rui Barbosa, nº 1 e depois na Av. Barão de Serra Negra, logo acima da linha de trem do Engenho. Os filhos do casal foram: Afonso José Fiorante, professor primário, depois diretor e finalmente inspetor escolar; Filomena, contadora, formada pela Escola Cristovão Colombo, do prof. Zanim; Alice Fioravante, professora primária; Elídia, professora primária; João Fioravante Junior, professor secundário; Celso Fioravante, mecânico da Fábrica de Tecidos.

O João Fioravante Junior foi meu contemporâneo no Grupo da Vila e colega de classe de Leopoldo Dedini. Sempre se recorda da severidade da Prof^a. Rosa Pinto Nunes, do 3º ano, e do exigente Prof. Jarbas de Oliveira Joas, do 4º ano.

Seu Luiz Gozetto que foi casado com dona Genoveva Pelissari Gozetto, era lavrador no bairro da Água Santa. Posteriormente, mudou-se para a Vila.

A prole do casal, como de hábito naquele templo, foi pródiga. Teve dez filhos, a saber: Adelaide Gozetto, casada com Arthur Massarini, muito conhecido dos empregados da Dedini, pois fazia café para os mesmos; Hermelina Gozetto, casada com José Lopes, lavrador; Aurora Gozetto, casada com Benedito Barbosa, empregado da Dedini; Ângelo, lavrador; Orlando, casado com Odila Bianchini, trabalhou na Dedini e depois foi padeiro; Maria Gozetto, casada com Egídio de Mello; João Gozetto, casado com Mercedes Gibim, aposentado como montador de usinas; Ivone Gozetto, casada com Carlos Gonçalves, empregado da Motocana; Oriente Gozetto, funcionário na Dedini, casado com Iolanda Trevisan; e finalmente, Mercedes Gozetto, casada com Manoel Felipe que era pintor.

Os Gozetto sempre moraram onde hoje é o bairro São Luiz.

Vamos agora lembrar de uma família que deixou marcas indeléveis de sua passagem e atuação na vida do bairro querido. Trata-se da Família Seghessi.

O tronco do qual se originou a citada família estava na Itália. O casal Giuseppe Seghessi e Cecília Pedroni Seghessi morava em Calcio, província de Bergamo no norte da Itália. Saíram para o Brasil em 10 de agosto de 1897, tendo deixado lá três filhos casados. Além do casal, embarcaram os filhos Francisco, Paolo, Teresa, Baptista e Ângelo. Foram residir em São Pedro, onde no dia 28 de dezembro de 1907, Baptista Seghessi com 22 anos de idade, casou-se com Pierina Bistaco, com 21 anos de idade, filha de Hypólito Bistaco e Dona Judith Bistaco.

Os filhos do casal Baptista — Pierina Seghessi, que posteriormente mudou-se para Piracicaba, mais precisamente para Vila Rezende, foram: Florentina Maria Seghessi, casada com Joel de Andrade Fogaça; José Seghessi, casado com Adelina Baptista; Luiza Seghessi, casada com Wady Mattar Azem; Iracema Seghessi, casada com Antônio Francisco Alleoni; Alberto Seghessi, casado com Teresa Lunardonni Meneghetti; Helena Seghessi, casada com Pedro Falci; Maria Nida Seghessi, casada com Antônio Elias; Ignês Seghessi, casada com Mário Dedini; Mário Seghessi, casado com Jandira Cavalcante; Iolanda Seghessi, casada com Oswaldo Romani.

Seu Baptista Seghessi conseguiu uma coisa inédita na vida — trabalhar somente para um patrão. Para que isso aconteça, é necessário apenas uma coincidência. Patrão e empregado serem bons. O patrão era o Dr. Kok, um dinamarquês que dirigia o Engenho Central da Societé de Sucrerie Brésiliennes. Seu Baptista foi inicialmente cozinheiro e confeitoiro do Dr. Kok e o acompanhava ao tomar vinho do Porto, vindo direto de Portugal. Morava nessa ocasião em uma casa dentro da área do Engenho Central, onde nasceram seus três primeiros filhos.

O Padre Gallo também era amigo inseparável de Seu Baptista, que o ajudava nas arrumações das festas religiosas.

Depois, a família mudou para uma das casas junto à Cooperativa do Engenho, nos terrenos que hoje fazem parte do Mirante. Eram seis casas juntas com quintal coletivo e, juntos, os vizinhos compartilhavam os banheiros duplos e tanque para lavar roupa. No quintal, Seu Baptista criava galinhas, porcos e também tinha seus pés de frutas, principalmente parreiras de uvas. Naqueles tempos, os vizinhos, todos empregados

do Engenho Central eram: Perossi, Rensi, Pires, Righi e outros. O gerente da cooperativa era o Dr. Dureston, um dinamarquês.

Após a casa do Mirante, a família Seghessi mudou para uma casa que ficava dentro de um jardim, de todos conhecido por Jardim do KOK, onde hoje está a Praça Imaculada Conceição. Era mais um bosque, com árvores enormes e bonitas, tendo no seu interior passeios bem cuidados. A casa já é conhecida dos leitores, pois todos se lembram da casa na Av. Barão de Serra Negra, no meio do quarteirão, misteriosa e sempre de janelas trancadas. Possuía um terraço sobre o teto, cercado por pequenas colunas, um verdadeiro mirante com vista espetacular. Este local era freqüentado por pintores da época, como Manoel Nóbrega e Pacheco Ferraz, para inspiração de suas preciosas telas. Como já foi mencionado, do outro lado da avenida ficava a quadra de tênis da Sociedade Italiana, muito freqüentada pelos Motta Pacheco, Bulhões, Filipini e Mazzonetto.

Por ocasiões das disputas eleitorais, a chácara era palco de festas com comestíveis e muito chops, fornecidos pelo Dr. Kok.

Quando o Dr. Kok faleceu, deixou no seu testamento para Seu Baptista, a casa em que morou o restante de sua vida, na Av. Dona Francisca nº 654. A casa ainda existe, tendo plantada em sua frente uma “chuva de ouro”, presente do seu grande amigo Dr. Pinto Cesar.

Como bom italiano, Seu Baptista era apreciador das artes. Eram famosas as apresentações dos quadros vivos em frente à Igreja Bom Jesus. Participavam as moças da Vila, ensaiadas por Dona Lydia de Rezende, fazendo o fundo musical, com seu violino, a Elvira Giusti.

Como prova de sua afeição por Seu Baptista, na época em que residiu no Engenho, o Dr. Kok e sua esposa Dona Corina, quando um dos filhos dele foi acometido por meningite, o casal, assistido pelo Dr. André Ferreira dos Santos — o Dr. Preto, não arredou pé do pequeno paciente, que ficou curado completamente e sem seqüelas.

O filho Alberto foi um grande pescador no salto do rio. O produto da pesca era dado aos amigos. Hoje reside no Paraná, onde possui usina de açúcar, álcool e aguardente.

Outra família, ligada por laços de parentesco aos Seghessi é a família Bistaco, Dona Pierina Bistaco, que foi casada com Seu Baptista Seghessi, nasceu em São Carlos do Pinhal. Seus pais foram Hypólito Bistaco e Dona Judith Baio Sarto Bistaco. Dona Judith, de origem italiana, foi criada pela família de seu tio, o Papa Pio X, canonizado santo há pouco tempo.

O casal Hypólito e Judith Bistaco, além de Pierina, teve os seguintes filhos: Alexandre Bistaco, casado com Margarida Turolla; Cristina Bistaco, casada com Moreno Corrente; Ernestina Bistaco, casada com Ângelo Turolla; Cristina Bistaco, casada com Luiz Torrichelo; Ângelo Bistaco, casado com Maria Porcebon; Hypólito Bistaco, casado com Zula Sudário; Maria Bistaco, solteira, e Maximiliano Bistaco, casado com Mariana Sudário, pioneiro do Dedini.

Ao escrever sobre a família Bistaco, um nome me chamou a atenção — Ernestina Bistaco. Ernestina, como foi referida, casou-se com Ângelo Turolla, de cuja família vou falar. Quando conheci Seu Ângelo Turolla e sua esposa Ernestina, já tinham certa idade. Foram caseiros de meu pai no sítio da Estrada do Meio. Seu Ângelo era muito alegre; estava sempre sorrindo. Ao perguntar como iam os trabalhos, a vida e outras coisas, respondia:

— Tuto vá bene, perque sono il marinaro, I senza Turolla la barca non vá!

O casal teve dois filhos. João Turolla, já nosso conhecido, que trabalhou na máquina de beneficiar arroz do Seu Ângelo Valler e depois fazia transportes com sua caminhonete. Seu João Turolla casou-se com Josefina (Bepina) e tinha os filhos: Ângelo, Nélio e Paulina, todos meus companheiros de infância.

O outro filho era o José Turolla, casado com Dona Marieta Segá. O casal teve os seguintes filhos: Orlando, Antônio, Paulo, Ângelo e Maria Aparecida. Seu José Turolla era guarda da plantação de eucaliptos (do calipiá como se dizia), do Engenho Central. Estava sempre com uma pequena foice na mão. Tinha um defeito físico (não possuía uma das mãos), consequência de um acidente. Por ocasião da inauguração da linha de bondes, em frente à Estação da Paulista, Seu José que acompanhava um filho do Coronel Barbosa, ao vê-lo saltar do bonde em movimento, saltou também, sofrendo queda, indo parar com a mão sobre o trilho, sendo decepada pelas rodas do veículo. Isso não o impediu de trabalhar por 40 anos, vigiando os eucaliptos do Engenho Central.

João Beccari e Domiciano Beccari, se não eram irmãos, assim se consideravam. Possuíam uma máquina de beneficiar arroz, na Av. Rui Barbosa, no local onde fica a Tatuzinho; quem já viu funcionar uma dessas máquinas sabe que além do tamanho, o mecanismo é complicado e cheio de detalhes. É bonito, interessante e admirável assistir o benefício do arroz. Ver o arroz com casca ser colocado numa extremidade do mecanismo, verificar em visores próprios as fases intermediárias do processo e, finalmente, ver na peneira trepidante o arroz aparecer polido e separado em vários tamanhos, é um verdadeiro espetáculo da mecânica.



João Beccari



N.º [REDACTED]

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil:

Faz saber a quantos esta Carta Patente virem que, attendendo ao que requereram Beccaro Giovanni e Beccaro Domiziano, italianos, mecanicos, domiciliados em Bracciano, Estado de S. Paulo, por seus procuradores, Jules Giraud, Leclerc e C. transcritos, agentes de privilegios e domiciliados nesta cidade de Rio de Janeiro,

Considerando que, segundo allegarem em sua petição, julga serem elles proprios e primeiros e unicos auctores da invenção de uma machina aperfeçoada de beneficiar arroz, denominada Maquina de beneficiar arroz Beccaro e Irmao,

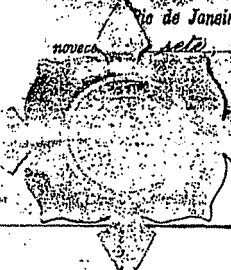
conforme o relatório e tres desenhos depositados sob o n.º 7.129 em 2 de Abril de 1907;

Considerando que os supplicantes devem ter observado loalmente o que dispõe a Lei n.º 3.129, de 14 de Outubro de 1882, e seus regulamentos, sobretudo na parte referente á especificação dos caracteres constitutivos da invenção, os quaes são objecto da propriedade e uso exclusivo garantidos pela presente Carta:

Resolve, resalvados os direitos do terceiro e a responsabilidade do Governo quanto á novidade e utilidade da dita invenção, conceder-lhes o uso, gozo, beneficios e vantagens della, pelo prazo de quinze annos, contados desta data, enquanto cumprirem as disposições que a lei impõe.

E para firmada de tudo, ordenou passar a presente Carta, que vai sellada com o sello das Armas Nacionais.

em Rio de Janeiro, em oito do Meio do mil noveco seto, decimo nono da Republica.



Assina-se aqui Marcos Antonio
Jules Giraud, Leclerc e C.

Carta Patente de uma máquina aperfeçoada de beneficiar arroz, denominada Máquina de Beneficiar Arroz - Beccaro e Irmao

Os irmãos Beccari, além de entenderem muito sobre benefício do arroz, fizeram, na máquina original, modificações tantas, que requereram patente de suas melhorias. A patente aqui impressa é um documento de valor histórico inestimável, pois é do ano de 1907 e assinado pelo então Presidente da República – Affonso Augusto Moreira Penna.

Seu João Beccari foi casado com Dona Maria Maniero Beccari e, contrariando a moda do tempo, tiveram somente dois filhos: um casal, Luiz Beccari e Elza Beccari.

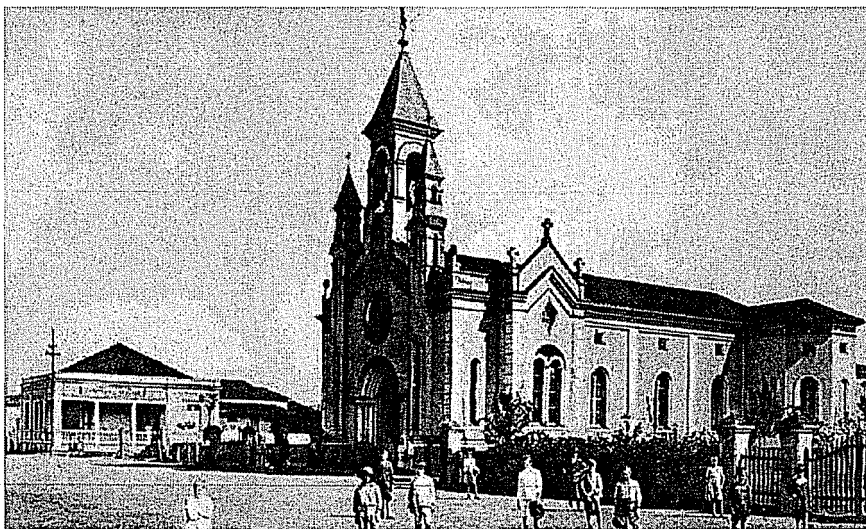
Luiz Beccari foi motorista do Engenho Central, dirigindo com mais freqüência a ambulância. Casado com Zaira Pascon Beccari, teve os seguintes filhos : João Samuel Beccari, casado com Maria Aparecida Beccari, é comandante da VASP aposentado; Maria Luiza Beccari Cardoso, casada com Paulo de Paula Cardoso; Mário Beccari, casado com Matilde Marques Beccari, representante da Labofarma; Mateus Beccari, casado com Luiza Josefa Godoy Beccari, comerciante; Marina Beccari, solteira , contadora da Codistil.

Elza Beccari foi minha colega no Instituto Baronesa de Rezende, estando na fotografia inserida no livro. Foi casada com Pelegrino Gozetto.

CAPÍTULO XXVIII

A Igreja Imaculada Conceição de Vila Rezende teve o lançamento de sua primeira pedra em 21 de maio de 1904, com a presença de todos os membros da Administração Municipal e Eclesiástica. A idéia de sua construção foi concebida pelos membros da família do Barão de Rezende, principalmente pelo “filho amoroso e dedicado” Estevam de Rezende, que faleceu no mesmo ano.

Dona Lydia de Rezende, sua irmã, em homenagem à memória do querido irmão extinto, satisfazendo o desejo por ele expresso, tomou a iniciativa de construir aquele templo. O Barão de Rezende já vinha doente há anos e sua filha dileta o substituiu galhardamente em todos os encargos. Com a cooperação de todo povo da Vila Rezende, Dona Lydia enfrentou inúmeros problemas e, por falta de recursos, a obra foi paralisada.



Igreja da Imaculada Conceição de Vila Rezende

Interrompidos os trabalhos, a partir de 1907, foram recomeçados e Dona Lydia de Rezende, à testa novamente da grande empresa, se multiplicava em organizar espetáculos beneficentes, quermesses, subscrições de listas de doações, enfim, tudo que levantasse fundo, para o término da igreja.

Após tanta luta, todos tiveram a satisfação e alegria de verem coroados de êxito os esforços da filha dos Barões de Rezende, pois em 17 de dezembro de 1910, D. João Nery, primeiro bispo de Campinas, solenemente inaugurou e benzeu.

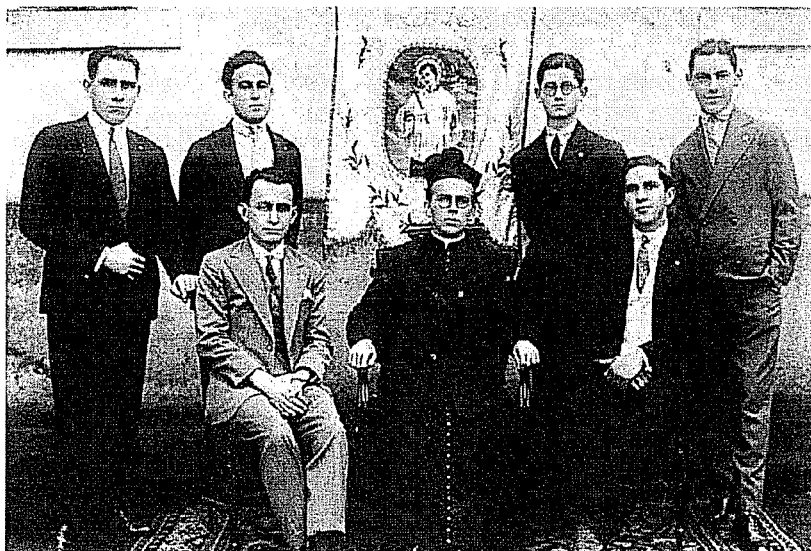
Infelizmente o Barão já não existia, pois falecera em 1909. A missa celebrada na sagração da nova Igreja foi dedicada à alma do benemérito benfeitor.

Com o desmembramento de Piracicaba em 19 de janeiro de 1914, a nova paróquia

da Vila Rezende recebe seu primeiro vigário, o Cônego Cerqueira.

Outros padres sucederam ao Cônego Carlos Cerqueira. Mas, o ano de 1921, foi marcado pela chegada do Padre Jeronymo Gallo – o pároco da Vila Rezende. O Padre Gallo, como era mais conhecido, permaneceu à frente da paróquia 30 anos, tendo galgado as promoções sacerdotais, chegando a Monsenhor.

Conheci o Padre Gallo, quando, criança, freqüentei o Jardim de Infância do Instituto Baronesa de Rezende. Sempre estava presente em festas de formatura e nas do fim de ano. Morava ao lado do colégio. Mas, o conheci melhor em momentos de aflição, de desespero e dor, junto aos enfermos. Era comum, quando alguém estava passando mal, serem chamados padre e médico, que, às vezes, viajavam na mesma condução. Inúmeras vezes, o motorista me apanhava e em seguida ia à casa do padre, para seguirmos juntos à moradia do paciente na zona rural.



*Primeira Diretoria da Congregação Mariana
Da esq. para dir.: José Cesta, Martin Petta, João Guaraldo, Padre Gallo, Paulino Mazzonetto, Máximo Pereira, Francisco Mazzonetto*

Ao lado do paciente em fase terminal, junto aos parentes e amigos, pude apreciar quanto o Padre Gallo sabia assistir ao moribundo, abrindo seu coração em torrentes de bênçãos e graças. Era comovente vê-lo, carinhosamente, se dirigir àquele nosso semelhante, só, sem esperanças, acuado, sem perdão, e dele conseguir um sorriso, uma lágrima, um sinal de reconhecimento, pelo benefício que recebia. A morte tão cruel se tornava uma dádiva divina.

O Padre Gallo preocupava-se, além da parte espiritual de suas ovelhas, escopo primordial do sacerdote, com a assistência material aos necessitados de sua paróquia. Estimulava as várias atividades correlatas à divulgação e ensino da doutrina cristã como catecismo, instrução sobre os mistérios e princípios da fé, dogmas e preceitos da religião. Era atuante entre as crianças e suas atividades quer na igreja como no colégio, junto aos moços dentro da Congregação Mariana e Filhas de Maria e aos de meia idade e idosos, nas diferentes Irmandades.

Em relação ao Monsenhor Jeronimo Gallo, podemos usar as palavras de São Paulo na carta a Timóteo – “ Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé “.



Entrega da Coroa de Ouro a Nossa Senhora

Da esq. para a dir.: Henriqueta Giovanetti, D. Lydia de Rezende, Antonio Mazzone, Padre Gallo, Carlos Mahn, Maria do Rosário Carrão Viana, Joana Mazzone. A menina que apresenta a coroa é Neide Valler.

CAPÍTULO XXIX

Eram três irmãos que trabalhavam na lavoura, justamente no sítio do meu pai. Sebastião, Luiz e José foram lavradores. Luiz e José continuaram na roça, mas Sebastião mudou-se para a Vila. Estou me referindo aos Degaspari.

Seu Sebastião Degaspari casou-se com Dona Isabel Pascon. Ele sempre trabalhou nas Oficinas Dedini, onde se aposentou.

O casal Sebastião – Isabel Degaspari, teve os filhos : Ana Degaspari, que se casou com Arlindo Rocha (lavrador) ; Augusta Degaspari, solteira, que é secretária do Padre Jorge; Mercedes Degaspari, que foi casada com Antônio Furlan, também aposentado da Dedini; Lourdes Degaspari, casada com Francisco Gobatto (aposentado da Dedini), sendo que ela ajudava Dona Olga Spotto na Escola Mista Estadual no bairro Guamium (instalada na casa onde eu nasci) ; Ilca Degaspari , casada com Pedro Réquia (aposentado da Dedini); Mirtes, casada com Vergílio Scatolin, também aposentado da Dedini; Antônia Marinês, casada com Antônio Sbravatti, aposentado da Dedini.

Vamos em seguida falar de uma família que não é italiana, mas sim portuguesa. Seu Joaquim Malaguetta nasceu em Coimbra. Veio para o Brasil com 7 anos de idade, e foi morar na Vila Rezende, na Av. Manoel Conceição. Trabalhou na Fazenda do Barrão de Rezende, no tempo da escravidão. Foi administrador da Fazenda Água Santa, pertencente ao Engenho Central, durante 42 anos.

Seu Joaquim Malaguetta casou-se com descendente de italiano – Dona Maria Ucelli. O casal teve os seguintes filhos: Ângelo Malaguetta, casado com Anunciata Alleoni; Almerinda Malaguetta, casada com João Oriani; Josefa Malaguetta, casada com Mário Pampollini; Alfredo Malaguetta, casado com Tereza Oriani; Vitalino Malaguetta, casado com Antônia Ricci; Reinaldo Malaguetta, casado com Maria Fiorim; Idalina Malaguetta, casada com Nicolau Falquemback; Ademar Malaguetta, casado com Adele Contini.

Notem que houve um duplo laço de parentesco entre as duas famílias : Almerinda, casada com João Oriani e Alfredo, casado com Tereza Oriani. Naquele tempo as coisas aconteciam assim.

Seu Joaquim Malaguetta viveu 93 anos.

Vimos que um membro da família Malaguetta casou-se com outro da família Oriani: Armelinda e João. O casal Seu João Oriani e Dona Almerinda Malaguetta Oriani, morou muitos anos na Vila, na Av. Dona Elisa, atrás da Farmácia São João. Seu João era alfaiate. Do enlace matrimonial nasceram os filhos: Irahydes, casada com João Chiarini; Antônio, casado com Leny Ramos; Cleunice, casada com Amyris Guilherme Marcon; Adeoméia, solteira.

No trecho da Av. Salaz (hoje Mário Dedini), após a Trav. Salaz, moravam várias famílias que trabalhavam na Fazenda São João, de propriedade de Seu Umberto Aldrovandi. São as famílias Degaspari, Turolla, Antonelli e Biscalchin. Já escrevemos das duas primeiras, faltando as duas últimas.

O chefe dos Antonelli veio da Itália e se chamava Antônio. Foi primeiramente

para a Fazenda Santa Lúcia do Engenho Central. Seu Antônio Antonelli casou-se com Dona Carmela de Ângelis Antonelli.

Tiveram os filhos: Romualdo (lavrador), João (aposentado da Dedini), Leonor (doméstica), Josefa (enfermeira da Santa Casa, aposentada), Pedro (lavrador, autônomo comerciante), Luiz (motorista).

Seu Pedro Biscalchin, que era mais conhecido pelo nome de Caetano, era casado com Dona Margarida Deccico Biscalchin, foi colono de meu pai, no sítio da Estrada do Meio. Lembro-me bem: moravam na terceira casa da colônia, perto da divisa com a Fazenda Santa Cruz, do Engenho Central.

Vários filhos do casal nasceram no bairro Guamium e depois toda a família mudou-se para a Vila. Antônia Biscalchin casou-se com José Regno (marceneiro e modelista da Dedini); Ernesto Biscalchin, casado com Cecília Gazioli é aposentado da Dedini; João Biscalchin, casado com Nilva Totti, é aposentado do SENAI, onde era instrutor de mecânica geral; José Biscalchin, contador da Construtora CGC, casado com Regina Fischer; Josefina, casada com Roberto Christofolletti (motorista); Irene, que foi casada com Antônio Coral (empregado na fábrica de pregos da Dedini) e Maria, casada com Reinaldo Costa (português, industrial na área de metalurgia).

Santo Camatari era casado com Dona Vicentina Camocci Camatari. Sua profissão era muito arriscada e perigosa, pois trabalhava como poceiro. Todos sabem e avaliam os perigos que enfrentam tais trabalhadores.

O casal Santo e Vicentina Camatari teve os seguintes filhos: Benedita Camatari, casada com Euclides Pin (eletricista); Aparecida Camatari, casada com Delfino Pagotto (aposentado da Dedini); Maria, casada com João Boni (torneiro mecânico aposentado da Dedini); Antônio Probo Camatari (soldador da Dedini).

Seu Ettore Chiavigatti, casado com Dona Adélia Romano Chiavigatti, morava em Ipaçu. Um de seus filhos, Roberto Chiavigatti, mudou-se para a Vila Rezende, tendo se casado com Dona Anézia Azevedo Chiavigatti. Ele sempre trabalhou como motorista da Oficina Dedini, onde se aposentou.

Seus filhos eram três: José Cláudio Chiavigatti, casado com Maria Vanilde Marques Chiavigatti, encarregado de compras da Dedini; Maria Inês Chiavigatti, casada com Paulo Bernardes, ambos professores; Sílvia Regina Chiavigatti, secretária da Dedini, casada com Reinaldo Ramos.

Seu Marcos Contarini, casado com Dona Eugênia Giacomelli Contarini, trabalhou na Usina Monte Alegre. Um de seus filhos fixou residência na Vila. Era o César Augusto Contarini que trabalhou a terra e, depois, empregou-se na Dedini. Casou-se com Dona Júlia de Leão Contarini, que trabalhou na Sul Seda, indústria de fiação instalada na Vila.

César e Júlia tiveram os seguintes filhos: Terezinha Contarini, casada com Alcides Prezutto (aposentado da Dedini); Antônio Adelino Contarini, casado com Maria Benedita Barbeli, que trabalhou na Tatuzinho, Santin e depois na Dedini; José Contarini, casado com Maria Luiza Jacinto, trabalhou com o seu irmão, na Tatuzinho, Santin e Dedini; Lúcia Contarini, casada com Aurélio Segredo, diretor da Escola SENAI de São Caetano do Sul; e finalmente Elenice Maria Contarini, casada com Hermínio Ferreira, que trabalha na Dedini.

Em relação à família que vamos abordar agora, não há necessidade de dizer que é da Vila. O nome diz tudo – Dalavilla.

O tronco familiar era formado pelo Seu Romano Dalavilla e Dona Catarina Barbieri Dalavilla. O casal teve os filhos: Ricieri Dalavilla, vilarezendino, casado com Clementina Marim Dalavilla (Ricieri é falecido); José Dalavilla, solteiro, já falecido; Emília Dalavilla, casada com Pietro Marim, ambos falecidos; Angelina Dalavilla, casada com Sabino Tomé (falecido); Maria Dalavilla, casada com Alcides Grizzotto; Luiz Dalavilla, casado com Rosa Gimenes.

O casal Ricieri – Clementina tinha sua família constituída por oito filhos : Terezinha Dalavilla, casada com Salvador Pacamo (administrador de fazendas); Matilde Dalavilla, casada com Paulo Travalini (torneiro mecânico); Leonor Dalavilla, casada com Florindo Rosseto (marceneiro); Erotides de Lourdes Dalavilla ; Iraides Dalavilla, casada com Haroldo Vaz dos Santos (falecido); Antonio Dalavilla, engenheiro agrônomo (falecido); Clereide Dalavilla; Odair Reginaldo Dalavilla, casado com Vânia Aparecida Cardoso Dalavilla, ele lavrador, ela inspetora de alunos.

Estava percorrendo a Av. Dona Lydia em Vila Rezende, quando vejo parado na calçada, um senhor idoso. Paro o carro na sarjeta ao seu lado e indago :

— O senhor é morador antigo da Vila ?

— Sempre morei aqui – responde.

— Quantos anos o senhor tem ?

— Já fiz 92.

— É casado ?

— Sim, minha mulher se chama Ana Maria Boni, a filha do batateiro, o senhor se lembra?

Se lembro do velho Mateus Boni, vendedor de batata assada e amendoim ! Bem, para as pessoas com as quais conversei, era o Seu Ângelo Furlan que trabalhava na turma de conserveiros da linha da Sorocabana. Morava no grupo de casa à beira da linha, um pouco acima da Estação Barão de Rezende. Os conserveiros usavam chapéus de abas largas e, na frente do mesmo, uma chapa com o número e as palavras : “ Conserva-Sorocabana “.

Seu Ângelo Furlan e Dona Maria Boni Furlan tiveram cinco filhos : Lúcia, casada com Francisco (Paquito) Rodrigues, operário da Dedini; Isaura, casada com Paschoal Arruda (aposentado); Maria, casada com Manoel Rueda Rui (empregado da Dedini); Teresa, casada com Oswaldo Cruz (Canhoteiro), empregado da Oficina Dedini; e José Mateus Furlan, casado com Tereza Dal Picollo, dono de retífica e fazenda em Leme.

Estas informações me foram passadas em poucos minutos, demonstrando a lucidez de Seu Ângelo Furlan.

A casa foi reformada, é bem construída e agradável. Está no mesmo local onde moravam os seus pais – João Fabri e Dona Ginebra Corrente Fabri. Os avós maternos, já são nossos conhecidos : Pedro Corrente e Dona Emília (Mima) Sachetto Corrente.

O filho do casal João e Ginebra é o conhecidíssimo Emílio Fabri Sobrinho que, além de amar seu bairro, conhece sua história e sua gente. É casado com Dona Lúcia Galvani e tem dois filhos : Hélio Antônio Fabri, médico cirurgião cardíaco da equipe do professor Adib Jatene; Ivani Maria Fabri, casada com Benedito Dressano, funcionário da Prefeitura.

Como prova do que escrevi do Emílio, vou relatar a história que me contou de seu tio Mário Dedini.

Quando Seu Mário Dedini veio da Itália, primeiro morou em Santa Bárbara D'Oeste. Isso todos sabem. O que não sabem é que morou oito anos na casa de Dona Ginebra, mãe do Emílio. Seu Mário era chefe da Sacaria da Usina Santa Bárbara. Namorava uma moça filha de alemães. Um dia a irmã de Dona Ginebra, a Mariana, foi visitá-la na vizinha cidade. Ficou conhecendo Seu Mário, que brigou com a alemãzinha e iniciou o namoro com Mariana. O final todos sabem.

Quando Seu Mário comprou sua primeira oficina, em 1920, do José Sbravatti, veio primeiro para Piracicaba seu irmão Armando Césare Dedini, que a dirigiu. Seu Mário continuou trabalhando em Santa Bárbara, vindo logo depois. Quem foi buscá-lo de trole foi Seu José (Bépe) Corrente, seu cunhado.

Anos depois, Seu Mário comprou da Usina Santa Bárbara, todo material rodante (locomotivas, vagões e trilhos), inclusive a máquina que usava aos domingos para sair pelos campos em piqueniques, cedida pela Usina.

O pai de Emílio foi ferreiro das Oficinas Dedini, onde se aposentou, e o próprio, torneiro mecânico, hoje aposentado.

Antônio Lourenço era carpinteiro em Pinha – Portugal. Casado com Maria Caetana Lourenço, teve um único filho de nome José Lourenço que, em 3 de janeiro de 1913, casou-se com Virgínia de Jesus Machado.

Por causa da primeira guerra mundial, em 25 de dezembro de 1913, José Lourenço se vê obrigado a embarcar para o Brasil, deixando sua esposa, então grávida, em sua terra natal. Chegou a Santos e veio direto para Piracicaba, começando a trabalhar na Usina Monte Alegre e depois no Engenho Central, como feitor de linha.

Seu José Lourenço pretendia voltar a Portugal e para isso foi juntando suas economias. Quando já possuía o suficiente, apanhou malária e o dinheiro, guardado com tanto sacrifício, foi todo gasto na doença.

Não podendo mais voltar à sua terrinha, após quatro anos no Brasil, enviou carta de chamada para sua esposa, que chegou em Santos no dia 30 de março de 1918. No porto brasileiro, uma surpresa aguarda Dona Virgínia – havia esquecido ou perdido o passaporte. Não poderia desembarcar, juntamente com a filha Alice de quatro anos de idade. O desespero era grande e nessa aflição, Dona Virgínia lembra-se da “Carta de Chamada” do marido, apresenta-a à autoridade e assim deixou o navio.

Em São Paulo, mãe e filha, na Estação da Sorocabana, encontram um grupo de pessoas muito alegres; dirigem-se a uma delas indagando como viajar para Piracicaba. A pessoa a quem se dirige era simplesmente o velho Bertini, pai do Romano e do José. Viajaram no mesmo trem e Dona Virgínia em conversa diz quem é e que, em Piracicaba, precisava procurar uma senhora de nome Laurinha (mãe de Alberto Pinto Fonseca), na casa de quem seu marido José Lourenço tomava pensão. Seu Bertini a conhecia e ao desembarcar na estação da Itauana, outra coincidência : Seu Bertini, reconhecendo Dona Laurinha sentada em um banco, diz a Dona Virgínia :

— Senhora, lá está quem procura – apontando-a.

Depois de tantas peripécias felizes, imagina-se como foi o encontro do casal. Foram morar na Vila Rezende, na Av. Rui Barbosa, ao lado da casa do Ermete Fabretti, onde nasceram os filhos: Euclides, Antônio, Maria Madalena (falecida) e Benedito. Mudaram-se para uma das casas do Engenho na Av. Américo Brasiliense, onde nasceu mais uma filha de nome Tereza. Seu José Lourenço comprou então um terreno na Av. Dona Francisca, onde construiu sua casa, vivendo aí até o fim de sua vida. Nessa casa nasceram a filha Lourdes de Jesus e os gêmeos.

Os filhos do casal José Lourenço e Virgínia de Jesus Machado Lourenço, todos

progrediram na vida. Euclides casou-se com Eunice Zambello, tendo sido mecânico na Romi, hoje aposentado. Antônio, mecânico das Indústrias Piratininga de São Paulo, casou-se com Iraci Tavares. Benedito casou-se com Maria dos Santos Beiteiro e é torneiro mecânico em São Paulo. Tereza casou-se com Lázaro Ferrari, por muitos anos técnico em ótica da Casa Gatti. Lourdes de Jesus casou-se com Clodomiro Ballioni.

Com os gêmeos aconteceu um fato que consternou toda a Vila Rezende. Quando tinham nove meses de idade foram acometidos de “gastro-enterite” e faleceram no mesmo dia.

Já escrevi que, na Av. Dona Francisca esquina da Av. Dr. Eulálio (hoje Monseñor Jeronymo Gallo), existia uma fábrica de colchões. Não eram colchões de molas naturalmente, mas muito melhores e confortáveis. Eram de crina. A fábrica de colchões era do Seu Antônio Bellini.

Seu Antônio Bellini nasceu na Itália, vindo de lá com nove anos de idade. Passou a infância e a mocidade na Vila e sempre trabalhou de colchoeiro para o Sr. Antônio Nardim, cuja loja era na Rua Governador.

Casou-se com a piracicabana Antônia Franco, que passou a se chamar Antônia Franco Bellini, indo residir numa das pequenas casas que existiam onde foi a loja Bertini, na Av. Rui Barbosa. Aí nasceram os três primeiros filhos : Emílio, Pedro e Anunciata.

Depois mudou-se para a Av. Dona Francisca, como já referimos. Nesse local trabalhava nos fundos da casa, pois no salão da frente funcionava uma Escola Mista. Comprou a casa e então montou a fábrica.

No endereço da fábrica e da residência nasceram os outros filhos que, com os já existentes, somaram dez : Joana, Odette, Darcy Domingos, Mário, José, Terezinha e Pedro Guido.

Emílio trabalhava no Engenho Central e foi casado com Cristina Quirino Bellini. Pedro morreu solteiro. Anunciata casou-se com Antônio Breviglieri. Joana casou-se com Desvaldo Vimascky (carteiro). Odette foi funcionária pública estadual no Jeronymo Gallo, tendo trabalhado 30 anos, é solteira. Darcy Domingos faleceu jovem, foi mecânico na Dedini e casado com Antonia Batista Bellini. Mário Bellini, solteiro, já falecido. José Bellini, solteiro, falecido. Terezinha Bellini, solteira, falecida. Pedro Guido, casado com Mafalda Michetti, mora em Araras, trabalhando na Usina Santa Lúcia.

Mais um português na Vila Rezende. Domingos Rodrigues e Dona Hermínia Maria Rodrigues moravam em Portugal. Um filho do casal, José Domingos Rodrigues, casado, veio para o Brasil, indo residir na Usina Monte Alegre, onde trabalhou. Tempos depois, José Domingos Rodrigues mandou buscar em sua terra natal seu irmão, João Domingos Rodrigues, com idade de dez anos, passando a morar, todos em Vila Rezende. Anos passados, Seu João Domingos Rodrigues mudou-se para a Av. Morato em seu primeiro quartirão, sozinho, em uma pensão.

Nesse meio tempo, trabalhou no moinho de fubá e torrefação de cafés dos Monteiro, ao lado do Bom Jesus.

Muito jovem, conheceu Antônia Tavares, moradora no bairro Guamium próximo da Usina Modelo e se casaram, ela com a idade de 16 anos. Ficaram morando na Vila e Seu João passou a trabalhar como carroceiro para as Oficinas Dedini.

Seu João Domingos Rodrigues trabalhou em padarias da cidade, entre elas a Pa-

daria Aliança de Arthur Padovani, mas sempre entregava pão na Vila Rezende. Foi o padeiro mais estimado da minha mãe porque abria a tampa do carrinho e quem escolhia os pães era ela, pois assim o entregador não manuseava o pão que comprava, com as mãos “sujas”. Seu João se aposentou como padeiro.

O casal Seu João – Dona Antónia teve os seguintes filhos: Lacyr Rodrigues, mecânico, casado com Romilda Itepan Rodrigues; José, solteiro, que também trabalhou de padeiro, na Sul Seda e na Tatusinho; Luiza, casada com Francisco Castelluci, que trabalhou como mecânico na Dedini e Usina Santa Helena; Aparecida, casada com Vicente Castelluci, que trabalhou na Dedini e Usina Modelo.

Uma curiosidade, que me contaram: Lacyr fez a primeira comunhão vestindo uma roupa que foi minha.

Agora, uma família de origem alemã vai prender nossa atenção. Seu Leonardo Blumer, nasceu em Araras, onde exercia a profissão de seleiro. Sua esposa chamava-se Josefa.

Mudaram-se depois, para a Vila Rezende. A família era completada pelos filhos: Bárbara Blumer, solteira; Josué, mais conhecido por Geová, carpinteiro, casado duas vezes, sendo sua esposa em segundas núpcias, Eugênia de Oliveira ; Leonardo Blumer Filho, apelidado de Dinho, ferreiro na Dedini, integrando a primeira turma dos pioneiros, casado com Paulina Bonsi; Raul, casado com Rosa Matarazzo, carpinteiro; Hildo, também carpinteiro, casado com Luiza; Arsitides, ferreiro que se casou com Otília Oliveira (trabalhou 30 anos como telefonista da Cia. Telefônica Brasileira); Elza, casada com Leodonio Oliveira Diniz.

Os filhos de Leonardo Blumer Filho (Dinho) tinham uma oficina de capintaria na Av. Rui Barbosa, próxima ao Papini. Dinho foi homenageado pelo Seu Mário Dedini, na festa do pioneiros, pois trabalhou 36 anos em suas oficinas.

O casal tronco, que deu origem à família dos Alleoni, é natural de Mântova, cidade do norte da Itália. João Alleoni e Margarida Arrighi desembarcaram no porto de Santos, no ano de 1886, vindos da Itália, no navio Umberto Primo, com três filhos : Camilo, Antenor e Rosa.

Seu João Alleoni era filho de Giovanni Bassalini Alleoni e de Dona Ângela Bellini Alleoni. Dona Margarida era filha de António Arrighi e Anunciata Bacchi Arrighi.

O casal João – Margarida veio para Piracicaba e se estabeleceu primeiramente em uma fazenda (São João), nas proximidades da Água Santa.

No Brasil, mais precisamente em Piracicaba, nasceram mais onze filhos: Camilo, casado com Batista Andia; Antenor, casado com Maria Luiza Roquette; Rosa, casada com Luiz Garbin; André, casado com Ângela Faquinelli; Antonio, casado em primeiras núpcias com Lúcia Bergamin e em segunda núpcias com Rosa Ducatti; João, casado com Maria Paschoalini; Guilherme, casado com Alice Fioravante; José Santo, casado com Antonieta Busato; Ricardo, casado com Júlia Degaspari; Narciso, casada com Vitório Gozetto; Cecília, casada com Primo Roquette; Angelina, casada com António Bergamin; Anunciata, casada com Ângelo (Tino) Malaguetta; Antônia, casada com Oriente Fecchio.

Como eram corajosos os casais de antigamente! Catorze filhos e todos cresceram, sendo pessoas sadias, trabalhadoras e competentes.

A família, depois de certo tempo, mudou-se para a Vila Rezende. Os filhos, seguindo a profissão do pai, dedicaram-se à agricultura, cultivando cereais e cana-de-açúcar. Também produziram açúcar batido e aguardente, sendo ainda fornecedores de

cana, às usinas da região.

Vamos ver agora a descendência dos filhos, ou seja, os netos de Seu João Alleoni e de Dona Margarida Arrighi Alleoni. Camilo e Bastista Andia tiveram os filhos: Margarida, casada com Domingos Bragato; Antônia, casada com Giácomo Galdi; Batalina, casada com Paulo Afonso Pires; Adriana, casada com Hélio Andreotti; Bélgica, casada com Décio Ribeiro Borges; João, casado com Antônia Pupin; Ana, casada com Afonso Fioravante.

Antenor e Maria Luiza Rochetto são responsáveis pelo nascimento de Angelina, casada com Antônio Negri; Luiz, casado com Joana Gardin; Francisca, solteira; Belmiro, casado com Cacilda Bizeti; Elvira, casada com Antônio Correia Godói; Ítalo, casado com Iraci Meneguel; Leontina, casada com Jurandir Delécio; Alfredo, casado com Vera Romani.

Rosa e Luiz foram os pais de Luiza, casada com Ricieri Phillipini; Maria, casada com José Phillipini; Atilio, casado com Raquel Meloto; José, casado com Luiza Garbim; Hemenegildo, casado com Carmem Meloto; Antônio, casado com Angelina Phillipini; Margarida, casada com João Phillipini; Joana, casada com Luiz Garbim; Irene, casada com Tufi Calil; Ângelo, casado com Yolanda Nalin; João, casado com Carolina Napi.

André e Ângela Faquinelli Alleoni também tiveram uma prole prodigiosa, como veremos: Maria, casada com Angelin Passani; Rosa, casada com Antônio Bosqueiro; Helena, casada com Antônio Vendemiatti; Antônio, casado com Maria José Albino; Teodolindo, casado com Ida Bonin; Eduardo, casado com Cecília Rodrigues; Geraldo, casado com Josefa Bovi; Luiz Gonzaga, casado com Laura Scarasati; Ignês, casada com José Bosqueiro; Leonilde, casada com Luiz Carleti; Yeda, casada com Paulo Martiniano; Sylvio, solteiro.

Antônio Alleoni casou-se duas vezes. A primeira, com Lucia Bergamin, não deixando descendentes e, na segunda, com Rosa Ducatti, deixando: Antônio Francisco, casado com Iracema Seghesi; Irineu, casado com Lúcia Spolidório.

João e Maria Pasqualini Alleoni não foram tão exagerados quanto alguns irmãos, optando por um número intermediário: Irene, solteira; Mercedes, casada com Benedito Segá; Ignês, casada com Sebastião Paulo Segá; Antônio, casado com Antônia Bessi; Maria de Lourdes, casada com Odair de Oliveira; Reynardo, casado com Maria Eugênia Ferraciu; Sérgio Francisco, casado com Ivanilde Dellavila.

Guilherme e Alice Fioravante Alleoni tiveram quatro filhos: Maria da Glória, casada com Irineu Frias; Leda, casada com João Rubens Zinsly; Lígia, casada com Edmir Degaspari; Guilherme, casado com Marta Ataide.

José Santo e Antonieta Busato Alleoni, somente três filhos: Maria Ruth, solteira (agrônoma); José Rossini (lavrador, casado com Neide Campos Pacheco); Olívio Nazareno, solteiro (médico).

Ricardo e Júlia Degaspari Alleoni tinham uma família abaixo da média, para aqueles tempos - quatro filhos: Rubens, casado com Ignês Dias Ferraz; João, casado com Antônia Meloto; Zulmira, casada com Luiz Cesar Briganti; Nair, casada com Antônio Cândido de Souza.

Narcisa Alleoni Gozeto e Vítório Gozeto voltaram a ter uma prole carimbo da época - dez filhos: Angelina, casada com Marcelino Orsini; Antônia, solteira; Ana, solteira; Maria, casada com Reinaldo Sampronha; Rosa, casada com Antônio Clemente Ferreira; Antônio, casado com Romilda Ravelli; João, casado com Idalina Cantiero; Cilene, casada com Emílio Lopes; Lourdes, casada com Airton Franchi; Pelegrino, casado com Elza Becari.

Cecília Alleoni e Primo Roqueto tiveram filhos em número abaixo da média - oito: Angelina, casada com Antônio Ferraz Campos; Teodolinda, casada com Arthur Breviglieri; Guilherme, casado com Nair Tabai; Armando, casado com Helena Raveli; Irineu, casado com Vanilda Roqueto; Francisca, casada com Paulo Santana; Antônio, casado com Sofia Roqueto; Aristides, casado com Cláudia Arthur.

Anunciata Alleoni e Ângelo (Tino) Malaguetta perderam de lavada dos outros parentes - três filhos: Irene, Elizeo e Terezinha.

Antônia Alleoni e Oriente Fécchio não decepcionaram - quatro filhos: Ieda, casada com João Paschoal; Margarida, casada com Marcos da Cunha Gonçalves; Luiz, casado com Natalina Fécchio; Sérgio, casado com Tereza Fécchio.

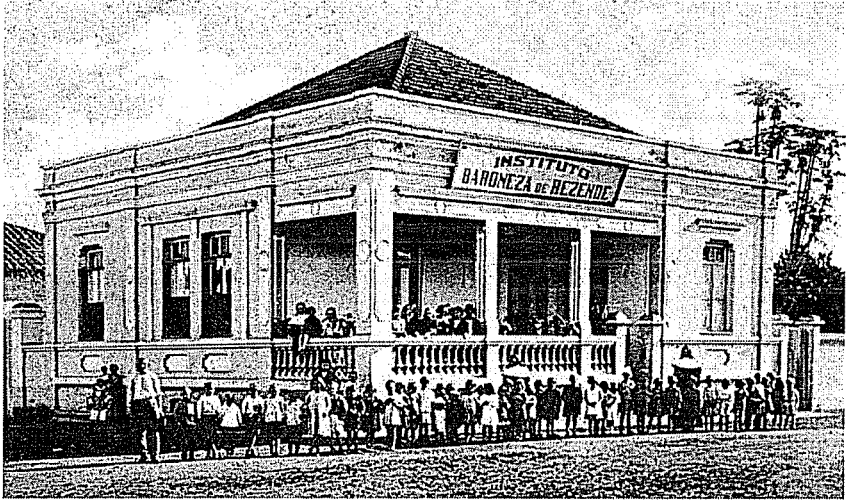
Angelina Alleoni, que se casou com Antônio Bergamin, foi para o Paraná e, dele, a sua família não se tem notícias

Nem um dilúvio poderá acabar com os Alleoni! Da geração que vem depois, nem me atrevo a falar, pois na certa vou me embananar todo. Conheci os mais velhos, moradores na Av. Dona Francisca, nas imediações de nossa primeira casa. Seu Camilo, perto do "André Loco", Seu André do outro lado da Av. Dr. Morato, Seu João ao lado da fábrica de Colchões do Seu Bellini. O José que só agora fiquei sabendo que era Santo, foi muito meu amigo.

Para terminar, quero alertar os leitores que o Ítalo Alleoni é o famosíssimo Tiganim!

CAPÍTULO XXX

INSTITUTO BARONESA DE REZENDE



Primeiro Prédio do Instituto Baronesa de Rezende

O Instituto Baronesa de Rezende foi fundado e construído por Dona Lydia de Souza Rezende, em homenagem à sua mãe, tendo sido inaugurado em 1922.

A idéia de construí-lo foi inspirada nas escolas que Dona Lydia conheceu na Europa, chamadas domésticas. Eram escolas destinadas à educação de moças. Arte culinária, pintura, bordado, costura, trabalhos manuais eram seu “curriculum” principal e também podia incluir aulas às crianças (jardim de infância). Foi esse programa que o Instituto se propôs a dar e cumpriu.

As freiras pioneiras que iniciaram o trabalho, enfrentando na certa, muitas dificuldades e preocupações, eram franciscanas e vieram da Áustria. Chegaram em Piracicaba no dia 13 de março de 1922, ficando hospedadas na casa da Baronesa, na chácara São Pedro. Em 19 de março de 1922, mudaram-se para as dependências do Instituto, a elas destinadas e iniciaram os trabalhos.

O grupo inicial era composto por seis freiras: Madre Joana Batista Minks, Irmã Geralda, Irmã Adolfina, Irmã Fortunata, Irmã Edmunda, Irmã Leocadia.

A maioria das moças da Vila, freqüentou os diversos cursos, ministrados pelas irmãs com muita dedicação e conhecimento. Moças da cidade e até de outros locais também procuravam o estabelecimento; eis que logo a fama de sua qualidade se estendeu e ganhou nome.

Não era uma escola cara, pois famílias de poucas posses tinham filhos matriculados e no jardim da infância havia inúmeras crianças pobres.

Podemos verificar, pela foto estampada, que o Instituto Baronesa de Rezende era uma construção modesta, mas foi crescendo paulatinamente, tendo hoje uma grande

área e modernas instalações.

Outras irmãs vieram depois das pioneiras: Irmã Maurícia, Irmã Lidia, Irmã Clara, Irmã Clemencia, Irmã Beatriz, Irmã Celeste, Irmã Imaculada, Irmã Terezinha.

Atualmente a Madre Bernardete é a Superiora, Irmã Regina é a Diretora da Escola e ainda são professoras das diversas disciplinas, as Irmãs: Cristina, Lurdes, Zanin, Eleny e Idê.

O número de alunos continua bom, pois o Instituto é muito procurado, porque sempre manteve um alto nível em seus cursos.

CAPÍTULO XXXI

Uma família vilarezendina que ficou, certa época, bem sucedida e comentada, foi a Romani. Depois voltarei à razão.

Seu Vitório Romani era pedreiro e muita coisa construiu no bairro, trabalhando em inúmeras casas e prédios. Sua esposa Dona Vicentina Sábia Romani era boa costureira. Moravam na Av. Dona Francisca, em uma das casas de Seu Rutilio Cortelazzi.

A família do casal Vitório e Vicentina era construída de sete filhos e todos levaram o nome começado pela letra V. Ei-los: Vitalina Romani, que se casou com Felício Zaidam (alfaiate), muito conhecido meu, pois era colega de bate-papo na oficina de calçados do Paulino Galvani, (em frente ao meu consultório); Valdomiro, casado com Antônia de Oliveira Romani; Valdemar (carpinteiro), casado com Isabel Gimenes Romani; Virgílio (servente de pedreiro), faleceu ainda moço; Vera, casada com Alfredo Alleoni (lavrador); Virgínia (Gina) que foi por muito tempo enfermeira competente da Santa Casa e do Pronto Socorro Municipal, casada com Sidney Aparecido de Prado; Valentina Romani.

A seqüência acima apresentada não está na ordem de nascimento e deixei a Valentina por último, porque ela foi protagonista de um romance que pôs em evidência toda a família. Seria pelo ano de 1939 ou 1940, que o Circo Neves se armou na Vila Rezend. Valentina, que era menor, se apaixonou pelo artista atirador de facas e foge com o circo. Imaginem acontecer isso, naquela época! O bairro todo ficou em polvorosa, só se comentava a fuga da menina.

Tudo teve, porém, um final feliz. O casal casou-se e Valentina passou a ser artista circense que impressionava a platéia, por ficar exposta às facas afiadas que Carlos Fernandes Pereira - o Gaúcho, atirava. Ambos estão vivos e moram em Aquidauana, Mato Grosso do Sul.

Paschoal Sábia casou-se com Maria Sábia e primeiramente tinha um bar às margens do Itapeva, não sabendo eu, se na esquina da Rua 13 de Maio ou Prudente de Moraes. Vendia vinho importado da Itália e peixe frito. O peixe era comprado de Constantino Digiaino, um pescador famoso do Rio Piracicaba.

Paschoal, quando veio da Itália, deixou uma filha - Carmela, que foi criada pela sua mãe. Em conversa com Constantino, contou-lhe esse segredo e o pescador lhe disse que mandasse a filha embarcar para o Brasil, que ele se casaria com ela. Parece coisa de novela, mas tudo é a pura verdade. A filha veio e o casamento houve.

Tempos depois, o casal, já mais idoso, foi tomar conta da chácara do Engenho Central na saída da Vila, também conhecida por Chácara do Dr. Kok, já descrita anteriormente. Nessa propriedade do Engenho Central é que havia um papagaio, cujo poleiro ficava atrás da porta e, ao menor sinal de alguém apanhar um fruto, botava a boca no mundo dizendo:

- Paschoal, estão roubando fruta!

Quando o papagaio morreu, Seu Paschoal até ficou doente, pois gostava muito da ave.

Além de Carmela, que se casou com o Constantino Digiaino, havia outros filhos

do casal. Luzia Sábia, que se casou com Vitório Romani (os pais da célebre Valentina). Alexandre Sábia, casado com Maria Fabretti que morava na chácara e ajudava o pai no trabalho da terra.

O velho Paschoal Sábia tinha uma pinta em uma das faces e, em certa ocasião, um galho caiu e o atingiu bem na mesma. A pinta se transformou numa ferida que se alastrou pelo rosto e aos poucos lhe minou as forças. Então abandonou, muito a contragosto, a chácara e passou a morar na Colônia do Sapo.

Todos estão lembrados de uma plantação estranha que havia na beira da estrada que ia para São Pedro. Eram plantas de pita, de cujas folhas se tiravam fibras para fazer cordas. O local ficou conhecido por “Pitá” e a fábrica de cordas era em Corumbataí, hoje Santa Terezinha.

A plantação de Pita fazia parte do trabalho de Seu João Zago, para o Mário da Baronesa (Mário Arêas Witier), além do cultivo da cana de açúcar.

Seu João Zago era casado com Dona Maria Pavan Zago e tiveram muitos filhos: Zulmira, casada com Lázaro da Silva (motorista de caminhão); Agenor Zago, casado com Maria Penso Zago, foi lavrador e depois empregado da Dedini; Guerino Zago, casado com Emília Edefante Zago, também lavrador e depois empregado da Codistil; Rosa Zago, casada com Antônio Baglioni (servente do Grupo José Romão); Ana que é irmã Leocadia, franciscana atualmente em Vitória do Espírito Santo; Anézia Zago, casada com José Sampronha (trabalha na Oficina Dedini e não quer se aposentar); Vitória Zago, casada com Antônio Moretto (pedreiro); Vicente Zago, comerciante, casado com Ana Maria Custódio Zago; Terezinha Zago, casada com Armando Strezcappa (fabricante de urnas).

O Seu João trabalhou muito para a fundação e construção da Capela São Luiz, juntamente com Seu Ângelo Rizzolo.

Uma família não muito grande, vamos apresentar agora, fugindo do padrão das famílias cujas médias de filhos eram dez. São os Custódio.

O Seu Francisco Custódio Filho trabalhou toda a vida no Engenho Central. Casou-se com Dona Elvira Ruiz Custódio.

Três filhos apenas tiveram: Ana Maria Custódio, que se casou com um membro da família Zago Vicente; Luiz Custódio, casado com Regina Campion, aposentado da Codistil; Dirce Custódio, casada com Antônio Eugênio da Silva, montador de usina.

Seu Domingos Furlan, casado com Dona Santa Furlanetta, veio da Itália. Morou primeiro em Água Santa, depois comprou a fazenda dos Arruda no bairro de Guarium, denominada Fazenda Santo Antônio, ficava na Cruz Caiada, onde estão hoje a Codistil e Chácara Dedini, cujas terras fazem divisa com o Bairro dos Godinhos. Depois da morte do casal nessa propriedade, a mesma foi dividida entre os filhos e cada um tomou seu próprio rumo.

O primeiro filho, Frederico Furlan, nasceu na Itália. Casou-se com Maria Furlan em primeiras núpcias e teve oito filhos. Do segundo casamento, com Tereza Oriani, nasceram cinco filhos. Da fazenda mudou-se para a Vila e empregou-se no Engenho Central, onde se aposentou. Nas horas vagas era massagista e punha “nervo” no lugar.

O segundo filho, por incrível que pareça, nasceu em Santos quando chegaram ao Brasil. Foi casado com Eugênia Peron e chama-se Pedro Furlan. Vendeu suas terras

herdadas e comprou sítio no Paudalinho. O casal teve onze filhos.

Ângelo Furlan, o terceiro filho, casou-se com Tereza Gallina. O casal teve dezesseis filhos e comprou terras na Santa Lydia e, posteriormente, mudou-se para a Vila.

O quarto filho, de nome Henrique Furlan, casou-se com Maria Rosino com quem teve três filhos. Ficou morando na parte das terras que recebeu como herança, onde faleceu.

O filho número cinco - Sílvio Furlan, casou-se com Maria Trevisan, veio morar na Vila e teve oito filhos.

Chamava-se Domingos Furlan o sexto filho, que herdou o nome do pai. Domingos faleceu e foi casado com Carmela Mainardi, membro de outra família vilarezen-dina e nossa conhecida. Sempre trabalhou na Oficina Dedini. Dessa união nasceram seis filhos.

Por último apareceu a única filha, completando sete descendentes. Raquel Furlan foi casada com Ângelo Maçon e teve oito filhos.

Da família, quem mais tempo permaneceu no bairro foi o casal Domingos e Carmela. Dona Carmela nasceu em 1902, está lúcida e, como prova de sua boa memória, foi quem prestou essas informações. O casal teve seis filhos e a maioria mora na Vila. São eles: Ernesto Furlan, casado com Ada Herling, foi torneiro-mecânico da Dedini; Linda Furlan, que foi casada com João Nunes Ferraz, aposentado como trabalhador da Cooperativa de Consumo dos Trabalhadores da Usina de Açúcar de Piracicaba Ltda.; Albina, gêmea de Santina (faleceu aos nove meses de vida), casada com Antônio Tozzi (tem sítio em Santa Terezinha e é aposentado da fábrica de papel Klabin); Jovelino Furlan, casado com Idalina Rufini, aprendeu o ofício de torneiro-mecânico na Dedini, trabalhou trinta anos na MAUSA, onde se aposentou; Rosa Furlan foi casada com Plínio Furoni (falecido), que trabalhava como caminhoneiro; 6) Alfredo Furlan, aluno do SENAI, onde cursou a disciplina de torneiro-mecânico, trabalhou na Dedini e depois na MAUSA, onde se aposentou; foi casado com Gizelda Maniero.

A Fazenda Santo Antônio, do velho Domingos Furlan, tinha engenho de fabricar pinga e quem dava manutenção era o Seu Armando Césare Dedini. Quando o problema era intrincado, Seu Mário Dedini dava uma mão ao irmão. Como a pinga não tinha mercado, resolveram montar um moinho de fubá movido à água. Quando as pedras do moinho ficavam lisas, tinham que ser picoteadas. Quem ia fazer esse serviço para Seu Domingos era Seu Mário Dedini e para isso usava uma alavanca de aço, que ainda existe e é guardada pelo Jovelino Furlan, como lembrança do pai e do Seu Mário.

Em 1935, Seu Mário comprou os sítios dos desmembramentos da Fazenda Santo Antônio, que constituem atualmente a Chácara Dedini. Inverteram-se os papéis. Seu Mário, de empregado, passou a ser o patrão dos Furlan.

João Segá, casado com Maria Ferrari, veio da região de Veneza na Itália. Tinham na ocasião um filho com onze anos de idade. Foram morar em Batatais e de lá vieram para Piracicaba, mais propriamente para a Fazenda Santa Rosa. Da Fazenda do Engenho Central, mudaram-se para o bairro da Batistada e, em 1907, Seu João Segá comprou casas em Vila Rezende, na Av. Rui Barbosa do número 288 a 316, atualmente.

Na Vila, Paulo e o irmão Luiz montaram um armazém. Tempos depois, a família toda muda-se para Ventania (perto de Torrinha), mas logo volta para Piracicaba, indo para Monte Alegre, onde permaneceu cerca de 20 anos. Entretanto a Vila os atrai e voltam para o mesmo local, abrindo um bar com jogo de bocce.

Paulo Sega casou-se com Rosa Nalin, conhecendo-a na Batistada, e dessa união tiveram catorze filhos: Cesarino Sega, casado com Áurea Pedraza, professor e poeta, reside em Garça; Angélica Sega, que foi casada com Cézare Tremacoldi, é comerciante em Santa Bárbara D'Oeste; Antonieta Sega, que foi casada com José Deleo, empregado da Romi; Hermenegildo, solteiro, falecido, que foi carpinteiro; Rosalina que foi casada com Pedro Bassetti, mecânico; Maria que se casou com Francisco Louzada, aposentado da Romi; Júlio Francisco, casado com Tereza Boldrini proprietário de uma fábrica de vassouras; Benedito Sega, casado com Mercedes Alleoni, comerciante; Maria Aparecida, irmã de ordem de Jesus Crucificado, trabalha no Dispensário dos Pobres; Anita Sega, solteira, assistente social, trabalhou 30 anos na Prefeitura, no Sesi e no Centro de Saúde; Paulo Sebastião Sega, casado com Inês Alleoni, empresário; João de Paula Sega, casado com Helena Torrezan, teve nove filhos, ficou viúvo e depois foi ordenado padre; Alzira Sega, casada com Naylor Bergamin, aposentado da Dedini; António José Sega, casado com Leonete Massari, fez carreira no magistério, chegando a diretor de grupo.

Seu Emílio Berreta, nascido na Itália, deixando sua esposa Anunciata e uma filha pequenina, veio para o Brasil ainda jovem. Anos depois voltou para sua pátria, para buscar seus dois tesouros e passou a morar na Vila, na primeira casa do lado direito da Av. Rui Barbosa, chamada naquele tempo de Av. Areão.

Era dono de um armazém de secos e molhados e possuía algumas pequenas casas nas proximidades. Numa delas morava a família Fabretti.

Tiveram três filhos; o primeiro, como já descrevemos, nasceu na Itália, uma menina de nome Velha que foi casada com Atílio Coli; o segundo, Aristides, casado com Carlota Luíza Ducatti, e o terceiro Inês casada com Júlio Ferrari.

Naquela época podia-se trocar de nome. Foi o que aconteceu com Carlota, que passou a se chamar Carolina, por não gostar do primeiro nome.

Emílio Berreta faleceu muito novo, deixando os filhos pequenos. Sua esposa, Anunciata, apesar de não ter tido escola, mas muito esforçada, continuou cuidando do armazém e criou seus filhos.

Aristides, desde muito cedo, trabalhava como vendedor de “cerveja Caracú”, indo buscá-la em Rio Claro, de trole ou carrinho. Tocava na banda de então, tendo como amigos o Ernesto Papini (tocava vários instrumentos) e Ângelo Filippini da diretoria da mesma.

Aos 17 anos de idade, Aristides comprou, em sociedade com Atílio Coli e Victório Cenedese, o Porto João Alfredo (Ártemis), arriscando a contrair a maleita que naquele tempo, diziam que dava até em poste. Os três foram derrubando a mata e se estabeleceram no local. Aristides e Atílio continuaram sócios e montaram armazém, olaria e engenho de açúcar batido. Quando tinha 19 anos, Aristides casou-se na cidade, fazendo a viagem de núpcias em trem especial da Sorocabana, até Porto João Alfredo. Os convidados acompanharam os noivos no trajeto e a famosa banda de música alegrava a todos. Foram recebidos com rojões e houve festa com baile a noite toda.

Da união de Aristides com Carolina nasceram seis filhos: Arlindo, Olídia, Zilda, Dorival, Odila e Oscar Lázaro (conhecido como Lazinho Berreta). Desses filhos estão vivos apenas dois, que residem em Ártemis: Olídia, casada com Lourenço Scarpari e Lazinho, casado com Maria Lina Flari Berreta.

CAPÍTULO XXXII

Já descrevemos sobre uma parte da família Schievano, mas ainda resta outro ramo. Felício Schievano veio casado com Teodora Fazolla, da Itália. Um de seus filhos radicou-se na Vila e vários de seus descendentes ainda vivem lá. Trata-se de Guerino Schievano que se casou com Josephina Torre.

Quando fomos visitá-los o ambiente era festivo. A família estava reunida, pois os que residem fora lá estavam. A razão de tudo isso era que Dona Josephina (D. Nina) iria completar dentro de alguns dias, 91 anos de idade.

Mas os leitores podem imaginar: como estaria a saúde de Dona Nina com tanta idade? Pois, fiquem sabendo que foi ela quem me deu todas as informações pedidas e falando em italiano disse: “as minhas pernas não são boas, mas meu coração e cabeça ainda estão ótimos”.

Seu Guerino Schievano era carroceiro e depois trabalhou no Engenho Central, até aposentar-se. Foi zelador do Atlético e morava na Av. Rui Barbosa.

O casal teve nove filhos e os meninos, segundo Dona Josephina, desde pequenos trabalharam. Ela torrava amendoim e eles iam vendê-lo.

Vejamos os filhos: Olívio Schievano, casado com Verônica Franzoni, serralheiro; Ignês, falecida na infância; Eduardo Schievano, casado com Helena Maria Rossi, trabalhou no Dedini, foi comerciante e teve fábrica de vassouras, morando em Pedreira; Félix Schievano, casado com Ermelinda Perdiza, trabalhou muitos anos no Correio; Tereza Schievano foi religiosa durante muitos anos na Ordem Franciscana (Irmã Rosalina), deixou o hábito e casou-se com José Silvério; Cacilda, falecida na infância; Yolanda Schievano, casada com José Coelho Prates Neto (falecido), carpinteiro no Dedini, morou em São Paulo; Duílio Schievano há 40 anos tintureiro, solteiro; Olga Schievano, assistente social da Prefeitura, solteira.

Dona Josephina Torre Schievano trabalhou muitos anos como doméstica na casa de Seu Domingos Mazzonetto. Contou muitas coisas da família Mazzonetto e respondia a todas as perguntas que lhe fiz, acertadamente. Falou-me que a esposa do Seu Ricardo Mazzonetto, chamava-se Marieta. Dona Nina cozinha muito bem e sempre era solicitada para almoços, jantares e festas, das famílias da Vila.

Como curiosidade, transcrevemos cópia da escritura da venda da casa para Seu Felício Schievano, em 1903, que, apesar do tempo, é facilmente lida.

Todos devem se lembrar de um barbeiro muito popular na Vila – Luiz Celini.

Seus pais eram Constante Celini e Anastácia Celini, ambos vindos da Itália. O casal teve vários filhos, mas os que permaneceram no bairro foram três: José Celini, foi ferreiro, casado com Dona Dirce Fischer Celini; Luiz Celini, casado com Dona Anéris Desuó Celini, que, antes de trabalhar como barbeiro, foi empregado da Dedini; Carolina Celini, casada com Virgínio Voltani, residente atualmente em Santa Bárbara D'Oeste.

O casal Luiz - Anéris teve duas filhas: a Tecla Celini, casada com Ângelo Badialli e Ignês Neuza Celini, casada com João Domingues, residente em São Pedro.

Quando fomos visitar o Ivo Coelho Prates, pioneiro dos empregados de Seu Mário Dedini, tivemos uma grata surpresa. Encontramos sua esposa Ede Grisotto, filha de um velho conhecido morador no sítio de meu pai. Seu Alberico Grisotto tinha sua

residência nas proximidades do tanque que represava o Guamium. Ficamos recordando os tempos passados no sítio.

O casal, Manoel Coelho Prates e Dona Tereza Carnio Prates, morava na Av. Dona Francisca, perto da casa do “André Loco”. Mudara em 1933.

Os descendentes, não fugindo à regra, foram oito filhos:

Ivo Coelho Prates, trabalhou em várias farmácias como prático de laboratório, depois foi torneiro-mecânico no Dedini, até aposentar-se (como já relatei é casado com Ede Grisotto Prates). José Coelho Prates, o segundo filho, sempre foi carpinteiro, casado com Iolanda Schievano. Ignês Coelho Prates, casou-se com Benedito Gracetto, aposentado da Cia. Paulista como telegrafista, reside em Limeira. Clóvis Coelho Prates aposentado do Centro de Saúde, é viúvo. Sua esposa se chamava Maria José. Olga Coelho Prates, casada com Homero Pozzi, serralheiro mora em São Paulo. Arnaldo Coelho Prates foi frezador no Dedini, depois foi para São Paulo, tendo se casado com Lira Bueno. A sétima filha, Mirtes, foi casada com Milton Ynouse, promotor de vendas. A caçula da família chama-se Elza. Casou-se com Rodolfo Scheiferts químico industrial farmacêutico.



Sr. Francisco Salmeron



D. Maria Lopes Salmeron

Uma família natural da Espanha, era coisa rara em Vila Rezende. Pois houve. Trata-se do Sr. Francisco Salmeron, nascido em 3 de janeiro de 1893 em Granada, vindo por volta de 1910 para o Brasil. Era órfão de pai e empreendeu a viagem em companhia da mãe e irmãos. Era lavrador. Com 22 anos casou-se com Dona Maria Lopes, coincidentemente natural também de Granada, nascida em 24 de junho de 1898.

O casal teve dois filhos; comprou uma propriedade no Bairro do Itaperú, nas proximidades do Bela Vista Nauti Clube em nossos dias.



*D. Maria Lopes Salmeron e seus filhos
Da esq. p/ dir. Em pé : Antônio – Virgínia – Francisco – Mario do Carmo – Gabriel
Sentados : Helena – Maria Júlia*

Passados alguns anos, já com cinco filhos, o casal mudou-se para a Vila Rezende, onde comprou uma pequena fábrica de vassouras na Av. Rui Barbosa, nos idos de 1930. Posteriormente comprou o armazém de João Trombani, localizado na mesma avenida, esquina com a Av. Dr. Morato (onde hoje está a agência do Unibanco). Anexo ao armazém, Seu Francisco instalou um depósito de cereais e começou a fazer transações com firmas paulistanas, trazendo outras mercadorias que supria o estabelecimento em Piracicaba.

Seu Francisco Salmeron foi o primeiro comerciante da Vila a possuir um caminhão de carroceria longa. Foi com esse caminhão que, em 18 de maio de 1933, transportando caixas de cerveja de São Paulo, na passagem de nível da Companhia Paulista de Estrada de Ferro, entre Santa Bárbara e Caiuby, aconteceu um pavoroso desastre que colheu a vida, aos 40 anos, de Seu Francisco. Deixou sete filhos e o oitavo estava a caminho, que nasceu cinco meses depois, recebendo o nome do saudoso pai.

Dona Maria Lopes Salmeron continuou mais três anos com o armazém auxiliada pelos filhos. Tendo vendido mais tarde para o Sr. Oscar Schiavon, deixou a Vila Rezende, transferindo-se para a cidade. Seu Francisco Salmeron foi homenageado pelo poder público, existindo no Jardim Morumbi, uma rua com seu nome.

José Zambello nasceu na Itália e se casou com Margarida Carpi, descendente de uma condessa da nobreza italiana. Quando vieram para o Brasil eram quatro irmãos: José, Luiz, Carlos e Lucia.

O único que se localizou na Vila foi José Zambello, inicialmente no Areão, onde abriu um armazém, no ponto das figueiras. Depois montou uma fábrica de cerveja na Av. Rui Barbosa, acima da oficina do Oscar Martins e na frente do açougue do Bru-

santin. O prédio ainda continua lá. Fábrica de Cerveja Única era seu nome, a pioneira da Vila Rezende, instalada em 1907.

Os filhos do casal José - Margarida Zambello foram 19 e não temos notícias de todos. Iremos destacar alguns: Judith Zambello, que foi casada com Luiz Trevisan (o Banhára, que também abriu uma fábrica de cerveja na Paulista); as gêmeas Maria e Tereza. A primeira casou-se com José Massariol e teve um filho que todos conhecem - Idiarte, grande jogador do XV de Novembro. Tereza casou-se com José Brusantin em cujo açougue nossa família comprava. Sua filha Dirce é casada com João Carmignani (Babico), filho de outro pioneiro em cerveja (Caetano Carmignani).

Seu Vitório Zambello, morador antigo da Vila, foi inicialmente lavrador, depois teve uma fábrica de vassouras e, finalmente, construtor de estradas de ferro, tendo levado os trilhos da Paulista até Marília. Casou-se com Rita Oriani.

Os filhos de Vitório e Rita foram os seguintes : Jandira, casada com Armando Arzolla; Ermor, casado com Umbelina Romani, pessoa muito conhecida em toda a cidade pelos seus dotes profissionais e de amizade; Leonina, casada com Macluf; Iracema, casada com Antonio Araújo, diretor de abastecimento da Prefeitura de Jundiá; Edith, solteira, funcionária aposentada da Prefeitura de Piracicaba.

Aqui aparece mais um ramo da família Oriani. Felipe Oriani casou-se com Alba Caldari (outra família tradicional), pais de Rita Oriani casada com Vitório Zambello.

Também tiveram outros filhos: Carolina, casada com Vicente Baroni (pai de Luiz Osveni Baroni, meu colega de Grupo Escolar); Amábile, casada com Orestes Miglioranza; Antônia, casada com Vicente Mauro; Angelin, casado com Virginia Trombani, pais do Arlindo Oriani, já nosso conhecido, e Luiz, jogador do Atlético que seguiu depois para São Paulo.

Não poderíamos deixar de registrar a família dos Rossetto. Dois deles - Primo e Lupércio são a memória viva do bairro. Contam e sabem quase tudo sobre fatos e ocorrências dos bons tempos.

Seu Vitório Rossetto, que se caracterizava pelo enorme bigode e o uso constante de chapéu de abas largas, casou-se com Dona Rosa Bonatto Rossetto, constituindo assim o tronco inicial da família. Dos filhos de Vitório e Rosa, quem permaneceu e viveu na Vila, foi Seu Pedro Rossetto que se casou com Maria Tagliatti Rossetto. Desse consórcio nasceram oito filhos: Lupércio Rossetto casado com Filomena Analessio; Hirma Rossetto, casada com Victor Peixe, que se celebrou como massagista; Ignês Rossetto, casada em primeira núpcias com Oscarlino Silveira Bello e em segundas núpcias com José Marchini; Pierina Rossetto, casada com Antenor Salvagni, o conhecido Tangará da Rua do Porto; Mercedes Rossetto, casada com Irineu Pulz; Ermelinda Rossetto, casada com Paulo Cherches de Aguiar mais conhecido por Paulico Barbeiro, que tudo sabia dos acontecimentos da cidade; Primo Rossetto , casado com Gilda Galvani, inicialmente carroceiro e depois torneiro mecânico da Oficina Dedini, onde se aposentou; e finalmente, Esmeralda Rossetto, casada com Antonio Carlos Barbosa.

Quem não se lembra do Sottinha? Era amigo de todos, vivia conversando nos grupos de pessoas que se formavam nos bares e esquinas. O que fazia, em que trabalhava? Era um mistério ! A única coisa que sei desse personagem, tão conhecido na Vila, é que sempre estava com políticos e talvez essa fosse sua profissão - política.

Seu Manoel de Jesus Sotta, natural de Portugal, casou-se com D. Maria de Olivei-

ra Sotta. Morava na Av. Rui Barbosa, ao lado da oficina de Oscar Martins.

Os filhos do casal eram sete: Rita Sotta, que foi casada com Jorge Leite da Silva; Carolina Sotta, casada com Ângelo Cerioni; Ana Sotta, que se casou com Vitório Maciente; Angelina Sotta, casada com Paulo Razera; Antônio Euzebio Sotta (Sottinha), solteiro; Clementina Sotta que foi casada com Oscar Gualberto Martins (é o filho do Sr. Jordão Martins, só agora soube que tinha Gualberto no nome); Rosa Sotta, casada com Francisco Mogiglio.

O Seu Pedro Dall'Ara e D. Marina Fécchio Dall'Ara vieram da Itália, convidados pelo Seu Luiz Fécchio, já nosso conhecido. Dois filhos italianos os acompanharam: Rosa e Maria.



Rótulo da "Cerveja Única" fabricada por José Zambello - 1907



Família de Primo Rossetto

Rosa casou-se com Severino Mainardi, um dos pioneiros do Dedini, e Maria casou-se com Ambrósio Velho, que trabalhou na Companhia Telefônica Brasileira em Amparo.

No Brasil nasceram mais três filhos. Brasilino, que se casou com Maria Margarida Dutra, professor ginásial em Morrinhos (Goiás), onde se aposentou; Pedro que foi para o seminário, ordenando-se padre, tendo sua paróquia na Praia Grande; Ítalo Dall'Ara, que se casou com Leonilda Zotelli, exercendo a profissão de contador.

Seu Ítalo tem três filhos: Fernando (médico); Margarete (dentista); Elisabete (professora).

Os filhos de D. Rosa e Severino são : Padre José Antônio Mainardi; Maria Clara, casada com Antônio Jorge; e Paulo Afonso, contador da Usina São Jorge.

A propósito da Família de Ambrósio Fischer, passo a transcrever (vide página seguinte) artigo inserido no Jornal de Piracicaba, de autoria de Geraldo Ermo Fischer.

O tronco de origem dos Torrez procede da Itália, dos dois lados. Do lado do pai, José Torres e Santa Herculana Torrez. Do lado materno, Giacomo Aléssio e Josefina Veronezi Aléssio.

Domingos Torrez da família Torrez e Luiza Aléssio da família Aléssio se casaram. Dessa união nasceram nove filhos: Prima Maria Torrez, que se casou com Darci da Silva Leite (funcionário da Sorocabana); Euclides Torrez (Nene), empregado da Dedini, solteiro; Emílio Santos Torrez (Santim), casado com Aurora Lazaretti; Helena Torrez, faleceu na infância; José Torrez, casado com Jandira Aires, trabalhou na Dedini, depois dedicou-se ao futebol e foi treinador do Atlético; Mercedes Torrez foi casada com uma figura conhecida – Cardeal, jogador do Atlético e do XV, cujo nome era Antônio dos Santos; Helena Torrez, casada com Dario de Oliveira, funcionário do Banco do Brasil; Aurora Torrez, casada com David Gibin, conhecido como ótimo encanador; e, finalmente, Lourdes Torrez, casada com Frederico Rodomili (Tito Perin).

Um fato curioso aconteceu com José Torrez, mais conhecido como Décio. Quando ainda criança, lactante mesmo, foi dado como morto. Várias pessoas da casa resolveram lavar o pequeno corpo e lá às tantas a criança soltou um berro sentido e começou a chorar. Correu o boato que o Décio tinha ressuscitado. Sendo muito fraquinho, diziam que sofria de “simiotto” e segundo contam o Dr. Bulhões mandou alimentá-lo com leite de égua. Seu Domingos todos os dias atravessava o rio no Bongue para buscar o precioso alimento.

Silvio Antônio Marconato, marceneiro de profissão, veio também da Itália. Três anos depois casou-se com Irma Gandelini, sobrinha de João Trombani .

Inicialmente, montou uma fábrica de vassouras de nome “Elefante” em sociedade com Giovanni Ferrazzo. Depois desfez a sociedade e a fábrica foi vendida para Bêne Gianetti, ficando Seu Silvio empregado do mesmo.

O casal Silvio e Irma, como era comum, teve um número respeitável de filhos - oito. São Eles: João Fernando Marconato (contador), casado com Diva Caravello; Maria Judith Marconato, casada com Angelin Gibin; Silvio Marconato (Silvito), inspetor de qualidade da Codistil, casado com Vera Fessel; Antônio Marconato, comerciante que se casou com Ivone Bortolotti; Bruno Guido Marconato, casado com Maria Pierina Gerardi, chefe da Mecânica Pessada da Codistil; José Aleixo Marconato, que se casou com Cleide Camolessi, projetista da Calmescli; Artur Marconato, casado com Maria de Fátima Lopes, gerente de Materiais da Siderúrgica Dedini; Luiz Carlos Marconato, casado com Sueli Mondoni, gerente da Renovadora de Pneus Rezende em Barra Bonita.

Centenário do Nascimento de Ambrósio Fischer

Geraldo Ermo Fischer

Neste mês, os descendentes do piracicabano Ambrósio Fischer estarão desfrutando de uma alegria inaudita, uma vez que se festeja o Centenário do nascimento do irrepreensível varão. Neto de Martinho Fischer e Maria Magdalena Hilsdorf Fischer, estes pioneiros dos imigrantes Fischer, cuja presença no burgo piracicabano foi notado em 1851, através de uma declaração de batismo na matriz de Santo Antonio. Este casal gerou 9 filhos, dentre os quais Carlos Fischer, casando-se este com Catharina Fischer, filha de Frederico Fischer e Bárbara Fischer, tendo este casal gerado o mesmo número de filhos, destacando-se da prole é o festejado, nascido a 6 de março de 1891, no bairro dos Alemães tão conhecido até nossos dias.

Ambrósio, carinhosamente tratado por Nenê, convolou núpcias a 27 de dezembro de 1913 com Magdalena Franco, esta descendente dos imigrantes italianos Domingos Franco e Joana Franco. Logo após o enlace, o jovem par muda-se para a cidade de Santa Bárbara D'Oeste, onde o marido emprega-se na Usina Santa Bárbara, dedicada à produção de açúcar. Nessa cidade nasceu a primeira filha do casal, Joanna. Poucos meses depois retornam a cidade de origem, berço de nascimento de outros 9 filhos: Dirce, Ary, Ermo, Athos, Ignês, Ambrósio, Domingos, Diná e uma natimorta.

Dos 10 filhos, além do último, dois não chegaram à primeira infância. Dos sobreviventes a Ignês faleceu solteira e os outros 6 casaram-se; Dirce com José Celini; Ary com Ana Pecin; Ermo com Geraldina Hilsdorf; Ambrósio com Erasmína Toledo; Diná com Antonio Antonelli Filho; legando ao dinâmico Ambrósio 22 netos, que a todos abençoou, 49 bisnetos e uma tataraneta. Permanecem representando a figura do homenageado o casal de filhos sobreviventes: Dirce com 75 anos e Ambrósio Filho com 64 anos, além de duas noras e um genro, que tomam parte nos festejos em lembranças e louvores à memória do perfilado em união com os demais descendentes.

Ferreiro por profissão, os que o conheceram afirmam ter sido um excelente profissional, desempenhando dignamente o seu mister. Em Piracicaba



Casal Ambrósio-Magdalena (foto de 1913). Reprodução Celia Fotografias

trabalhou em algumas ferrarias pequenas, mas depois de casado, empregou-se na Societé de Sucrerfes Brasiiliennes, mais conhecido por Engenho Central, onde por 42 anos foi operário exemplar e côncio de suas obrigações, sem sombra de dúvida seria o operário padrão dos tempos atuais.

Conhecido, os que transitam pela Avenida Beira-Rio notam o paredão que limita a propriedade do Engenho e o rio Piracicaba, onde o Nenê, após cumprir sua jornada diária de trabalho, punha-se a pescar mandis, traíras e outros peixes pequenos, para reforçar a refeição da família. Como era piscoo o velho lendário rio Piracicaba!

Todos os anos, no mês de dezembro, nas festividades comemorativas da Imaculada Conceição, aos sábados empenhava-se em conseguir um grande e apetitoso peixe dourado ou pintado, às vezes de 30 ou mais quilos, após limpá-los, à tardinha com satisfação levava-os para a noite serem leiloados nas quermesses que se desenvolviam no pátio da antiga Matriz da Vila Rezend. "Do Padre Gallo", o vigário dizia ele. Fazia empenho de que a prenda oferecida fosse arrematada pelo maior lance possível, representando alto valor. Normalmente as famílias arrematantes eram: Dedini, Ducatti, D'Abronzo, Mazzonetto, Papini, e tantos outros nomes conhecidos.

Como ele amava a sua Vila Rezend. Rezendino de coração!

Um aspecto curioso para a história:

A família Hüsemann, cuja natrona Antonia era tia de Ambrósio, residente em Campinhas e a quem o perfilado, vez ou outra, presenteava enviando-

lhes um peixe grande e de ótimo sabor. Após a pesca, limpava-o e levava-o até a loja de representação de uma cervejaria em nossa cidade, gerenciada pelo Sr. Antonio Monteiro. Nessa loja havia a "fábrica de gelo", onde o peixe era colocado na forma e completando-a com água, sendo a seguir levada para a formação do gelo. Na época o meio mais fácil para transporte era o trem, assim no horário aprazado, o peixe era levado até a Estação da Cia.Paulista para ser despachado para Campinas. Imediatamente telegrafava à família prevenindo-os para retirar a encomenda despachada. Essas gentilezas ainda hoje podem ser confirmadas pelos filhos de Antonia Fischer Hüsemann, casada com Henrique Hüsemann naquela cidade.

Ambrósio e família residiram desde abril de 1921 na rua Américo Brasiiliense, primeiro no número 7, depois no número 41, até a data de seu tranqüilo falecimento, ocorrido a 18 de agosto de 1963, aos 72 anos.

Esta, um pouco da vida de um honrado descendente dos valorosos imigrantes da Velha Alemanha, que a dignifica a todos que constituem a sua descendência, que se orgulha do homem zeloso, detalhista, minucioso, caprichoso, culto, nota-se os nomes de alguns filhos, e até ciumento de seus pertences, alias guardados com muito carinho e a "sete chaves", nosso prezado e saudoso Ambrósio Fischer.

O relato supra corresponde ao resultado de uma pesquisa, com muitos outros dados obtidos e já compilados sobre o FISCHER e seus descendentes em Piracicaba.

Luiz Lazaretto trabalhou na Máquina de Arroz do Seu Ângelo Valler. Casou-se com Rosa Sêga. O casal teve os seguintes filhos abaixo relacionados: Mercedes, casada com José Stefanatto, residente em Santo André; Atílio Lazaretto, trabalhador da Pirelli e casado com Antônia Morato, Mário, casado com Maria Busatto, que foi fundidor na Dedini; Antenor Lazaretto casou-se duas vezes: a primeira com Leny Perissinoto e a segunda com Tereza Ramalho, trabalhou na Dedini e Codistil onde se aposentou; Ida, que foi casada com José Antonioli (trabalhou na Pirelli); Terezinha, casada com Anselmo Sbravatti, funcionário da Escola Agrícola, primo da esposa do Rizzolino.



Família Domingos Torrez



Dona Luiza Alêssio Torrez recebe o Título de Sócia remida do Atlético

Da esq.p/dir.Mário Mantoni, Ludovico Trevisan, Euclides Rizzolo, Humberto D'Abronzo, D. Luiza, Ângelo Filippini e Frederico Rodomile (Perú)

Vicente Savastano veio da Itália em 1886, aos 16 anos de idade. Rumou para o Vale do Paraíba, um local atualmente chamado Monteiro Lobato, em homenagem ao grande escritor.

Tempos depois, veio casar-se com D. Josefina Cundari e seus filhos nasceram lá. O filho mais velho, com a idade de nove anos, foi enviado para a Itália a fim de estudar. O mesmo aconteceu com o Elpidio, aos doze anos de idade.

Vamos primeiro mencionar todos os filhos, para depois voltar à vida de Seu Vicente. O primeiro filho - o Bernardino, como vimos, foi para a Itália, cresceu, casou-se por lá e não mais voltou para o Brasil.

Vicente, o segundo filho, morreu aos cinco anos em um acidente. Lidia casou-se com Sebastião Moretti, trabalhador do Engenho Central, onde se aposentou. Clementina também faleceu na infância. Elpidio que se casou com Angela Bigaton, ajudava o pai na fazenda e depois no armazém, foi empregada da Refinação de Açúcar de Orestes Pentanha e Nogueira, depois trabalhou na Cooperativa dos Empregados do Engenho Central e finalmente na Cooperativa da Dedini. Rizoleta casou-se com Francisco Oss (trabalhou na Dedini). Ignês, casou-se com Ignácio Negrão, dentista em Porto Feliz. Olésia, solteira, mora em Brotas. Maria Filomena também morreu quando lactente. E a última filha, a Margarida, religiosa da Congregação Franciscana Missionária de Maria Irmã Margarida.

Voltemos a Monteiro Lobato, quando os filhos eram crianças. Em 1925, Seu Vicente Savastano vendeu tudo o que tinha e com a família retornou à sua pátria, pretendendo lá permanecer. Porém, não se acostumaram e, um ano após empreenderem viagem de volta.

Dessa vez, rumaram para Piracicaba, mais precisamente para a Fazenda São Lourenço, no Paraíso. Da fazenda mudaram para a Vila, comprando um armazém do Sr. Vasco Altafíni, onde fica a venda do Mazzonato.

Em seguida ao Armazém, Seu Vicente foi trabalhar no Engenho Central. Saiu de lá, indo morar com a família no Sanatório S.Luiz, nessas alturas, já desativado, permanecendo três anos.

Seu Vicente tinha um irmão, Francisco, que morava em S. José dos Campos, e graças a ele foi tomar conta de uma chácara em Mogi das Cruzes, arrendando-a de um francês, pelo preço de trezentos mil réis por mês. Para Mogi só foram o casal e a filha Margarida. A chácara sob os cuidados de Seu Vicente ficou uma maravilha, com verduras, frutas e flores. O francês quando a visitou de novo, quis aumentar o preço do arrendamento, com o que não concordou o arrendatário. Após vender toda a produção da chácara, Seu Vicente a deixou, indo para Monteiro Lobato cuidar da chácara do mano Francisco.

Depois de decorridos 16 anos, seu filho Elpidio, então melhor de vida, fez voltar os pais que passaram a morar com ele. Seu Vicente faleceu em 1959, na Vila Rezen-de.

Uma outra raridade que acontecia na Vila - uma família de origem espanhola!

Seu Emílio Gutierrez veio da Espanha, casado com D. Antónia Lopes Alarcon. Os filhos também vieram: Maria, Emília, António, Augusto e Encarnación. No Brasil ainda nasceu uma filha que se chamou Carmen.



*Bergamin - Gutierrez - Gobatto - Bonsinho - Nelsinho - Hélio - Guardinha - Tito
Lolico - Pinhegas - Coringa - Goletão - Zé dos Santos - Dema - Giacomelli*

Os avós do lado materno também deixaram a Espanha, vindo para o Brasil, morar no Bairro do Iapiru, junto com a filha Antonia e outros filhos, entre eles um de nome Joaquim Lopes Alarcon que veio a ser o pai de Manoel Lopes Alarcon. Henriqueta Lopes Alarcon era o nome da mãe de Antônia e Francisco Lopes Alarcon.

Os filhos do casal Emílio e Antonia, já citados, cresceram e foram se casando, como vamos escrever a seguir:

Maria Gutierrez, casada com Angelin Corteze, trabalhava na sede do Cristóvão Colombo; Emília Gutierrez, que se casou com José Rodrigues contador e empregado da Cia. Paulista; Antonio Gutierrez, ajustador do Engenho Central, casado com Helena Salmeron; Augusto Gutierrez, casado com Antonia Ernesta Parizotto, começou trabalhando na Dedini como torneiro-mecânico, depois no Engenho Central e Romi, montando finalmente oficina própria que fabrica máquinas para fazer balas e doces; Encarnación Gutierrez, que se casou com Manoel de Carvalho (professor de Ginásio em Lins; e finalmente Carmen Gutierrez, casada com Carlos Franzoni, fundador da Dedini.

O Augusto Gutierrez fez o Grupo Escolar na Vila e segundo me contou, por ocasião da safra de cana, ia, acompanhado de Sidney Petta, Carlos Barbosa e Aristides Petta, tomar garapa no engenho de seu Umberto Aldrovandi. Augusto sempre foi atleta, tendo jogado vários anos no Sucrie e depois no Atlético em companhia de Coringa, Tito, Bergamin, Carioca, Nenzo e outros.

Quando fomos entrevistar Seu Américo Zampieri ele nos contou sobre a família Féchio. Comprovando suas declarações, demonstrando assim que os 88 anos e 8 meses não lhe abalaram a memória, passo a reproduzir o depoimento de uma pessoa da mencionada família. Poderá ser feito o confronto e o amigo leitor se certificará do fato.

A Padaria do Sol foi comprada em 1914 do Seu Natali Maniero pelo Seu Luiz Fécchio. A esposa do Seu Luiz era D. Antónia Drigo Fécchio (Tonina), que ficou viúva muito cedo e teve que cuidar dos cinco filhos do casal.

São os seguintes os descendentes de Luiz e Antonia: Otavio Fécchiom, que se casou com Benedita dos Santos, tendo sido funcionário da Secretária de Obras Públicas do Estado de S. Paulo; Oriente Fécchio, contador, trabalhou na padaria e foi casado com Antónia Alleoni; Pércles, casado com Iracema Orlandini, também trabalhava na padaria; Sud Fécchio que recebeu esse nome por causa do grande professor e educador Sud Menucci, amigo de Seu Luiz Fécchio (Sud foi para S. Paulo e lá permaneceu, casando-se com Maria José de Oliveira Franco); Aristides Fécchio, no tempo do Grupo foi colega de classe do meu irmão Humberto e quando moço foi para o seminário, contraiu tifo, vindo a falecer aos 24 anos.

Hoje a padaria continua muito bem montada e sob a direção ao dos filhos de Pércles: Jalto, Aristides e Pércles Luiz (Mena).

Um fato curioso, tido como milagroso, deu-se na Padaria do Sol. Houve uma greve dos panificadores e a maioria das padarias fechou. A dos Fécchio não, pois eram os próprios donos que nela trabalhavam; não tinham empregados. Por essa razão, um grupo dos grevistas resolveu explodir o forno colocando nele uma bomba de fabricação caseira. A bomba foi colocada pela chaminé no local escolhido e aceso o pavio. Entretanto a bomba não explodiu, pois o Oriente sentiu o cheiro de pólvora, localizou de onde vinha e com uma tesoura, cortou o pavio. Foi ou não um milagre?

Seu Ângelo Fantini e D. Adélia Bertoncello Fantini vieram da Itália, rumando para a Vila Rezende. Ele se empregou no Engenho Central, onde se aposentou.

O casal Ângelo - Adélia teve seis filhos: Felício Fantini (Nenê), que foi casado com Ofila Lopes, trabalhou no Engenho Central e depois na Dedini; Mário Fantini, casado com Adelina Spadon, também trabalhou no Engenho Central e depois na Dedini; Maria Fantini, casada com Atilio Chiarini (caldeireiro na Dedini); Olivia Fantini que se casou com Césarío Simioni, nascido na Itália, trabalhou na Boyes, subindo todos os degraus de servente até atingir Mestre de Obras; António Fantini operário da Dedini, casado com Natalina Bortolazzo; a última dos descendentes, Elvira Fantini, casada com António Torniziello, trabalha de servente no Grupo Escolar de Santa Terezinha.

Já não é novidade escrever sobre outra família oriunda da bela Itália. Vindo de Monte Beluno, região de Reviso, direto para trabalhar na fazenda de Seu Ricardo Mazzonetto, pouco além da Vila Nova, o casal Frederico Simioni e D. Maria Baldini Simioni começou sua vida no Brasil.

Um dos filhos do casal, de nome Cesário Simioni, casou-se com D. Olivia Fantini, como vimos há pouco. Vieram morar na Vila Rezende, iniciando um trabalho deveras interessante: criar bicho-da-seda. Residiam na Av. Barão de Valença e sua casa era cercada de plantações de amoreiras, alimento dos bichos.

Seu Cesário era muito religioso e pertenceu a várias instituições da igreja, tendo muita amizade com o Monsenhor Gallo, e cuidava dos italianos recém-chegados a pedido do Monsenhor. Sua esposa D. Olivia Fantini Simioni, quando menina, era amiga das minhas irmãs, principalmente da Elza.

O casal Césarío - Olivia geraram os filhos: Luiz Simioni, vigário da Paróquia São Benedito de Capivari, que passou certo tempo na Itália em estudos e visitou seus parentes, recebendo carinhosas manifestações; Maria Aparecida Simioni, casada com

Antônio Emídio Bottene (ferramenteiro da Dedini e atualmente caminhoneiro); Maria Luiza Simioni, que se casou com Reinaldo Gibin (nascido no Sítio do Madazio), trabalhou 39 anos na Dedini, como frezador; Inês Simioni, casada com Sergio Geraldo Capaldi (filho da Rita), expeditor e despachante das Oficinas Dedini; Celso José Simioni que trabalha na Usina da Barra Bonita, sendo o chefe do Laboratório, é casado com Antonia Romilda Spolidório.

O casal Virgílio Bouchardet – Maria Quitéria Nolasco Bouchardet morava em Visconde do Rio Branco, cidade mineira da Zona da Mata. Seus filhos nasceram naquela localidade. O pai de Seu Virgílio era francês e trabalhava em usinas de açúcar. Seu filho seguiu o mesmo ramo de trabalho e em 1933 mudou-se para Lorena, indo trabalhar na usina da Sucrérie. De Lorena veio para Piracicaba, mais propriamente para a Vila Rezende, residindo na então na casa do Engenho Central, onde morou Seu Atahualpa Vaz de Mello, que trabalhava na Usina Piracicaba, pois entendia de tudo sobre fabricação de açúcar. Os filhos do casal eram dois: Petronio e Joanin. Petronio casou-se com D. Maria das Dores Pereira (Dote). Formou-se em contabilidade pela Escola Cristovão Colombo do Prof. Zanin, iniciando sua carreira no escritório de Engenho, no tempo de Seu Caetano Ripolli. Foi galgando postos até chegar a chefe do Departamento Pessoal, onde se aposentou. O casal teve os seguintes filhos: Newton Petronio Bouchardet, funcionário da Dedini e se casou com Maria de Louder Peterson; Adilson Roberto Bouchardet, gerente do Banespa em Rio Claro, casado com Izilda Marina; Elizabeth Bouchardet, professora, casada com Hermes Romon (bancário em Osasco); Maria Aparecida Bouchardet, que se formou em Economia Doméstica na ESALQ, casada com Carlos Alberto Correa e Silva (administrador de empresas); Silvia Regina Bouchardet, solteira, formada em Jornalismo na Unimesp.

Joanin Bouchardet cursou o Sud Menucci, diplomando-se professor, e também formou-se contador pela mesma escola do irmão. Ao prestar concurso para ingressar no magistério, foi reprovado no exame médico (problemas de visão). Então lhe valeu o outro diploma, começando na Mescli, escrevente do Forum e depois da Prefeitura, onde se aposentou. Foi buscar uma conterrânea para se casar – Dirce Ferreira. Os filhos de Joanin e Dirce foram: Virgílio Bouchardet Neto, se casou com Cleusa Gonçalves, e foi funcionário da Prefeitura; Viginia Bouchardet, casada com Dalcides Marengo (eng. Agrônomo); Haydês Bouchardet, casada com Antônio Valter Shissini (técnico da Petrobrás); Myrthes Bouchardet, solteira, advogada, trabalha na Prefeitura.

Entre coisas pitorescas, que Seu Petrônio contou, registro duas. Certa ocasião o Seu Nicola Pizelli, já conhecido de todos e que trabalhava como transportador de bebidas da Tatzuzinho, comprou um carro de tração animal, de uma empresa funerária, adaptando-o para seu serviço. O fato provocou uma onda interminável de comentários, é lógico.

O outro fato que, aliás, já era do meu conhecimento, por ouvi-lo do Rizzolinho, foi uma brincadeira do Constante Valler. Ei-la. Como todos se lembram a casa dos Valler era vizinha da oficina de Seu Mário Dedini e, portanto, do Carlos Mahn. O Carlão gostava muito de lingüiça e as fabricava em sua própria casa, de um modo especial, talvez seguindo seus ancestrais. O toque final, para apurar o gosto, era dado pela prática de deixar, por uma noite, as lingüiças num varal, ao relento. Isso não passou despercebido ao Constante e quando assim aconteceu no final da fabricação de uma remessa do petisco, simulou o aparecimento de ladrões no quintal de sua casa, despertando a vizinhança, inclusive o Carlão que veio para ajudá-lo na busca

dos meliantes. Até tiros aconteceram, mas nada dos ladrões. Enquanto isso acontecia, um “mandado” do Constante se apossava, isto sim, das lingüiças do Carlão. Mas a brincadeira foi mais longe. Dias depois, o Constante convidava os amigos, que foram socorrê-lo no episódio dos ladrões, para saborearem uma lingüiça especial, inclusive o dono das mesmas. Mais uma do irrequieto Constante.

Alguém já disse: “uma história puxa a outra”. É o que acontece aqui. Por falar de família de origem francesa, deu um estalo na memória. Morou em Vila Rezende, no tempo da nossa história, um senhor francês – Dr. Jean Joseph Morlet. Creio que era engenheiro. Sua esposa era D. Victoria Morlet; o casal tinha uma filha – Janeth, mais conhecida por Francesinha. Janeth fazia parte das moças do bairro que, com elegância, estilo e coragem, saltavam do bonde em movimento, sendo clássico o salto de costas.

Dr. Morlet, como era mais conhecido, montou uma fábrica de destilados, junto com outro especialista no ramo – Américo Perissinoto. A coluna de destilação destilava a pinga, transformando-a em álcool.

Seu Umberto Aldrovandi instalou uma dessas colunas em seu engenho na Estrada do Meio. Passou a produzir álcool em vez de aguardente.

Na ocasião da Segunda Guerra Mundial houve racionamento de gasolina. Os motoristas de praça tinham direito a meio tanque. Eles colocavam a cota permitida e depois iam ao Engenho do Aldrovandi e lá completavam o tanque com álcool. Portanto o uso da mistura álcool-gasolina, nos automóveis não é novidade. Isso acontecia, já em 1940, com sucesso.

Temos ainda uma família que muito honrou a Vila, pelo trabalho dos progenitores e seus descendentes. Trata-se da família Vendemiatti. O tronco era formado pelo Seu Hermenegildo Vendemiatti e D. Emilia Moretti Vendemiatti. Seu Hermenegildo sempre foi comerciante, atuando em Sta. Terezinha e na Vila.

Os filhos do casal na ordem cronológica foram, como sempre, numerosos naquela época: nove.

Primeiramente nasceu uma menina. Maria Vendemiatti que se casou com Luiz Giusti, dono de uma olaria em Sta. Terezinha e na Vila.

Depois nasceu o primeiro homem, que se chamou Francisco Vendemiatti. Sua esposa era D. Eugenia Massariol. O Francisco fornecia carne para os açougues, isto é, era marchante. Tinha um hábito inusitado, apostar quem ia ganhar uma eleição. Sempre acertava.

João Vendemiatti foi o terceiro filho, foi comerciante também. Nas horas vagas, tocava bandolim, clarinete ou violão, conforme o pedido dos amigos e ainda lhe restava tempo para dar aulas de música aos moços do bairro. Com tantos afazeres, ainda lhe sobrou tempo para fazer campanha e se eleger vereador à nossa Câmara. Foi casado com D. Helena Bottene e seu filho Erotides formou-se médico, tendo clinicado na cidade. João Vendemiatti foi o primeiro presidente da Sociedade Amigos de Vila Rezende.

Aldina Vendemiatti foi a quarta a nascer. Casou-se com João Massariol que sempre lavrou a terra.

Outra filha veio a seguir, que recebeu o nome de Rosa. Rosa Vendemiatti, casou-se com Justino Razerra, músico da nossa querida Banda União Operária, tendo participado do sucesso da mesma, quando em viagem para a Europa, tocando contra-baixo. Justino tinha uma leiteira na Água Branca.

O sexto filho foi o Fernando Vendemiatti, que se casou com Olinda Zambello. Este também tinha duas funções: era dono de uma oficina de ferreiro e de um açougue.



Sr. Hermenegildo Vendemiatti (nascido em Padova)

A próxima a nascer foi a Idalina Vendemiatti que se casou com o Ernesto Viliotti, creio, que mais conhecido de todos.

O outro que veio ao mundo recebeu o nome do pai – Hermenegildo Vendemiatti Filho. Casou-se com D. Ada Malusá tendo sido mecânico no Engenho Central, dono de armazém e de bar. Quando lidava com bar, estabelecido atrás do Sto. Estevam, fui chamado para atender duas crianças que estavam passando mal. Depois de examinar o menino e a menina, filhos do casal, cheguei à conclusão que estavam quase entrando em coma alcoólico. Como explicar isso? Então o pai lembrou que estando com “dor de dente”, fez um “remédio” de pinga com arruda, enchendo uma garrafa, deixando-a sob o balcão do bar. De quando em vez fazia um bochecho para mitigar a dor, recolocando a garrafa no mesmo local. Notou que a pinga com arruda acabou meio rápido. Conclusão: as crianças também beberam o “remédio”!

Finalmente o último filho do casal foi Reinaldo Vendemiatti que se casou com Teresa Franchi. Foi dono de armazém e trabalhou no Dedini como modelador.



Fotografia retirada do Posto Paterniani

Fazendo fundo a casa dos Castelani (ver o letreiro), um muro e a casa de Eugenio Badialli, na Av. Salaz (hoje Mário Dedini). Na foto da esq. para dir.: João Vendemiatti – Jorge Castelani – Darcy Bellini – Máximo Decico – Sebastião Soares – Antenor Fabretti – Nélio Turolla (Néio) – Osório Pellegrini – Wilson Stolf – Vasco Magagnatto.

Habitou na Vila uma família de nome Franzoni. Luiz Franzoni era um comerciante de aves que nos tempos idos, se chamava frangueiro. Casou-se duas vezes, sendo que da primeira núpcias só conseguimos lembrar de dois filhos: Evarista que se casou com António Paulino (pais do Luizinho da Varista) e Vicente Capaldi Franzoni, casado com Carmela Antonelli.

Do segundo casamento com Tereza Cópoli, nasceram os seguintes filhos: António Carlos Franzoni (Tonico), casado com Carmelina Teodoro. João Franzoni, solteiro. Mariquinha Franzoni (falecida), casada com Américo Toledo. Iolanda Franzoni, casada com Ignácio Nogueira. Pasquoal Franzoni (Carlím), que foi casado com Carmen Gutierrez. Cezário Franzoni, casado com Mariquinha. Verônica Franzoni, casada com Ivo Schievano. E Regina que foi casada com Sebastião Caetano da Silva.

Os Barella sempre moraram na Av. Conceição, depois do largo da Estação Barão de Rezende. Era um local onde se localizavam inúmeras chácaras, mas hoje a avenida toda é tomada pelas casas.

Seu Fernando Barella veio da Itália com um ano de idade, indo morar em Tietê. Passado o tempo, trabalhou sempre de cantoneiro, isto é, cuidava da conservação das estradas do governo. Casou-se com D. Alba Longo e veio para Vila.

O casal teve os seguintes filhos: Jacob Barella, casado com D. Antónia Sarto, tendo trabalhado na Escola Agrícola como seleiro. Depois passou pelo Dedini (1936), e tornou-se motorneiro de bonde, onde o conheci, pois era assíduo passageiro e atendia à minha senha de diminuir a velocidade do veículo para saltar diante de casa. Finalmente comprou a selaria de João de Oliveira, na Rui Barbosa.

A primeira filha foi a Amabile Barella que se casou com Pedro Sarto (filho de D. Antónia Sarto), tendo trabalhado de torneiro-mecânico no Dedini. Sebastião Barella foi o terceiro filho, trabalhou no Serviço de Águas como encanador e depois no Dedini.

Casou-se com Jurema Garolamo. José Barella nasceu em seguida, vindo a morrer aos 15 anos. O Próximo filho de nome Alcides Barella, também faleceu aos 49 anos e foi casado com Lucila Bassan, tendo trabalhado de electricista no Dedini.

A próxima a nascer foi Aparecida Barella que se casou com Alcides Perissinotto (um dos pioneiros da Codistil). Lucia Barella a sétima a nascer, não se casou e sempre trabalhou de costureira de roupas masculinas. Paulo Barella foi alfaiate, tendo sua oficina na Av. Rui Barbosa, se casando com Terezinha Paiva (Ziza). Finalmente, completando nove filhos, o Antonio Barella, casado com Pompeia Martins que trabalhou no Dedini e hoje reside em São Paulo.

Um senhor que trabalhou muitos anos de sua vida em montagem e direção de usinas de açúcar e álcool, apesar de não ter nascido na Vila, mas que por ela sempre transitou, fazendo das Oficinas Dedini o centro de suas atividades profissionais, foi o Sr. Vidal Florindo Lourencini.

Seu Vidal, com uma memória prodigiosa, me contou trechos da vida de Seu Mário Dedini que aconteceram antes de aparecer em Santa Bárbara, creio que desconhecidos de todos. Então vejamos.

Os pais de Seu Vidal foram Seu Ricardo Lourencini e D. Ana Zuliani Lourencini, que residiam na Usina Amália, onde nasceu o primeiro filho varão – Seu Vidal. A Usina Amália ficava em Santa Rosa do Viterbo e de lá o casal e os filhos se transferiram para Santa Bárbara.

Seu Ricardo foi o primeiro fabricante de açúcar da Usina Santa Bárbara.

Seu Mário, quando veio da Itália, foi direto para a Usina Amália, que, na ocasião era dirigida pelo Sr. Ferruccio Silviero, chefe da usina. Este senhor então encaminhou Seu Mário para a Usina Santa Bárbara e telegrafou para Seu Adolfo Lourencini, irmão de Seu Ricardo, que, quando criança, fora amigo de Seu Mario na Itália.

O telegrama dizia: “Segue o Mário”. Foram esperá-lo na estação em Santa Bárbara. Entretanto, Seu Adolfo não reconheceu entre os que desembarcaram, o Seu Mário. Então se dirigiram para a porteira de entrada da usina, pois na certa esse seria o caminho do hóspede. Não tardou muito e surgiu ao longe um senhor, que vinha em direção à Usina, com uma mala na mão. Seu Adolfo foi ao seu encontro, dizendo que ia comprovar se era o esperado. Falou em italiano, ou melhor, em dialeto:

– Bona sera!

– Si si, bona sera!

– Ferma italiano? Sitio ti Mário?

– Sono io.

Aí se abraçaram efusivamente e se dirigiram à casa de Seu Ricardo, onde Seu Mário ficou morando como pensionista.

Seu Mário Dedini era caldreiro de profissão, mas aprendeu a fabricar açúcar na Usina Santa Bárbara, com Seu Ricardo Lourencini.

Tempos depois, Seu Mário mandou buscar o irmão Armando Césare Dedini na Itália, que foi direto para Santa Bárbara. Em 1914, por ocasião da Primeira Grande Guerra, o chefe da Usina – Dr. Lui Cutieux, partiu para a França e Seu Mário ficou em seu lugar. A continuação da história todos já sabem.

Seu Vidal Florindo Lourencini nasceu numa usina e durante toda sua vida sempre trabalhou e montou usinas de açúcar e álcool. Ao todo participou efetivamente na montagem de oito usinas, no Brasil e no exterior (Venezuela e Honduras). Quando não instalava usinas, dava-lhes assistência técnica, recomendado sempre pelas Oficinas Dedini. Assim esteve no Peru, Bolívia e Argentina.

Ficou em Vassununga dos 13 aos 14 anos, sendo já o chefe de fabricação. Aí se casou e se mudou para Cillos, onde permaneceu dois anos. Foi então montar a Usina Paredão, em Oriente (perto de Marília). Lá inventou uma ponte para descarregar cana, precursora das que hoje existem. Montou a Usina São Jeronymo em Limeira, cujo dono era o Dr. Ademar de Barros; Santana em Rio Claro, do grupo Ometto; Ipiranga próxima a São Luiz de Ourinhos, de propriedade dos Quagliatti.

Publicou um livro sobre fermentação e fabricação de açúcar. Hoje, depois de tanto viajar, reside na Vila Rezende.

Na festa de inauguração do coreto no jardim da Praça Imaculada Conceição, realizada no domingo, 19 de maio de 1991, compareci para rever os amigos e quiçá encontrar algum antigo morador vilarezendino. Não deu outra. Acerquei-me de um senhor e lhe perguntei:

– O Senhor é morador da Vila?

– Sim, moro aqui desde criança e estou com 83 anos.

Acertei na mosca como dizem. Combinei visitá-lo e fui à sua casa. Seu nome: Antonio Travaglino.

Seu Marcos Travaglino foi lavrador e comerciante no Mercado Municipal. Morava no bairro de Dois Córregos e era casado com D. Anunciata Georgini Travaglino. Mudou-se para a Vila Progresso e, em 1912, foi morar na Vila Rezende na “Chácara do Dr. Kok”, assim chamado o local pertencente ao Engenho Central, onde mais recentemente se instalou a Fábrica de Whisky Park Lane.

Os filhos do casal, como sempre numerosos, foram nove: Maria Travaglini, casada com David Chiarinelli (lavrador); Antônio Travaglini, que trabalhou 35 anos como pedreiro no Engenho Central, casado com D. Maria Oriani, membro de outra família antiga da Vila, pois é irmã do Cezário Orioni (eletricista do Engenho) e do Evaristo Orioni; Domingos Travaglini, casado com Verginia Regolin, foi lavrador; Concheta Travaglini, que foi casada com Salvador Schmidt (oleiro e fabricante de pinga); Teresa Travaglini, casada com Ângelo Padoan, sitiante e depois mudou-se para São Paulo); Luiz Travaglini, trabalhador do Engenho onde foi cozedor de açúcar até aposentar-se, foi casado com Tereza Seguesi; Pedro Travaglini, casado com Dolores Tejada, trabalhava por conta própria; Carola Travaglini, que se casou com Paulo Padoan, irmão do Ângelo (dois irmãos casados com duas irmãs), trabalhava de borracheiro; Nazareno Travaglini, casado com Ana Zambon, comerciante.

Um fato interessante, relatado por Seu Antônio Travaglini, foi que tinha como serventes de pedreiro, três pessoas que se projetaram na vida: Alberto Seghesi, usineiro no Paraná (filho de Baptista Seghesi); Hermenegindo Santin, proprietário da Metalúrgica Santin e Rogério Brógio.

Já tocamos várias vezes no nome de um personagem que marcou a Vila Rezende, principalmente para as crianças daquela época – “André Loco”. A fim de elucidar mais coisas a seu respeito, acompanhado do Euclides Rizzolo (Rizzolino), fomos dialogar com três netas de Seu Rafael Emídio de Campos, casado com D. Faustina de Campos. Seu Rafael foi cocheiro da Baronesa de Rezende e pai do “André Loco”, cujo nome era André de Campos.

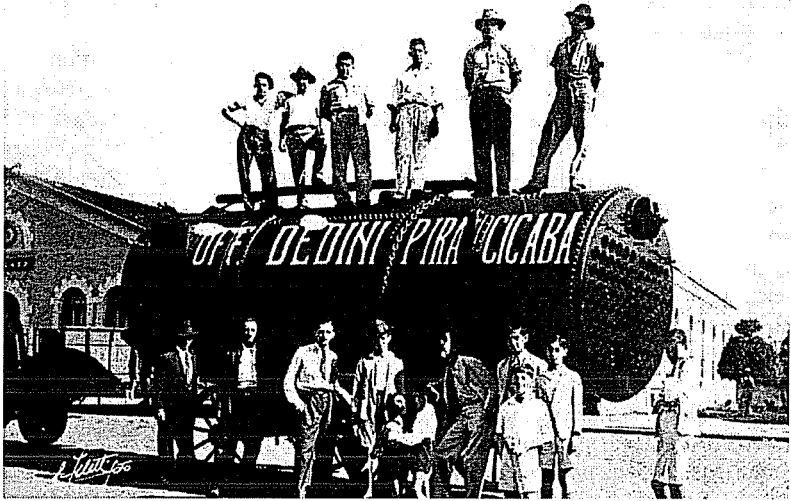
As netas de Seu Rafael nasceram e, por muito tempo, moraram na Vila. São elas: Cecília de Campos; Maria Luiza de Campos; Terezinha de Campos, casada com Oswaldo Alessio. São filhas do irmão do “André Loco”, de nome Antônio Rafael Emídio de Campos, casado com Maria Benedita de Jesus.

André de Campos, como vários outros componentes da família, era músico. Segundo consta, estava apaixonado por uma moça chamada Cecília, que veio a falecer vítima de tuberculose. Foi essa a razão da demência do André. Já idoso, no fim da vida, Seu André de Campos morou com a sobrinha Terezinha, nas proximidades de Regatas.

Marcilio Ribeiro Dick foi um dos pioneiros da turma do Dedini. Trabalhou 48 anos, começando aos 14 anos de idade, galgando os diversos degraus das promoções, desde ajudante geral a Chefe da Calderaria, onde se aposentou.

Os pais de Seu Marcilio eram Seu José Sebastião Filhinho e D. Isaura Batista de Lima. Nascidos em Santa Bárbara, Seu José era administrador das fazendas da Usina Santa Bárbara. Eram seus irmãos: Abílio Sebastião Filhinho, casado com Malvina, que trabalhou na Usina Santa Bárbara; Vando Sebastião Filhinho, que trabalhou na Dedini e depois na Trator do Brasil, em Santa Bárbara; Maria; Floripa, casada com Abílio Muniz que também trabalhou na Usina Santa Bárbara.

Certa ocasião, Seu Marcilio Ribeiro Dick foi fazer um serviço de montagem na Bahia, creio, que em Ilhéus. Lá conheceu uma freira do Convento da Imaculada Conceição e ambos se apaixonaram. Conclusão: a família toda veio para São Paulo, ficando em Santos, e o Marcilio, já casado, para Piracicaba com sua esposa – Josefa Maria da Conceição.



Primeira caldeira feita no Dedini – 1933

Foto tirada no Largo do Mercado. O serviço de arrebites foi feito por Angelo Rizzolo e Máximo Decico. Sobre a caldeira da esq. para a dir.: Taon de Ravel Aldrovandi, Antonio Chiacigatti, Marcílio Dick, Antônio Santiago, Alberto Bergamin, Arcangelo Augustti (klinge).



LEGENDA: Três amigos

Mario Mantoni, Romeu Lazaretti, Marcílio Dick.

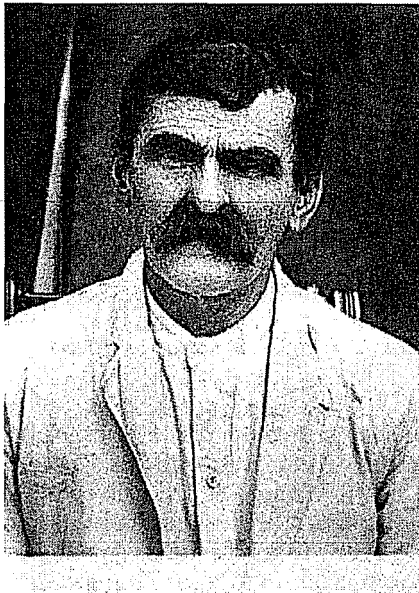
Seu Marcílio e D. Josefa tiveram os seguintes filhos: Nelson Ribeiro Dick, casado com Lúcia Magrim, motorista; Antônia Ribeiro, casada com Luiz Martins de Souza (ajustador na Dedini); Dorival Ribeiro Dick, casado com Joceli das Graças Barbosa da Silva, foi desenhista no Dedini, operador de máquinas industriais e até hoje faz um trabalho muito bonito e educativo entre os jovens da Vila, como Diretor Técnico do Departamento de Futebol Amador do Atlético. Grandes jogadores de muitos clubes paulistas saíram das mãos do Dóri.

Já tivemos oportunidade, linhas atrás, de nos referirmos à família Bonsi. Entretanto, apenas citamos Luiz Bonsi e seus familiares. Há também os irmãos do Luiz e o tronco original de todos. Vamos conhecê-los.

Seu José Bonsi veio da Itália da região de Ferrara, casado com D. Apolonia Marzochi, e foram residir em S. Pedro. De lá mudaram-se para Piracicaba, primeiramente para Taquaral, depois Rua do Porto e finalmente Vila Rezende. Começou a trabalhar no Engenho Central na manutenção das moendas e depois como uma espécie de caiseiro do Dr. Rinn. Ficou muito conhecido dos vilarezendinos e de moradores de outros bairros por uma função que executava, onde só ele falava e os demais escutavam atentos e silenciosos. Era um contador de romances. Reuniam-se cada dia em uma casa e Seu José Bonsi relatava capítulos e mais capítulos de romances famosos, tendo uma memória prodigiosa que todos admiravam, como já relatei no começo desse livro (reunião na casa de Alberto Bergamin).

Os descendentes de Seu José e D. Apolonia Bonsi foram os que se seguem: Maria Bonsi, nasceu no navio quando vinham da Itália; Luiz Bonsi, pai do Orlando Bonsi, já referido; José Bonsi Filho, empregado do Engenho Central, casado com Rosa Baroni; Vicente Bonsi, que por fabricar vinagre, foi apelidado de Vicente Vinagre, casado com Maria Bruzantin (irmã de José Bruzantin); Artur Bonsi falecido aos 17 anos; Angelo Bonsi, casado com Olga Gaiad, tendo começado muito cedo a trabalhar, primeiro como seleiro com Luiz Rizzolo, depois sapateiro e finalmente marceneiro (marcenaria dos Irmãos Mauro, Luiz Salvador, Irmãos Nardin), indo em seguida para São Paulo onde se empregou numa fábrica de móveis; voltou para Vila e se aposentou na carpintaria do Engenho Central.

Entre as mulheres estavam: Amabile Bonsi, casada com João Bassim (caldeireiro do Engenho Central); Paulina Bonsi que foi casada com Leonardo Blumer (Dinho), ferreiro e Chefe de Departamento do Dedini.



Sr. Ricardo Perossi

Ricardo Perossi foi maquinista de trem do Engenho Central, casado com Elisa Malaqueta. Seus filhos foram: José Perossi (Zico), casado com Helena Groppo, foi sido Chefe de Departamento no Engenho Central; Joaquim Perossi (Nhóca), carpinteiro do Engenho Central e que foi casado com Nair Pavan; Dorival Perossi, o popular Nino, que também tinha o apelido de “Purguinha”, trabalhou em várias atividades, inclusive com meu cunhado Ovídio, na Cooperativa do Engenho Central, e ultimamente na Caixa Econômica Federal. Cometeu a façanha de se casar aos 60 anos; jogou futebol e foi treinador do Sucrie e do Atlético e ameaçava os jogadores, dizendo: “Vamos correr que a diretoria vem aí”; Antônio Perossi, trabalhou no Engenho Central e na Sorocabana; Marina Perossi, casada com Eduardo Stipp, guarda-freio da Sorocabana; e, finalmente, Joana Malaqueta Perossi, casada com Miguel Gonzales.

CAPÍTULO XXXIII

PEQUENOS ENFOQUES

Coragem e Heroísmo – Pavoroso incêndio agitou a população rezendina no dia 17 de dezembro de 1935. Um caminhão da cidade de Jaú, que transportava 16 tambores de gasolina, colidiu frontalmente com a locomotiva nº. 1 do Engenho Central.

Na ocasião o maquinista, Sr. Vicente Capaldi, que já havia saído ileso da colisão, resolveu retornar à máquina para afastá-la e evitar maior conseqüência e perigo, quando foi atingido violentamente por um tambor que acabava de explodir, sofrendo queimaduras generalizadas. Foi internado em estado grave no Hospital da Santa Casa.

Não resistindo aos ferimentos veio a falecer no dia 10 de janeiro de 1936, portanto 24 dias depois do inditoso acontecimento.

O acidente aconteceu na Av. 1º. de Agosto, nas proximidades do Armazém do Valler, local onde existia a passagem de nível da linha férrea do Engenho Central.

(Colaboração de Euclides Rizzolo – Rizzolinho)

Domingos Jacobassi (Dominguinho) – Foi o primeiro condutor da carroça-pipa que molhava a Av. Rui Barbosa e Av. Conceição e também distribuía água potável à população do Bairro da “Bimboca” e Bairro Areão.

O abastecimento era feito na caixa d’água em frente ao antigo bar e sorveteria do Sr. Augusto Cardinalli.

Depois veio o José Tamanqueiro e o André Gimenes, foi o terceiro e último.

(Colaboração de Euclides Rizzolo – Rizzolinho).

Amado – Figura conhecidíssima em Vila Rezende, um pouco retardado, analfabeto, muito serviçal. Por onde passava era conhecido. Brincava com uns, mexia com outros, sempre com respeito.

Vivia de sonhos e, em devaneios, viajava de navio até o Rio de Janeiro. Sonhava ter carta de motorista. Tinha uma loira com quem ia aos bailes até a alta madrugada. Dizia que amanhecia na rua, mas tudo era sonho.

Seu funeral, patrocinado pela família Ferracciú, não ficou devendo nada ao de classe média-alta. Conviveu com os Ferracciú desde a adolescência e em cuja casa veio a falecer aos 65 anos.

E assim viveu e morreu Amado Augusto Correia.

(Colaboração de D. Genny Dinyz Barbosa de Godoy)

José Bonsi – O contador de romances.

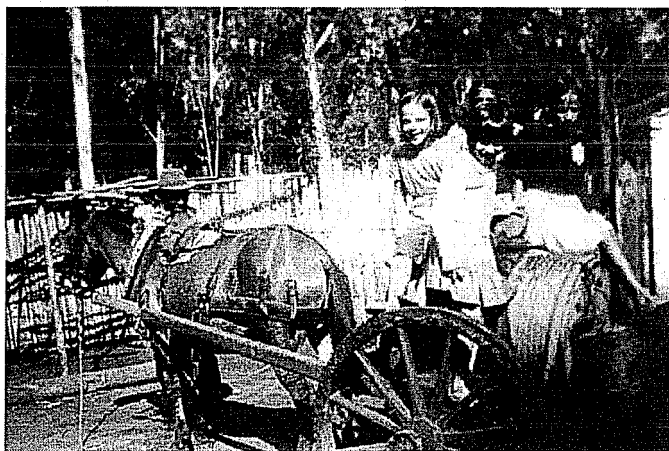
Por uma deferência toda especial foi recebido e abraçado em público pelo ex-presidente Getúlio Vargas, por ocasião de um comício realizado no Largo do Mercado.

José Bonsi, possuindo memória fabulosa, contava romances com extraordinária facilidade e com riqueza de detalhes, prendendo a atenção da platéia que o acompanhava.

(Colaboração de Euclides Rizzolo – Rizzolino)

Ônibus – O primeiro ônibus a servir Vila Rezende, em linha regular, foi da Empresa Marchiori, conduzido por Antônio Marim.

Antônio Marim veio a ser meu cunhado, casando com Elza Aldrovandi.



José "Tamanqueiro" e sua Carroça Pipa



*José Bonsi (o contador de romances)
Com Getúlio Vargas em comício no Largo do Mercado*

Boca do Rêgo – Quem não se lembra da Boca do Rêgo? E então da expressão “nadar na Boca do Rêgo?” É claro que todos se lembram e com saudade!

Cinco horas da manhã enfrentando frio ou calor, lá iam os moços do Valler, Aldrovandi, Mazzone, Martins, D’Estefano, Caselatto, Guaraldo e outras famílias, praticar natação no Rio Piracicaba, no local assim denominado.

Até que um dia, o Rodney meu sobrinho, quase se afoga, tendo sido salvo pelo Petico Caselatto. Foi água na fervura e a brincadeira acabou.

Mais ou menos 500 metros acima da “Boca do Rêgo”, ficava o Poção.

Uma depressão bem funda do Rio Piracicaba. Nadar e atingir as profundezas do Poção era um desafio. Mas muitos conseguiam, é lógico.

Turma Brava – Alfredo Alleoni, mais conhecido nas rodinhas de amigos como “Carnera”, fazia parte da Turma de Terceira, um grupo de amigos cuja presença era indispensável em todos os acontecimentos festivos da Vila Rezende. Dela também faziam parte o conhecido industrial Walter Stolf, o Sergio Caldari que alguns chamavam de “Ferrão” e outros de “Diloreto”, o Eugenio Mantoni, mais conhecido por “Brinquinho” ou “Cabrito”, o Eduardo Mantoni, popular “Inhana”, irmão do industrial Mário Mantoni, homenageado recentemente como o Industrial do ano de 1990.

(Colaboração de Euclides Rizzolo – Rizzolino)

Circos – O primeiro circo que apareceu na Vila foi o “Circo Guaracy”. A propaganda publicitária e artística desse circo era feita com o caminhão alugado do Sr. João Ferrazzo (Joane Vassoureiro). Era um caminhão Ramona, ano 1929.

A criançada daquele tempo tinha por costume subir na carroceria do caminhão e, junto com o Diretor do Circo, com latas vazias e pedaços de paus nas mãos, passavam a bater e a gritar: É hoje...é hoje... é hoje o Circo Guaracy; é hoje... é hoje... é hoje... o Circo Guaracy. Fazendo toda essa barulheira percorriam as avenidas e adjacências de Vila Rezende.

O palhaço desse circo era o “Picareta”, que se apresentava no picadeiro exibindo uma boneca feita de pano, à qual ele dava o nome de “Violeta”.

Depois apareceu o Circo Santa Luzia (entre 1935/1936), cujo diretor era seu Pedroso. Esse circo tinha como palhaço, o não menos famoso caipira “Bentico” e o companheiro “Cabrito”.

Nos anos seguintes (1937/1938), veio o Circo “Noripe”.

Em 1940, veio o circo “Neves”, de inesquecível lembrança devido ao inesperado casamento de Valentina Romani (uma menina de apenas 15 anos, muito linda e de cabelos compridos), com o jovem sedutor Carlos Fernandes Pereira – o Gaúcho, um dos mais destacados componentes do Circo.

Anos mais tarde, veio o Circo Teatro Irmãos Moreno, cujo palhaço era o “Zé da Maria Comprida”.

Pertencia ao elenco artístico desse circo, a família Grange que tinha como trapezista os irmãos Aldo, Marangoni e Zinho. Este último faleceu em acidente automobilístico na chamada curva do “S” na Av. Armando de Salles Oliveira. A Hirma, a filha mais velha, era exclusiva do Teatro, interpretando os papéis com excelente desempenho.

Como esse Circo foi o que mais veio à Vila Rezende, os irmãos Grange acabaram por conquistar amizades de muitas pessoas, o que os levaram a permanecer definitivamente entre os rezendinos, inclusive fixando residência e arranjando colocações nas

indústrias locais.

Logo em seguida veio o Circo Teatro Almeida, remanescente do Circo Moreno devido ao desligamento da família Grange da sociedade.

Esse Circo passou a ocupar um outro espaço na Vila, ou seja, a esquina onde hoje se encontra a residência do Sr. Oswaldo José Paulilo, genro do Zezinho da Farmácia, em junção com as casas do Srs. Italo Alleoni (Tiganim) e Estevão de Castro, na Av. João Teodoro. Recordamos, também, do Circo “Savala” que, dentre suas principais atrações, exibia o seu valente personagem, o endiabrado burrinho que seu tratador carinhosamente o chamava de “Calçadinho”. O Diretor do Circo, em quase todas as funções, oferecia prêmio ao tropeiro ou domador que conseguisse permanecer por mais tempo em cima do lombo do indomável animal, mas ninguém lograva êxito, pois todos que se arriscavam caíam estalados no chão.

Certa vez o Oswaldo Zooca, inconformado, apelou dizendo que o sorfete estava frouxo e que por isso teria direito ao prêmio prometido. Daí a discussão, a briga, “o quebra-quebra” e até tiro para o ar. A assistência apavorada saiu em desabalada correria por todos os lados, num verdadeiro salve-se quem puder. No dia seguinte, o Circo era desarmado e partia para outras plagas, deixando apenas o comentário da inusitada e sempre lembrada noite circence.

Curiosidade – O Rizzolino não pagava ingresso nos espetáculos circences. Tinha entrada franca. Sabem por quê?

Era ele quem datilografava os “scripts” para os atores e artistas.

O Sr. Guerino Sachievano alugou dois quartos de sua casa, para alojamento dos donos do Circo Neves.

(Colaboração de Euclides Rizzolo – Rizzolino)



No Poção

Da dir. p/ esq. Em pé: Guerino Trevisan, Domingos D'Abronzio (Didi), Neno Voltani; Sentados: Antenor Fabretti, Lacir Rodrigues, Oriente Spolidoro; Dentro d'água: Antoninho Sacristão.

Poeta – Francisco Lagreca foi o poeta da Vila (parodiando Noel Rosa). Seus versos foram divulgados pelo Jornal de Piracicaba e outros meios da imprensa escrita. Também era cantor pertencente aos frequentadores dos serões musicais do Papini.



Alcides Guidolin (Nhô Finca)

Nhô Finca – Não nasceu na Vila e nem nela morou. Trabalhou na Dedini e amou o bairro. Sempre pronto para auxiliar quem quer que fosse. Onde necessitasse socorro lá aparecia solícito e pronto. Assim viveu Alcides Guidolin (Nhô Finca). Justa homenagem dos vilarezendinos ao amigo que partiu.

Notícia Fúnebre – A Vila do nosso tempo também teve uma empresa funerária. Não sei se tinha muito movimento, mas lá estava à disposição vinte e quatro horas por dia.

O proprietário era Seu Nelo Giovanetti. Local – Av. Rui Barbosa.

Igreja de São Luiz – A primeira Comissão escolhida para dirigir a construção da Igreja no bairro S. Luiz era assim constituída:

Presidente – Ângelo Rizzolo

Membros – Amadeu Galani; Carolina Martins; João Batista Galvani; João Zago; Mário Cavallari

Farmacêutico – Começou como prático na Farmácia S. João, do Cel. Ignácio da Motta Pacheco. Foi crescendo e ficando conhecido e querido de todos os vilarezendinos. Benedito Neves Martins era seu nome. Tinha um irmão que o auxiliava na dura lida – Nabro Neves Martins.

O Dito da Farmácia nunca será esquecido.

Sucrérie – Foi fundada em 1914

Sócios Beneméritos:

Ângelo Filippini

Fioravante Cenedese

Romano Bertini

Dr. Kok

Presidentes:

Antônio Petta

Constante Valler

Alberto Rehder

Manoel Lourenço

Lourenço Prado

Fernando Matiazzo

Antonio A. Lacerda

Abério Sampaio

Com. Humberto D’Abronzo

Oriente Fécchio

Máximo Pereira

Nelson Fogaça

Lázaro Pinto Sampaio

João Zilio

Mário Telles

ANTONIO CANDIDO (Toninho Parafuso), cantador do Cururu – Foi homenageado em Piracicaba, chegando a ganhar até mesmo o nome de uma praça em Vila Rezende, a conhecida “Praça Parafuso”, local hoje muito apreciado pelos aposentados, pois ali eles passam horas jogando baralho, de preferência o “truco” ou quando não a “cacheta”.

Toninho tinha por costume iniciar a cantoria, usando um dos seus prediletos “chavões”. Com certo jeito e requebros, impondo a sua presença e personalidade entre os demais cururueiros, dizia: “sou que nem relógio Omega. TACO fogo na bodega. Nem que tussa não fai má, ou dandá... ou dandá... oi dandá”.

Com seu jeito simples e característico, acabou ganhando fama e prestígio.

Os próprios políticos da época o convidavam para fazer a abertura dos comícios, sempre que iniciavam as campanhas eleitorais em Piracicaba.

Era uma pessoa participativa, muito alegre e brincalhona, o que o tornava muito estimado entre seus amigos, colegas e companheiros. Teve oportunidade de fazer parceria com renomados cantores e repentistas da região, dentre os quais podemos destacar: Pedro Chiquito, Sebastião Bueno (popular “Nhô Serra”), João David, Zico Moreira, Onofre Jordão, Augustinho Aguiar, Moacyr Siqueira, Nhô Chico, Armando Chiarini, Bueninho, Luizinho Rosa, Dito Silva, Horácio Neto Sebastião Roque (este último cantava versos fundamentados na escritura sagrada com extraordinária facilidade).

Residiu por muito tempo na chamada Colônia Torta, Bairro do Areão, em companhia de seus pais Filício e Lázara Candido. Teve como irmãos Benedito (Bidí) e Ivo, já falecidos, além de Sebastiana (Pico), falecida recentemente. Vale lembrar que este foi o segundo casamento de Lázara, pois ela já havia sido casada anteriormente com

Juvêncio da Silva, o qual veio a falecer, algum tempo depois, em consequência de picada de cobra, causada pela terrível “jararaca”. Desse primeiro casamento, teve como irmãos enteados Juvêncio Filho (Síndo) e Maria José que ainda vive em companhia do seu dileto marido, o conhecido Caio Prado.

Casou-se três vezes em regime normal de casamento e outras vezes compartilhando-se amigavelmente com outras mulheres, de cujo relacionamento teve os seguintes filhos:

1º Casamento (legitimado) com Josefa dos Santos Candido

Filhos: Edwirges (falecida), Cecília, Walter (Deléo) – falecido, Odair (Germano), Waldyr (Cascanha), Waldomiro, Bernadet, José Carlos (Xínca) e Wilson.

2º Casamento (legitimado) com Carmem Ferraz

Filhos: Evangeli e Aparecida (falecida).

3º Casamento (não legitimado) com Isaura Maria de Jesus

Desta união teve apenas o filho Luiz Carlos (Nenê). Isaura veio a falecer depois de viver aproximadamente dois anos em sua companhia.

4º Casamento (não legitimado) com Tereza Barbosa (Terezão)

Chamavam-na de Terezão por ser uma mulher grandalhona, forte, do tipo que impunha respeito. Desta união tiveram a filha Cláudia e mais dois filhos, cujos nomes não foram lembrados, pois faleceram quando pequenos.

5º Casamento (legitimado) com Clarice Alves

Filhos: Wanda Aparecida, Evanyr e Paulo Cezar.

Como ganhou o apelido de “PARAFUSO”

Conta-se que um grupo de amigos, formado por Melo da Carolina, Bertinho Seghesi, José Mago (Zeca Pretinho) e Juvencio (Síndo), foram do lado da Paulista para assistir a uma tourada.

Em lá chegando, deram com a presença de um toureiro de porte semelhante a Antonio Candido, o qual levava o apelido de “Parafuso”, talvez por se tratar de um dos mais espertos e corajosos do anunciado rodeio. Daí por diante não deu outra, passaram a chamá-lo de “Toninho Parafuso” ou simplesmente “Parafuso”.

Fã Clube

Certa vez recebeu de presente uma linda camisa de cor vermelha, toda decorada de lantejoulas. Daí em diante, suas fãs e admiradores passaram a usar blusas e camisas vermelhas, numa demonstração de estima e apoio ao famoso cantor. A legião de adeptos cresceu de tal forma que o auditório da Rádio Difusora, local onde se realizava o programa dominical, tornou-se pequeno para acomodar todos que ali compareciam para aplaudir o seu consagrado ídolo.

Onde trabalhou e o que fazia nos seus últimos anos de vida

Trabalhou como operário de serviços gerais no Engenho Central, passando, mais tarde, a se ocupar da coleta de lixo domiciliar que era depositado na antiga carregadeira de cana, localizada nas imediações do logradouro denominado “Juqueri”, próximo da Fazenda Santa Rosa.

Inusitado acontecimento

Verificou-se na manhã de um esperançoso dia de fevereiro de 1970, ocasião em que o rio Piracicaba bufava mais uma vez, com suas águas invadindo e tomando conta de tudo, atingindo inclusive e principalmente a nossa querida rua do Porto. Era a enchente. A população piracicabana, acostumada com esse tipo de predestinação, acorria à Zona Ribeirinha para ver a violência e a fúria do nosso rio. Era domingo. A chuva já havia cessado. O sol estava despontando e as nuvens se dissipando. Postados sobre a ponte do Morato, encontravam-se reunidos Rizzolino, “Cavaco” e mais alguns rezendinos. “Cavaco” portava um radinho de pilha e ouvia o programa “Grande Rodeio” da Rádio Difusora antiga PRD.6. Rizzolino que sempre gostara de cururu e músicas sertanejas, pedira a “Cavaco” que lhe emprestasse o radinho. “Cavaco” não se fez de rogado e de pronto satisfez a vontade do amigo. Rizzolino passou então a ouvir tranqüilamente a roda de desafio comandada por “Nhô Serra”, onde Toninho Parafuso sempre se destacava como um dos principais cantadores.

Ao devolver o radinho ao seu amigo “Cavaco”, este deslizou de suas mãos, caindo nas águas do rio e, como ele, a voz e a cantiga do saudoso e inesquecível “Parafuso”, que faleceu no dia 2 de dezembro de 1973, com 56 anos, deixando muita saudade de seus familiares, amigos e companheiros.

Este documentário é uma homenagem dos moradores da Vila Rezende àquele que, na sua simplicidade, conquistara com méritos um pequeno espaço para perpetuar o seu nome e legá-lo à posteridade.

(Colaboração de Euclides Rizzolo – Rizzolino)

Inacreditável

Lembro-me muito bem quando, criança de 8 a 10 anos, minha mãe comprava leite diretamente da produtora que o entregava de manhã em casa. À tarde, a mesma pessoa passava para recolher os litros vazios, que seriam usados na manhã seguinte com o precioso líquido.

Quem assim trabalhava na ordenha, engarrafamento e entrega do leite era uma senhora chamada Ema Porro.

Certa ocasião, quem entregou os litros vazios, bem lavados e com as respectivas rolhas, fui eu. Como criança é muito curiosa e descobre muitos detalhes, notei que D. Ema estava grávida e pelo volume do ventre, no final de gestação. Na manhã seguinte quem recebeu o leite também fui eu. Qual não foi o meu espanto, ao ver que D. Ema estava sem barriga!

Foi então que fiquei sabendo que a prezada senhora tinha os filhos absolutamente sozinha e fazia todo o necessário. Não guardava “dieta”, levando a vida normal.

E saber que naquela época “dar a luz” era chamado de “ficar doente”!

A foto aqui publicada é de um filho de D. Ema, dos dez que teve.



João Porro (filho), Margarida de Angelis Porro (nora), Terezinha Porro (neta) de D. Ema Porro.

POR CAUSA DO ISIDORO

Corria a revolução de 1924 do Gal. Isodóro Dias Lopes.

O pai de D. Carolina Sechetto Martins, um velhinho que trabalhava muito bem com bronze, morador de S. Pedro, havia mudado para a Vila e continuava com uma pequena oficina.

Certo dia, o velho morreu e como não possuía muitos conhecidos, pouca gente estava no velório. Seu Mário Dedini teve uma idéia brilhante: na hora do enterro fechou sua oficina e os dez empregados foram ao velório, dando assim número necessário para carregarem o caixão.

Entre os acompanhantes estava também o seu Isidóro Zilio, açougueiro do local. Depois do sepultamento, todos voltaram para a Vila e Seu Isidóro resolveu pagar umas pingas num botequim. Houve exagero na cachaça e vários ficaram bêbados.

Lá às tantas, alguém deu uma viva ao Isidóro e a brincadeira se alastrou, tornando uma gritaria de “Viva o Isidóro”. Veio a polícia e todos foram para o xadrez.

Seu Mário, avisado do ocorrido, foi à delegacia para soltar os “revoltados” que, sem pensarem no general, estavam saudando quem havia pago a pinga.

CAPÍTULO XXXIV

Grande número de pessoas, que morou na Vila Rezende e outros que lá nasceram, foram homenageadas pelas autoridades constituídas, recebendo nomes de logradouros públicos. Assim podemos citar :

Alberto Pinto Fonseca.....	rua	Izidoro Zilio.....	travessa
Alexandre Petta.....	avenida	Jacob Bergamin.....	rua
Amália Dedini.....	travessa	João Ducatti.....	rua
Ângelo Filippini.....	rua	João Moretti.....	rua
Ângelo Valler.....	travessa	João Coletto.....	rua
Antónia Drigo Fecchio.....	rua	Jeronymo Cesta.....	travessa
António Dicico.....	rua	José Bruzantin.....	rua
António Pescarin.....	travessa	José Zilio.....	rua
António Diniz.....	rua	Dr. Kok.....	rua
Armando Bergamin.....	rua	Lázaro Pinto Sampaio.....	rua
Armando Cesare Dedini.....	avenida	Leopoldo Dedini.....	avenida
Armando Pizelli.....	rua	Lourenço Ducatti.....	avenida
Atahualpa Vaz de Mello.....	rua	Lyson Gaster.....	rua
Benedito Neves Martins.....	rua	Manoel Oliveira Diniz.....	rua
Brotero Bonilha.....	rua	Manoel Ignacio da Motta Pacheco.....	rua
Caetano Carmignani.....	rua	Maria Maniero.....	travessa
Daniel Rinn.....	rua	Mário Dedini.....	avenida
Domingos Mazzone.....	rua	Martin Petta.....	rua
Emilio Bertozzi.....	rua	Miguel Zilio.....	rua
Ernesto Papini.....	rua	Monsenhor Jeronymo Gallo.....	avenida
Francisco Salmeron.....	rua	Paschoal D'Abronzos.....	rua
Dino Tuffi.....	rua	Pelegrino Giusti.....	travessa
Guerino Schievano.....	rua	Rafael Ducatti.....	rua
Humberto Aldrovandi Jr.....	rua	Rosa Pizelli D'Abronzos.....	rua
Humberto D'Abronzos.....	rua	Umberto Aldrovandi.....	avenida
Ivo Ducatti.....	praça	Vasco Magagnato.....	travessa
Inácio Martins.....	rua	Vitorio Voltani.....	rua

ÍNDICE REMISSIVO

A	DESUÓ, Armando.....124	ORLANDIN, Albino.....141
ACORSI, Constâncio.....94	DINIZ, Manoel de Oliveira.....95	OSS, Francisco.....87
ALDROVANDI, Umberto.....99	D'STEFANO, Vicente.....70	
ALLEONI, João.....81	DUCCATTI, Lourenço.....82	P
ALTAFINI, Ângelo.....137		PAPINI, Ernesto.....61
ALTAFINI, José.....137	F	PARIZOTTO, António.....147
ANASTÁCIO, Amadeu.....128	FABRETTI, Armando.....116	PASSINI, Nazareno.....94
ANTONELLI, António.....157	FABRETTI, Erneste.....116	PATERMIANI, José.....80
ATISANO, Carmo.....128	FABRETTI, Lino.....116	PAULILO, Gustavo.....37
	FABRI, João.....159	PAULINO, António.....130
B	FANTINI, Ângelo.....182	PERJISSINOTTO, Augusto.....51
BACCHIN, João.....116	FECCHIO, Luiz.....124	PERROSSI, Ricardo.....191
BADIALLI, Eugénio.....118	FÊO, Joaquim Alves.....147	PESCARIN, António.....46
BALESTIERO, Alexandre.....128	FERRACCIU, Luiz.....139	PETTA, António.....125
BALESTIERO, Santo.....143	FILHINHO, José Sebastião.....188	PINTO, Luiz.....109
BARBOSA, Cláudio.....28	FILIPPINI, Ângelo.....28	PIZZELLI, Nicola.....128
BARELLA, Fernando.....186	FIORAVANTE, João Libório.....148	PRATES, Ivo Coelho.....171
BARONI, Vicente.....138	FISCHER, Ambrósio.....176	
BECCARI, João.....151	FONSECA, Alberto Pinto.....88	R
BELLINI, António.....161	FRANZONI, Luiz.....186	RAVELLI, José.....136
BERGAMIN, Alberto.....19	FURLAN, Ângelo.....159	RIZZOLO, Ângelo.....145
BERGAMIN, Ângelo.....126	FURLAN, Domingos.....142	RIZZOLO, Ferruccio.....104
BERGAMIN, Frederico.....117		RODRIGUES, João Domingos.....161
BERRETA, Emílio.....170	G	ROMANI, Vitorio.....167
BERTINI, Romano.....16	GALVANI, Ângelo.....94	ROSSETTO, Vitorio.....174
BETONI, Atílio.....87	GAMBARO, Luiz.....128	
BISCALCHIN, Pedro.....158	GIOVANETTI, Aladino.....37	S
BISTACO, Hypólito.....149	GIOVANETTI, Duilio.....35	SALMERON, Francisco.....172
BLUMER, Leonardo.....162	GIUSTI, Dário.....30	SAMPRONHA, Luiz.....138
	GIUSTI, Pelegrino.....102	SANTIN, Florindo.....106
BONILHA, Brotero.....95	GOBATO, António.....143	SANTIN, João Baptista.....118
BONSI, Luiz.....116	GOBBO, Natal.....143	SÁPIA, Paschoal.....167
BORTOLAZZO, Virgílio.....117	GOZETTO, Luiz.....149	SAVASTANO, Vicente.....180
BÓSCOLO, Jordão.....70	GRILLO, José Martiniano.....18	SCHIEVANO, Adolfo.....128
BOUCHARDET, Virgílio.....183	GRISOTTO, Floriano.....102	SCHIEVANO, Guerino.....171
BRAIÃO, João.....70	GROPPA, António.....129, 136	SEGA, João.....169
BRAIDOTTI, Pedro.....147	GUARDA, João.....138	SEGHESSI, Baptista.....149
BRUZANTIN, José.....96	GUTIERREZ, Emílio.....180	SILVEIRA, Cornélio Roberto.....35
BUSATO, João.....118		SIMIONI, Césario.....182
		SIVIERO, João.....18
C	L	SOTTA, Manoel de Jesus.....174
CALDARI, Ricieri.....89	LAZARETTO, Luiz.....179	STOCKMANN, João.....142
CAMATARI, Santo.....158	LOURENÇO, José.....160	STOCKMANN, José.....94
CAMPASSI, Emílio.....94		STOLF, Fidelis.....107
CAMPOS, Rafael Emidio de.....188	M	STOLF, Luis.....107
CAPALDI, Vicente.....139	MAGAGNATO, João.....96	
CARDINALLI, Augusto.....18	MAIRN, Carlos.....21	T
CARDINALLI, Célio.....124	MAINARD, Domingos.....141	TORDIN, Luiz.....13
CARMIGNANI, Custano.....96	MALAGUETTA, Joaquim.....157	TORRES, Domingos.....70
CARVALHO, João Batista.....42	MANIERO, Ângelo.....140	TORREZ, Domingos.....176
CASELATO, José.....88	MANTONI, Marino.....106	TRAVAGLINI, Marcos.....187
CASTELLANI, Guilherme.....85	MARCONATO, Silvio.....176	TROMBANI, João.....85
CAVALLARI, Hugo.....95	MARTINS, Ignácio.....119	TROMBANI, Rogério.....85
CAZZONATTO, João.....136	MARTINS, Jordão.....52	TRUFFI, João.....119
CELINI, Constante.....171	MASCARIM, Ângelo.....97	TUROLLA, Ângelo.....150
CENEDESE, Victório.....14	MATARAZZO, Francisco.....118	
CESTA, Jerónimo.....108	MAURO, Ângelo.....79	V
CHIAVIGATTI, Ettore.....158	MAURO, Sebastião.....89	VALLER, Ângelo.....14
COLETTA, João.....64	MAZZONETTO, Domingos.....99	VENDEMIATTI, Ihermenegildo.....184
CONTARINI, Marcos.....158	MAZZONETTO, Luiz.....30	
CORRENTE, José.....84	MAZZONETTO, Ricardo.....54	Z
CORRENTE, Pedro.....107	MELLO, Atahualpa Vaz de.....111	ZAGAIA, António.....83
CUSTÓDIO, Francisco.....168	MORETTI, Pedro.....97	ZAGO, João.....168
	MORETTI, Sebastião Pedro.....97	ZAMBELLO, José.....173
	MORLET, Jean Joseph.....184	ZAMPIERI, Américo.....99
D		ZILIO, Isidoro.....49
D'ABRONZO, Paschoal.....50	N	ZULIN, Júlio.....117
DALAVILLA, Romano.....159	NEGRI, Carlos.....83	
DALL'ARA, Pedro.....175		
DECICO, António.....138	O	
DECICO, Victor António.....138	ORIANI, Felipe.....174	
DEDINI, Armando Cesare.....79	ORIANI, João.....157	
DEDINI, Mário.....144		
DEGASPARI, Sebastião.....157		
DESIARDIN, Maurício.....112		

NOTA EXPLICATIVA

(Edição de 1991)

Quando nos propusemos fazer este trabalho, nunca tivemos a pretensão de atingir o número total das famílias enquadradas no período de 1920 a 1945.

Creio que nos aproximamos do alvo, mas algumas famílias não figuram aqui.

Nosso esforço foi grande e por falta de informações de descendentes, por terem mudado ou não mais existirem, nos faltaram dados de alguns moradores da Vila de então.

Entretanto, se alguém souber de alguma família faltante, pedimos que nos procure, pois poderemos acrescentá-la em uma próxima edição, quem sabe.

Alcides Aldrovandi



PIRACICABA
Prefeitura do Município
Secretaria de Ação Cultural



EQUILIBRIO
editora



Instituto Histórico e Geográfico
de Piracicaba

ISBN 978-85-61237-14-1



9 788561 237141